PONTIFICIA UNIVERSITAS LATERANENSIS
INSTITUTUM TEOLOGIAE VITAE CONSECRATAE
CLARETIANUM

Cristo ANTÓNIO

CONFLITOS GERACIONAIS EM COMUNIDADES MULTICULTURAIS DE CONSAGRADOS / NA 'IDADE ADULTA'

'Uma leitura situacional hoje'

Exceprtum Thesis ad Doctoratum in Theologia Vitae Consecratae adsequendum

Romae 2020

Vidimus et approbamus ad normas Statutorum Instituti Theologiae Vitae Consacratae

Praeses et Examinator: Prof. Xabier Larrañaga, cmf

Moderator: Prof.ssa Maria Angela Ferreira Rocha

Censor: Prof.ssa Stefania Tassotti

Censor: Prof. Carlos García Andrade, cmf

IMPRIMI POTEST

Prof. Dott. Vincenzo Buonomo
Rector Magnificus
Pont. Univ. Lateranensis

Romae, die 17.09.2020

SIGLAS E ABREVIAÇÕES

Sagrada Escritura

Gn	Do livro de Génesis.
Ex	Do livro do Êxodo.
Dt	Do livro do Deoteronómio.
Js	Do livro de Josué.
1Sm	Do primeiro livro de Samuel.
Jb	Do livro de Job.
Sl	Do livro dos Salmos.
Ecl	Do livro de Eclesiastes.
Ct	Do livro do Cântico dos Cânticos.
Sir	Do livro de Ben Sirá.
Is	Do livro do Profeta Isaías.
Jr	Do livro do Profeta Jeremias.
Br	Do livro do Profeta Baruc.
Ez	Do livro do Profeta Ezequiel.
Dn	Do livro do Profeta Daniel.
Os	Do livro do Profeta Oseias.
Jl	Do livro do Profeta Joel.
Am	Do livro do Profeta Amós.
Mt	Do Evangelho segundo São Mateus.
Mc	Do Evangelho segundo São Marcos.

Lc	Do Evangelho segundo São Lucas.
Jo	Do Evangelho segundo São João.
Act	Do livro dos Actos dos Apóstolos.
Rm	Da Epístola do Apóstolo Paulo aos Romanos.
1Cor	Da primeira carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios.
Gl	Da Epístola do Apóstolo Paulo aos Gálatas.
Ef	Da Epístola do Apóstolo Paulo aos Efésios.
Cl	Da Epístola do Apóstolo Paulo aos Colossenses.
1Ts	Da Primeira Epístola do Apóstolo Paulo aos Tessalonicenses.
2Tm	Da Segunda Epístola do Apóstolo Paulo a Timóteo.
Heb	Da Carta aos Hebreus.
Tg	Da Carta de S. Tiago.
1Pe	Da primeira carta de São Pedro.
1Jo	Da primeira carta de São João Apóstolo.
Ap	Do livro do Apocalipse.

Diversas abreviaturas

AA.VV	Autores Vários.
AG	Decreto, *Ad Gentes*.
CCC/CIC	*Catechismo della Chiesa Cattolica* = Catecismo da Igreja Católica.

CIC/CDC	*Codex Iuris Canonici* = Código de Direito Canónico.
CIVCSVA	Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.
Cfr.	Conferir.
Cân.	Cânone.
DSM	Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders = Manual de Diagnóstico e Statístico de Transtornos Mentais.
DV	Constituição Dogmática, *Dei Verbum.*
EG	Exortação Apostólica, *Evagelii Gaudium*.
ET	Exortação Apostólica, *Evangelica Testificatio*.
GS	Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes.*
ITVC	Instituto de Teologia da Vida Consagrada.
JMCS	Jornada Mundial das Comunicações Sociais.
LG	Constituição Dogmática, *Lumem Gentium*.
n./nn.	Número/s.
OE	Documento da Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares: religiosos e promoção humana, *Optiones Evangelicae*.
Op. Cit.	Opera Citata.
Obs.	Observação.
PC	Decreto, *Perfectae Caritatis.*

PdC	Documento pós-conciliar da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Partir de Cristo*.
PDV	Exortação Apostólica pós-sinodal, *Pastores Dabo Vobis.*
PI	Documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, Instrução *Potissimum Institutioni.*
p./pp.	Página/s.
U.I.S.G	União Internacional dos Superiores Gerais.
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).
VC	Exortação Apostólica pós-sinodal, *Vita consecrata*.
VFC	Documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Vida Fraterna em Comunidade*.
VRC	Vida Religiosa Consagrada.
v./vv.	versículo/s

INTRODUÇÃO GERAL

A vida consagrada fundamenta-se no relacionamento comunitário de irmandade e de proximidade. O homem ou mulher consagrado em comunidade, é chamado a dar e a receber o apoio dos outros, cada consagrado, membro de uma comunidade, deve preocupar-se dos outros; pois que, quando alguém se interessa pelo outro, este se sente considerado e feliz.

Sendo a vida comunitária o núcleo essencial do ser consagrado, nela cada um se confronta com Deus, com os outros e consigo próprio. Só neste confronto por um lado, ele escuta verdadeiramente a voz d'Aquele que o chama; por outro, é também pela voz dos que se sentem chamados por Deus que Ele mesmo indica para cada um o rumo que deve seguir.

Navegando no mar da vida consagrada, fomos impelidos a desenvolver o presente tema com os pés assentes em certos elementos achados por nós reais e que nos podem ajudar como membros de comunidades de consagrados e agora como académicos, em trazer ao de cima o tema sobre os conflitos, o próprio consagrado, as gerações no Instituto ou na comunidade de consagrados e falar da própria comunidade onde tudo isto acontece, num ambiente culturalmente múltiplo.

- Como nem sempre há grande quantidade ou até mesmo qualidade de informação em matéria específica na vida consagrada, esta escassez leva-nos a elaborar estas informações que podem possibilitar os membros de um Instituto de vida consagrada, fazerem uma *abordagem mais assertiva aos conflitos geracionais e diversidade cultural*, permitindo a conciliação entre antigas e novas gerações ou entre esta ou aquela cultura.

- Como o tempo actual nos oferece uma vivência multi-cultural, inter-cultural e mesmo inter-geracional, esperamos que este tema possa despertar em nós o maior *sentido de viver a vida comunitária numa diversidade em todos os âmbitos já mencionados como riqueza comunitária*, numa harmonia de ideais e consensos cruzados e enriquecedores no bom sentido, onde o adulto se rejuvenesce com novas ideias e atitudes, e o jovem ganha maturidade com a experiência do adulto; tudo isso vem concorrer para o bem da Igreja, da congregação, da comunidade e do consagrado em comunidade.

- Tendo em consideração á nossa demanda *formativa seja ela inicial ou permanente*, e como este sector tem estado a evoluir, o tema pode ainda suscitar uma atenção adequada na preparação do consagrado e membro de uma comunidade onde se pensa semear e viver a correcção fraterna, e a caridade num clima de paz e harmonia entre gerações e culturas.

O conflito na sua generalidade, não deve ser encarado como a 'demonização' de pessoas (físicas) ou passível de ser sempre evitado. Afinal, cada um é dotado de características próprias que, em certo momento são capazes de colidir com interesses, pretensões e direitos do outro, tempo em que surge uma divergência capaz de polarizar uma relação anteriormente estabilizada.

A nosso perceber, o conflito pode ser concebido como negação da cooperação de muita coisa connosco mesmos, com os outros ou com o meio aonde nos encontramos.

Vemos que o maior obstáculo nos relacionamentos é a falta do auto conhecimento, na aceitação das próprias limitações que dificilmente acolherá o diferente mesmo na comunidade, que naturalmente parte de uma realidade humana ou seja homens ou mulheres congregados com certos ideais espirituais ou carismáticos.

A comunidade é formada do dado psico-social, marcada também pelas diferenças pessoais, onde cada membro trás consigo a sua realidade: o seu passado, suas experiências, suas atitudes, preconceitos, sua história, sua cultura, seus gostos, sua identidade, suas expectativas, suas aspirações, ideais, diferença de níveis, o regionalismo, etc. Daqui parte a questão: 'o que fazer como estar em comunidade?' Somos chamados a criar comunhão na diversidade. Precisamos valorizar os costumes dos outros, conhecer a particularidade dos outros, acolher e trabalhar os preconceitos dos outros, fazer um trabalho pessoal, sobretudo valorizar cada membro. A diversidade lembra-nos que é nela que deve haver complementaridade.

Primeiramente é bom tomar consciência que é o Senhor quem nos chama, e somos guiados pelo seu Espírito Santo; ninguém escolhe com quem fazer comunidade. Para que haja comunidade, é necessário articular os diferentes aspectos que possam ajudar e fazer acontecer a vivência comunitária, onde as relações fraternas e interpessoais são possíveis. Não trataremos de todos eles, mas daqueles que nos parecem mais oportunos e

urgentes e que também nos permitam reflectir sobre o nosso tema geral (os conflitos geracionais em comunidades multiculturais de consagrados na 'idade adulta'), ou seja, evidenciaremos aqui os aspectos: teológico, moral e carismático, sócio-cultural, antropológico e psico-formativo do homem ou mulher adulto consagrado em comunidade hoje.

A vida em comunidade, para a qual o Senhor nos chama, é ao mesmo tempo dom e tarefa*;* Cristo congrega-nos de diferentes partes, do mundo para formarmos uma comunidade, no entanto, constatamos vários obstáculos que vão surgindo a partir do relacionamento, tais como: a falta de confiança, distorces no diálogo, facilmente culpam-se os membros, as autoridades, há desconfortos no ambiente comunitário, preconceitos, medos, tristezas, impaciência, etc. Por outro, a falta de conhecimento suficiente de uma cultura e dos costumes de um povo, pode chocar e bloquear bastante uma relação comunitária. Em contra posição, a escuta e a observação paciente por parte do jovem na comunidade são indispensáveis. Do mesmo modo o adulto precisa favorecer o espaço para o acolhimento, que permita uma interacção saudável.

A nossa opção de vida, não se contenta com a intolerância, a impaciência, o radicalismo destruidor que pretendem arruinar a identidade do consagrado; somos chamados a moderar a nossa dureza nas atitudes, a nossa intolerância, a nossa intransigência e a contemplar os irmãos (com os seus limites, falhas, defeitos, diferenças e comportamentos) com os olhos benevolentes, compreensivos e pacientes de Deus.

Ao falarmos sobre as gerações na comunidade de consagrados, não narramos de modo amplo sobre as três principais, isto é, idade juvenil, idade média ou adulta e a idade sénior; a nossa abordagem centra-se na idade do meio ou idade média na vida consagrada, para sermos mais concretos; apresentando no corpo da nossa reflexão os principais elementos sejam eles positivos ou também negativos desta etapa em tom individual ou comunitário, por isso começamos a dizer que **a idade adulta ou meia idade** é o momento que concilia os dois polos que se traduzem em aceitação e responsabilidade, porque para este, o presente assume o dado e todo o passado como elemento do chamamento que realiza o desejo de auto-realização; com uma visão dada ao futuro. Para melhor acolher o chamamento, deve-se viver a vida, dando resposta no dia-a-dia, ou seja, estar sempre consciente e atento às opções diárias, as escolhas,

comportamentos, se realmente estão inspirados num projecto na vida do consagrado na idade adulta.

Como linhas *problemáticas* do nosso trabalho, propomos:

- A comunidade é formada deste dado social, marcada também pelas diferenças pessoais, onde cada membro trás consigo a sua realidade: o seu passado, suas experiências, suas atitudes, seu carácter, seus preconceitos, sua história, sua cultura, seus gostos, sua identidade, suas expectativas, suas aspirações, ideais, diferença de níveis, o regionalismo, etc. Daqui parte a questão: 'o que fazer? E como ser adulto consagrado numa comunidade com toda essa realidade'?

- Vemos que o maior obstáculo nos relacionamentos é a falta do auto conhecimento, na aceitação das próprias limitações que dificilmente acolherá o diferente mesmo na comunidade, que naturalmente parte de uma realidade humana, ou seja, homens ou mulheres congregados com certos ideais espirituais ou carismáticos, na busca e preservação da sua identidade.

- Se são notórias as diversas situações nesse âmbito conflitual na comunidade multicultural, banir ou conviver com os *focos da problemática 'conflitual' na comunidade de consagrados hoje? Se banir, com que meios? E se conviver com toda essa grelha de elementos, qual será o futuro da vida consagrada?*

- Que responsabilidade se assume na formação das futuras gerações? E a quem é confiada esta missão dentro do processo em questão?

Estas e outras situações, merecerão uma atenção específica e no fim de tudo, possíveis linhas de solução.

Um outro dado curioso é sobre a realidade das metas de cada faixa etária em abordagem. No tema proposto, evidenciamos duas grades visões:

Na primeira, segundo Juan Mosquera, a idade adulta jovem subdivide-se em: *fase inicial denominada* ***idade adulta jovem inicial***, com idade aproximada entre (os vinte e vinte e cinco anos). Em seguida, a ***idade adulta jovem plena***, que compreende (dos vinte e cinco aos trinta e cinco anos), por fim, a ***idade adulta jovem final***, que abrange (os trinta e cinco aos quarenta anos de idade)[1]. Já o segundo ponto de vista é de Erik Erikson que

[1] Cfr. J.J. MOURINO MOSQUERA, *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*, Ed. Sulina, Porto Alegre (Brasil) 1978, p. 45.

segundo ele, a ***idade adulta*** abrange a fase (dos trinta e cinco aos sessenta anos) como fase de afirmação pessoal em quase todos os âmbitos[2].

No referido trabalho, fomos de acordo com a segunda posição, pois a primeira nos pareceu incompleta e até porque apresenta uma 'velhice precoce' porque segundo aquela posição, a vida acontece brevemente; já esta última, perece-nos ter em conta o factor amadurecimento humano, apesar de nalgumas circunstâncias sobre tudo em ambientes mais urbanos 'a vida adulta' aparecer logo na 'madrugada' da idade, ou seja, um pouco antes das matemáticas estabelecidas; esta fase pareceu-nos melhor enquadrada, porque engloba as grandes 'etapas de crises no desenvolvimento da pessoa humana' nessa faixa etária como é a famosa 'crise dos quarenta' e a dos 'cinquenta e cinco' anos onde às vezes quase se perde a seriedade da vida.

Usaremos com maior frequência, a expressão 'vida consagrada', poucas vezes, 'vida religiosa', porque a expressão 'vida consagrada', abrange todas as formas de vida sobretudo as de ímpeto eclesial-comunitário marcadas pela profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Quer dizer, é mais concreta, no que se refere aos grupos clássicos da vida religiosa. O Código do Direito Canónico auxiliando-nos apresenta a seguinte definição:

> «A vida consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos é a forma estável de viver pela qual os fiéis, sob a acção do Espírito Santo, seguindo a Cristo mais perto, se consagram totalmente a Deus sumamente amado, para que, dedicados por um título novo e peculiar à sua honra, à edificação da Igreja e à salvação do mundo, alcancem a perfeição da caridade ao serviço do Reino de Deus»[3].

Como um grande desafio, o presente trabalho tem como objectivos:

Possibilitar que os membros de um Instituto de vida consagrada, tendo em posse estas informações, façam uma *abordagem mais assertiva aos conflitos geracionais* permitindo a conciliação entre antigas e novas gerações.

---

[2] Cfr. *Teoria psicossocial de desenvolvimento em Erik Erikson,* In http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/teoriapsicossocial-do-desenvolvimento-em-erik-son,(18. 12. 2017).

[3] *Codice di Diritto Canonico*, Testo Ufficiale e versione Italiana, Ed. Libreria vaticana, Città del Vaticano 1997, can. 573.

Apresentar os *focos da problemática 'conflitual' nas comunidades de consagrados hoje, desafiando as mentes que descartam a existência do conflito em questão nas comunidades.*

Através deste tema, se pode despertar no consagrado do nosso tempo e não só, o maior *sentido de viver a vida comunitária numa diversidade etária e cultural, como riqueza comunitária*, numa harmonia de ideais, consensos cruzados e enriquecedores no bom sentido, onde o adulto se rejuvenesce com novas ideias e atitudes, o jovem ganha maturidade com a experiência do adulto; tudo isso vem concorrer para o bem da Igreja, do Instituto, da comunidade e do consagrado em comunidade.

Numa vertente formativa seja ela inicial ou permanente, *prestar uma atenção adequada na preparação do consagrado e membro de uma comunidade onde se pensa semear e viver a correcção fraterna e a caridade num clima de paz e harmonia entre as gerações.*

Incentivar nas comunidades de consagrados, em particular aquelas de formação no cultivo de uma verdadeira identidade numa aliança psico-educativa, sendo estas autênticas 'escolas de amor'.

Tendo em consideração a dimensão do trabalho, estruturamo-lo em duas grandes partes ou seja, em seis capítulos profundamente interligados; onde na *primeira parte* partindo '**da *situação de conflito à razão da convivência das gerações numa comunidade de consagrados'*** aparece num *primeiro plano ou capítulo*, um quadro de compreensão conceitual da temática onde se evidência o *apelo teológico* ou seja, entrar na compreensão da vivência mistérica da comunidade; apresentaremos outrossim em definição para a maior compreensão, os principais elementos que compõem o nosso tema; tais como: *o conflito, a geração, a comunidade, a multiculturalidade, a consagração* e sem perdermos de vista o nosso auge segundo o tema principal, ou seja, *a idade adulta*. O passo seguinte da nossa abordagem, é o apelo em sair do conflito de geração no seu sentido negativo como um contra valor, inserido no ambiente comunitário à devida espiritualidade religiosa a fim de que os seus membros entendam o porque da vida comunitária.

No **segundo capítulo**, o acento recai sobre o *apelo moral e carismático da comunidade de consagrados em conflito,* onde aparecem algumas possíveis causas de um conflito entre gerações numa comunidade de consagrados; neste capítulo precisamos também a disposição entre o

‘suportar’ e o ‘desabafar’ do adulto ou do jovem consagrado na comunidade, apresentando certos meios para a gestão do conflito e sabendo que é preciso estudar o comportamento dos conflituantes para se conhecer certas atitudes de uma reacção, ou seja, para dominar o binómio ‘estímulo - resposta’ dos envolvidos num conflito; por outro, é preciso romper as algemas dos complexos, dos preconceitos e dos prejuízos que às vezes são a base do conflito. E partindo dos prejuízos aos prejudicados, podemos evitar certas consequências do conflito na comunidade de consagrados na ‘idade adulta’.

Já no **terceiro capítulo** da primeira parte, lançamos o olhar ao *apelo existencial e a crise actual da comunidade de consagrados em conflito,* ou seja, a imagem de adultos consagrados em comunidades supostamente curadas, mas que ainda encontramos nelas, membros com feridas abertas e a sangrar ou até mesmo ‘purulentas’. O mesmo capítulo apresenta o comportamento de certos membros de comunidades com a pretensão de viver num ‘estado de vida semelhante a dos anjos’, ou seja, ‘mais perfeitos’ que os dos outros; e isto pode levar ao puritarismo como um mal a evitar na comunidade; esta parte encerra com uma situação que as comunidades em conflito podem criar sobre Deus; para sermos concretos, elas podem não ter a imagem de um Deus *Uno* e *Trino*, fora da realidade do Evangelho.

Na segunda parte, partindo ‘***das feridas sociais que cada membro de uma comunidade pode trazer consigo, ao encontro cultural num certo caminho formativo para as gerações em conflitos numa mesma comunidade’***. Onde no **primeiro capítulo** é descrita a *Visão sócio-antropológico e cultural da comunidade de consagrados em conflito,* com o convite a uma transição da comunidade, à comunhão de vida ou fraternidade; saindo assim de um certo refugio pessoal à uma vida consagrada mais autêntica, sendo capazes de dar uma resposta às exigências do mundo hoje, a fim de passar para uma seriedade da consagração; por outro, quando a carga cultural sobrepõe a ‘fraternidade’ numa comunidade de consagrados, ou existirem preferências regionais, somos chamados a renovar as mentes para que tenhamos uma cultura do carisma como nas origens.

O segundo capítulo apresenta ‘*o impacto actual do conflito na indentidade do consagrado’*, destacando certos desafios da vida pós-

moderna, com o destaque a três principais elementos e que mereceram uma abordagem paraticular, tendo em conta o seu impacto na sociedade-Igreja e na vida consagrada em particular, falamos aqui da autossuficiência, do mundo competitivo e do gigante mediatico; a questão é como as comunidades em geral, as gerações ou o consagrado em particular têm lidado com estes e outros elementos que a sociedade pós-moderna oferece. O mesmo capítulo traz ao de cima o como era encarado um certo clima conflitual nas comunidades do passado até falarmos das comunidades hoje; como força dinamizadora, o discernimento contínuo do consagrado adulto ajudaria a encarar a situação com serenidade onde o papel de Deus é fundamental para a manutenção da identidade pessoal e comunitária.

No **terceiro capítulo** desta parte, procuramos linhas de '*resposta no âmbito psico-formativo ao conflito na comunidade de consagrados'* partindo das orientações vocacionais onde a Palavra de Deus deve ser imprescindível; se pode falar de uma renovação autêntica quando se renova a fidelidade no amor aprendido e vivido na comunidade como escola que ajude a descobrir a belaza de Deus e em Deus, numa comunidade solidária. Para um crescimento integral, são necessários: uma liberdade responsável, uma identidade formativa e um pacto ou aliança formativa, não só de quem é chamado a ser formador, mas de toda uma comunidade de formação.

Quanto aos métodos, na nossa reflexão, fomos conscientes em usar os*métodos compilativo e bibliográfico*, porque estão presentes várias citações de documentos e autores que nos foram orientando com as suas ricas sugestões nas diversas partes do nosso tema; estes documentos e ideias de autores, foram em inúmeras partes do trabalho analisados e só assim nos serviram de riqueza e fundamento para o discernimento na reflexão, dai o *método analítico*; antes de tudo isso, para que estes pontos de vista fizessem parte deste trabalho, exigiram um empenho de pesquisa, por isso também usamos o *método de pesquisa ou indagativo*. Estes e outros métodos foram usados neste trabalho tendo em conta o tamanho da sua exigência; com o suporte de uma *metodologia descritiva*.

No âmbito bibliográfico, para responder o aspecto *bíblico-teológico*, tivemos com maior incidência uma boa quantidade textos de Sagrada Escritura, para reflectir sobre a vida consagrada na Igreja. Numa outra vertente, tivemos uma quantidade de documentos do Magistério, Pontificais e Dicasteriais, em reconhecimento do sentido *eclesial e*

carismático da vida consagrada hoje no mundo; e como não deixaria de ser, com o apoio de diversos autores, procuramos abordar o aspecto *psico-pedagógico* do consagrado em comunidade.

Em linhas gerais e a nosso ver, o trabalho apresenta uma bibliografia selecionada á medida das encomendas, isto é, obras e autores da actualidade e à altura das respostas às inquietações que o tema no seu desenrolar foi apresentando.

Auguramos que as linhas desta reflexão venham servir de bases para a harmonização da vida consagrada em comunidade, como foi definido nos seus objectivos, onde o conflito de gerações entre os consagrados na comunidade, concretamente os de 'idade adulta'; tem ganhado maior espaço, deixando assim constrangidos os de outras gerações envolvidas na mesma comunidade.

Por outro, relançar o desafio da vida consagrada no seu âmbito formativo, a devida atenção quanto à selecção, admissão e acompanhamento dos seus candidatos, despertando neles desde o início o sentido de maior envolvência, aceitação e colaboração multi-geracional e cultural na comunidade em particular ou no Instituto em geral.

SEGUNDA PARTE

DAS FERIDAS SOCIAIS AO ENCONTRO CULTURAL NUM CAMINHO FORMATIVO PARA AS GERAÇÕES CONFLITUANTES NA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS

"…Preocupa-me! a difícil integração das diversidades culturais e geracionais, um equilíbrio problemático na prática da autoridade e no uso dos bens…Preocupa-me também a pobreza!"

Papa Francisco, CIVCSVA, Roma 2019.

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE

A vida consagrada inserida na missão da Igreja no mundo, onde ela se encontra, tem acompanhado todo um processo evolutivo da sociedade nos seus diversos âmbitos por intermédio dos seus membros. Falar da sociedade sem falar das suas mazelas, seria um discurso tipicamente superficial, não seria entrar no *sermen* da situação; de tudo quanto seja bom que o curso da evolucão social apresenta. Como a nossa abordagem reflecte, aparecem também por assim dizer, os sinais negativos que por sua vez têm enfermado a vida consagrada e como a mesma opção de vida tem lutado a fim de proporcionar um clima sereno onde o encontro com cada um em particular e dos grupos geracionais em geral, são chamados à consagração, para que sejam um verdadeiro sinal de unidade no acolhimento e na compreensão cultural que possa contribuir para um crescimento mútuo.

Numa comunidade onde existem gerações em conflito, é importante traçar linhas concretas para um caminho formativo em que os seus membros vivam numa identidade cultural e institucional renovada e que esta responda aos sinais dos tempos.

Por estas linhas apresentamos as directrizes desta segunda parte do tema sobre 'os conflitos geracionais em comunidades multicuturais de consagrados na idade adulta, uma letura situacional hoje'. A referida parte traz em abordagem o subtema '*das feridas sociais ao encontro cultural num caminho formativo para as gerações conflituantes na comunidade de consagrados*'.

Como estrutura, no *primeiro capítulo*, vem apresentada uma visão sócio-antropológica da comunidade, acompanhada de um panorama cultural, isto é como são notórios no ambiente comunitário certos elementos co-naturais de um grupo sem rigor nos critérios de uniformidade, sobretudo naquelas comunidades cujas características visíveis na sua predominância, como a diferênça etária que pode correspoder a diversidade geracional, e o elemento cultural, como sinal identitário originário de cada membro numa comunidade.

Por causa do estado da sociedade actual, que em muitos elementos contribui negativamente para a unidade de uma comunidade, pelo factor

‘individualismo’ caracterizado como eixo da cultura actual[4], analizamos o aspecto comunitário que com o seu evoluir pode proporcionar uma vivência de comunhão, sendo ela profunda na vida de cada um, que numa palavra signifique ‘fraternidade’, pois o individualismo pode criar refúgios pessoais, que venham impedir a vivência da consagração numa autenticidade, dado que o mundo actual é demasiado exigente e a vida consagrada é chamada a apresentar a sua seriedade para uma verdadeira identidade. Numa sociedade com tendencias à fragmentação e com a sobreposição de uma certa cultura do ‘meu’, (por ser do meu grupo, minha geração, meu país, minha cultura, minha tribo, etc), a comunidade de consagrados é chamada a romper o mundo preferencial e o culturalismo feroz[5].

Serve de uma outra reflexão atenta sobre a força que o conflito de gerações vem tendo e que até certo ponto pode ofuscar a identidade do consagrado do nosso tempo É assim que no *segundo capítulo*, partindo do elemento ‘identidade’, são apresentados alguns desafios do mundo pós-moderno que apoquentam o consagrado hoje, tais como a auto suficiência, a competição e o gigante mediático, só para citar estes.

Em tempos novos nem sempre se vive um novo ar nas comunidade de consagrados, sobretudo no que se refere ao clima de conflitos geracionais. Muitas das vezes pode acontecer que uma geração passe à outra o mesmo vento conflitual, independentemente dos elementos originários; assim afirmamos, porque se se fizesse uma anáse minunciosa, constatar-se-ia que certos problemas que nos dias actuais têm provocado um clima de conflito, vêm se arrastando desde o tempo e da comunidade do próprio fundador/a e que nunca mereceram uma atenção, ou porque foram sempre ignorados, ou tiveram um tratamento ‘defeituoso’ e assim perdura até aos dias actuais; por isso os chamamos ‘velhos problemas em tempos novos’.

Para tal, consideramos fundamental o documento *Perfectae Caritatis* no seu segundo número, quando insiste na renovação dos princípios fundamentais com o destaque para a fidelidade às origens e a

---

[4] Cfr. FRANCESCO, *Discorso all’apertura del Convegno Ecclesiale della Diocesi di Roma* 16.06.2016, In FRANCESCO, *Vocabolario della vita consacrata*, Op. Cit, p. 112.

[5] Cfr. FRANCESCO, *Evangelii Gaudium, Esortazione apostolica sull’annuncio del Vangelo nel mondo attuale, Ed.* Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 2018[8], n. 67.

Igreja, na «*sequela Christi*»[6], certamente renovando o espírito e adequando-se ao tempo. Por sua parte, o consagrado 'adulto', seria chamado a um contínuo discernimento, partindo da sua bagagem institucional, ou seja a regra, as constituições e outras orientações que naturalmente se resumem na 'fórmula de profissão' de cada Instituto ou Ordem, abrindo assim uma ampla perspectiva na formação permanente do homem ou mulher consagrado que deve ser contínua[7]. Quando falamos do discernimento e para que este seja efectivo, deve ser sustentado de duas realidades fundamentais uma vertical e outra horizontal ou seja, a divina e a humana. Destacando a primeira, reflectimos sobre o papel de Deus em comunidades onde o conflito de gerações tem os pés bem assentes, onde o consagrado anda de rastos quanto a sua identidade e nisto, vários comportamentos negativos tais como a agressividade podem tomar conta da situação, invadindo o espaço, seja interno ou externo da pessoa consagrada.

Dentro de tudo isto, uma força que cada consagrado traz consigo, pertence a uma realidade especial e extra do que é comum, fazendo parte dos discípulos do Mestre que são reconhecidos pelas obras (cfr. Mt 7, 20).

Na vasta gama de elementos postos em análise nos dois primeiros capítulos desta parte do trabalho, surge uma possibilidade de ver um pouco por dentro da vida consagrada um aspectofundamental, dos Institutos ou Ordens na Igreja e na sociedade: a formação. Partindo de uma breve análise psicológica das realidades conflituais comunitáriase da Palavra se podem orientar as palavras, mesmo aquelas que motivam um clima conflituoso. Uma outra resposta pode vir de uma exigência efectivada na maturidade afectiva dos candidatos e a cada membro das comunidades em geral e em particular aquelas de formação, chamando-os numa compreensão profunda do que é vida comum, e vida fraterna como reflecte o documento Vida Fraterna em Comunidade, no seu vigésimo quarto número.

O terceiro capítulo, lança o olhar à renovação que seja autêntica e com os pés bem assentes na fidelidade adequada à renovação. Isto parte da percepção integral da fidelidade na consagração que hoje tem sido uma

---

[6] Cfr. FRANCESCO, *Discorso ai partecipantial raduno dei formatori di consacrati e consacrate, promosso dalla CIVCSVA*, Roma 11.04.2015, In FRANCESCO, *Vocabolario della vita consacrata*, Op. Cit, p. 175.

[7] Cfr. VC, n. 71; Cfr. B. GOYA, *Formazione integrale alla vita consacrata. Alla luce della esortazione post-sinodale*, Ed. Dehoniane, Bologna 1997, pp. 125-135.

questão difícil da vida consagrada na Igreja. Para que se tenha vocações adultas e maduras, urge a necessidade de um acurado acompanhamento não só espiritual como pano de fundo e em outros aspectos já conhecidos, como também o imprescindível campo psico-afectivo, sempre em preparação para uma resposta fiél; traçando deste modo para os candidatos um itinerário de crescimento em todas as vertentes.

Na vida comum para um bom crescimento integral, todo o ser humano precisa de certos paradigmas, que o provoquem uma admiração e consequentemente uma imitação. É neste âmbito que a comunidade de consagrados deve trabalhar como uma autêntica escola incentivadora de paradigmas onde o amor seja a prioridade; favorecendo este ambiente, a comunidade será chamada segundo o documento já citado (VFC), no seu vigésimo-quinto número, uma‘ *Schola Amoris’,* uma comunidade orientada a Deus e ao próximo (cfr. Jo 15, 17). Vivendo neste amor se descobre a Beleza do Amor, ou seja, a beleza de Deus na *contemplação filocálica*. Contudo, isto deve começar logo no ventre formativo descobrindo a beleza de Deus na vida fraterna, pela oração e sobretudo no amor ou na solidariedade fraterna.

Contando com todos estes subsídios na vida espiritual-comunitária, teríamos homens e mulheres consagrados com uma identidade brilhante aos quais Jesus diria: já não vos chamo servos, mas irmãos e amigos (cfr. Jo 15, 15). Mas para que se chegue a esse ponto, são fundamentais para os Institutos ou Ordens: uma formação atenciosa e séria dos seus candidatos, sendo esta livre e responsável, que seja dentro de comunidades de irmãos ou irmãs suficientemente com identidade formativa, sem exigir uma suficiente formação no campo em que são chamados a colaborar, pois que isso nem sempre é possível, mas que estes sejam possuidores de uma aliança psico-educativa na comunidade responsabilizada para a formação.

Concientes do facto da existência de um certo clima de conflito entre gerações, é necessário unir as forças para que as comunidades consigam criar um clima de estabilidade formativa na riqueza cultural, dando uma resposta positiva ao ‘motim’ da sociedade actual, sempre com um espírito renovado na fidelidade à consagração; sociedade esta que com os seus duros golpes tem pretendido instabilizar o clima sereno da vida consagrada na Igreja e no mundo hoje.

CAPÍTULO I

VISÃO SÓCIO-ANTROPOLÓGICA E CULTURAL DA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS EM CONFLITO

O confronto da realidade humana com todo um aparato sócio-antropológico onde o envolvimento cultural ecoa, directa ou indirectamente deixa marcas na vida de cada membro da sociedade em causa, pois são relações que entram em causa, do homem consigo mesmo, do homem com o outro, e de toda uma gama de elementos ditados pelo meio social. É nisto que podemos entender o aspecto sócio-antropológico de uma comunidade de consagrados de cujos membros são frutos de uma cultura e que se calhar traz certas sequelas que podem criar conflito no entrosamento com os outros.

Para um devido esclarecimento em termos de ciência, Hervé Carrier, sociólogo de renome, diz-nos que a *sociologia* estuda as relações entre as pessoas que pertencem a uma comunidade ou aos diferentes grupos que formam a sociedade. Analisando as dinâmicas da sociedade como um todo e dos grupos singulares que a compõem, põe-se também em evidência os conflitos e as formas de cooperação geradas através das relações sociais[8].

Por sua vez, Giovanni Fornero, quanto *a antropologia* explica que é o estudo aprofundado do ser humano. Ou ainda, é uma ciência que se dedica ao estudo do ser humano de forma holística. Sendo uma ciência integradora, portanto estuda o homem no âmbito da sociedade e da cultura a que pertence, combinando perspectivas das ciências naturais, sociais e humanas[9].

Naturalmente, a realidade antropológica do limite humano encontra paralelo constante na antropologia bíblica, para uma compreensão tipicamente cristã e é claramente explicitada pelas palavras do Apóstolo Paulo quando afirma: "os instintos egoístas têm desejos que estão contra o espírito, e, o espírito contra os instintos egoístas; os dois estão em conflito,

---

[8] Cfr. H. CARRIER, *Dizionario della cultura. Per l'analisi culturale e inculturazione,* Ed. Libreria Vaticana, Cittá del Vaticano 1997, p. 1014.

[9] Cfr. G. FORNERO,*Antropologia*, In N. ABBAGNANO, *Dizionario di filosofia*, Ed. UTET, Torino 2005, p. 65.

de modo que vocês não fazem o que querem" (Gl 5, 17). Estamos diante de uma bivalência vista do ponto de vista ontológico e existencial do ser humano como um ser antropológico, caracterizando o agir dele mesmo como pessoa, assim como todo o seu sistema de motivações e sensibilidades. Há dois pólos diferentes que colocam a pessoa na ambivalência. Se de um lado há uma projecção para o futuro (nova geração), do outro, há um agarrar-se ao passado (geração adulta).

Ligada a sociologia na vida do homem como ser antropológico, Hervé aparece mais uma vez a dizer que *a cultura* tem a ver com todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também na sociedade da qual é membro[10]. Ou ainda é o conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais**,** aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade.

Já para a nossa temática e como documento autorizado, VFC vem ao de cima quando diz que «a comunidade religiosa, ao mesmo tempo em que deve assumir a cultura do lugar, é chamada também a purificá-la e a elevá-la por meio do sal e da luz do Evangelho, apresentando, em suas fraternidades realizadas, uma síntese concreta do que seja não só uma evangelização da cultura, mas também uma inculturação evangelizadora e uma evangelização inculturada»[11].

Sendo assim e percebendo os aspectos inerentes à vida comunitária, seja *ad-intra* ou ad-*extra*, estaremos a altura de dar mais um passo que seja importante para a nossa vida como consagrados, passando em reflexão a realidade comunitária para se viver numa realidade tipicamente de comunhão.

1 - É hora de passarmos da comunidade à comunhão de vida/ fraternidade

Como é bem sabido e muito já temos definido, uma comunidade é um grupo de pessoas que convergem para um certo fim e relacionam suas

---

[10] Cfr. H. CARRIER, *Dizionario della cultura. Per l'analisi culturale e inculturazione,* Op. Cit, p. 120.
[11] VFC, n. 52b.

vidas e problemas. Se as relações sociais no seu âmbito geral não se fazem presentes, a comunidade perde a sua consistência.

Para uma justificação teológica da vida consagrada torna-se cada vez mais elemento de promoção de vida em comunhão na Igreja. A nossa consagração ao Senhor é para uma vida mais radical a própria eclesialidade, isto é, o próprio ser comunional do qual a Trindade é a origem, como já tem sido referido nos capítulos anteriores, o modelo e o fim. Sintamos mais uma vez o documento sobre a vida consagrada: "à vida consagrada está confiada outra grande tarefa, a luz da doutrina sobre a Igreja-comunhão, proposta com grande vigor pelo Concílio Vaticano II: pede-se às pessoas consagradas que sejam verdadeiramente peritas em comunhão e que pratiquem a sua espiritualidade"[12].

Nisto se justifica a insistência do documento VFC, na relação que deve existir entre a comunhão da Igreja e a comunhão numa comunidade de consagrados porque o próprio Senhor a quem todos nós seguimos é a origem da comunhão. Eis o que o documento nos aponta:

> «Do dom da comunhão nasce a tarefa da construção da fraternidade, isto é, do tornar-se irmãos e irmãs numa determinada comunidade onde se é chamado a viver juntos. Da aceitação admirada e agradecida da realidade da comunhão divina, que é comunicada a pobres criaturas, provém a convicção do esforço necessário para fazê-la sempre mais visível através da construção de comunidades «plenas de alegria e de Espírito Santo» (At 13, 52). Também em nosso tempo e para nosso tempo é necessário retomar essa obra «divino-humana» da edificação de comunidades de irmãos e de irmãs, tendo presente as condições típicas destes anos, nos quais a renovação teológica, canônica, social e estrutural, influíu fortemente na fisionomia e na vida da comunidade religiosa.E a partir de algumas situações concretas que se deseja oferecer indicações úteis para sustentar o esforço por uma contínua renovação evangélica das comunidades»[13].

Ora compreendamos o seguinte: a comunidade representa a comunhão de Deus Uno e Trino; e a realidade da Igreja, como povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Por sua vez, a vida fraterna reflete a profundidade e a riqueza desse mistério, configurando-se como

[12] VC, n. 46.
[13] VFC, n.11.

espaço humano habitado pela própria Trindade, que assim estende na história os dons da comunhão próprios das Três pessoas divinas[14]. «Na vida de comunidade, também deve se tornar palpável que a comunhão fraterna antes de ser instrumento para uma determinada missão, é espaço teologal onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado»[15].

Assim sendo, podemos ir compreendendo o que queremos transmtir quando falamos de uma passagem de comunidade à comunhão, ou ainda, o tecto de uma mesma casa que se chama convento seja partilhado por todos como uma realidade 'nossa' no sentido de pertença e ao mesmo tempo entrega, e quando há na verdade o dom da entrenga, estamos a traduzir numa realidade humana aquela realidade teológica acima citada e confirmada no documento VC.

Se no seu sentido amplo, comunhão é o efeito de comungar respondendo ao sentido 'eucarístico do nosso ser cristão', por outro esta comunhão leva-nos a compreensão de uma comparticipação nas crenças, ideias, princípios, carismas[16]. Consequentemente toda esta condivisão e até da mesma fórmula de profissão do Instituto ou Ordem, vem na verdade justificar o passo que somos chamados a dar de simples comunidade para um profundo sentido de comunhão/fraternidade.

Por seu lado, Pier Giordano Cabra, quando escreve sobre a fraternidade, é claro quando afirma que «a partir do momento em que não há razões humanas que possam justificar de maneira cabal a vida fraterna a ser realizada em comunidade, o olhar de fé na comunidade torna-se absolutamente indispensável para a sua compreensão, para a sua duração e para a sua própria composição»[17], ainda segundo o autor, nestes últimos anos da história da vida consagrada, muitas razões tradicionais do viver juntos declinaram, sobretudo as razões com finalidades apostólicas ou caritativas[18].

Tantos por provarem algumas dificuldades dentro do convívio fraterno, recuam e tomam certas decisões, afastando-se totalmente dos outros como terríveis perseguidores, e invejosos da sua realidade particular,

---

[14] Cfr. VC, n. 41.
[15] Ibidem, n.42.
[16] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio,*Op. Cit, p. 392a.
[17] P.G. CABRA, *Per una vita fraterna,* Ed. Queriniana, Brescia 1998, pp. 23, 24.
[18] Ibidem, p. 24.

e comentam que não gostam deles; que os perseguem, ora porque são os mais inteligentes, têm maiores possibilidades económicas, têm um bom carro, têm muitos amigos, ou porque são os mais aplaudidos no trabalho que exercem, etc.

Todos estes elementos por mais pequenos que sejam, estraçalham todo um ambiente comunitário e aquí é difícil viver em fraternidade. Em toda dinâmica comunitária, diz o documento VFC, fora de tudo o que se pode viver, tudo o que vem frustrar a nossa realidade de vida traçada por nós próprios desde o início, Cristo, em seu mistério pascal, é sempre o modelo de como se constrói uma verdadeira unidade fraterna[19].

O mesmo documento ora citado realça em profundidade o sentido da fraternidade sempre como valor comunitário, ou ainda, a comunhão fraterna enquanto tal, seja um autêntico apostolado, já é um grande contributo na obra da evangelização do consagrado, pois repetidas vezes se tem dito que a verdadeira evangelização começa na nossa própria comunidade[20]. Por isso, é inútil 'perder tempo' em fazer tantos quilómetros ou reunir tanta gente na Igreja, gastar voz nas pregações quando a vida comunitária não é este sinal de fraternidade presente na Igreja como algo legível para a nova evangelização[21].

Portanto se por um lado a comunidade é o lugar onde aprendemos a ser cada vez mais irmãos; por outro, somos convidados a tornarmo-nos companheiros de viagem, homens e mulheres de escuta, de conselho, capazes de se alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram. Aprender a compartilhar, para isso, é necessário crescer no relacionamento com Deus e com os outros, curar as nossas mazelas relacionais e levá-las ao bom relacionamento. Esse é um compromisso central que exige muito trabalho sobre nós mesmos, um trabalho para nos deixarmos aperfeiçoar pela graça de Deus.

1.1 - Um 'eu' que resulta um 'nós' como comunidade

Quando se pensa em edificar um ambiente comunitário que respira um ar do colectivo num sentido de comunidade que corresponda com todos

---

[19] P.G. CABRA, *Per una vita fraterna*, Op. Cit, n. 21.
[20] Ibidem, n. 54.
[21] Ibidem, n.55a.

os ideais, precisa-se desenvolver com coragem o sentido de abandono e de acolhimento. Abandono porque não nos devemos possuir a nós próprios, assim fazendo, estaríamos a dispensar os outros da nossa realidade. Somos igualmente chamados a acolher os outros; porque na medida em que os damos espaço, nós vamos ocupando espaço de referência nas suas vidas; e assim começamos a dar passos importantes na nossa vida comunitária.

Sendo a pessoa «um ser com os outros»[22], como afirma Hegel, e o seu viver é tido até certo ponto como um conviver, é valido também o adágio popular que diz que 'ninguém vive sozinho, as pessoas convivem entre si'. Com isto, vale a pena afirmar que a relação do 'eu' com o 'tu', faz parte do próprio 'eu' de cada pessoa; é nisto que não nos cansamos em afirmar com Hegel que «a pessoa é essencialmente um ser relacionável, e para descubrir a sua identidade, necessita do outro»[23].

Se nos baseássemos numa simples fórmula matemática diríamos que (Eu+Tu=Nós) e o inverso seria (Eu=Nós-Tu). Esta seria a fórmula para explicar a passagem da nossa singularidade a pluralidade ou vice-versa. Por isso, é certo que teremos comunidade enquanto existir este relacionamento do 'eu' e do 'tu', de modo a formar um 'nós' 'comunitário'.

Quando começamos a abordar este assunto nalgumas linhas do nosso trabalho, (ver, primeiro capítulo, p. 33), destacamos o 'sentido de pertença' [24] a uma determinada realidade comunitária, e apoiados pelo documento VFC, notamos que o respeito pelo outro e o bem comum, são realidades factuais para se sair do «individualismo desagregante»[25]. Isto leva-nos a reflectir que numa relação de afecto, o outro, desde sempre faz parte do si mesmo, e será sempre necessário na busca constante do bem estar comum. A pessoa em si, é limitada; por isso não se possui totalmente, pode conhecer-se actualizar-se, pertencer a si mesma quando entra em relação com outras pessoas que, assumindo a mesma responsabilidade relacional a ser desenvolvido é afrontado ao longo da vida comunitária.

É por isso que a nosso ver, independentemente do tipo de relacionamento que se pode desenrolar com o outro, a verdade é que todo

---

[22] *Identidade*, In https://medium.com/@leonardo_vaz/o-conceito-de-identidade-e-diferen%C3%A7a-na-filosofia-de-hegel-cd12e741e64a (30.10.2019).
[23] Ibidem.
[24] Cfr. A. MANENTI, *Vivere insieme. Aspetti psicologici*, Ed. Dehoniane, Bologna 1991, p. 30.
[25] VFC, n. 39.

ser humano precisa experimentar o acolhimento, o ser tratado como o outro, o sentir-se amado, mas ao ponto de permanecer para o resto da vida fazendo com que o outro responda ao que ele espera; que tudo seja só a seu favor, certamente é uma forma de viver egoisticamente e incapaz de acolher o outro na sua totalidade e diversidade.

Para uma realização comunitária, é necessário o afecto que por sua vez é o estado de ânimo, sentimentos de apego, ternura, paixões, amizade e dedicação. Estes elementos dependem muito do desenvolvimento sereno da personalidade e do bom relacionamento interpessoal[26]. Uma atitude de diálogo interpessoal, é sempre coroada de afetividade para se ter claro o que se procura no outro.

Para Cencini, "o ser humano é tão livre e responsável como quando retoma, com cuidado entre as mãos, a própria história para enchê-la de sentido também onde esteve privada dele, para colocar o amor onde houve ódio, dando direcção nova ao próprio existir"[27].

É nisto que asseguramos o caso de que para viver assim segundo a vontade de Deus e manifestar este grande amor do Pai aos irmãos ou às irmãs da própria comunidade, bem como a todos os irmãos na fé, é necessário sair do próprio egoísmo, ou seja, sair do 'eu' para tornar-se um 'nós'. Estando em comunidade é importante saber realizar o equilíbrio entre a vontade pessoal e a vontade dos outros, isto é, saber dar espaço aos irmãos ou às irmãs para que se exprimam com liberdade, respeito e dignidade.

Além disso, a autoridade na pessoa do superior/a deve levar em conta a personalidade de cada irmão ou irmã, as suas dificuldades e predisposições, para possibilitar a cada um ou cada uma, no respeito à liberdade de todos, de exprimir os próprios dons. Ao mesmo tempo, deverá necessariamente considerar o bem da comunidade e o serviço à obra que eventualmente lhe foi confiada, na animação e equilíbrio de todos para todos na comunidade.

Praticamente nem sempre é fácil conciliar finalidades diferentes que cada membro da comunidade pode trazer consigo. É então, que se torna indispensável o equilíbrio da autoridade local e não só, que se manifesta seja na capacidade de acolher o que cada um ou cada uma tem de positivo e de

---

[26] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 52a.
[27] A. CENCINI, *L'albero della vita. Verso un modello di formazione iniziale e permanente, Ed.* San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2005, p. 210.

utilizar da melhor forma as forças disponíveis, seja naquela retidão de intenção que a torna interiormente livre, não tanto preocupado/a em agradar e ser complacente; e na clareza ao indicador verdadeiro significado da missão para a pessoa consagrada, que não pode reduzir-se à valorização dos dotes pessoais, mas que tudo venha a concorrer para a comunhão da comunidade.

Para assim dizer, a vida fraterna em comum exige da parte de todos um bom equilíbrio psicológico, dentro do qual possa amadurecer a vida afectiva de cada um. E o componente fundamental desse amadurecimento é a liberdade afectiva, derrubando o muro de separação que pode existir dentro do convívio comunitário[28]. É justamente essa liberdade e maturidade que permitem viver bem a afetividade, tanto dentro como fora da comunidade.

1.2 - A fraternidade como riqueza cultural

A presença do irmão ou da irmã na comunidade é resultado de uma opção conjugada no campo do discernimento vocacional, como um projecto que parte de um elemento singular e que abrange a comunidade; é este encontro que caracteriza uma comunidade que senão, seria um conjunto de elementos singulares. Aqui sim, fala-se de um encontro de culturas[29] que interagindo, dão origem a uma riqueza que só beneficia a sã convivência dos irmãos.

Esta convivência amigável entre os membros de uma mesma comunidade[30] tem um valor profundamente humano e cristão indiscutível, como é o desejo do próprio Mestre, expresso nas páginas de são João.

> «Para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, de modo que sejam um, como Nós somos Um. Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim» (Jo 17, 21-23).

---

[28] Cfr. VFC, n. 33.

[29] Cfr. FRANCISCO, "*Cultura do encontro". Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa santa Marta*, In *L'Osservatore Romano*, Ed. Em português, n. 37 de 15 de setembro de 2016.

[30] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 161b.

É nisto que a união da comunidade de consagrados é reforçada, tendo em consideração a natureza da unidade Trinitária, como já foi longamente evidenciado nas páginas anteriores deste trabalho, pois que nunca é demais perceber que a sacralidade do homem é um primeiro dado para compreender toda uma natureza da comunidade que o acolhe[31].

Ao falarmos da unidade trinitária, compreedemos também a sua riqueza pela natureza de cada um dos seus membros e o 'trabalho' de todos Eles; é nisto que também associamos por assim dizer toda uma 'riqueza cultural' da própria unidade trinitária.

Uma comunidade de consagrados é sempre uma riqueza de valores de toda natureza, sobretudo aqueles culturais, com mais evidência ainda para aquelas comunidades com um maior número de membros e quanta variedade de origens culturais haver numa determinada comunidade, maior seria a razão de os seus membros estarem suficientemente enriquecidos.

Numa primeira análise sobre este aspecto, levam uma nota positiva aquelas comunidades com uma certa dinâmica cultural quanto ao convívio dos seus membros, a começar dos elementos externos de cada cultura, tais como alimentação, vestuário, língua, etc; assim como os outros elementos tipicamente internos de uma cultura como certos hábitos e costumes, expreções emocionais, etc. Comunidades que nos seus horários contemplam um ou mais dias de semana no mês, para algo mais intenso culturalmente, porque a vida são uma autêntica partilha da riqueza cultural; com um constante diálogo, condivisão ou troca de experiências de vida em todos os níveis.

O tipo de comunidade ora citado, vive na íntegra a passagem bílblica expressa pelo Mestre ao afirmar: "Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto" (Jo 12, 24). Ou seja, no convívio comunitário é chamado a 'morrer' todo aquele/a que quer enriquecer-se mais das outras realidades culturais; porque da nossa, já conhecemos o suficiente, temos é que dar espaço á uma novidade se queremos crescer.

Pelo contrário, aqueles membros fechados nas suas culturas[32], pensando que sejam as únicas e importantes, sem dar espaço às outras

---

[31] Cfr. J. PEREIRA DAS NEVES, *Creio na fraternidade porque creio em Deus*, Ed. Franciscana, Braga 1997, p. 41.
[32] Cfr. CIVCSVA, *Per vino nuovo otri nuovi*, nn. 38-40.

culturas ou até desprezando-as do seu convívio, são como a semente que ‘não morre’, e como consequência, não pode dar fruto; assim como estes, não se enriquecem culturalmente. Estarão sujeitos a morrer no seu cantinho esolados do mundo comunitário. E caso seja toda uma comunidade, Instituto ou Ordem, corre o risco cedo ou tarde á uma instinção do planeta porque aos poucos vai sendo uma ‘expécie rára’com o seu fechamento cultural.

Enfim, é necessário levar em consideração outros aspectos da realidade, a cultura de cada pessoa, os valores que estão na base da mesma convivência cultural na comunidade, a fim de fortalecer coletivamente neste relacionamento, com o objetivo de restabelecer a confiança em si e nos outros, respeito e necessidade de fidelidade aos valores comunitários, e numa compreensão recíproca. Caso contrário, se um não tem essa disposição de acolher a cultura do outro, terá seguramente uma pálida consistência pessoal em relação aos valores da vida comum, que podem ser facilmente ativados processos mentais que interpretam a motivação dos outros e acentuam uma representação negativa do outro.

1.3 - A maturidade relacional em comunhão fraterna

Uma boa relação exige um certo nível de maturidade, sem querermos dizer, para evitar conflitos, e até porque não seria mal se fossem evitados, mas como eles são coexistentes a um ambiente social, com uma boa maturidade, podem ser geridos de forma a não deixarem duras sequelas numa relação fraterna ou na vida de cada um deles que nelas se tenha envolvido.

Uma boa parte de homens ou mulheres consagrada está presa em seu sofrimento, de modo que não consegue sair de si mesmo para uma relação intensa com os irmãos na comunidade. De fato, todos nós experimentamos, pelo menos algumas vezes na vida, uma sensação de isolamento, um vazio interior muito doloroso que se torna uma prisão insuportável, quando nos fechamos em nós mesmos por um certo motivo. Todos nos sentimos, de tempos em tempos, separados dos outros, separados da comunidade em que vivemos, mantendo-nos sozinhos e solitários. Por sua própria natureza, essa solidão, concentra toda a nossa atenção em nós mesmos.Tentamos preencher esse vazio, satisfazer essa fome e sonhamos em encontrar alguém de fora que nos dê mais atenção, és o nó da situação.

Por um lado quando a relação fraterna não é natural, é verdades que nos esforçamos para nos tornar úteis aos outros, em uma tentativa evidente de solicitar a sua atenção. Vamos em direção a eles, estendendo as mãos, sim, mas como se fossem realidades raras; acontece que uma mão contém nossa oferta por eles a outra aguarda sua oferta por nós. Até nos iludimos de que isso significa uma sã relação. Sabemos que nossa solidão só pode ser preenchida pela aproximação dos outros na comunidade.

Percebamos um particular, para um certo enquadramento da situação; quando fala da idade psiquica da pessoa (no nosso caso do consagrado), Diana Massimo, na sua obra '*Ciclo di vita e esperienza religiosa'* já na segunda metade da vida, diz que a experiência religiosa será caracterizada por traços de religiosidade adolescente, se não mesmo infantil. Ou não será caracterizada, uma vez que é precisamente um dos traços típicos do pensamento abstrato, adquiridos na adolescência, é introduzir dúvidas sobre a religião, elementos do Instituto e comunitários até ao ponto mesmo de atingir a uma negação substancial[33].

Por seu turno, apoiando-se á difinição de L. Rulla, F. Imoda e J. Ridick, na obra *Antropologia II; Conferme esistenziali*, Manenti diz que a maturidade relacional é a capacidade de viver uma relação com os outros, num estilo que seja prevalentemente de totalidade e de transcendência teocentrica, seja da parte de quem se doa como da parte de quem recebe este dom[34].

Estes dois pontos de vista, seja o psicológico (Diana), como o teológico (Manenti), ajudam-nos a ter uma idea de como enquadrar cada membro comunitário, e possibilitar a dinâmica do relacionamento com toda realidade, condizendo com um outro conjunto de situações que fazem parte de uma relação, sempre com o objectivo de um melhoramento.

E certamente na base do melhoramento que Anselm Grűn, aponta as seguintes sete regras que podem ajudar para uma solução pacífica dos conflitos numa determinada comunidade:

- é preciso descrever com precisão a origem do conflito;
- acompanhar como as partes envolvidas apresentam as suas posições;

---

[33] Cfr. M. DIANA, *Ciclo di vita e esperienza religiosa. Aspetti psicologici e psicodinamici*, Ed. Dehoniane, Bologna 2004, p. 209.
[34] Cfr. A. MANENTI, *Vivere insieme. Aspetti psicologici*, Op. Cit, p. 90.

- procurar expor com muita clareza a tua posição, sendo objectivo na forma como encaras a situação;
- procurar não fazer muitas referências ao passado. Procurar, portanto, uma solução para o futuro;
- reconhecer todas as posições sem julgá-las;
- quando tiver que elaborar uma solução comum, convêm metê-la por escrito;
- caso tenha sido difícil o processo para se chegar á uma solução, convêm festejar o resultado alcansado[35].

A comunidade de consagrados é o espaço onde, cada membro, sentindo-se amado, chamado por Deus e respondendo ao chamamento, faz a experiência de fraternidade, juntamente com outros irmãos. «O amor de Cristo reuniu-nos»[36] para acolhermos e sermos sinais do dom do amor de Deus. A comunidade é, por isso, «um dom do Espírito Santo»[37], não dependendo do esforço humano, é um dom que vem do alto. Por isso, aqueles e aquelas que humanamente falando um dia encontraram-se, por acaso, na fraternidade acolhida e vivida como um dom, são também um dom uns para os outros, um dom que se difunde onde se vive com autenticidade[38]. A participação e partilha da vida que favorece o conhecimento mútuo, ajuda a cultivar e a crescer nesta dimensão fraterna que vê no irmão ou na irmã um dom que o Senhor nos faz. «Não há mais grego nem judeu, nem bárbaro nem cita, nem escravo nem livre, mas Cristo, que é tudo em todos» (Cl 3, 11).

Na mesma senda, o documento VFC, nas suas linhas faz-nos perceber o seguinte:

> «O caminho para a maturidade humana, premissa para uma vida de irradiação evangélica, é um processo que não conhece limites, porque comporta um contínuo «enriquecimento», não somente dos valores espirituais, mas também dos de ordem psicológica, cultural e social. As grandes mudanças acontecidas na cultura e nos costumes, orientadas

---

[35] Cfr. A. GRŰN, *Superare i conflitti. Come risolvere situazioni difficili*, Ed. Queriniana, Brescia (Italia) 2015[2], pp. 138 -141.
[36] VFC, n. 1.
[37] Ibidem, n. 8.
[38] Cfr. T. LONGHITANO, *Il dono che redime. Il legame tra l'Antropologia filosofica e la Teologia mistica,* Ed. ARACNE, Roma 2006, p. 55.

> mais para as realidades materiais do que para os valores espirituais, exigem especial atenção a algumas áreas nas quais as pessoas hoje parecem particularmente vulneráveis»[39].

Por sua parte, Alessandro Manenti apresenta alguns elementos ou tendências que podem intervir na sociabilidade dos membros de uma comunidade, estes são:

- afilhação, como capacidade de estar com os outros de modo colabrativo, mantendo-se fiél aos ligames comunitários;
- sucesso, que é a capacidade de realizar algo significativo com o fim de melhorar cada vez mais uma relação;
- relação, coragem de reagir diante das dificuldades de comunicação, prontidão em perdoar sem guardar ressentimentos;
- dominação, capacidade de orientar os acontecimentos e as relações, exprimir as próprias opiniões, expôr os defeitos da relação influênciando os outros para o bem de todos.
- ajudar os outros, capacidade de dar conforto e afecto, sensibilidade as exigências dos outros.
- ordem, capacidade de colher o sentido de uma relação, passando aos outros a importância dos próprios actos;
- conhecimento, curiosidade para o diálogo, troca de opiniões e ideias, desejo de conhecer o mundo dos outros[40].

Estes elementos na visão do autor, facilitam uma certa relação como um conjunto de qualidades consideradas pela sociedade, abrindo horizontes para um salutar convívio[41].

Por fim, diriámos que um percurso pessoal feito na integração dos valores sejam eles humanos, vividos na sociedade, partilhados na família, devidamente aprovado pela moral regida pela doutrina da Igreja, será possível colaborar para um clima maduro de relação de cada um em particular e de todos em geral numa comunidade de consagrados de cuja missão, é a construção de uma comunidade que viva intensamente em comunhão, revelando sinais visíveis de uma fraternidade de vida aberta aos

---

[39] VFC, n. 35.
[40] Cfr. A. MANENTI, *Vivere insieme. Aspetti psicologici*, Op. Cit, p. 87.
[41] Ibidem.

irmãos e consequentemente autêntica numa realidade na qual cada um foi chamado a consagrar-se.

2 - Chamados a sair do 'refúgio pessoal' à uma vida consagrada autêntica

Até um certo ponto, segundo a constatação de São Paulo, para os que levam uma vida 'maniaca', fora daquilo que a verdadeira consagração da sua vida, aquilo que um dia afirmaram diante de Deus e da Igreja, aqueles que na comunidade incentivam o orgulho que dá origem à inveja, as suspeitas, os próprios conflitos entre membros de uma mesma comunidade de homens ou mulheres 'com mentes corruptas' e privadas da verdade, que consideram a religião, o Instituto, ou Ordem religiosa como uma fonte de lucros (cfr. 1Tm 6, 2c-12); são chamados á uma autenticidade de vida digna daquilo que um dia professaram.

Quando falamos de 'refúgio pessoal', queremos aqui nos referir de pessoas consagradas totalmente fechadas em si mesmas e que levam uma vida tipicamente esquisita numa comunidade e que nem os superiores/as, nem os outros membros sabem o que eles/as são ou fazem; isto nos perece lendário, mas é uma verdade constatada em certas comunidades de consagrados, membros há que sem se saber claramente a situação deles; e se se soubesse algo deles, chegar-se-ia a uma conversa clara e aberta com quem é de direito, seja localmente, zonal (provincial) ou na última circunstância ao próprio geral, estes membros desenvolvem uma vida formativa, profissional e até mesmo pastoral sem o prévio conhecimento da comunidade local e não só. Ou seja, levam uma vida singular, solitária e até certo ponto 'enigmática'.

Uma vida aparentemente cheia de bloqueios, impossibilitando toda uma explicação de qualquer parte que seja; membros com este tipo de comportamento, querem sempre tomar a posição de vítimas, alegando não terem sido entendidos, quando no fundo de toda uma história, formataram-se negativamente e pensam estar a fazer tudo certo, que os outros estejam todos errados. E é concretamente nesta 'escapatória' ou obscuridade de vida que infelizmente muita coisa tem estado a acontecer na vida daquele tipo de homem ou mulher consagrados, porque isto resulta como se diz num ditado popular, 'vendo o fumo, sabe-se logo que algo está a queimar'.

Pois bem, a vida consagrada a que todos somos chamados, exige de cada um de nós uma autênticidade e claridade para que dê os frutos que esperamos numa determinada comunidade em geral e na vida de cada um em particular. É importante na comunidade expressar a beleza de uma vida totalmente consagrada ao Senhor. A beleza é uma chave interpretativa da vida consagrada.

Portanto, toda pessoa consagrada é chamada a refletir a beleza de Deus, apesar da sua fragilidade, é por natureza predisposta a construir um relacionamento e a capacidade de readaptar sua maneira de se relacionar com os outros na comunidade. É claro que, se é verdade que neste âmbito de conscientização não faltam dificuldades, também devemos ter em mente que estar com os outros aumenta continuamente a capacidade de conviver, participando da construção de uma plataforma relacional autêntica, mesmo em situações ou problemas da comunidade[42].

Certas situações que também são desconfortáveis no relacionamento com o outro não impedem o processo de crescimento, mas são um impulso que nos liga a um autoconhecimento mais preciso. Aqueles que seguiram o caminho de um conhecimento mais profundo de si mesmos certamente também melhoram a qualidade do relacionamento com o outro (da alteridade intrapsíquica à alteridade interpessoal), ou seja, estão mais dispostos a ouvir, percebem melhor a diferença, são menos superficiais e banais, provavelmente mais sensíveis e atentos à beleza, mais capazes de contemplar a verdade, na certeza em cumprir seu dever no caminho de crescimento pessoal e comunitário[43].

Não se trata de fazer algo muito especial, mas sim de viver os vários momentos e as diferentes situações da vida quotidiana num ambiente comunitário; porque beleza é ordem e harmonia, nobreza e delicadeza de alma nos relacionamentos, bom gosto e criatividade tanto na oração quanto na acção, capacidade de se encantar e de se comover, liberdade para fazer as coisas por amor e compaixão, acolhimento do olhar do pai que vê o que está escondido, partilha desse olhar e descoberta do lado oculto das coisas e das pessoas em quem mora uma beleza pura e incontaminada, totalmente humana e capaz de evocar aquela beleza divina que a gerou.

---

[42] Cfr. G. CREA, *I conflitti interpersonali nelle comunità e nei gruppi,* Ed. Dehoniane, Bologna 2001, p. 15.
[43] Cfr. A. CENCINI, *L'albero della vita*, Op. Cit, p. 255.

Portanto, devemos tomar uma decisão radical seja ela pessoal ou comunitária sobre como passar a uma vida consagrada na sua autenticidade. Se decidirmos gastá-la em nossa vida, em busca de uma felicidade plena, estamos condenados ao fracasso e ao desespero total, acabando assim numa frustração. Ao passo que se decidirmos gastá-la em busca da felicidade dos outros, o amor ao que um dia escolhemos verdadeiramente, também implicará nossa felicidade e plenitude. Contudo, nunca podemos conceber a vida feliz na comunidade como uma ferramenta para nossa auto-realização. Se o fizermos, ainda estamos no círculo vicioso perverso que, partindo de nossas necessidades, passa pelos outros, como 'instrumentos' para a nossa realização; nunca podemos usar os outros como meio. Eles devem ser o fim do nosso sentido de realização. Portanto, alcançaremos a maturidade apenas na medida em que os amamos, projetando-nos para eles como nossos irmãos.

Assim sendo, é urgente sair da vida oculta ou do esconderígio para uma vida de autênticidade se queremos ser verdadeiros consagrados no mundo hoje. E desse modo daremos um verdadeiro testemunho sem comprometer o projecto da Igreja, do Instituto e da comuinidade, favorecendo o bom exemplo que hoje a sociedade precisa.

2.1 - O consagrado como um 'exemplo tipo' da sua sociedade

«Na verdade, não são poucas as vezes que que somos levados pelo desejo de prejudicar os outros, quando dizemos mal deles. A interpretação dos sentimentos dos outros é fruto de introspecção, como mecanismo que atribui aos outros os nossos próprios sentimentos»[44].

E com isso, ainda segundo António Poliseno, os defeitos que vemos nos outros não somente deles; mas em boa parte, também pertencem a nossa crítica[45]; é assim que com o olho clínico, podemos reconhecer na comunidade membros de todo tipo; ou seja, o adulador[46], o ambicioso, o avarento, o mentiroso, o conformista, o contestatário, o diplomata, (o don

---

[44] A. POLISENO, *Os defeitos dos outros*, Ed. São Paulo, Lisboa 1995, p. 6.
[45] Ibidem.
[46] Vem do verbo '*Adular*', que significa louvar em excesso, gabar com espírito interesseiro, bajular. Cfr. In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Porto Editora, Porto 2010, p. 48.

Juan), o egoísta, o exibicionista, o evasor fiscal, o inconstante, o indolente[47], o sonhador, o infeliz, o ingénuo, o ingrato, o intemperante[48], o invejoso, o hipócrita, o irascível[49], o ciumento, o quezilento[50], até mesmo o menino da mamã, o orgulhoso, o melindroso, o bisbilhoteiro, o presunçoso, o esbanjador, o chato, o apostador, o insociável, o desconfiado, o teimoso, o vaidoso, enfim o vil-velhaco[51].

Numa primeira visão, com tudo isto apresentado, se não estivermos atentos, podemos concluir declarando e com justa razão que afinal de contas, ou temos somente as comunidades como um grupo de homens ou mulheres com uma série de patologias e muitas delas incuráveis, ou comunidades catastróficas, uma espécie de ensaio do inferno, se não mesmo já uma 'sala de visita ao reino do inferno'.

Mas uma outra visão, e pensamos que esta seja a fundamental, é que animados pela graça de Deus, fruto da consagração de cada membro, acredita-se na conversão continua de cada um; e isto faz parte do pacote de diferenças de uma comunidade de consagrados não só pelo nome 'comunidade de consagrados', mas que o membro desta comunidade é chamado á um frequente exame de consciência em busca de uma continua conversão, como já se disse, diferente de tantas outras comunidades numa determinada sociedade que por sinal muitas destas têm objectivos ou fins a confundirem com certos 'carismas' (na sua interpretação humano-socio-cultural) de comunidades como Institutos de consagrados.

Na mesma linha de pensamento, há um tempo atrás, estivemos em diálogo com uma certa senhora anciã numa das Igrejas (Santuário), por onde temos passado em trabalhos pastorais; ela questionava com um ar frio se nos nossos dias ainda existiam comunidades com consagrados/as santos/as; alguém do nosso lado retorquiu a ela sobre o que lhe parecia. Proceguindo, o seu raciocínio disse que vê nos dias de hoje certas comunidades de

---

[47] *Ocioso, preguiçoso, negligente, insensível à dor, letárgico*. Cfr. In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 898.
[48] "Imoderado, excessivo". In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 48.
[49] "Que se irrita facilmente, sujeito a irar-se", In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 927.
[50] Vem da palavra '*quizila*', que significa aborrecimento, briga, desavença. Cfr. In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 1329.
[51] Cfr. A. POLISENO, *Os defeitos dos outros*, Op. Cit, pp.173, 174.

consagrados com vários membros jovens, e que muitos deles ainda sem experiência de vida, isto porque não fazem as coisas como os consagrados do seu tempo faziam, e muitos destes jovens, acrescentou ela, são vulneráveis ao vento do tempo e é por isso que os jovens do tempo presente, não merecem a confiança da geração dela, concluiu a anciã.

Ora bem, partindo do argumento das primeiras linhas desta página, quando nos referimos de certas 'patologias' nas comunidades, não nos referimos que aqueles elementos fossem exclusivamente afectas a uma e única geração numa determinada comunidade mista, ou num outro caso, onde há comunidades 'unigeracionais' num grau atenuado ou até pior.

O que aqui destacamos, é que o problema é do homem ou mulher consagrados, não que a anos recuados da história da vida consagrada nunca tinha havido certos problemas que hoje se levantam nas comunidades, envolvendo o convívio de gerações.

Olhando para o catálogo dos santos, mediante os períodos de cada um deles, sentimos um perfume de santidade em em todas as gerações independentemente das etapas. Assim sendo, sem medo de afirmar, se das comunidades de ontem e com os problemas que também foram tendo, Deus na sua bondade e providência, soube suscitar homens e mulheres coragiosos que lutaram contra a corrente e fê-los puros; não exitará em fazê-lo em tempo actual áqueles que o seguem e servem de coração puro, não obstante as vicicitudes do tempo[52].

2.2 - Um testemunho de vida fraterna chamado a converter o mundo

A vida fraterna conduz ao coração do mistério cristão, é o lugar onde se manifesta o amor de Deus e o testemunho da vida de Cristo. Por isso, numa comunidade, cada membro deve sentir-se corresponsável da fidelidade do outro; cada membro deve dar o seu contributo para um clima sereno de partilha de vida, de compreensão, de ajuda mútua na comunidade; cada membro deve estar atento aos momentos de cansaço, de isolamento, de desmotivação do outro; cada um deve oferecer o seu apoio a quem está aflito, em dificuldades e provações do momento. Assim, a comunidade de consagrados, que sustenta a perseverança dos seus componentes, adquire

[52] Cfr. FRANCESCO, *Gaudete et exsultate. Esortazione apostolica sulla chiamata alla santità nel mondo contemporaneo*, Ed. Shalom, Ancona 2018, nn. 140-145.

também a força do amor como sinal da perene fidelidade de Deus. São comunidades como estas que a vida consagrada precisa, comunidades de vida e que fazem crescer intimamente o verdadeiro sentido de ser consagrado/a; comunidades que são lugares para se viver e perceber o apelo de Deus.

É nesta linha que Bento XVI, dizia que o amor ao próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, a todos os seus níveis: desde a comunidade local passando pela Igreja particular até a Igreja universal na sua globalidade. A Igreja enquanto comunidade deve praticar o amor[53]. Nós também, pertencemos a essa Igreja local. Queremos dar o nosso testemunho do amor através da vida comunitária.

A vida fraterna em comunhão, é uma expressão de união, provocada pelo amor de Deus, para ser um testemunho essencial para a evangelização. É uma chamada à vida, inspirados pelo amor de Deus e ao carisma fundacional; é parte da comunhão orgânica da Igreja pelo espírito sempre enriquecido pela variedade de mistério e carisma. A comunidade fraterna é um presente de Deus na Igreja, oferece o fruto do Espírito Santo e da participação na comunhão trinitária. «A comunidade religiosa como dom, antes de ser um projecto humano, a vida fraterna em comum faz parte do projecto de Deus, que quer comunicar sua vida de comunhão»[54].

O amor na sua integridade, é com o reflexo no acolhimento, na alegria, no sentido de festa, até aos gestos mais significativos da aceitação, do perdão, da reconciliação e da partilha; a comunidade de consagrados torna-se este sinal vivo no anúncio do Evangelho de Jesus e da presença do seu Reino no meio dos homens. Na verdade, hoje podem não chamar atênção as pessoas que se aproximam de nós, os grandes discursos homiléticos ou os grandes investimentos. O que na nossa vida questiona as pessoas, é o sermos uma comunidade viva, onde se respiram autênticas relações de amor fraterno, onde se busca a qualidade de relações de amizade, de amor e de unidade; isto pode dar uma possibilidade de conversão e ao mesmo tempo levar o mundo à um caminho de renovamento profundo[55].

---

[53] Cfr. BENTO XVI, *Carta Encíclica, Deus Caritas est,* Ed. Paulinas, São Paulo 2005, n. 1.
[54] Cfr. VFC, n.7a.
[55] Cfr. VC, n. 25a.

Por sua vez, São João Paulo II, no documento *Pastor dabo vobis*, logo nas suas primeiras páginas, citando repetidas vezes a Carta aos Hebreus (5, 1; 4, 15), onde destingue o sacerdote como homem escolhido por Deus entre os homens e a favor dos mesmos diante de Deus, com o destaque a humanidade do 'ministro de Deus' a imitação da humanidade de Cristo, o 'homem' provado em tudo, tirando o pecado, no contexto actual, estes ministros, consagrados inceridos na Igreja e no mundo actual, numa perspectiva já do terceiro milénio, com a iluminação do Espírito Santo, para descobrirem as orientações da exigente sociedade contemporânea, são chamados a determinar as tarefas importantes e mais concretas, os métodos pastorais a adoptar, para assim responder de modo claro e evidente as expectativas das responsabilidades a que são chamados nas sociedades aonde estão inseridos e no mundo em geral[56].

Para viver na *sequela Christi* precisamos da força do Espírito (cfr. Rm 5, 5) o *ágape* divino, o seu modo de amar, que Ele não nega a ninguém. Dirigindo-se a seus discípulos presentes com Ele no Monte Tabor, o convite para retornar às estradas do mundo, para continuar a servir o Reino de Deus, depois de ter desfrutado do evento de sua Transfiguração (cfr. Mt 17.4), Jesus nos ensina que a sua vida morte e ressurreição é a nossa força para a missão no mundo, ou seja, "pregue a palavra de Deus, insista em todas as ocasiões oportunas e importantes, reprovações, impulsos, incentive o uso de toda paciência e capacidade de ensinar (cfr. 2Tm 4, 2)"[57].

Hoje se insiste muito sobre o testemunho que a Igreja em geral na pessoa de cada cristão, da vida consagrada como parte da mesma Igreja e do consagrado em particular como resposta activa ao mandato do Mestre quando diz:

> «Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens.
>
> Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas

[56] Cfr. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*, Ed. Paulistas, Lisboa 1992, n. 5.
[57] Cfr. VC, n.75.

obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu» (Mt 5, 13-16; Mc 4, 21. 9,50; Lc 8, 16. 11, 33).

O ser sal e luz no mundo hoje traduz-se numa autênticidade de vida, numa realidade que segundo os seus critérios, vai dando passos para a sua ruína porque carece de modelos comportamentais, assim sendo, caminha nas travas e está totalmente 'ensosso'[58], que de um momento a outro está perdendo o seu sabor.

Por isso, Tassy Francisco é de opinião que mesmo com as nossas dificuldades de relação na comunidade, este testemunho deve ser levado avante e reconhecido, pois, é tão necessário nestes tempos que correm. Basta ter presente a fragilidade da vida em comum nas famílias, entre vizinhos, nas aldeias e pior nas cidades; basta reparar a facilidade com que se rompem relações de amizade; basta ver a dificuldade que grupos étnicos, partidários têm em dialogar ou abrir-se a opiniões diferentes[59].

Tudo isto nos levaria a uma coerência na maneira de fazer, agir e viver, sem medo de mostrar a verdadeira alegria de ter respondido ao chamado do Senhor, testemunhando a caridade e o amor. É o encontro com Ele que, nos movendo por dentro, nos transforma e nos liberta para nos tornar verdadeiramente nós mesmos. Seu olhar, o toque do seu coração nos cura através de uma transformação que é certamente dolorosa. No entanto, é uma força, na qual o poder sagrado de seu amor nos penetra como uma chama, finalmente nos permite ser totalmente nós mesmos e, portanto, totalmente de Deus e capazes de converter o mundo[60].

2.3 - 'Nisto saberão que sois meus discipulos' (Jo 13, 35)

Uma comunidade religiosa deve ser una na sequência de uma comunidade de amor e comunhão fraterna. Sendo todos nós amigos no Senhor, quem nos ver, que possa dizer: "vede como se amam!" Porque é comunidade de fé e de oração, comunidade eucarística, é com certeza comunidade de discernimento. Porque abre-se ao mundo num abraço

---

[58] Do latim "*insulsu*", quer dizer: "não salgado", In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Porto Editora, Porto 2010, p. 611a.
[59] Cfr. T. FRANCISCO, *Sobre a Fraternidade Experiência de Deus Amor*, In *Contemplar Jesus o Servo*, Ed. Paulistas, Lisboa 2008, pp. 12-13.
[60] Cfr. BENEDETTO XVI, *Spe Salvi*, Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2007, n. 47.

ecuménico, para dar e receber. Veste-se da cor dos homens e da vida, fala a mesma linguagem e mostra realmente que concorre ao verdadeiro discipulado. Porque vai ao mundo em serviço, corpo para a missão; na doação aos outros a comunidade cresce e se realiza humana e divinamente. A grandeza da comunidade está em ser para os outros, como Cristo e a Igreja[61].

À vida consagrada está confiada outra grande tarefa, à luz dos ensinamentos sobre a Igreja-comunhão proposta com grande vigor, pedindo aos consagrados a serem verdadeiramente seus discípulos vivendo em comunhão e praticarem as boas acções na unidade. O sentido da comunhão eclesial, desabrocha em clima de comunhão, promovendo um modo de pensar, de falar e agir que faz crescer em profundidade e extensão da Igreja.

Em consonância com Alphonse Goettmann, que na sua reflexão considera a alegria do discípulo não uma saída para a trágica condição da existência humana, mas a comunhão com o todo, com toda a profundidade da história como um lugar onde vivemos a Páscoa de Cristo, uma transformação incessante da morte em vida[62]. A comunhão do homem com essa alegria será, portanto, inserida na mesma lógica de Cristo, que é uma vitória sobre todas as forças opostas. A alegria é uma conquista e, portanto, exige uma luta; sem a última a vida seria sem sabor. Mas em nenhum momento o homem pode se apoderar da alegria, ela sempre escapará ao seu alcance, pois permanecerá um mistério de eternidade inesgotável, transcendendo toda a experiência humana. Muitas vezes, só há alegria na pura fé na presença do Ressuscitado[63].

Às pessoas consagradas cabe uma função significativa, também no seio das Igrejas particulares. Este é um aspeto que, partindo da doutrina conciliar sobre a Igreja, enquanto a comunhão e mistério, e sobre as Igrejas particulares. Muito podem contribuir os carismas da vida consagrada para a edificação da caridade na Igreja particular.

As várias formas em que se vivem os conselhos evangélicos são expressão e fruto de dons espirituais recebidos por fundadores e fundadoras e como tais, constituem uma experiência do Espírito, transmitida aos

---

[61] Cfr. P. GUERRA, *Comunidade nova vida religiosa hoje*, Ed. A.O., Braga 1979, pp. 43-44.
[62] Cfr. A. GOETTMANN, *La gioia. Volto di Dio nell'uomo*, San Paolo, Torino 2003, pp. 37-38.
[63] Ibidem, pp. 37-38.

próprios discípulos a fim de ser por eles vivida, conservada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o corpo em perene crescimento. A índole própria de cada Instituto comporta um peculiar estilo de santificação e apostolado, que tende a consolidar-se numa determinada tradição, caracterizada por elementos objectos. Por isso, a Igreja tem cuidado de que os Institutos cresçam e se desenvolvam segundo o espírito dos fundadores e fundadoras, tendo em conta as suas sãs tradições[64].

Jesus, ao apresentar o discipulado para os nossos tempos, já tinha em mente o tipo de sociedade que os seus seguidores iriam ter como realidade de missão, por isso o paradigma seria Ele próprio ao afirmar: "por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos"*(*Jo 13, 35a*)*.

Mas antes do reconhecimento do discipulado do Mestre Excelso, há uma caracteristica típica desta nobre missão, que Ele destaca no versículo anterior; ou seja, "Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei"(Jo 13, 34). Como Ele mesmo o afirma é um novo mandamento como fórmula base do novo projecto de vida cristã que começa com o próprio Mestre.

No entanto a história não termina só nestes moldes; Jesus vai mais além de toda uma orientação ao seus seguidores quando para além de serem conhecidos como seus discipulos, nos discursos, na forma de vestir, no andar, nos carismas, e até mesmo nos milagres que Ele realiza, isto não basta; por isso acrescenta "se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 35b).

Sendo consagrados, temos um dever como o Mestre ensina, perder a nossa vida para poder salvá-la e entender que a única realização autêntica de nós mesmos é a doação altruísta (cfr. Mc 8, 35; Mt 16, 25; Lc 9, 23-24; Jo 12, 25). Mas, é difícil perder a nossa vida se ela estiver sempre em primeiro lugar em todos os nossos pensamentos. Melhor dito, o amor é o dom de si mesmo, que se torna um altar no qual o sacrifício é consumido. Só podemos amar verdadeiramente os outros colocando-os no centro da nossa mente, do nosso coração, da nossa vida.

Esta entrega é cara e exigente. Por causa das profundas tristezas que nos afligem a todos, que são as marcas da vida que fazem parte de nossa herança humana, e por causa do exemplo dado a nós por um mundo em que a rivalidade e a ganância dominam, é difícil fazer esse sacrifício de nós

[64] Cfr. VC, n. 48.

mesmos; implícito na doação. Por mais difícil que seja uma vida doada não é uma vida miserável, pois o grande sinal deixado pelo Mestre é o dom de irmandade vivido "nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 35)[65]. De fato, é a única vida verdadeiramente humana e feliz, pois é cheia de cuidados tão profundos quanto o coração do homem, vastos como o mundo inteiro e tão ilimitados quanto a eternidade.

Para o consagrado do nosso tempo identificar-se com aquele que um dia o amou, chamou e continua enviá-lo aonde Ele quer, se lhe são pedidas certos requisitos bastante simples mas significativos para um bom discipulado, assim sendo a obediência, a confiança, a gratidão, o amor e a fidelidade. Estes e tantos outros, são elementos imitados do próprio Mestre a quem o consagrado segue e serve; não bastam belas constituições, lindos hábitos como distintivos, belas cruzes no peito, ou ricas construções, para ser fiél seguidor de Jesus se o amor pregado nos altares não partir dos próprios conventos.

3 - Das exigências do mundo hoje à seriedade da consagração

Viver com seriedade a própria consagração actualmente, pode ser um peso insuportável, pode ser mesmo impossível, nesta sociedade que nos acolhe, onde a maioria pauta por escolher o individualismo.

Só que a nossa esperança em Cristo não é individualista, mas, é uma esperança comunitária e renovadora. Uma esperança vivida numa comunidade que dá vida e indica caminhos de conversão à própria sociedade, em vista ao futuro. Enquanto, estivermos neste mundo, teremos uma esperança passageira; Cristo é a nossa esperança final.

A virtude teologal da esperança é importante, na medida em que ajudaria a comunidade a olhar o futuro com confiança e serenidade. Ou na medida em que os membros conseguem ultrapassar as dificuldades na vida comunitária.

Ao falar de tantos elementos que sobresaltam o mundo hoje, nos vem de imediato o famoso individualismo, o ameaçador utilitarismo, a 'madrinha' provisoriedade, o sedento sucesso, o 'poderoso' poder, e a sega

[65] Cfr. VFC, n. 54a.

autoreferência [66]. No quotidiano, a pessoa considerada individualista costuma ser vista com maus olhos por se achar que ela só pensa em si mesma e que não se interessa pelos outros nem por aquilo que a rodeia.

No seu tema "Estilo profético de vida. De senhores da fé a servidores da alegria", Humberto Robson de Carvalho, mestre em educação, afirma energicamente que a sociedade actual oferece possibilidades de uma certa competição entre classes, instituições, grupos geracionais, formações políticas e mais, no que se refere aos desejos de consumo, vestes luxosas, carros de alto custo, casas de grande prestígio, total dependência da internet e das redes sociais enfim, um seguro apego aos bens materiais e outras aventuras da vida social do momento[67].

O autor acima citado vai mais além ao afirmar estar preocupado com um certo comportamento de gente anunciadora do Evangelho, diríamos nós consagrados e consagradas de quem se esperava uma resposta diferente daquela que é acção do mundo hoje, no que refere a irmãos/as que até hoje e neste momento morrem de fome, sede, nudez, vivem sem tecto, carecem de justiça social, enfim, têm os direito totalmente atropelados em benefício de poucos; e os chamados e capacitados por Deus (consagrados) a lutar contra todos estes maldosos ventos da sociedade hoje, com o seu estilo de vida, profecias e exemplo, com muita pena e vergonha a mistura, andam preocupados a exibir celulares e *tablet* de alta categoria, empenhando-se em *selfies*, carros de luxo mesmo sabendo que amanhã serão na mesma lixo[68].

Podemos mesmo afirmar e confirmar que a identidade pessoal e neste caso do consagrado, tem muito a ver com o nível da vida que prevalece em si. E que esta identidade, não é um dado adquirido mas é um processo, é algo dinâmico e só quem se situa nesta dinâmica é capaz de desenvolver os próprios dinamismos de vida; consegue relacionar-se melhor com os outros, caminhando para uma boa vivência da sua consagração e por conseguinte, para uma maior plenitude de vida cristã.

Reflectindo em profundidade sobre esta realidade hoje, sem muito medo de errar, diríamos que o maior risco é concretamente o inverso que se

---

[66] J.A. TRASFERETTI; M.I. DE CASTRO; R. ZACHARIAS (cur.), *Formação: desafios morais*, Ed. Paulus, São Paulo 2018, p. 7.
[67] Cfr. H. ROBSON DE CARVALHO, *Estilo profético de vida. De senhores da fé a servidores da alegria*, In AA.VV. (cur.), *Formação: desafios morais*, Op. Cit, p. 13.
[68] Ibidem, p. 13.

pensava desde o início da aventura dos nossos santos fundadores/as, pois ao invés de uma luta pela indiferença do mundo hodierno numa seriedade de vida consagrada, acontece que o próprio mundo usando as suas fortes armas, vai convencendo e até em largo espaço pervertendo o próprio consagrado aos seus vícios e debilidades.

O que é mais importante parece-nos para a actualidade da vida consagrada, não é tanto resolver os problemas que o futuro da vida consagrada nos apresenta. É verdade, que logicamente isso também nos preocupa, mas não é o mais importante e urgente. O que na verdade nos tem que preocupar, nestes últimos tempos, é do tipo de vida que neste futuro teremos, a manutenção da própria identidade. Certamente existem muitíssimos consagrados que lutam entre grandes dificuldades para conservar a sua identidade original. Há em contrapartida outros bloqueados por necessidades egocêntricas, e que vivem obcecados com a sua auto realização do que com os problemas que afligem a Igreja, e a própria vida consagrada no mundo hoje.

Neste sentido, o problema não é uma questão de ideias, mas de sensibilidade[69]. Acontece que termos ideias muito claras e até proclamá-las com toda a convicção. Mas paradoxalmente, aí está o mal. Porque agimos com a nossa clareza de ideias 'anestesiamos' a nossa sensibilidade. E o resultado sabemos de memória, são as situações que carecem de uma intervenção profética da nossa parte, mas na hora da verdade, nos fixamos nas fórmulas do mundo, sem nenhuma mudança de atitude e forma de vida. Quer dizer que não estamos dispostos por nada a complicar a nossa segurança e o bom nome de que desfrutamos. Sendo assim, parece-nos que se pode afirmar com segurança que, enquanto nós, consagrados, não resolvermos o problema que representa a nossa sensibilidade[70] ou a nossa insensibilidade perante o sofrimento da Igreja, pouco futuro terão os nossos Institutos ou Ordens.

---

[69] Cfr. A. CENCINI, *Abbiamo perso i sensi? Alla ricerca della sensibilità credente, Ed. San Paolo*, Cinisello Balsamo (MI) 2012, p. 98.
[70] Ibidem, p. 19.

3.1 - Dos conhecimentos sistemáticos à paixão por Cristo

'Em certa comunidade de consagrados viviam três membros, sendo um ancião e dois adultos; esta comunidade era localizada numa zona da cidade, cujos citadinos na sua maioria eram academicos e 'burguêses'[71]. A vida destes três consagrados era feita de oração, pastoral e trabalho, já podemos imaginar como eram distribuídas as actividades destes, ou seja, os mais novos ocupadíssimos com a pastoral acadêmica, conferências de toda natureza a nível das universidades da cidade, que nem tempo tinham para rezar juntos durante a semana, a não ser aos sábados e domingos, as suas homilías na paróquia eram autênticas aulas de alta teologia que tinham como 'adeptos' seminaristas e uma mão de doutos teólogos da zona.

Por sua vez o ancião, depois da sua oração matutina e do pequeno almoço, punha o seu pobre avental, fazia de tudo qual dona de casa! Da horta ao jardim, da higene de casa à preparação dos alimentos e para dar cunho à sua pastoral, para além da catequese na paróquia, acompanhava jovens e adultos na orientação espiritual e vocacional, mesmo na horta, no jardim ou na cozinha; suas homelias eram grandes momentos de meditação sobre a vida, independentemente da natureza de cada um.

Era procurado pela maioria dos citadinos qual concelheiro, orientador espiritual, confessor, amigo das famílias. Até os políticos o procuravam para um conselho no seu campo. E de formação, este não passou da sua saborosa teologia básica'[72].

Ora vejamos, ao falarmos dos conhecimentos sistemáticos dos membros de uma certa comunidade nem sempre se fala de pessoas apaixonadas por Cristo no seu impenho quotidiano, o que se quer é fazer com naturalidade e devoção aquilo que a comunidade nos propõe.

O exemplo ora dado, dá-nos a entender que numa comunidade gente com idade diversa e opurtunidades de formação diferentes, sem complexos, cada um deve criar e faverecer a criação de um ambiente harmonioso integrando em toda comunidade a paixão por Cristo e a

---

[71] Vem de '*burguês*': termo que se usava para designar um membro da classe média numa determinada sociedade. Cfr. In *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p.265b.

[72] Obs: certamente não nos parece muito científico no presente trabalho, apresentar esta narração, a estilo de exemplo, mas fizemo-lo, a fim de reforçar o nosso discurso no que se refere a teoria e a vida prática na comunidade como doação a Cristo, por Cristo e como Cristo.

dedicação aos irmão, independentemente aquilo que cada um faz. Pois que, se não se estiver atentos, mesmo na comunidade de consagrados cai-se na paixão aos conhecimentos sitemáticos, perdendo o essêncial da vida comunitária, que é a paixão por Cristo, pela Igreja e pelos irmãos[73].

Com certeza, o activismo dificulta o ritmo necessário para uma vida interior profunda e motivada. Porque pode levar-nos na falta de conexão entre a vida laboral e a vida interior, entre a acção e a oração. Hoje, parece que nos diluímos muito no fazer[74]. É toda gente que quer fazer, sendo mais activos que contemplativos, a ponto de não termos até o tempo para nós mesmos. O tempo de lazer, de jogo, de diálogo em comunidade, tornou-se o tempo útil de trabalho. É proibido ficar parado, é proibido descansar, é proibido termos tempo para os irmãos. A nossa vida consagrada vai perdendo sabor, porque já não temos tempo para retemperar as forças. Há uma mentalidade salvadora de tudo e de todos, infelizmente. É uma situação que nos esvazia e que nos leva ao relativismo comum. Daí hoje temos razões para imaginarmos que vale aquele que faz, que produz, do que aquele que é e que se faz presente. "Não se pode fazer tudo ao mesmo tempo. Acreditar que se é capaz de viver imerso no mundo a ponto de estar presente junto dos homens, não deixando de estar totalmente presente nas coisas de Deus, isto encerra mais do que uma ilusão"[75]. Não podemos perder de vista que um dos aspectos do clima das pessoas hoje, é a dispersão. Esta chega a ponto de provocar um verdadeiro desequilíbrio na vida comunitária; tudo porque a sociedade tornou-se frenética e nela o consagrado. Actualmente é proibido parar e pensar na própria realidade.

Neste contexto, precisamos de imprimir uma dinâmica nova nas nossas vidas. Não precisamos de acertar o passo com o mundo, porque não estamos atrasados, embora tenhamos essa sensação, olhando para o que é a nossa linguagem. Porque como já temos dito, o consagrado/a não vale pelo que faz, mas sim pelo que é. Porque sem isto seguramente perderemos de vista a nossa razão de ser.

---

[73] Cfr. A. PINA RIBEIRO, *Apresentação*, In AA.VV., *Paixão por Cristo e paixão pelo mundo. XX Semana de estudos sobre a vida consagrada*, Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2004, p. 5

[74] Cfr. V. RENÉ, *Deixem as redes e venham*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1977, p.105.

[75] Ibidem.

Outrossim importante na vida comunitária e isto se dever ter claro, segundo nós, é que se deve equilibrar o sentido de vivência e convivência sobre tudo quando se trata de uma vida comunitária 'mista', ou seja, onde a acção proficional não venha superar a contemplação; nem excecivamente o contrário, pois, tanto acção como a contemplação devem direcçionar-se a uma seridade de vida que tenha Cristo 'como filho do carpinteiro (Carpinteiro), frequentador do jardim das oliveiras (lugar de contacto com o Pai) e um Cristo Mestre que a todos ensina como por exemplo no sermão da montanha (Mt 5, 1-11).

3.2 - Da evolução tecnológica à missão do consagrado na Igreja e no mundo

A evolução tecnológica veio até certo ponto dar uma força á expansão do Evangelho, apesar de também serem muitos os problemas que que têm sido enfrentados em troca dos benefícios (vantagens) que as tecnologias trouxeram. A competição desenfreada do próprio mercado tecnológico, lança uma grande perspectiva dos seus activos utentes, ou seja, todo o mundo quer estar sempre actualizado tecnológicamente; e o consagrado do nosso tempo, independentemente da geração a este venha pertencer não escapa deste cálculo tecnológico.

Basta uma simples constatação para estar ocorrente à situação, o actual uso de material sofisticado no âmbito das construções e apetrechamento das casas religiosas, escolas e outros emprendimentos a estes pertencentes, as trocas constantes de aparelhos e máquinas de acordo às exigências do tempo. Muito, incluido o 'pobre' consagrado são alienados a acompanhar o vento tecnológico desde madrugada. Cabe a este estar muito atento afim de não perder-se, sendo engolido por este gigante; por isso é chamado a fazer um uso mais ajuízado da mesma tecnologia.

E porque a tecnologia vem fazendo parte do vento cultural dos nossos tempos, sobre tudo neste último século em que tudo viu-se afectado pela tecnologia e com ela a própria vida humana, o ITVC, num dos cursos acadêmicos apresenta-nos uma rica reflexão sobre o tema em referência quando diz:

> «Se pensarmos em cultura, este século contemplou: primeiro a explosão dos *mass media* que fez do mundo uma "aldeia global", onde tudo acontece imediatamente, ou ocorre

> diante dos olhos em poucos minutos; depois, a chegada de computadores ou telefones celulares, que então mudou decisivamente não apenas a maneira de viver, trabalhar e se comunicar entre as pessoas, mas também o próprio horizonte mental»[76].

Indo ao específico, não deixaríamos de tocar no grande 'cancro'[77] da tecnologia de informação que hoje tem feito correr muita tinta na imprensa da sociedade em geral, na própria Igreja e nos Institutos de vida consagrada. É neste entretanto que surge com grande força o famoso '*Inter Mirifica'*, documento com a potente voz de Paulo VI, com a afirmação:

> «Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social»[78].

Dentro desta realidade e como já foi referido nas linhas anteriores, sendo este um câncro com uma certa 'bipolaridade', a Igreja deve estar muito atenta em todos o evoluir dos factos e em linhas de recomendação a mesma na voz do seu Magistério afirma:

> «A mãe Igreja sabe que estes meios, rectamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao género humano, enquanto contribuem eficazmente para recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus; sabe também que os homens podem utilizar tais meios contra o desígnio do Criador e convertê-los em meios da sua própria ruína; mais ainda, sente uma maternal angústia pelos danos que, com o seu mau uso, se

---

[76] Cfr. C. GARCÍA ANDRADE, *Teologia della comunità religiosa,* Claretianum dispense dell'anno accademico *2016*, p. 4.

[77] Chamamos *'cancro'*, podendo este ser benigno ou maligno, tendo vantagens e desvantagens na sociedade hoje.

[78] PAULO VI, *Decreto Inter Mirifica sobre os Meios de Comunicação Social*, Ed. Vaticana, Città del Vaticano (Dezembro de) 1966, n. 1.

têm infligido, com demasiada frequência, à sociedade humana»[79].

Com esta grande explosão tecnológica diríamos nós que estamos expostos diante de uma realidade bivalente, de vida ou morte. De vida, porque na medida em que soubermos tirar proveito de toda esta dispesa tecnológia, daremos uma resposta positiva à nossa realidade socio-cultural e religiosa num mundo globalizado.

Por outro, será um autêntica realidade de morte, quando colados ou sepultados nas tecnologias totalmente dependentes deste gigante retumbante e ensurdecedor, no que toca a voz do irmão ao lado, cego ao gesto do outro e indiferente na relação com o próximo. E viciados em tudo isso, cai-se num mal moral da sociedade hoje, o documento acima citado adverte:

> «A descrição e representação do mal moral podem, sem dúvida, com o auxílio dos meios de comunicação social, servir para conhecer e descobrir melhor o homem e para fazer que melhor resplandeçam e se exaltem a verdade e o bem, obtendo, além disso, oportunos efeitos dramáticos; todavia, para que não produzam maior dano que utilidade às almas, hão-de acomodar-se plenamente às leis morais, sobretudo se se trata de coisas que merecem o máximo respeito ou que incitam mais facilmente o homem, marcado pela culpa original, a desejos depravados»[80].

Com a explorasão dos '*media*', não temos receio de errar que a sociedade que acolhe o consagrado no mundo hodierno, está cheia de desafios principalmente para o mesmo consagrado, o desencadear dos truques nos meios de comunicação a fectas a altas tencnologias.

Assim nos desperta o documento do Pontifício conselho para as comunicações sociais:

> «A amplitude e diversidade dos mass media acessíveis às pessoas nos países ricos já são surpreendentes: livros e periódicos, televisão e rádio, filmes e vídeos, gravações auditivas, comunicação electrónica transmitida por ondas etéreas, via cabo, via satélite e via Internet. Os conteúdos desta vasta efusão vão das notícias cruas ao mero divertimento, da oração à pornografia, da contemplação à violência. Dependendo do uso que fazem dos mass media, as pessoas podem sentir

---

[79] PAULO VI, *Decreto Inter Mirifica sobre os Meios de Comunicação Social*, Op. Cit, n. 2.
[80] Ibidem, n. 7.

> simpatia ou compaixão, ou isolar-se num mundo narcisista, que tem a si mesmo como ponto de referência, feito de estímulos cujos efeitos são semelhantes aos dos narcóticos. Nem sequer aquele que evita os mass media pode eximir-se dos contactos com os outros que são profundamente influenciados por eles»[81].

O documento acima citado fala logo na primera linha dos países ricos do mundo, como algo generico e na altura em que este foi elaborado, já a caminho do décimo ano, a situação das tecnologias de informação deu passos gigantes, ou seja, hoje até os países tidos pobres, estão naturalmente enrolados nesta onda de dependência efusiva dos meios de comunicação com a sua devida violência. É na verdade um 'narcótico'que tomou conta da mente social.

Na nossa análise nasce o argumento de que o silêncio conventual do consagrado esteja a ser envadido pela violência narcotica destes meios de comunicação, por que nota-se uma total exposição de pessoas consagradas como o afirma Giacomo Ruggeri no seu artigo, '*lo smatphone nella tonaca'*[82], que se traduz em '*smatphone* na túnica'. Algo vultuosamente espantoso com esta terrível substituição inclusive dos missais Romano, dominical e ferial, o breviário ou livro de salmos em *smatphone*; e quando os antigos consagrados levavam em viagem o seu rosário para as 'ave Maria', hoje o lugar do rosário foi ocupado pelo 'magnífico' *smatphone.*

A nossa questão de fundo continua, como medita hoje o consagrado se está cercado de quatro celulares, todos no activo, dois computadores, um *tablet* de alta categoria? Como preenche os momentos do silêncio nocturno que serveria para recuperar as forças perdidas durante os trabalhos do dia? Como se não bastasse, e como frequentemente acontece nas famílias comuns onde o diálogo familiar ficou compromentido e mesmo estando em casa cada um se ocupa como as suas muitas amizades virtuais a longuíssimas distâncias, com a família de casa mesmo estando todos na sala, comunicam-se por mensagens. Os grupos do *facebook*, do *watsapp* e mais,

---

[81] PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, Ética nas comunicações sociais, Vaticano, 4 de Junho de 2000, n. 2, §3, In http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html(29. 10. 2019).

[82] Cfr. G. RUGGERI, *Lo smatphone nella tonaca: mutazioni. Internet e social network mutano l'identità dela persona consacrata e la comunità*, in *Vita conscrata*, 55, 2019/1, 51-59, Àncora, Roma 2019, p. 51.

entraram sem pedir licença nas casas religiosas e tomaram consigo os seus membros que muitas das vezes só colaboram para a falta de pobreza de comunicação normal, o enfraquecimento da fraternidade, aprofundamento de relações extra-comunitárias, problemas periféricos[83], troca de mensagens imorais e contra a própria integridade de vida a que cada um/a é chamado/a a viver.

3.2.1 - Os meios de comunicação e o seu particular contributo para o progresso social

O nosso CDC é muito claro quando se refere ao grande cuidado que os consagrados devem ter com os meios de comunicação no que tem a ver principalmente com o voto de 'castidade': "No uso dos meios de comunicação social observe-se a necessária discrição e evite-se o que é nocivo à própria vocação e perigoso para a castidade de uma pessoa consagrada"[84].

Na mesma onda de ideias no que concerne a maturidade de cada consagrado as constituições dos irmãos menores capuchinhos advertem o seguinte:

> «Os meios de comunicação social contribuem para o desenvolvimento da pessoa e a extensão do Reino de Deus. Porém, a sua escolha e o seu uso exigem maturidade de discernimento e moderação, evitando tudo aquilo que contraste com a fé, com a moral e com a vida de consagração»[85].

Quanto as normas do uso dos meios de comunicação, o Decreto *Inter Mirifica* recomenda:

> «Para o recto uso destes meios, é absolutamente necessário que todos os que servem deles conheçam e ponham fielmente em prática, neste campo, as normas da ordem moral. Considerem, pois, as matérias que se difundem através destes meios, segundo a natureza peculiar de cada um; tenham, ao mesmo tempo, em conta todas as circunstâncias ou condições, isto é, o fim, as pessoas, o lugar, o tempo e outros factores

---

[83] Cfr. VFC, n. 32.
[84] CDC, cân. 666; cân. 822, §1.
[85] ORDINE DEI FRATI MINORI CAPPUCCINI, *Costituzioni e ordinazioni dei capitoli gernerali. Regola e testamento di san Francesco*, Curia Generale de Cappuccini, Roma 2013, art. I, n. 96, §1.

> mediante os quais a comunicação se realiza e que podem mudar ou alterar inteiramente a sua bondade moral; entre estas circunstâncias, conta-se o carácter específico com que actua cada meio, nomeadamente a sua própria força, que pode ser tão grande que os homens, sobretudo se não estão prevenidos, dificilmente serão capazes de a descobrir, dominar e, se se der o caso, a pôr de lado»[86].

Por outro e também preponderante a formação da consciência por parte dos utentes, sobretudo quando se trata de jovens, adultos e porque não mesmo também anciaõs consagrados diríamos que todos eles têm uma moeda a pagar sobre a cultura de formação no uso disciplinar das actuais tecnologias dos meios de comunicação, eis a insistência do magistério:

> «É evidente que tal informação, em virtude do progresso actual da sociedade humana e dos vínculos mais estreitos entre os seus membros, resulta muito útil e, na maioria das vezes, necessária, pois a comunicação pública e oportuna de notícias sobre acontecimentos e coisas facilita aos homens um conhecimento mais amplo e contínuo dos factos, de tal modo que pode contribuir eficazmente para o bem comum e maior progresso de toda a sociedade humana. Existe, pois, no seio da sociedade humana, o direito à informação sobre aquelas coisas que convêm aos homens, segundo as circunstâncias de cada um, tanto particularmente como constituídos em sociedade. No entanto, o uso recto deste direito exige que a informação seja sempre objectivamente verdadeira e, salvas a justiça e a caridade, íntegra. Quanto ao modo, tem de ser, além disso, honesto e conveniente, isto é, que respeite as leis morais do homem, os seus legítimos direitos e dignidade, tanto na obtenção da notícia como na sua divulgação. Na verdade, nem toda a ciência aproveita, «mas a caridade é construtiva» (1 Cor. 8, 1)»[87].

Na mesma linha de pensamento se encontra Caterina Cangiá, pondo em realce a precisa formação de consciência quanto ao uso dos media da parte dos consagrados e consagradas quando diz que é necessário cuidar da comunicação interpessoal no que toca toda uma reflexão sobre os media;

---

[86] PAULO VI, *Decreto Inter Mirifica sobre os Meios de Comunicação Social*, Op. Cit, n. 4.
[87] Ibidem, n. 5 §2.

convém que se decida uma modalidade sobre a formação aos media; enfim, é conveniente formar os formadores[88].

Uma outra achega importante, vem mais uma vez das constituições dos Irmãos Menores Capuchinhos, nos seguintes moldes:

> «Difundamos o anúncio de Cristo, servindo-nos também dos meios de comunicação social, que oferecem grandes oportunidades de evangelização. Por isso, os ministros cuidem para que os irmãos idóneos possam adquirir uma preparação específica neste âmbito. Além disso, todos os Irmãos sejam suficientemente instruídos acerca do seu uso responsável»[89].

Na sua forma de interpretar a situação, o conhecido sociólogo e historiador Norbert Elias observa que:

> «O desenvolvimento da história chegou a um ponto, ou melhor, está em um estágio em que os homens, pela primeira vez, se deparam com a tarefa de se dar uma organização global, como humanidade (...). O que eu estou falando não é o que geralmente é chamado de utopia; a tarefa de desenvolver uma ordem social que envolva toda a humanidade e uma tarefa que hoje é imposta aos homens, de fato, estejam ou não conscientes disso»[90].

Podemos resumir dizendo que a globalização é a questão da interdependência ao centro. E estamos tentando realizá-lo na plena vivência da nossa missão como consagrados. O mundo tecnológico desafia e com que força até ao próprio consagrado; sem respostas imediatas, fazemo-nos algumas questões: como é o comportamento do consagrado ante a tecnologia? como este tem usado os meios de comunicação no seu dia-dia? Que benefícios/defeitos esta explosão tecnológica tem causado nas actuais comunidades de consagrados? E como é que a cultura tecnológica foi encarada no desafio geracional, sobretudo em comunidades onde é visivel a presença das três gerações, ou seja, jovens, adultos e anciãos? Que impacto tem havido entre a rigorosidade de um certo carisma fundacional e a força das novas tecnologias?

---

[88] Cfr. C. CANGIÁ, *I media nella formazione dei consacrati*, In J.M. ALDAY (cur.), *Nuovi media e vita consacrata*, *Ed.* Àncora, Milano 2011, p. 131.
[89] ORDINE DEI FRATI MINORI CAPPUCCINI, *Costituzioni e ordinazioni dei capitoli gernerali. Regola e testamento di san Francesco*, cap. IX,§2.
[90] Cfr. N. ELIAS, *Umana conditio*, Ed. Il Mulino, Bologna 1987, p. 56.

Este leque de perguntas pode ajudar a cada um de nós a desenvolver um certo raciocínio mediante os ideais da consagração proporcionados pelos Institutos para a Igreja no mundo hoje.

Claudio Maria Celli, no seu artigo '*Os novos media ao serviço da evangelização*', comentando a mensagem do Papa Bento XVI, aos 29 de Outubro de 2009, por ocasião do XLIV Jornada Mundial das Comunicações Sociais (JMCS) com o título '*O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra*', o autor escreve que não há oposição entre o trabalho pastoral da presença direita, e aquilo que se faz através dos meios de comunicação. São complementares; nas sociedades actuais há necessidade de ambos, é tarefa da Igreja fazer de tudo que não falte Jesus Cristo em nenhum dos dois âmbitos. É certo que a presença sacerdotal (ou do consagrado), confirma o autor, tem uma particularidade no seio de todas as outras presenças[91].

Na mesma ordem de ideias, e para o confronto com o mundo contemporêneo, a aceitação do convite dos media no sentido bem positivo, no vento da actualização dos carismas de fundação e a promoção da própria identidade religiosa em formas novas, Vincenzo Comodo, professor de carreira brilhante de sociolologia da vida consagrada no Itvc-Claretianum em Roma, diz ainda que é preciso agir através de meios actualizados, ou seja, os media de massa e digitais[92]. Porque ainda, segundo o autor ora citado, a missão dos media torna-se fundamental e até mesmo de certo modo decisivo; é por isso que os Institutos se não querem perder a força social, cultural, religiosa, apostólica e carismática, convem que estes elaborem estratégias de comunicação e seu uso mediático[93].

Assim podemos dar um importantíssimo passo na missão da Igreja saíndo de uma possível época de Babel (Gn 11, 4-8), ao Pentecostes (Act 2, 5-11)[94]; tudo isto só acontecerá graças á um esforço titânico de cada um de

---

[91] Cfr. C.M. CELLI, *I nuovi media al servizio dell'evangelizzazione. Commento al messaggio del Papa per la Giornata dele Comunicazioni Sociali*, In J.M. ALDAY (cur.), *Nuovi media e vita consacrata, Ed.* Àncora, Milano 2011, p. 18.

[92] Cfr. V. COMODO, *Strategie per la promozione del carisma attraverso i media*, In JOSU M. Alday, *Nuovi media e vita consacrata, Ed.* Àncora, Milano 2011, p. 73.

[93] Ibidem, p. 74.

[94] Cfr. *Ética nas comunicações sociais*, Vaticano, 4 de Junho de 2000, n. 3, §1, In http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html(29. 10. 2019).

nós, pessoal e comunitário, com ajuda do Espírito Santo e com seus dons (1Cor 12, 7).

3.3 - Um confronto entre os 'imigrantes digitais' e os 'nativos digitais' na comunidade

Numa era em que o 'saber fazer'ocupa o maior espaço em relação o 'saber ser', é bem notório o confronto de dois fortes grupos que compõem um determinado grupo social, isto dentro de uma obordagem do conflito geracional. Um outro elemento que se deve cultivar dentro de uma comunidade de consagrados onde também o 'saber' e o 'ser' têm estado em confronto na pessoa dos seus membros, jovens e adultos é o valor da humildade e a capacidade de inter-ajuda de um para com o outro, porque tanto uma geração como outra precisam-se mutuamente.

Na era digital, são muitos os desafios dentro da mesma tecnologia digital onde uns com muita facilidade aprendem e entram, mas outros com maior grau de dificuldade, e quanto mais se refere as idades, tudo isto por outro, depende das opurtunidades que cada um tem ou teve. Numa classificação do tempo, temos os pré-digitais e os digitais, como veremos mais adiante segundo alguns autores.

Tonino Cantelmi, quando fala sobre os pré-digitais, geração mediana, nativos digitais: o silêncio dos adultos e o desafio educativo, considera o terceiro milênio caracterizado pela mais clamorosa crise de 'relação interpessoal' que segundo ele a qual parece responder a tecnologia através de todas as novas modalidades de relação (*sms, chat, social network, whatsapp, facebook, etc*)[95]. Ainda segundo o autor, a relação *face-to-face* parece deixar o espaço a estas formas de tecnologias, que homens e mulheres (consagrados) parecem estar a optar por excesso.

Estas tecnologias ganharam espaço muito rapidamente em muitas formas de relação: amizades, instruções, informações e outros âmbitos de relações interumanas. Essa revolução digital parece, segundo Tonino, estar na base uma mudança antropológica; é por isso que ele define os adultos actuais 'geração mediana' como seduzidos pela tecnologia e altos utilizadores da mesma, mas doutados de um sistema mental ou cerebral pré-

---

[95] Cfr. T. CANTELMI, *Mondi telematici, comunicazione digitale e vita consacrata: uso, abuso e tecnodipendenza,* In JOSU, M. Alday (cur.), *Nuovi media e vita consacrata, Ed.* Àncora, Milano 2011, p. 124.

digital e filhos de uma geração pré-digital infelizmente hoje em vias de distinção[96].

Por outro, os adolescentes e jovens de hoje 'nativos-digitais', crescem em constante imerções tecnológicas, através de vídeo-jogos, celulares, computadores, *mp3*; estes são portanto dotados de novas organizações cognitivas e emotivas talvés ainda de um cerebro diferente; na visão do autor, estamos diante de um fenómeno de mutação antropológica[97].

Afinal quem são os "nativos digitais"? Tonino responde que são os indivíduos que nasceram no terceiro milénio e sobrepostos a profundas exigências de tempo, pervertidos e de precoce imersão na tecnologia digital. De tudo quanto estes sabem fazer melhor, em relação aos adultos ou 'migrantes digitais', um dos seus maiores defeitos, é a fraca habilidade na relação *face-to-face*; e um dos elementos raros nesta geração na afirmação de Tonino, é a capacidade de viver sobre um duplo registo cognitivo e socio-emotivo o real e o virtual[98].

Como seu ponto de vista, as constituições dos capuchinhos sugerem um maior sentido de partilha no que se refere aos bens, onde destacamos os meios de comunicação com uma responsabilidade de consciência, tendo em consideração ao peso dimencional das gerações, sobre tudo as futuras:

> «Promovamos uma cultura de partilha, levando as pessoas à consciência do destino universal dos bens, os quais devem ser usados com sentido de responsabilidade em relação às gerações futuras. Deste modo, favoreçamos um autêntico desenvolvimento social e económico com bases éticas e religiosas, apoiado no maior sentido de Deus, da dignidade da pessoa humana, da justiça e da paz entre os povos»[99].

O principal problema que nossa sociedade sem descurar as comunidades de vida consagrada sofre é a disseminação do individualismo auto-referencial de uma geração ou de outra, uma atitude que, na prática, é

---

[96] Cfr. T. CANTELMI, *Mondi telematici, comunicazione digitale e vita consacrata: uso, abuso e tecnodipendenza,* In JOSU, M. Alday (cur.), *Nuovi media e vita consacrata*, Op. Cit, p. 124.
[97] Ibidem.
[98] Ibidem, pp. 124, 125.
[99] ORDINE DEI FRATI MINORI CAPPUCCINI, *Costituzioni e ordinazioni dei capitoli gernerali. Regola e testamento di san Francesco*, art. II, n. 72, §5.

capaz de bloquear e arruinar qualquer projecto comunitário, um projeto de articulação da diversidade em comunhão fraterna[100].

O individualismo é o que resta hoje do projecto de ilustração; o ideal é de construir um humanismo racional, que produziu tantos frutos bem-sucedidos na compreensão do homem, em seus direitos, no valor da pessoa, na democracia, que o humanismo em cujo nome a religião foi criticada e apagada sofreu um processo semelhante com a chegada da cultura pós-moderna. A cultura pós-moderna sem receios atirou todos esses grandes ideais racionais e humanos no cesto do lixo, sem derramar nem uma lágrima. Para essa cultura, todos sofrem do mesmo mal; a reivindicação de dar uma resposta absoluta às perguntas humanas.

Esse tipo de resposta não é mais necessária. Agora, são necessárias apenas respostas parciais (não necessárias para todos os problemas), limitadas (sem necessidade de todos), temporais (necessidade, talvez hoje, mas amanhã já não serão úteis). Tudo é fraco, tudo é leve, tudo está em constante mudança.

Se reunirmos o relativismo doutrinário existente (tudo é possível, nada é certo) e o individualismo como uma atitude básica, entenderemos o desafio que a globalização representa para uma sociedade tão configurada. Eles não podem, absolutamente, levar adiante; e assim entendemos por que a aposta pela comunhão também é uma necessidade do ponto de vista social.

Na actual sociedade digamos que já não existem recursos que nos permitam enfrentar o desafio da globalização com garantias. E a desolação que esse individualismo está gerando pode ser percebida em certas manifestações neuróticas da sociedade em geral: violência doméstica desencadeada, abuso infantil, *bullying* que se espalha como um flagelo nas salas de aula e não só, redes sociais, o renascimento da xenofobia, homofobia, demonstrações, tudo isso indica o empobrecimento da humanidade que está se espalhando em nossa sociedade[101].

Uma forma rápida de perceber o sentido de globalização cultural para um certo ancião sacerdote que comentava com os outros sobre a sua equipa preferida de foot-bol dizendo: “eu sou contra essa tal globalização cultural no desporto, ou seja, um clube com um técnico que tenha uma outra

---

[100] Cfr. C. GARCÍA ANDRADE, *Teologia dela comunità religiosa, dispense dell´anno accademico 2016*, p. 5.
[101] Ibidem, p. 5.

cultura e fala uma língua diferente daquela local, ou um conjunto de jogadores de outras culturas e que se expressam em outras línguas; nos nossos tempos isto não era assim, quase todos eram da mesma cultura e falavam a mesmo língua, e assim se entendiam"; e continuando acrescentou que 'essa globalização é uma autêntica babilônia, ou seja, uma confusão terrivel'.

Este pronunciamento da parte deste ancião, faz-nos perceber como ele e tantos outros 'seus coetâneos' percebem a globalização cultural, não como um valor ou riqueza, sim um obstáculo ou um vento impuro que veio deteriorar o que estava bem feito.

Como forma de perceber, não deixa de ter a sua razão, mas como uma forma de abertura ao mundo, merece uma atenção porque se não, morremos na nossa gaveta.

É esta na verdade a mentalidade que predomina em muitos consagrados/as do nosso tempo, quando se trata da nova realidade comunitária que se notabiliza em sangue novo, outras línguas, nova mentalidade, novas iniciativas e até mesmo novos menús culinários.

Uma incrível dificuldade no acolhimento do 'outro', isto porque o nosso mundo está cheio do nosso 'Eu'. A incapacidade de uma realidade de mudança conjuntural, faz parte de um passado que estruturou certos ambientes comunitários, deixando sequelas que ainda hoje fazem parte do *modus vivendi*, vendo o 'outro' como uma autêntica ameaça.

Portanto, é importante que os membros de uma mesma comundade de consagrados, sejam eles 'imigrantes' ou 'nativos digitais', sejam chamados a cultivar uma mentalidade de harmonia, actualizando-se de acordo com as exigências do tempo, afim de estarem todos disponíveis a dar uma resposta uniforme na missão da Igreja e do próprio Instituto. Deve-se evitar a todo custo certas resistências por parte de uns ou disprezo por parte de outros; também, é aconselhavel não haver certas actitudes que suscitem uma espécie de fogo cruzado entre as partes por motivos das suas tarefas, que o jovem seja realmente jovem na sua comunidade e sirva de referência para os outros juvens, por sua vez o adulto seja verdadeiramente adulto em relações cordiais com os jovens e dele busquem a força que dinamiza a comunidade.

Todos eles movidos pelo diálogo, estabeleçam critérios necessários como muito se tem dito, afim de banirem certas causas que podem gerar um

desconforto entre os grupos na comunidade tais como: os preconceitos, a auto-suficiência, o orgulho, a arrogância, os abusos nos meios de comunicação, com maior risco ou atentados aos valores morais. Tudo isto, para além do que já foi apontado anteriormente, deve dar origem ao diálogo comunitário, responsabilidade no uso das ferramentas tecnológicas, liberdade e responsabilidade de expressão, respeito mútuo, enfim sem descurar a inter-ajuda na comunidade.

4 - Quando a carga cultural sobrepõe a 'fraternidade' numa comunidade de consagrados

É fundamental salientar que o ser humano nasce pronto para muitas realidades que durante a sua vida se vão desenvolvendo, mas ele nunca é acabado, ou seja, não possui a plenitude dos elementos que integram a vida. Constrói-se de forma progressiva e dinâmica, ou seja está sempre em processo de desenvolvimento que é integral, progressivo e harmonioso. É através desse processo dinâmico que vão acontecendo as mudanças nas diversas etapas da vida, onde pouco a pouco vai se perfilando também a própria personalidade.

Sendo o homem um ser dependente, como é também de opinão Aguilar Miguel, mas aberto ao mundo, apesar disso não diz para o mesmo homem qual é o sentido dessa abertura. Estará destinado a criar apenas uma 'cultura' singular? Essa abertura para o mundo leva-o além de toda e qualquer 'cultura', mesmo daquela civilização que ele poderá criar no futuro. O autor nos coloca várias outras perguntas sugestivas, que de forma pertinente nos ajudam a aproximar mais de uma tentativa de respostas; estará o homem destinado a criar apenas uma cultura? Para onde caminha o homem? Qual é o seu fim, a sua meta, o seu destino último? Que 'realidade' poderá satisfazer a esse impulso transcendente do homem?[102].

Por outro, o ser humano desenvolve-se na medida que enfrenta uma diferença. Significa que a pessoa vai integrando as diferenças que encontra no conceito de si mesma. O termo desenvolvimento quer dizer mudança, segundo o que nos parece, evolução, progresso, movimento e até crescimento. Isto dá-se em todos os níveis: biológico, emocional,

[102] Cfr. A. MIGUEL, *A descoberta da fé. Engajamento cristão através do Credo*, Ed. Vozes, Petrópolis 1982, p. 42.

intelectual, social etc. Todos estão inter-relacionados; este progresso deve acontecer num conjunto harmonizado e não separadamente um do outro.

A pessoa, ao procurar dar uma resposta sobre quem ela é, precisa de fazer um percurso retrospectivo, de como se deu a sua evolução; conhecer a sua história nos mais diversos níveis. Dois factores principais dependem o desenvolvimento; estes podem ser: a maturação e o ambiente (cultura).

Nesta sequência de ideias, a cultura aparece como um elemento preponderante na vida de cada homem ou mulher consagrados e membros de uma realidade institucional e ao mesmo tempo eclesial com bases firmes na boa Nova do Reino[103]. Ela faz parte das realidades vivas que, bem vivida, dá cor á própria vida comunitária, alimenta esperanças, desperta interesses, anima as relações fraternas, constroi a harmonia entre os membros de uma mesma realidade comunitária.

Na primeira parte do nosso trabalho, quando falamos da cultura na vida consagrada, destinguimos certos tipos de culturas tais como: a Cultura como Evangelho, a cultura como carísma do Instituto ou Ordem, a cultura de origem nacional de cada membro do Instituto ou comunidade local e até podemos citar também uma sub-cultura de origem familiar que em muitos aspectos e zonas, acaba sendo mais forte. Todo este leque de vertentes culturais, com o fundamental apoio para nós cristãos da 'cultura Trinitária', a nosso ver, gerido de forma positiva não deixa de ser uma autêntica riqueza e como foi a abordagem da temática anterior, de uma comunidade de consagrados.

Falaríamos aqui de um despojamento do nosso 'individualismo cultural; é como se fosse passar para o outro lado da nossa própria realidade. É um despojamento, à imagem de Cristo que se despojou da sua alta dignidade, para se identificar com aqueles a quem foi enviado (cfr. Fl 2, 6-11). É isso que nos permite ultrapassar todas as barreiras culturais e étnicas para poder acolher o outro.

A espiritualidade de despojamento faz do consagrado, uma passagem de uma para a outra margem. Do outro lado das suas necessidades, da sua cultura, história, valores, língua mãe, símbolos nativos, não no sentido de rejeitá-los, mas no sentido de se esvaziar deles e acolher

[103] Cfr. VFC, n. 34d.

os dons que vêm dos outros. É este a nosso ver o verdadeiro sentido da vida fraterna em comunidade.

Pois que a vida fraterna em comunidade não é uma simples solidariedade num projecto comum, mas fruto do Espírito que nos leva a morrer cada dia para que o nosso irmão viva e cresça. É uma fraternidade personalizante, quer dizer, o que ela promove e faz crescer não é primariamente uma obra, mas a pessoa. Por isso, a direcção primária de uma comunidade não é a direcção da eficiência, mas a da fraternidade[104]. É um modo de viver em que as pessoas se sentem reconhecidas, não tanto pelo que fazem, mas pelo que são. É a gratuidade dessa atitude que anuncia o Reino; é essa a maneira de ser de Deus.

Mas quando falamos de sobreposição de uma carga cultural numa determinada comunidade, é certamente num sentido negativo; ou seja, uma certa cultura local, zonal ou mesmo tribal, ganhe hegemonia em relação as outras, inclusive a Cultura Evangélica e aquela carismática do Instituto, pois quando isso acontece, aí começam os problemas; porque ninguém vai para uma luta, como esta, para saír de lá derrotado; e dalí surge um outro conflito não só o geracional mas também o cultural no plano da nossa abordagem.

Como fizemos referência nos pontos anteriores, no tratado sobre mass media na vida do consagrado, para esta abordagem, o documento do pontifício conselho para as comunicações sociais, já tanto citado, enriquece-nos ao afirmar que:

> «Os mass media podem também ser usados para obstruir a comunidade e prejudicar o bem integral das pessoas: alienando os indivíduos ou marginalizando-os e isolando-os; atraindo-os para comunidades perversas, organizadas à volta de valores falsos e destruidores; fomentando a hostilidade e o conflito, exorcizando os outros e criando uma mentalidade de «nós» contra «eles»; apresentando o que é vil e degradante numa luz fascinante, e ao mesmo tempo ignorando ou menosprezando aquilo que exalta e enobrece; difundindo informações erróneas e desinformação; promovendo a trivialidade e a banalização. Os estereótipos - assentes em factores de raça e de etnia, de sexo e de idade, bem como em outros ainda, inclusive de religião, são tristemente comuns nos mass media. Além disso, a comunicação social subestima com frequência o que é genuinamente novo e importante, também a

[104] Cfr. VFC, n. 2b.

> boa nova do Evangelho, e concentra-se na moda e nos caprichos»[105].

O maior perigo consiste em, quando são constituidas certas comunidades de consagrados, em realidade institucionais ou até mesmo de Ordens religiosas já com um caminho bem feito quanto ao tempo ou perfil eclesial ou social, haja preferências claras na escolha de membros, não por aquilo que cada um pode ser ou dar naquela comunidade, mas por pertencerem a mesma cultura deste ou daquele, quanto mais se for do próprio superior/a. São situações que nos parecem em primeiro plano simples anedotas, quando apenas narradas assim; mas vividas ou sentidas de quem as vive na realidade, extremecem até as entranhas, quando um consagrado com as mesmas prerrogativas no âmbito de consagração em relação os outros é negado do convívio comunitário por estas razões. É naturalmente nesta linha que no tema a seguir prosseguiremos com este argumento, que trata de preferências num determinado convívio, pois sabemos que, como consagrados não é a cultura individual que nos identifica, sim aquela do nosso baptismo, ou seja, vivemos em comunidades porque somos baptizados em nome de uma única realidade 'Trinitária', logo pertencemos todos á uma unica cultura, a que temos chamado 'cultura trinitária'.

4.1 - As preferências regionais ou culturalismo na comunidade

Muitas comunidades já foram a falência e outras ainda estão em via de falir por certos motivos tais como a fraca produtividade da pastoral vocacional, o envelhecimento dos seus membros [106], a decadência carismática e sua não renvovação ou actualização, o mau testemunho de vida, as tendências e preferências ao regionalismo cultural. Este último motivo, pode ser por nós entendido em dois modos:

O primeiro, é que certos Institutos nasceram, tentaram crescer e desenvolveram o seu carisma e o *modus vivendi* numa determinada região

---

[105] *Ética nas comunicações sociais*, Vaticano, 4 de Junho de 2000, n. 13, §1, In http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20000530_ethics-communications_po.html(29. 10. 2019).
[106] Cfr. VFC, n. 69a.

cultural e por muitas situações, não conseguiram se espandir e aí se atrofiaram.

O segundo, é de outros tantos que nasceram já viciados desde muito cedo a preferências regionais e certas culturas localizadas.

Não queremos desenvolver aqui uma outra temática que também é polémica no seio dos consagrados, mas também não o queremos deixar assim passar, porque falamos de 'multiculturalização'das nossas comunidades.

Para sermos precisos, intendamos a realidade; não há nenhum problema e por uma questão contextual geografico-historica um carisma nascer no Centro, Norte ou Sul, no Este ou Oeste de um determinado País e até em certas realidades para respoder a uma situação local e concreta, mas depois que este projecto tenha a aprovação da Igreja que por sinal é 'Católica' isto temos repetido, que significa 'Universal'(Ef 1, 22-23)[107], a partir deste momento o ideal que era local torna-se universal.

E mesmo antes de começar o projecto caso tenha um costume 'regionalista', primeiro é que pode não ter a aprovação da Igreja, porque será um autêntico veneno, dividindo povos e culturas e este não é o desejo de Igreja.

Ao falarmos do culturalismo [108] numa comunidade, queremos destacar o como certas culturas locais infelizmente podem dominar o âmbiente comunitário, da língua falada, à cozinha; daqui começa um outro conflito que pode desembocar numa crise por parte dos outros membros da comunidade que são de uma outra realidade cultural. E no fim de toda uma situação que este tipo de comportamento pode gerar, nascem as denominações: este Instituto ou Ordem, é dos do Sul e aquele/a é dos do Norte, Centro, Este ou Oeste, etc.

---

[107] Cfr. AG, n. 4; LG, n. 13; CIC, n. 830.

[108] O culturalismo é um ramo da antropologia nascido nos Estados Unidos sob o impulso principal de Ruth Benedict e Ralph Linton. O culturalismo tenta uma descrição da sociedade sob a perspectiva combinada da antropologia e da psicanálise. O culturalismo constitui uma dos ramos da sociologia que dominou a sociologia americana de 1930 até 1950. Emprestando o conceito de cultura dos antropólogos, ele procura dar conta da integração social. Com base na observação das sociedades arcaicas, os culturalistas destacam a influência preponderante da cultura na personalidade dos indivíduos. Cfr. In *https://educalingo.com/pt/dic-pt/culturalismo (17.10.019)*.

Com este tipo de comportamento corremos o risco de sermos membros de uma comunidade dividida; já no tempo de São Paulo houve comunidade como esta denominada 'Corintio'para a qual ele desabafa:

> «Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a simples homens espirituais, mas como a homens carnais, como a criancinhas em Cristo. Foi leite que vos dei a beber e não alimento sólido, que ainda não podíeis suportar.Nem mesmo agora podeis, visto que sois ainda carnais. Pois se há entre vós rivalidades e contendas, não é porque sois carnais e procedeis de modo meramente humano? Quando um diz: «Eu sou de Paulo»; e outro: «Eu sou de Apolo», não estais a proceder como simples homens?» (1Cor 3, 1-4).

E a seguir Paulo acrescenta no seu discurso o pendor de todo um trabalho que a começar dos Apóstolos e que se estende até nós tendo como fundamento firme o próprio Senhor e que não é mérito de nenhum de nós:

> «Pois, quem é Apolo? Quem é Paulo? Simples servos, por cujo intermédio abraçastes a fé, e cada um actuou segundo a medida que o Senhor lhe concedeu.
>
> Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem deu o crescimento. Assim, nem o que planta nem o que rega é alguma coisa, mas só Deus, que faz crescer.Tanto o que planta como o que rega formam um só, e cada um receberá a recompensa, conforme o seu próprio trabalho. Pois, nós somos cooperadores de Deus, e vós sois o seu terreno de cultivo, o edifício de Deus» (1Cor 3, 5-9).

E no fim de todo um discurso, és a sentença ameaçadora de Paulo, pois cada um dos que o Senhor confia os seus dons, terá que justificar todo um trabalho a ele confiado e que não é assim tão fácil no entender de Paulo, por isso afirma:

> «Segundo a graça de Deus que me foi dada, eu, como sábio arquitecto, assentei o alicerce, mas outro edifica sobre ele. Mas veja cada um como edifica, pois ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo. Se alguém, sobre este alicerce, edifica com ouro, prata, pedras preciosas, madeiras, feno ou palha, a sua obra ficará em evidência; o Dia do Senhor a tornará conhecida, pois ele manifesta-se pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída resistir, o construtor receberá a recompense» (1Cor 3, 10-14).

Todo este discurso de São Paulo dá a cada um de nós o indicativo de como deve ser levado a sério todo um projecto de Deus para o bem da Igreja e dos homens seus filhos, nada deve ser privatizado nem regionalizado, nem tão pouco aprisionado culturalmente, porque do que somos e temos hoje como seus consagrados, não foi simplesmente fruto do nosso esforço humano, porque também teríamos a sorte que muitos que connosco começaram, tiveram, ou seja, tiveram outros destinos diferentes da missão que hoje temos. E insistimos em pensar que não foi esta a intenção primária dos nossos santos fundadores.

4.2 - 'Culturas caducas' ou mentes renovadas na comunidade de consagrados?

Num complexo das comunidades multigeracionais e também multiculturais, um outro elemento que tem gerado tão grandes momentos de dificuldades no convívio, é a questão das mentalidades nos âmbitos culturais acima citadas e relacionais num clima comunitário.

Não é extranho ouvir em muitos ambiêntes comunitários, expressões como estas ou semelhantes: 'na minha cultura isso já não se faz; isso está ultrapassado'. Ou ainda, 'tens uma cultura muito atrazada há anos luz'. Ora, se nos apegarmos a simples definição da cultura adoptada pela *UNESCO*[109] em 1982, por cerca de cento e trinta governos reunidos sobre as 'políticas culturais', segundo estes, a cultura é considerada como um conjunto de tractos distintivos, espirituais e materiais, intelectivos e afectivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social[110].

Por sua vez ainda Carier diz que a cultura aparece como a suprema realização do homem, chamado continuamente a superar-se intelectualmente e moralmente, na própria vida individual e comunitária[111]. É concretamente nesta segunda parte do parecer de Carier que fundamentamos a nossa reflexão sobre a 'caducidade' ou 'renavação' das mentes quanto as culturas de uma sociedade; quando Hervé Carier diz que a nossa época, talvés muito mais das outras, é chamada a comprender os estados de ânimos que

---

[109] United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a cultura).
[110] Cfr. H. CARIER, *Dizionario della cultura. Per l'analisi culturale e l'inculturazione,* Ed. Vaticana, Città del Vaticano 1997, p. 126.
[111] Cfr. H. CARIER, *Dizionario della cultura. Per l'analisi culturale e l'inculturazione,* Op. Cit. p. 127.

caracterizam as gerações que crescem, as nações mais jovens, e os grupos mais inovadores da nossa sociedade; o autor usa a expressão 'novas culturas', sendo esta destacada para comprender os valores e os contra-valores que dão forma á mentalidade do nosso tempo[112].

É neste entretanto que as comunidades são chamadas a cultivar uma maior sensibilidade na comprensão o sentido dos valores culturais segundo as etápas ou gerações para que haja uma paratilha justa e satisfatória, como fundamentam os padres conciliare:

> «Novos caminhos se abrem assim ao progresso e difusão da cultura, preparados pelo imenso avanço das ciências naturais, humanas e sociais, pelo desenvolvimento das técnicas e pelo progresso no aperfeiçoamento e coordenação dos meios de comunicação…contribuem muito para considerar as coisas sob o seu aspecto mutável e evolutivo; as maneiras de viver e os costumes tornam-se cada vez mais uniformes; a industrialização, a urbanização e outras causas que favorecem a vida comunitária, criam novas formas de cultura de que resultam novas maneiras de sentir e de agir e de utilizar o tempo livre; o aumento de intercâmbio entre os vários povos e grupos sociais revela mais amplamente a todos e a cada um os tesouros das várias formas de cultura, preparando-se deste modo, progressivamente, um tipo mais universal de cultura humana, a qual tanto mais favorecerá e expressará a unidade do género humano, quanto melhor souber respeitar as peculiaridades das diversas culturas»[113].

Eis o pano do fundo da nossa abordagem no quadro do maior convívio cultural que as comunidades consagradas devem criar, facilitando o evoluir de novos elementos ou valores e respeitandos os tidos como melhorados de todo um contexto cultural. Que a seu intender Carier diria que nesta perspectiva distinguem-se alguns tractos de receio na consideração das novas mentalidades culturais, tais como inquietação generalizada sobre o futuro, o emergir de novos valores e a aspiração na construção consciente do futuro[114].

---

[112] Ibidem, p. 132.
[113] GS, n. 54.
[114] Cfr. H. CARIER, *Dizionario della cultura. Per l´analisi culturale e l´inculturazione*, Op. Cit, p. 133.

Sempre na linha da ideia anterior, a sessão do GS, antes citada termina com esta grande sugestão:

> «É preciso, que, no meio de todas estas antinomias, a cultura humana progrida hoje de tal modo, que desenvolva harmónica e integralmente a pessoa humana e ajude os homens no desempenho das tarefas a que todos, e sobretudo os cristãos, estão chamados, fraternalmente unidos numa única família humana»[115].

É bem verdade que o presente, segundo Lourenzo Montecalvo, tem como fundamento o velho ou o passado que não deve ser totalmente descartado sendo ultrapassado[116]. É assim que no 'bem' ou no 'mal', precisamos olhar o passado, como também vem reflectido por Francisco quando diz: "olhar para trás, reler a própria história e ver nela o dom fiel de Deus, não apenas nos grandes momentos da vida mas também nas fragilidades, fraquezas e misérias"[117].

Infelizmente a cultura pós-moderna lançou todos esses grandes ideais racionais e humanos no esquecimento, sem fazer nenhuma lamentação. Para essa cultura, todos sofrem do mesmo mal, a reivindicação de dar uma resposta absoluta às perguntas humanas[118].

Por isso, confirmamos a ideia de que o reconhecimento do outro e as diferenças que ele traz para a comunidade permitem o próximo passo da integração de interesses comuns, como as mentalidades culturais entendidas como uma dimensão que facilita a colaboração autêntica dentro da comunidade. De fato, enquanto as posições que cada um adota no conflito como este, representam uma espécie de decisão unilateral e, portanto, uma atitude obstinada que o indivíduo escolhe para afirmar suas próprias necessidades, desejos, metas, integração dos interesses compartilhados por todos, em vez disso, a compreensão constituí um nível de convergência dos múltiplos aspectos coesos da vida comunitária e representa um terreno de

---

[115] GS, n.56, §6.

[116] Cfr. L. MONTECALVO, *Comunità o Comodità?* Op. Cit, pp. 159, 160.

[117] FRANCISCO, *Saber ver a graça é o ponto de partida. Homilia aos consagrados referente a XXIV Jornada Mundial de Vida Consagrada*, Roma 01.02.2020, In https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-francisco-consagrados-saber-ver-graca-ponto-partida.html, (02.02.2020).

[118] Cfr. ITVC, *Teologia dela comunità religiosa, dispense dell'anno accademico 2016*, p. 5.

maior flexibilidade, sobre o qual a possibilidade de um acordo recíproco aumenta consideravelmente[119].

4.3 - A cultura do carisma como regresso às origens

Se quizermos aprofundar a nossa vida segundo o carisma, basta questionarmos a história e assim saberemos com bons pormenores como apareceu esta forma de viver a fé cristã, porque é que apareceu na Igreja esta forma que chamamos vida religiosa, para que se organizou esta considerável e numerosa família de tantos cristãos que fugiram para os desertos para viverem a sua fé de outra forma, e sobretudo vermos se continua a ser válido hoje e a ter actualidade o que pretenderam os primeiros monges, os padres do deserto que deram início esta forma de vida. E se permanece válido é necessário continuar a viver como entenderam os primeiros fundadores?

Somos chamados a recuar no tempo, procurar nas primeiras origens o que é comum a todos nós que viemos depois. Portanto, o que está em questão não é procurar saber a razão de ser deste ou daquele carisma, mas o próprio sentido desta forma de vida que enriquece a Igreja, tal como é vivida actualmente. Daí a necessidade de regressar às origens, à inspiração fundadora dos primeiros cristãos que deram início a essa forma de viver a fé que é comum a todos nós, que depois, ao longo dos séculos, os nossos fundadores/as escolheram esta mesma forma de vida, que evidentemente está determinada pela sua "primitiva inspiração"[120].

Hoje o problema está no modo de encarar e enfrentar a realidade, em que moldes aqueles homens enriqueciam e tornavam a Igreja e própria sociedade numa bivalência; ou seja, espitualizando a humanidade e concumitantemente humanizavam a própria espiritualidade ao passo que a vida que os consagrados actuais levam nem sempre concorre para a conservação daqueles elementos recebidos.

Do que nos parece é que de geração em geração tem havido uma certa debilidade na transmissão dos valores carismáticos. Por vezes até dá a impressão de que o importante e o que interessa não é integrar as novas gerações de consagrados numa forma de vida avalizada por uma larga experiência e uma rica tradição carismática, mas o que se pretende é

---

[119] Cfr. G. CREA, *I conflitti interpersonali nelle comunità e nei gruppi*, pp. 125-126.
[120] G. COTTIER, *Perfectae Caritatis.50 anni dopo*, Ed. Cantagalli, Siena 2016, p. 19.

acomodar a nossa vida e a nossa tradição aos valores usuais na sociedade actual, deixando tudo a cargo e usos preferências das novas gerações.

O que se sabe é que o mundo hodierno converteu as pessoas em autênticos consumidores, crescentemente determinado pela sociedade, a partir de um sistema de propaganda que actua massivamente e que impregna tanto as mentalidades como os comportamentos. E este tipo de pessoas também está a configurar na vida consagrada actual. Lá vão as questões: com todo este vento, que tal do carisma?

Toda esta cadeia de elementos, sejam eles negativos ou positivos, que sufocam os melhores ideais carismático dos nossos Institutos ou Ordens, não serão um impecílho, para que nós vejamos na vida consagrada o exemplo daqueles que tomaram o Evangelho como alavanca da sua vida espiritual numa sequela mais séria a Cristo? Para isso, a vida consagrada tem a necessidade de 'reinteriorizar' o Evangelho, para ver se aos poucos retoma as cores originais do carisma que o vento do tempo vai arrastando consigo.

Esta reflexão leva-nos a concluir que o determinante para o consagrado hoje, é só uma a espiritualidade proposta teoricamente as condições de vida que tornam possível essa espiritualidade, é que temos de passar do abstracto ao concreto, porque de teorias já temos tantas, pois tantos dos nossos fundadores pouco falaram e escreveram, mas muito fizeram com a sua vida; se assim fizermos acreditamos que a vida consagrada estará a apoiar-se sobre uma determinada espiritualidade a semelhança dos nossos santos/a fundadores.

Quando falamos do regrasso às origens', parece-nos que tudo isso explica a ineficácia de tantas reuniões, capítulos, assembleias, livros escritos, discursos bem elaborados, homilías de todo tipo, formações e seminários de toda a qualidade, etc; que têm como objectivo renovar a espiritualidade da vida consagrada [121], segundo as "primitivas inspirações"[122]. É evidente que a espiritualidade é, não só importante, mas inteiramente decisiva para qualquer cristão, e por conseguinte para o consagrado. Mas para isso é urgente saírmos do sistema em que estamos

[121] CIVCSVA, *Per vino nuovo otri nuovi. Dal Concilio Vaticano II, la vita consacrata e le sfide ancora aperte. Orientementi.* Ed. Libreria Vaticana, Vaticano 2017, n. 4b.
[122] G. COTTIER, *Perfectae Caritatis.50 anni dopo*, Op. Cit, p. 19.

inseridas e até instalados e infelizmente satisfeitos, o acomodamento, a saciedade de bens, a autonomia/auto-suficiência e a nossa crónica indiferênça.

Com um bom ‘exame’ da nossa consciência como membros e encarregados na continuidade no nosso carisma, saberemos então como levar avante esta grande responsabilidade que os nossos antecessores nos deixaram; e como o transmitiremos às novas gerações.

CAPÍTULO II

O IMPACTO ACTUAL DO CONFLITO / NA IDENTIDADE DO CONSAGRADO

Na grande agitação do nosso tempo, homens e mulheres consagrados mais do que nunca, precisam definir sua identidade para lidar com os desafios da vida pós-moderna, principalmente o activismo e subjectivismo sem que se esqueçam do 'fraccionismo' formação de pequenos grupos do mesmo ambiente, que geram o individualismo na vida comunitária.

O fenómeno da crise actual na vida consagrada nas comunidades e não só, pode ser considerado sob o aspecto global da sociedade, sem ter em conta o nível de responsabilidade que cada um de nós consagrados deve ter no âmbito da sua missão na sociedade e na Igreja. Nós preferimos falar da crise de identidade no lugar da crise de vocações que muitos apontam. Nós religiosos, devemos nos interrogar de maneira constante sobre a nossa identidade e só assim podemos falar sobre a vocação. Quem somos nós, como nos inserimos dentro do tecido e da estrutura da Igreja e da sociedade, devemos por assim dizer, tomar consciência de que não somos híbridos postos à parte dentro de uma Igreja "militante". Temos uma identidade e que precisamos de afirmá-la e reafirmá-la cada dia que passa. Identidade essa que para a existência cristã, segundo Álvaro Cruz da Silva, não é se não a Sagrada Escritura, que é certamente a Palavra Viva, como o Mestre o afirma no texto do Evangelista João (10, 10)[123].

Na mesma senda, alinha Benito Goya, sobre a crise de identidade, quando coloca questões sobre o sentido da vida na sociedade actual, e se vale a pena ainda continuar o estilo de consagração de trabalho que se desenvolve, cuja eficácia parece duvidosa?[124]

As questões apresentadas podem até ser reflectidas de forma em que o carisma de cada Instituto tenha sido inicialmente satisfatório tendo em

---

[123] Cfr. A. CRUZ DA SILVA, *Desafios do Papa Francisco aos consagrados e consagradas*, Ed. Franciscana, Coimbra 2015, p. 23.

[124] Cfr. B. GOYA, *Formazione integrale alla vita consacrata. Alla luce della esortazione post-sinodale*, Ed. Dehoniane, Bologna 1997, p. 67.

consideração o conceito dinâmico da própria identidade que arrasta consigo os elementos que com o passar do tempo, podem ter suscitado factores perturbadores e provocar obscuridade da percepção interior da mesma identidade, gerando, ainda segundo o autor, um clima ou complexo de dúvidas, incertezas e de confusão quanto ao próprio ser consagrado ou à própria missão; é esta que na verdade o autor chama de 'início da crise de identidade'[125].

Por sua vez, o documento VFC, quando se refere da identidade da pessoa consagrada diz que depende do amadurecimento espiritual e por conseguinte, é obra do Espírito, que impele a conformar-se a Jesus Cristo, conforme aquela particular modalidade que é dada pelo carisma originário, mediação do Evangelho aos membros de um determinado instituto[126].

Num mundo que respira à globalização, não pode não haver um lugar que seja verdadeiro para os que se dizem ter vocação à vida consagrada. O que deve ser seriamente sustentado é a força da nossa identidade na mesma sociedade. O consagrado deve acautelar-se no seguir a marcha de uma sociedade liberal e individualista. Certamente podermos encontrar várias respostas de muitas situações que a sociedade hoje coloca a nós consagrado a partir da confiança na nossa vocação, talvez seremos capazes de manifestar alguma coisa da vocação humana. A nossa vocação religiosa põe à luz a estrutura narrativa e profunda de todo o ser humano.

A vida religiosa é uma maneira particular e radical de dizer sim ao chamamento de Deus, um convite expresso na busca da verdadeira identidade. Quando já a tempos esta crise de identidade para a sociedade consagrada fazia écos, a Igreja na voz do Concilio Vaticano II[127] se impôs orientando o retorno ao Evangelho, aos fundadores e a história do próprio Instituto ou Ordem se fosse o caso, ao espírito primitivo e sem negligenciar os sinais dos tempos naturalmente[128].

Por outro, diríamos que a pós-modernidade impregna-se em uma maneira particular de viver a fé, o que não deixa de influenciar

---

[125] Cfr. B. GOYA, *Formazione integrale alla vita consacrata. Alla luce della esortazione post-sinodale*, Op. Cit, p. 67.
[126] Cfr. VFC, n. 36§2.
[127] Cfr. PC, nn. 2-6, In *Documentos do ConcílioVaticano II, Constituições-Declerações-Decretos*, Ed. Paulus, Lisboa 2014.
[128] Cfr. J. ROVIRA ARUMÍ, *La vita consacrata oggi. Rinnovamento sfide vitalità*, Ed. Dehoniane, Bologna 2013, p. 109.

negativamente a própria vida consagrada dos nossos dias. É que este mesmo fenómeno aceita a religião como prática pessoal, privada, opondo-se, porém, a toda a interferência da religião na vida social, no comportamento público das pessoas, favorecendo, deste modo, o crescimento da dimensão pessoal da fé. Em termos práticos, ela opõe-se à religião, enquanto instituição que pretende interferir na organização da sociedade.

É assim que socialmente temos constatado certas feridas causadas pela tempestade pós-moderna que arrasa a mente do homem e da mulher deste tempo; os sinais deste fenómeno são de tal modo, claros e evidentes, pois tocam a medula do consagrado/a, ou seja, põem em causa a sua própria identidade, favorecendo uma falsa autossuficiencia adquirida em situações de uma autêntica competição onde o forte deve vencer o fraco economicamente, politicamente e a nível de uma posição social, e dentro de toda essa disputa, encontramos os 'media' que fazem parte da 'mesa de júri', mas desfavorecendo em certos momentos o consagrado/a que procura redimir-se de um certo clima conflituoso que muitas das vezes tem origem na sua história com a envolvência de alguns velhos problemas nas comunidades que clamam por uma renovação 'profunda' da sua vida.

Nesta sequência de ideias, o consagrado mais do que nunca, tem pela frente duas saídas que podem viabilizar o seu percurso nomeadamente um discernimento constante apegando-se às suas armas definidas nas páginas da sua regra e constituições, bem expressas na fórmula da sua profissão, isto exigirá dele mesmo uma disposição firme e renovada que permanentemente ele procurará alicerçar na sua vida; uma outra saída que o consagrado terá nesta frente não será se não destacar o papel de Deus mesmo em situações de terríveis conflitos na sua vida pessoal e comunitária, lutando para conservar o brilho da sua identidade, evitando porém comportamento que não seja abonatório a sua identidade. E com tudo isto, o consagrado será como uma árvore que é chamado a dar frutos.

1 - Da identidade aos desafios da vida pós-moderna

A vida consagrada é desafiada a assegurar a sua identidade e uma ressignificação para melhor responder aos 'sinais dos tempos'. A questão está em saber distinguir entre o que permanece e o que muda, entre o mais

central e o periférico na realidade humana. Isso facilita uma avaliação da realidade anterior e actual, numa leitura paulatina dos sinais dos tempos.

Este tempo desafiante para a vida consagrada que o documento Partir de Cristo com o seu renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milénio, quando se refere da coragem que se deve ter para enfrentar as provas e desafios, considera tudo um mar de dificuldades que vida consagrada atravessa, como tempo de provas e purificação[129].

Ao falarmos dos sinais dos tempos, urge a necessidade de tocar na questão da clareza na forma de viver hoje; não só na sociedade em geral, mas também dentro da Igreja em particular e na vida consagrada de forma mais concreta; ou seja, a falta de clareza hoje é um produto da ânsia de tornar as coisas mais claras; a maior parte da ambivalência sentida se origina nos esforços difusos e desordenados para eliminar a equivocabilidade de localidades seleccionadas, separadas e sempre confinadas. A ambivalência traz a falta de clareza e como consequência a insegurança e os riscos que aparecem na conjuntura das incertezas da vida consagrada.

Na verdade a vida consagrada hoje atravessa momentos desafiantes da sua história e é nesta vertente a Igreja com a sua voz profética de tempo em tempo acompanha o evoluir dos factos e neste entretanto ao apresentar os desafios da modernidade, o documento Patir de Cristo, cita o texto da VC, quando afirma:

> «A cobiça dos bens, a avidez do prazer e a idolatria do poder, isto é, a tríplice concupiscência que marca a história e se encontra, igualmente, à raiz dos males actuais só poderá ser vencida se se redescobrirem os valores evangélicos da pobreza, da castidade e do serviço. Os religiosos devem saber proclamar, com a vida e as palavras, a beleza da pobreza de espírito e da castidade do coração, que libertam o serviço aos irmãos e da obediência, que faz que sejam duradouros os frutos da caridade»[130].

Dentro da linha de pensamento do documento citado é detectada a situação da ambivalência e do relativismo moderno, frutos da sociedade, começa-se descobrir como consequência que a identidade das comunidades

---

[129] Cfr. CIVCSVA, *Partir de Cristo, Um renovado compromisso da vida consagrada no terceiro melénio*, In *Compêndio da Vida Consagrada. Documentospós-conciliares do Magistério sobre a Vida Consagrada*, Ed. Paulus, Lisboa 2014, n. 11.
[130] PdC, n. 45; Cfr. VC, nn. 88-91.

se fragiliza. Como grande sinal de tudo isso, veio a angústia, a reacção defensiva, a organização e o fechamento saudosista, na tentativa de preservação e sobrevivência institucional.

A reacção apareceu reforçando o controlo, fazendo o apelo à coesão institucional. Estamos perante uma clamorosa situação que preocupa quem está atento, fora o perigo se avizinha de todas as fronteiras geracionais até parece que o homem perdeu a sua dignidade original, ao agarrar-se exclusivamente ao factor financeiro, político-governativo, que de alguma maneira desmotiva a sociedade, o medo habita nas grandes metrópoles ameaçando tudo e todos, o grave período de instabilidade a que chegamos resulta da dissuasão atribuída ao factor bélico com uma tecnologia que só a pós-modernidade sabe explicar o segredo do seu aperfeiçoamento que de tempo a tempo evolui tácticas e estratégias [131] dentro (Igreja/vida consagrada), segundo a voz do profeta Jeremias, sentem-se as consequências de toda uma fricção e mal-estar da sociedade em geral fruto da pós-modernização "se saio aos campos, eis os mortos à espada; se regresso à cidade, eis os dizimados pela fome. Tanto o profeta como o sacerdote vagueiam pelo país, sem nada compreenderem" (Jer 14, 18).

Tudo porque a pós-modernidade em muitas situações vai ferindo a sociedade a Igreja e nelas a vida consagrada provocando dores lancinantes que torturam o consagrado/a filhos da mesma sociedade e membros da mesma Igreja, isto acontece, deixando os indefesos sem esperança de remédio, porque quando se falava da pós-modernidade, pensava-se numa paz em tudo e uma era de restauração; mas agora nada se vê de bom quanto a identidade do homem; e aos poucos vai surgindo a angústia (cfr. Jer 14, 19), deixando perplexa toda realidade que abrange o homem do nosso tempo.

Este mesmo homem, imbuído na luta da nova liderança mundial perdeu-se no tempo e já ninguém consegue identificar quem lidera quem, todos são líderes e todos se constituem ameaça para os restantes; temos a plena certeza que vivemos numa era de importantes descobertas científicas e tecnológicas, mas também é uma era com um nível elevado de desigualdades sociais, uma vez que a identidade muda de acordo com a

---

[131] Cfr. P. A. DOS SANTOS BONDO, *A identidade perdida da sociedade moderna e a luta pelo resgate dos valores. Uma reflexão sociopolítica, económica e cultural*, Ed. Chiado, Lisboa 2019, p. 37.

forma que o sujeito é interpretado ou representado[132]. Na visão de Pitra António dos Santos, um exímio politólogo dos nossos dias, "a identidade social eleva a auto-estima das pessoas quando se revêem nas expugnações de glória do seu colectivo"[133].

Nisto asseguramos a nossa posição, ao afirmarmos que na medida em que a sociedade impõe as leis da sua auto-afirmação, a Igreja e com ela a vida consagrada devem ir traçando linhas estratégicas na sustentabilidade da sua identidade, buscando e usando meios ou razões que sejam viáveis para um posicionamento; as mudanças sociais que se operam na realidade actual, são vistas como angústias ou esperanças. Tudo o que vive está em movimento perpétuo e a sociedade em que nos encontramos não escapa a esta regra universal. Sem dúvida, as mudanças devem ser vistas como fenómeno normal e positivo, ainda que nos transformem interior e exteriormente.

Enfim toda mudança nas instituições sociais, seja do sistema económico ou político, a família, a própria religião, etc, afecta a natureza do sistema social no seu conjunto. Supõe uma transformação no universo de valores individuais e, por conseguinte, uma nova definição das normas que regem as relações sociais num mundo modernizado.

Pode-se dizer que toda a mudança encerra por sua vez a morte e a vida: a morte do que se tornou antiquado e o gérmen de formas de existência melhor adaptados. Nesta situação de mudanças sociais, se desenvolve e se vive a vocação da vida consagrada. O mundo oferece muitas oportunidades de uma vida socialmente diferente no sentido de propostas, o que muitas das vezes atrapalha a vocação religiosa para quem não está seguro/a. Como se sabe, são vários os consagrados que têm vindo a abandonar, trocando a vocação por outras regalias.

Surge o momento de tomarmos consciência do que somos e do que devemos continuar a ser, pois é de reiterar que a nossa profunda crise é de identidade, assim como a própria sociedade. A nossa vida exige uma demarcação com aquilo que a sociedade nos apresenta, daqui a capacidade

---

[132] Cfr. P. A. DOS SANTOS BONDO, *A identidade perdida da sociedade moderna e a luta pelo resgate dos valores. Uma reflexão sociopolítica, económica e cultural*, Op. Cit, pp. 37, 38.
[133] Ibidem, p. 41.

de discernimento nas escolhas dos valores que edificam. Somos cidadãos do reino e devemos buscar constantemente os valores desse Reino[134].

1.1 - A autossuficiência como fermento da pós-modernidade e veneno da comunidade

Como é do nosso conhecimento, a vida pós-moderna de tudo quanto tem como caracteristicas, destaca-se a 'autossuficiência', que no argumento de tantos autores e como se nota consideravelmente hoje, é o príncipe da realidade actual. O 'outro' e os seus prestimos se vão tornando um meio secundário para o homem da pós-modernidade; e um homem que tem tudo, sabe tudo, e faz tudo, só que não consegue ser tudo.

A falta de interesse pelo outro e pelo que é do outro, fundamentam o famoso provérbio popular 'cada um por si, Deus para todos', ou seja, que cada qual se arranje no seu mundo. E é esta a lógica e a moda do mundo pós-moderno; sinal disso, a sociedade tem estado a 'crescer' com este tal fermento que é a 'autossuficiência', ao dizer-mos crescimento neste sentido, queremos confirmar a sua ruina quanto a cultura de mútua dependência.

Numa das suas análizes quando aborda a questão da *identidade perdida da sociedade moderna e a luta pelo resgate dos valores*, ainda Pitra António dos Santos, afirma que a sociedade moderna carece de identidade isto porque, esta perdeu-se e por isso nota-se a ausência do humanismo, dignidade humana, tolerância, segurança social; há uma enorme multiplicação de leis em protecção de uma minoria, sacrificando assim toda uma maioria[135]; o autor continua dizendo que esta mesma sociedade perdida no mundo modernizado, é também caracterizada por uma certa realidade de vida dominada pela violência, corrupção, pobreza, miséria, prostituição, vingança, greves e manifestações, propagandas, desigualdades, guerras e busca de benefícios particulares[136]. Enquanto os lucros de poucos crescem avultadamente, os da maioria estão sempre distante do bem estar desta

---

[134] Cfr. FRANCISCO, *XXI plenária da UISG*, Roma 2019, In http://www.vatican.va/content /francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190510_uisg.html(20.03.2020).
[135] Cfr. P. A. DOS SANTOS BONDO, *A identidade perdida da sociedade moderna e a luta pelo resgate dos valores. Uma reflexão sociopolítica, económica e cultural*, Op. Cit, p. 35.
[136] Ibidem.

menoria feliz, este desequilíbrio provem certamente daqueles que defendem a autonomia dos mercados e a especulação financeira[137].

Ainda segundo o Papa, a corrupção é quando o pecado entra na consciencia e não deixa lugar nem para o ar, tudo se torna pecado[138]. Infelizmente a corrupção em todos os âmbitos é um outro cancro perigoso da modernidade que 'inferna' a sociedade que vem clamando por princípios, dignidade e honra.

Como forte sinal do vento da modernidade já na comunidade de consagrados, a auto-suficiência manifesta-se de forma clara e desafiante. Temos uma imagem da realidade de certos consagrados que por sinal exercem o seus *múnus* pastoral em instituições públicas dos nossos dias, ou seja, trabalham nas escolas, hospitais, creches, lares de idosos, etc; falando sobretudo de lugares como estes, ouvindo certa vez o comentário de alguem que dizia: 'aquele missionário/a traja-se luxosamente que nem se compara a um bancário ou diplomata que por 'direito tem um subsídio de atavio', roupa encomendada, calsados raros no mercado comum, perfumes de alta fragrância, enfim altas contas pessoais nos bancos'. Naqueles estabelecimentos onde trabalham, são tidos como 'burgueses', estão sempre em busca de uma vida comoda em tudo quanto tem a ver com os bens materiais.

Nas comunidades onde estes estão, a comodidade começa do quarto à mesa. Ficam totalmente tristes quando a estes, falta uma agúlha de custura, ou uma simples maçã na mesa, exigindo a todo custo ao superior/a ou ao ecónomo/a e as vezes com ameaças a adquirí-la sem demora, como se estivesse a faltar a própria vida. Se nos recordamos do texto de António Poliseno, um dos nossos autores já citados, quando fala dos defeitos dos outros, esta é a posição de um tipo ambicioso[139], avarento[140], esbanjador[141] e porque não mesmo um vaidoso[142].

---

[137] Cfr. FRANCESCO, *Evagelii Gaudium, Esortazione apostolica sull'annuncio del Vangelo nel mondo attuale, Ed.* Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 2018[8], n. 56.
[138] Cfr. FRANCESCO, *Vocabolario della vita consacrata*, Op. Cit, p. 59.
[139] Cfr. A. POLISENO, *Os defeitos dos outros*, Ed. São Paulo, Lisboa 1995, pp. 11-15.
[140] Ibidem, pp. 17-20.
[141] Ibidem, pp. 127-130.
[142] Ibidem, pp. 162-165.

Se no âmbito do termo, um autossuficiênte seja aquele que tem a pedra angular em si próprio, um independente[143], e quando falamos da autossuficiência no interior de uma comunidade de consagrados, estamos a mexer uma parte muito sensível da vida consagrada, ou seja, a parte dos conselhos evangélicos; pois é concretamente o afectar a comunidade de autossuficiência que também se começa a envenenar o convívio comunitário, com a peste do egoísmo que até hoje inferma a sociedade. Pois bem, que numa comunidade que cria tendências de viver na autossuficiência, pode crer que está pondo em risco de deterioração o 'miolho'da sua consagração na pobreza voluntária numa consciência de desprendimento, a castidade perfeita matando a pureza original e a obendiência livre.

Pois é de salientar que pela total disponibilidade ou obediência imitamos a Cristo que sempre se submeteu a vontade do Pai pela vida do mundo; como Ele próprio não deixou de afirmar: "Não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26, 39) ou ainda: "Faça-se a tua vontade" (Mt 26, 42); como se lê ainda noutro lugar: "Não busco a minha vontade, mas daquele que me enviou" (Jo 14, 31). Como ponto de referência sabemos que a obediência de Cristo é o suporte da nossa; a beleza e a dignidade da obediência de Cristo são a garantia de que a obediência humana na vida consagrada espelha também a sua própria beleza e dignidade e são na verdade estes elementos que prestigiam a vida consagrada na sua essência.

Da autossuficiência somos chamados ao desprendimento como soa na advertência do Mestre: "Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me" (Mt 19, 21). Este desafio põe-nos perante o voto de pobreza, mas significante ao nível de todos os pobres, porque nem Ele mesmo tinha lugar para reclinar a cabeça (Mt 8, 20). É este estilo de pobreza, que tornou Jesus livre para servir a toda humanidade sem apegar-se a nada deste mundo e esta é já uma lição que vem do antigo Testamento se nos recordamos da exclamação de Job: "Saí nu do ventre da minha mãe e nu voltarei para lá" (Job 1, 21); Por sua vez, Eclesiastes vem reforçar o princípio quando escreve: "Assim como saiu nu do ventre de sua mãe, de novo nu partirá como veio, e nada levará do seu esforço, nada nas mãos quando se for. Sim,

---

[143] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio,*Op. Cit, p. 191a.

é uma dolorosa miséria que tal como veio, assim irá. De que lhe serve ter-se esforçado para o vento?" (Ecl 5, 15); grande exemplo de despojamento. E nas bem-aventuranças Jesus enaltece os pobres sem fingimento: "Felizes vós os pobres, porque vosso é reino de Deus" (Lc 6,20). Por isso, o consagrado é constantemente impelido, pela força da sua escolha a proceder de maneira como procedeu o seu Mestre e Senhor.

1.2 - O mundo da competição como fracasso do consagrado hoje

Se continuarmos a afirmar que a vida consagrada seja um estar no mundo mas sem ser propriamente do mundo, este estilo de vida leva-nos a dizer que é na verdade um martírio, porque como homens e mulheres livres precisam de ser e estar no mundo, beneficiando-se dos favores deste.

O mundo oferece uma dinâmica de concorrência ou competição em quase todos os seus aspectos, por isso nele existem classes, categorias, claques, grupos mobilizados, elites estabelecidos, etc; é natural que isso aconteça num mundo onde os ideais de vida são totalmente diferentes e as possibilidades de vida variam de pessoa a pessoa, é nisto que todos estes elementos facilitam um certo clima de competição, pois cada um individualmente, em classes ou elites, quer ter mais e do melhor.

Surge então uma questão para a nossa reflexão: qual é o lugar do consagrado dentro desta sociedade que compete incensantemente para obter os 'valores' que a todo custo precisa, mesmo que estes a nosso ver não sejam propriamente valores?

Anselmo Borges na sua obra 'Francisco, desafios à Igreja e ao mundo', apresenta de forma clara muitos dos desafios que em pleno século XXI apoquentam o mundo dos nossos dias, numa ordem pouco arbitrária. Borges aponta a famosa imagem da 'pequena aldeia', ou simplesmente globalização, como é a visão de um outro autor A. Sasot Mateus, citado por ele, as tendências monopolistas do capital, a falta de fiscalização da especulação financeira do planeta, o terrorismo global, ausência de solução para os conflitos internacionais, a desintegração da coesão social, o desemprego, as ameaças à democracia, o tráfico ilegal de armas, pessoas,

drogas, órgãos, a falta de solidariedade, o branqueamento de capitais de origem duvidosa, etc[144].

Ainda no âmbito da globalização, o autor citado coloca a situação sobre a força dos fluxos migratórios como evento de um mundo multicultural e se serão um sinal de um choque de culturas e civilizações ou uma abertura de portas para uma aliança de culturas, fruto de um diálogo intercultural e inter-religioso. E a questão da *cybercultura*, traduzida na 'sociedade de rede' que fustiga as novas gerações e não só, com a perda da noção do tempo e da realidade, engolidos no mundo virtual com a marcação de encontros cybersexuais na experiência da nova revoloção em curso segundo Borges[145].

Um outro leque de revoluções na perspectiva de Anselmo Borges vão asfixiando o mundo hodierno, ou seja, a génetica e as neurociências que por sinal podem vir associar-se aos novos desafios ligados à manipulação genética, manipulação da actividade cerebral, investigação em embriões, clonagem, a criação do super-homem, etc[146].

Com estes e outros tantos elementos que hoje fazem parte dos grandes ventos dos desafios do mundo, o consagrado é posto numa grande prova e é também chamado a desafiar estas realidades; e qual deve ser a sua resposta?

É bem verdade que o mundo compete, mas o consagrado é chamado primeiro a posicionar-se mostrando que defende uma espiritualidade, um carisma e uma idantidade institucional que não casam com certos ventos que criam desavenças na sociedade. No entender de Lorenzo Montecalvo, a presença hoje de uma mentalidade pós-moderna, onde tudo é relativo, empenhou-se a formar homens e mulheres consagrados debeis e vulneráveis, segundo esta mentalidade, nada é absoluto, existe uma certa falta de certezas, é assim que passou-se a usar o *slogan* «vive como te dita o instinto». Ainda segundo Lorenzo, trata-se de uma sociedade impaciente que vive superficialmente e não quer disciplinar-se[147].

---

[144] Cfr. B. ANSELMO, *Francisco. Desafios à Igreja e ao mundo*, Ed. Gradiva, Lisboa 2017[2], pp. 71, 72.
[145] Ibidem, p. 72.
[146] Ibidem, p. 73.
[147] Cfr. L. MONTECALVO, *Comunità o Comodità*, Op. Cit, p.120.

Em suma, é concretamente neste viver de incertezas onde actualmente o religioso é confundido com quem é pobre ou diz-se ser pobre. Daqui nasce em nós a questão: com quem competem os verdadeiros pobres? Se competem com os ricos será uma aventura e se competem entre eles, será um zombar-se.

Por outro, para que o consagrado dos nossos dias não caia nesta aventura ou nesta zombaria, exige-se dele um verdadeiro despojamento e um desarmamento mental que, através da consciência bem viva da pobreza radical da sua pessoa, tenha à convicção preliminar de que é o Espírito Santo e só Ele evangeliza por ele e através dele.

Só assim se, pode ser na Igreja presenças evangelicamente fecundas sem competições. Assim a vida consagrada será efectivamente evangelizadora; redescobrindo as raízes directamente evangélicas. E isto supõe em todos nós transformação profunda do que somos para que venhamos a ser fiéis ao que devemos ser (1Ts 5, 21). Isto não se fará sem um esforço leal e profundo, rico de humildade e de esperança, de auto-evangelização de nós mesmos.

Um outro elemento não menos importante no âmbito de uma competição social e particularmente comunitária, é o facto de que torna-se comum hoje, em muitas comunidades encontrarmos economias paralelas e todos acusam as dificuldades do tempo. Escolhe-se um ecónomo, mas o superior também quer gerir, e se este pode gerir deixa também a liberdade de gestão a todos os membros da comunidade. Significa que falta a libertação do ser em relação ao ter, ao possuir, como já temos referido nos capítulos anteriores. Isto nos leva também a olhar um pouco mais para ao próprio sentido de partilha na comunidade que se vai definhando aos poucos. Normalmente devíamos ter para partilhar com os pobres.

Nisto a sociedade acusa-nos de sermos ostentadores de riquezas, certamente, porque muitas das vezes somos nós que temos e não a comunidade, e ainda porque muitas das vezes o nosso discurso com relação ao desnível social não é coerente; como diz Francisco, "há muitos, hoje, que só veem nos outros obstáculos e complicações"[148]. Nas nossas comunidades

[148] FRANCISCO, *Saber ver a graça é o ponto de partida. Homilia aos consagrados referente a XXIV jornada Mundial de Vida Consagrada*, Roma 01.02.2020, In https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-francisco-consagrados-saber-ver-graca-ponto-partida.html, (02.02.2020).

podemos perceber que certos membros se vão tornando independentes economicamente; e a questão é se professaram 'votos' diferentes dos outros, ou vivem outros conselhos evangélicos? Estes acomodados na comunidade, não precisam de ecónomo nem de ninguém para qualquer situação e se precisarem é só por questão de formalidade ou até mesmo simulação.

Ainda na senda da preocupação económica da parte do consagrado hoje, não são poucas as situações em que as comunidades vivem um determinado conflito entre jovens e adultos no âmbito do emprego social; surge a questão de que os adultos que já nas instituições públicas e certamente são remunerados por estas instituições, e muitos destes foram-se empregando sem uma previa informação dos superiores/as, actualmente mesmo com a informação oficializada, é comum notar uma certa falta de transparência quanto a sua remuneração.

Voltando ao caso anterior, o conflito parte do pressuposto de que uns devem frequentar as universidades e outros não, uns podem trabalhar e serem remunerados e outros não; há uma questão que surge da nova geração: 'em geral, os adultos invocam o estilo de vida do Instituto ou Ordem, ou seja as constituições ou regras. Será que quando um grupo frequentava as universidades no seu tempo e consequentemente começava a ter empregos a nível social, não se tinha em conta as regras e constituições?'.

Retomando o discurso da competição, para a questão levantada, diríamos que para evitar casos de competição mesmo entre os membros na comunidade, jovens contra adultos ou vice-versa, é fundamental percebermos que numa comunidade na medida em que todos/as tiverem que observar as mesmas regras e constituições, consequentemente terão os mesmos direitos e deveres.

1.3 – Os media como 'intercessores' do conflito de gerações na comunidade actual

A inserção nas redes sociais pode ser um meio de fugir da realidade e se refugiar no mundo virtual, de criar novos laços de maneira rápida, líquida e ambivalente, como um espaço que propicia troca de ideias e encontros virtuais, muitas vezes, desligados das comunidades reais da vida consagrada. Esta ambiguidade indica igualmente o desejo desta comunicação e interacção como significativa para a vida. O uso da *Internet*

vem gerando novas práticas e modificando o comportamento, no qual se elabora o mundo social através de redes[149].

Só para sermos claros, na vida consagrada pode ser criado um idealismo comunitário, quer dizer, construir castelos de areia, que oferecem a imagem de uma comunidade com uma vida sem conflitos, sem incoerências, sem patologias, sem encontros físicos. Quando se encontram essas coisas, as quais infelizmente existem devido à nossa fragilidade humana, as novas gerações se desencantam e não conseguem responder com uma relativa maturidade. Por isso é preciso educar as novas gerações ao realismo, sem perder, no entanto, o encanto do sonho e a utopia. Todos os integrantes das comunidades religiosas se beneficiam com um diálogo contínuo mútuo que permite compreender a história, as motivações, os desafios e as realidades passadas e actuais. Com isso pode-se encontrar caminhos para um sentido cristão no mundo de hoje, mesmo sem a intercessão dos media.

Na realidade, com a modernização do mundo, vai-se perdendo toda uma naturalidade da sociedade e muito mais da comunidade de consagrados ao ponto se chegar a certos extremos como já temos acima referido com a própria 'identidade arriscada'[150]. Um outro elemento que seguidamente se pode aqui sublinhar é o de expressão de sentimentos e emoções da parte de religiosos/as por meio dos media, nisto já existem grupos tipicamente organizados que fazem transitar toda uma sorte de mensagens imorais e não só, vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, mensagens estas que têm estado a afectar as emoções e sentimentos de homens e mulheres, sejam eles jovens ou adultos consagrados, para isso o autor já citado no caso Martín Carbajo, chama da parte do consagrado o máximo de discrição e prudência a este respeito preservando a sua intimidade na identidade[151].

---

[149] Cfr. C.M. CELLI, *I nuovi media al servizio d´evangelizzazione*, In JOSU, M. Alday (cur.), *Nuovi media e vita consacrata*, Ed. Àncora, Milano 2011, p. 21.

[150] Cfr. S. ABBRUZZO, *Internet e Web 2.0. Tra risposte virtuali e bisogni reali. Aspetti sociologici*, In Unione Conferenze Ministri Provinciali Famiglia Francescana d´Italia. *"Il frate minore nell´era digitale: rischio o opportunità?"*. Atti XLI Assemblea Unione, Assisi 13/17 marzo 2017, p. 25.

[151] Cfr. M. CARBAJO NÚÑEZ, *Abitare il mondo digitale com sapienza. Lo stile próprio del consacrato. Aspetti teologici*, In Unione Conferenze Ministri Provinciali Famiglia Francescana d'Italia. *"Il frate minore nell´era digitale: rischio o opportunità?"*, Op. Cit, p. 50.

Na mesma linha de pensamento ocorre aqui afirmar que vivemos um mundo em que todos os meios são permitidos, mas nenhum é seguro. Dentro do mundo da vida consagrada, é de salientar que o fundamentalismo parece ser, de maneira errada, um remédio radical contra as ambivalências da sociedade em geral e nas comunidades em particular[152].

A vida consagrada está inserida em uma época de grandes transformações com profundas mudanças, o que nos leva a pensar que os desafios se multiplicam, de maneira especial entre as novas gerações nelas directamente envolvidas, bem como as outras gerações desafiadas pela realidade nova. Mudanças causadas por vários aspectos, entre elas, as novas plataformas de comunicação resultante de novas tecnologias. Como o afirma Filomeno Lopes, na reflexão do parágrafo que se segue.

Neste sentido, a chegada das novas tecnologias como *internet*, celulares, redes sociais, facilitam as informações, quebram as barreiras geográficas e culturais, criam multiplicidade cultural e alteram o deslocamento de fronteiras, dando novas significações às práticas tradicionais da sociedade, e nós dizemos que são novos ventos a soprar numa nova sociedade[153].

Como já foi citado o documento VFC no capítulo anterior desta abordagem, quando considera o grande impacto dos meios de comunicação social na vida e mentalidade das gerações nos nossos dias com a tamanha inclusão do consagrado/a, facto este que vem de certa forma condicionando a própria comunicação no interior da comunidade[154], e o bom andamento do elemento interactivo da vida fraterna.

Em certa comunidade onde já existia um determinado mal-estar entre membros de duas diferentes gerações, por causa de algumas situações mal resolvidas, para admiração de todos e como os envolvidos no conflito não tinham coragem de enfrentar-se para dialogar, ou mesmo para um desabafo merecido, piorando a situação, envolveram-se no envio de mensagens anónimas em celulares e estas eram tipicamente provocadoras, caluniadoras até ao ponto de se ameaçarem mutuamente. Este cenário terminou drasticamente com a saída de alguns dos conflituantes do Instituto.

---

[152] Cfr. F. LOPES, *Verso una 'cultura'della comunicazione: idee per un dibattito*, In J.M. ALDAY (cur.), *Nuovi media e vita consacrata*, Op. Cit, p. 11.
[153] Ibidem, p. 15.
[154] Cfr. VFC, n. 34a.

Este e outros exemplos servem para dar-nos a entender que intercessão têm feito os media no conflito das comunidades e quanto mais este seja de gerações. No uso dos meios de comunicação, quando o direito canónico num dos seus cânones recomenda evitar o que é 'nocivo à própria vocação'[155], já antevê que por mais benefícios que estes possam trazer à sociedade e em particular a vida consagrada, trazem consigo também certos desvarios com danos muitas das vezes irreparáveis. Falando destes danos, Tonino Cantelmi, quando escreve sobre a crise de identidade no horizonte tecnoliquido, diz que a sociedade assim denominada apresenta o narcisismo[156] como forma viral sobre uma base digital, ou seja, "a tecnomediação da relação, a amizade *light*, o simples *click*, toda uma envoltura relacionada ao *facebook*, a *cyberpornografia"*[157], são as bombas que segundo nós podem intermediar uma relação comunitária com a maior porção ao conflito, do pessoal ao comunitário.

No seu artigo *Solitudini digitali e vita consacrata*, Vincenzo Comodo apresenta alguns elementos que achamos pertinentes na influência negativa de todos estes meios numa comunidade de consagrados, ou seja, a quebra da relação interpessoal, a perda do valor e da oração, a redução do fervor apostólico etc[158]; em resposta á benéfica 'solidão' como um indicador sencível do equilíbrio da personalidade, sobretudo do homem e mulher consagrados, na tendência de confundir aquela virtude com o isolamento[159], tem havido de certa forma a interveniência de toda uma grelha dos media.

Uma outra reflexão em torno deste argumento vem de Giacomo Ruggeri, já citado no capítulo anterior, que de *Internet* e social *network*, apresenta em linhas gerais e para o consagrado em particular quatro importantes critérios que são: a rapidez, tal como é a corrida do mundo, serve-nos a rapidez em tudo; um computador rápido, um celular rápido, uma fotocopiadora rápida e até mesmo um relógio rápido que corre com o tempo,

---

[155] Cfr. CDC, cân 666.

[156] Vem de 'Narciso'-do gr. *Nárkissos*, do lat. *Narcissu*. Amor excessivo por si próprio, uma atenção exagerada com o próprio corpo, culto relevante á própria personalidade, cfr., In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Porto Editora, Porto 2010, p. 1108b.

[157] T. CANTELMI, *Il frate nella rete. Isolamento, narcisismo, missione? Aspetti antropológica*, In *Unione Conferenze Ministri Provinciali Famiglia Francescana d´Italia*. *"Il frate minore nell´era digitale: rischio o opportunità?"*. Op. Cit, p. 59.

[158] Cfr. V. COMODO, *Solitudini digitali e vita consacrata, In La sapienza della croce. Rivista quadrimestrale di cultura e spiritualità* 34 (2019/2), p. 194.

[159] Cfr. L. PINKUS, *Psicopatologia della vita religiosa*, Ed. Rogate, Roma 2010, p. 57.

porque não temos tempo a perder. Segundo ainda o autor, como pagando exige-se a rapidez à companhia ou operadora, serve também para as outras pessoas que connosco se conectam a fé, a confiança e a relação; todas estas exigências perfilam também na vida do consagrado hoje, sobretudo a rapidez em resolver certas situações, nas relações comunitárias, na oração e meditação, tem vindo a influenciar para o tropeço de muitos consagrados[160].

Um segundo elemento na perspectiva do autor é o imediadiatismo. É uma exigência radicada nos acontecimentos do aqui e agora '*hic et nunc*', para isso se exigirá também a seriedade, um certo profissionalismo, garantia, segurança e certeza; é neste âmbito que tudo está acontecer num abrir e fechar do olho, mesmo no quotidiano do consagrado/a[161].

Roggeri fala também da superficialidade, ou seja, tudo se tornou superficial, já há necessidade de tanta investigação, nada de aprofundar as coisas, basta um *click* no *Google* e já temos a resposta e esta é suficiente, já não há tempo para pensar em profundidade sobre um assunto, e como já temos referido, com estes elementos infelizmente também as relações mesmo na comunidade caíram numa autêntica superficialidade. Parece que nos amamos, no fundo de tudo não, parece-nos apresentar um sorriso ao nosso irmão, no fundo há uma bola de ódio em nós (a isto nós chamamos riso fotográfico, como num *selfie* onde mais nos preocupa o brilho externo e não a natureza interna)[162].

Num outro plano o autor apresenta o elemento simbiótico como quarto critério, ou seja algo que se relaciona a mim, ligado a mim mesmo; o *smartphone* tornou-se uma extensão de mim mesmo, se o perco, também eu estou perdido. É precisamente isso que faz com que instintivamente o toquemos vezes sem conta durante o dia mesmo sem necessidades[163].

Por sua parte, o noto professor Amedeo Cencini, ao citar e concordar com Roggeri nos critérios acima referidos, sublinha que todo este problema vivido pelo jovem ou adulto, nativo e imigrante digitais 'consagrados', que se afastam sempre da sua consciência, do seu 'eu' autêntico e da sua liberdade ou dignidade de ser ele próprio a dar um

---

[160] Cfr. G. RUGGERI, *Lo smarthone nella tonaca: Internet e i social network mutano l´identità della persona consacrata e la comunità*, In *Vita consacrata* 55 (2019/1), pp. 53, 54.
[161] Ibidem, p. 54.
[162] Ibidem, pp. 53, 54.
[163] Ibidem, p. 55.

verdadeiro sentido à sua história[164]. Mas aqui vai a nossa preocupação que se traduz numa questão: como fazer para acudir toda uma situação que infelizmente os meios de comunicação têm criado no mundo consagrado? Como agir? De tudo quanto podemos imaginar, pode não funcionar na sua concretização. Uma sugestão de resposta que até certo ponto pode ajudar, vem de Martín Carbajo que numa das suas discertações afirma que o desafio nesse âmbito não consiste no uso dos referidos meios ou usá-los menos, mas segundo ele, o melhor seria aprender a usá-los de forma responsável para que estes se possam tornar um factor de humanização; no concreto, os consagrados/as deveriam lidar com este ambiente digital com o próprio estilo[165].

Por conseguinte, quando posicionamos os media como possíveis 'intercessores' do conflito de gerações na comunidade de consagrados, passando em análize a todos estes subsídios, podemos reter que eles podem certamente danificar o relacionamento comunitário e onde já existe um conflito mal vivido, cria ainda mais razões de dispersão ou esconderigios que dificultam um ar sereno na comunidade de consagrados que precisa melhorar a sua qualidade de vida se é que esta esteja a vir de um vento conflituoso do passado.

2 - O vento do 'conflito' na comunidade de ontem à de hoje

O nosso tempo tem como característica uma onda de mutação constante, um número infindo de novas informações que podem dificultar em muitos casos a escuta do outro ou a convivência diária. Podemos dizer que o mundo mudou mais nos últimos cento e cinquenta anos do que nos últimos oito mil anos, segundo uma estemativa. Isso significa dizer que, diferentemente do passado, as mudanças hoje em dia acontecem numa velocidade enorme. Claro que antigamente havia uma ligação na evolução e proximidade de uma geração para outra mais nova, mas hoje essa diferença na ligação às vezes distância uma geração da outra, seja em termos de conhecimento, de tecnologia, de valores, etc[166].

---

[164] Cfr. A. CENCINI, *Il coraggio di discernere. «Non si nasce cristiani, si diventa»*, Ed. Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 2019, p. 61.
[165] Cfr. M. CARBAJO NÚÑEZ, *Abitare il mondo digitale com sapienza. Lo stile próprio del consacrato. Aspetti teologici*, Op. Cit, p. 36.
[166] Cfr. CIVCSVA, *Per vino nuovo otri nuovi*, nn.12, 13.

Numa breve comparação dos estados das comunidades de consagrados, segundo algumas vozes de gerações já experimentadas à vida, notam-se opiniões divididas até certo ponto, uns afirmam ter melhorado o aspecto de entrosamento entre as gerações porque já, apesar de tudo, se nota uma abertura na exposição e resolução do problema; por outro, há afirmações contrárias, ou seja, que ontem viveu-se melhor o problema porque aquelas gerações eram mais compreensivas e as comunidades tinham mais vida porque eram bem sustentadas pelos "elementos teológicos, canónicos, sociais e até mesmo estruturais, como influentes da vida comunitária religiosa"[167].

E uma terceira posição da corrente hodierna que afirma mesmo que a geração actual de adultos não conseguiu cumprir sua responsabilidade. Muitas vezes, simplesmente não aconteceu, cuidando apenas de si mesma ou pensando em adquirir bens e consumir as opurtunidades merecidas às novas gerações. A cena desse encontro misterioso entre gerações não deve ser 'escamoteada' por adultos ou ocupada inteiramente por eles[168]. Na cena, é necessário estar lá, mas com a consciência do limite e da perspectiva de deixar o campo.

De fato, se representássemos a sucessão de gerações como os pisos de um edifício, corremos o risco de construir os diferentes pisos do prédio sem colocar mais elevadores ou escadas. Os planos permanecem isolados uns dos outros e forçados a auto-referenciar; esta comparação nos ajuda a perceber que é angustiante viver uma situação semelhante.

Por outro é de ressaltar também um elemento importante que certas comunidades ou mesmo Institutos com grande experiência missionária vivem actualmente; é a situação de problemas que vêm de largos anos e que nunca tiveram solução, casos até mesmo graves que já passaram de um mandato a outro, de superior/a a superior/a e que até certo ponto já são chamados casos crónicos e já caracterizam esta ou aquela comunidade negativamente.

Nota-se actualmente a preocupação dos membros das comunidades que procuram um apoio externo para um conselho, um ponto de vista sobre

---

[167] VFC, n. 11.

[168] Cfr. P. Del CORE, *Rapporto intergenerazionale nella vita consacrata*, In J.M. ALDAY (cur.), *Passare il testimone. Il rapporto tra generazioni nella vita consacrata*, Op. Cit, p. 39.

os problemas que estão vivendo. E como são sempre as pessoas envolvidas em problemas, surge a dificuldade da parte dos superiores em dinamizar a presença dos membros desta ou daquela comunidade, porque no fim de tudo, acontece sempre que nem todos aceitam viver com todos.

Eis na verdade o fundamento da questão, é que há muitos factos errados no interior de certas comunidades registados no passado que por distracção ou propósito de alguns, continuam a ser repetidos no presente. Ou também por falta de sentido profundo do perdão da parte desta ou daquela geração envolvida na situação. Urge a necessidade de trabalhar a consciência sobretudo das novas gerações e das anteriores que ainda até certo ponto são defensores das verdades, cada um a do seu tempo, sem querer assumir os erros da história e relançar o projecto de vida comunitária, ajudando assim os demais no melhoramento do comportamento. É necessário por fim olhar os exemplos positivos que cada instituto recebeu do seu fundador/a para a harmonização da vida por eles deixada.

2.1- A comunidade do fundador e o conflito

Podemos nos questionar como é que a vida Religiosa dos primeiros séculos teve uma força de atracção e que foi capaz de dar uma reviravolta à história? E enquanto a vida Consagrada actual nem sempre tem essa força? E interessa cada vez menos às gerações jovens? Estamos preocupados com a eficiência das nossas instituições que quase que nos obrigaram a integrarmo-nos no modelo económico e no sistema social e político estabelecido.

Um aspecto importante quando falamos da 'comunidade do fundador', por vezes herdamos até de elementos menos bons que desde o tempo do fundador provocavam conflitos; é nesta vertente que Jean Monbourquette, quando fala da sombra institucional, considera que "a sombra do fundador de uma comunidade com os seus tabus e proibições, deixam a sua marca que pode ser negativo, na sombra do grupo; mesmo após a sua morte, continua o autor, o espírito e a sombra do fundador, se não houver uma purificação, assombrarão os membros da sua comunidade[169]. Com isso é bom que se saiba que se conseguimos fundar e manter

[169] Cfr. J. MONBOURQUETTE, *Conviver com a sombra. Reconhecer e reintegrar o nosso lado mal amado.* Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2019, p. 36.

instituições de renome, e muitos consagrados actualmente são figuras públicas, respondendo por estas instituições sociais, devem saber apresentar a boa 'sombra' no projecto do fundador. Porém, por mais que nos sintamos surpreendidos, a realidade diz-nos outra coisa diferente, ou seja, contradiz os nossos esforços em manter um certo Instituto ou uma Ordem mais organizada, uma sociedade mais justa. Muitos superiores e superioras, se vêem aflitos na mudança dos irmãos e irmãs para outras zonas de missão, por causa do sistema estabelecido pela função pública que estes vêem assumindo, ou seja, por estarem comprometidos no trabalho a nível estado localmente. Mas, os mesmos, logo que tomam conhecimento, de um concurso público orientam os seus irmãos/ãs a participarem no concurso pois com efeito aí está o segredo da subsistência económica de muitos, pelo salário que estes terão direito.

Pensamos nós que onde quer que o homem ou mulher consagrados vivam ou trabalham, não se trata de serem 'melhores', nem, 'mais perfeitos', nem, 'superiores' aos demais cristãos e não só. Se os consagrados/as são seres humanos, têm e terão limitações como toda a gente. A questão está em que estes vivam e tornem visível a intuição profunda que inspirou quantos a puseram em prática desde os primeiros tempos. Tomá-la a sério para que possam tocar também os outros como eles um dia foram tocados.

Tomar a sério, significa por exemplo no nosso contexto a renúncia aos privilégios. É que a renúncia a sermos pessoas privilegiadas, é um facto que, inclusive na nossa sociedade em diversas partes, a figura de um consagrado/a inspira normalmente respeito, admiração ou um estranho sentimento de que se está perante um homem ou mulher influente, uma pessoa que é acolhida ou ouvida, à qual se abrem quase todas as portas e muito mais para aqueles que trazem o hábito religioso.

Mas o surpreendente é que, embora mantendo essa imagem pública, quase ninguém quer ser consagrado ou consagrada. E a prova está na crescente falta de pessoas jovens que queiram entrar nos nossos institutos religiosos.

Porque é que nos admiram, e até apreciam o nosso trabalho, mas não nos querem imitar? Lá esta mais uma vez mais, a contradição social. Continuamos a ser pessoas privilegiadas, a viverem a custa do bom nome dos nossos Institutos e da própria religião. Até agora vê-se na nossa

sociedade a proliferação de seitas e que chamam ‘igrejas’, porque vale a pena ser chamado ‘igreja’ pois isso faz subir a um certo pedestal. Em todo este cenário, o posicionamento do consagrado/a nunca deve ser cómodo.

Vejamos a grande diferença entre os primeiros monges e a actual vida consagrada como é clara. Os anacoretas do século IV eram estimados pela maior parte dos cristãos. Mas não eram pessoas privilegiadas socialmente e menos ainda, politicamente. Sem exagerar podemos dizer que esses monges não eram pessoas ‘notáveis’ na sociedade, ao passo que nós, os consagrados actuais, somos sim considerados, em geral, pessoas notáveis. Por isso é que o seguimento de Jesus já não equivale carregar com a cruz, que fez de Jesus um homem sofredor, mas que nos eleva sobre um pedestal social que atrai sobre nós admiração e, por vezes, êxitos e até mesmo honrarias.

A jeito de conclusão podemos dizer que o que é necessário que os religiosos olhem para trás, para o Evangelho de Jesus. Como vem escrito no Evangelho segundo são João (10,38), «se não acreditais em Mim acreditai pelo menos nas minhas obras». O que Jesus quis dizer é o que uma pessoa faz, expressa quem é ela. A coerência, a harmonia e a transparência entre o que ‘se é’ e o que se faz, isso é a única coisa que é digna de fé e que merece crédito neste mundo.

O que se quer hoje, é enfrentar os desafios tendo como pontos de referência as comunidades que deram origem um projecto tão enorme e importante através dos nossos fundadores e fundadoras, que apesar dos conflitos do seu tempo, souberam preservar este importante tesouro que hoje está nas nossas mãos; é claro que se afirma e bem sabemos que é impossível viver sem conflitos, o fundamental é portanto termos sempre a capacidade de lidar com os conflitos, até chegar ao ponto de darmos uma resposta que seja positiva para o bem das nossas comunidades.

2.2 - Velhos problemas em tempos novos

Se partirmos do pressuposto de que o consagrado não deve fazer da vida religiosa um refúgio pessoal, a vida comunitária foi sempre desde a intenção dos nossos fundadores e pensamos nós que continuará a ser uma experiência de Jesus, e o maior desafio desde os tempos remotos era e continua a ser a transmissão do testemunho de vida aos jovens e eles como

consagrados vivam na certeza de que acreditam neste caminho como via para viver o evangelho e serem testemunhas nos seus dias. Sabemos que diante dos desafios a vida religiosa passa por transformação em busca de uma nova identidade, não é que ela esteja desviada do sentido maior: 'o Cristo'.

Numa conversa tida a tempos com um ancião consagrado com muita experiência de vida, e que já convive com gerações em comunidades há longos anos, questionado sobre os problemas inerentes ao convívio das gerações em comunidades de consagrados, desde o seu tempo de formação como jovem, adulto e agora que ancião; com um ar de graça e animado pela questão colocada este respondeu que muitos dos tantos problemas que os Institutos de consagrados já viviam no antigamente em certa medida continuam os mesmos e até porque o homem ou a mulher (consagrados) continuam a ter a mesma estrutura, continuam a ser os mesmos e a única coisa que mudou segundo ele, é evolução da tecnologia e que muitos pecados do mesmo homem ou mulher por sinal consagrados, simplesmente evoluíram tecnologicamente e outros destes pecados foram mudando de nomes para confundir a nova geração.

O problema esteve, está e continuará a estar na pessoa de todos os tempos e que venha pertencer a qualquer geração que seja. Só nele se encontra a chave para uma mudança, se quisermos assim chamar, radical da sua realidade de vida, quanto mais do consagrado em comunidade, porque quanto as incompreensões, a ganância, a inveja, as perseguições, as calúnias, os grupos separados e tudo quanto fere o bem-estar da comunidade multigeracional e multicultural consequentemente, são uma realidade existencial num convívio humano.

Recuando no tempo encontramos tantos destes elementos na história e evolução de muitos Institutos e Ordens, na pessoa dos seus fundadores e primeiros seguidores, muitos destes problemas deram origem a numerosas reformas e contra-reformas até chegarmos nos dias actuais e que o vento que se respira no interior de muitas comunidades de consagrados, como afirma o José Rodríguez Carballo, Arcebispo Secretário da CIVCSVA, numa das plenárias da Congregação que ele secretaria, ao fazer uma radiografia da vida consagrada, destaca os sinais de morte ou sombras dizendo que existe hoje uma vida consagrada auto-referencial, ou seja, virada para si mesma, assim sendo ela faz perder o sentido pleno do seu

nascimento seja dentro da Igreja, como no mundo em geral; Carballo prossegue a sua reflexão dizendo ainda que a vida consagrada como a Igreja em geral, são chamados segundo a carta do Papa Francisco aos consagrados[170], a saírem do "ninho" em que se encontram e realizarem a "mística do encontro" com todos os membros da Igreja e com o mundo em geral[171].

Outros elementos venenosos apontados por José R. Carballo, não passam da vida estagnada, do famoso 'sempre foi assim', 'sempre fizemos assim', nisto ele recomenda uma "fidelidade dinâmica", criativo que supõe audácia, como resposta aos sinais dos tempos; a mediocridade como verdadeiro cancro da vida consagrada, uma vida consagrada"sem mística"[172] ou motivações profundas, falta de dinamismo interno e apostólico, uma vida consagrada carregada de rotina[173].

Em suma tantos outros elementos atonteam a vida consagrada nos tempos actuais, são na sua maioria do 'Antigo Testamento', antiga era no dizer da vida consagrada; é importante que reconheçam todos estes elementos a fim de merecerem a devida atenção ou acompanhamento possível para se evitar vários erros cometidos no passado. Porque traduz-se em verdade a famosa frase popular que afirma que 'quem não aprende com o passado, está sujeito a cometer os mesmos erros', diríamos ainda nós, se conhecemos os erros do passado e os repetimos, somos duplamente culpados e consequentemente teríamos um duplo castigo. Como é a consideração do Senhor no Evangelho quando fala das instruções do senhor ao seu servo: "O servo que, conhecendo a vontade do seu senhor, não se preparou e não agiu conforme os seus desejos, será castigado com muitas vergastadas. Aquele, porém, que, sem a conhecer, fez coisas dignas de vergastadas, apenas receberá algumas" (Lc 12, 47-48a).

---

[170] Cfr. FRANCISCO, *Testigos de la alegria, Carta apostólica a los consagrados*, II, 3. Ed. Publicaciones Claretianas, Madrid 2014.
[171] Cfr. EG, n. 87; cfr. J. RODRÍGUEZ CARBALLO, *Radiografia de la vida consagrada hoy*, In S.Mª GONZÁLEZ SILVA, *La alegria del Evangelio en la vida consagrada. Un nuevo impulso de la renovación*, Ed. Publicaciones Claretianas, Madrid 2015, p. 144.
[172] Cfr. FRANCISCO, *Testigos de la alegria, Carta apostólica a los consagrados*, Op. Cit.
[173] Cfr. J. RODRÍGUEZ CARBALLO, *Radiografia de la vida consagrada hoy*, In S.Mª GONZÁLEZ SILVA, *La alegria del Evangelio en la vida consagrada. Un nuevo impulso de la renovación*, Op. Cit, pp. 146, 147.

2.3 - Uma leitura atenta da vida comunitária hoje à luz da Perfectae caritatis n. 2

A vida dos Institutos ou Ordens na Igreja actualmente, tem dependido da dinâmica da própria Igreja, como forte sinal da sua presença na sociedade do tempo; tudo isto teve como ponte de partida como bem sabemos no Concílio Vaticano II com o grande texto documental o Decreto *Perfectae Caritatis* sobre a conveniente renovação da vida consagrada, é um documento com os expressos vinte e cinco números dando indicação precisas de como deve ser revitalizada a vida dos consagrados desde a pastoral vocacional, formação, vida comunitária, identidade e a consequente missão do consagrado no mundo hoje.

A nossa maior atenção passaria pela reflexão do segundo número do documento, onde estão apresentados os cinco princípios a ter em conta no novo panorama da vida consagrado na Igreja e no mundo actual. O decreto começa por reforçar a necessidade de um contínuo apego ou referência às raízes para uma renovação coesa e segura com estas recomendações:

"A conveniente renovação da vida religiosa compreende não só um contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos mas também a sua adaptação às novas condições dos tempos"[174].

O texto propõe estes princípios partido do cermem da questão que serviu de orientação e modelo para os primeiros promotores deste estilo de vida, ou seja, o Espírito Santo, por isso continua com estas palavras; "esta renovação, sob o impulso do Espírito Santo e a orientação da Igreja, deve promover-se segundo os princípios seguintes"[175]:

> a) Dado que a vida religiosa tem por última norma o seguimento de Cristo proposto no Evangelho, deve ser esta a regra suprema de todos os Institutos.
>
> b) Reverte em bem da Igreja que os Institutos mantenham a sua índole e função particular; por isso, sejam fielmente aceites e guardados o espírito e as intenções dos fundadores bem como as sãs tradições, que constituem o património de cada Instituto.
>
> c) Todos os Institutos participem da vida da Igreja, e, segundo a própria índole, tenham como suas e favoreçam

[174] PC, n. 2.
[175] Ibidem.

> quanto puderem as iniciativas e empresas da mesma Igreja em matéria bíblica, dogmática, pastoral, ecuménica, missionária e social.
>
> d) Promovam os Institutos nos seus membros o conveniente conhecimento das circunstâncias dos tempos e dos homens bem como das necessidades da Igreja; de maneira que, sabendo julgar sabiamente das situações do mundo dos nossos dias à luz da fé, e ardendo de zelo apostólico, possam mais eficazmente ir ao encontro dos homens.
>
> e) Dado que a vida religiosa se ordena antes de tudo a que os seus membros sigam a Cristo e se unam a Deus, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, deve pesar-se seriamente que as melhores adaptações às necessidades do nosso tempo não sortirão efeito, se não forem animadas da renovação espiritual, que sempre, mesmo na promoção das obras exteriores, deve ter a parte principal[176].

Se prestamos atenção, notamos que quando o texto da PC apenas citado, nas suas alineas fala da *sequela Chisti*, fidelidade às origens, fidelidade à Igreja, adequação ao tempo e a revovação espiritual[177], mexe com os pilares do vida cristã/consagrada (Cristo, tradição, Igreja, Espírito).

E essa renovação não passa, se não também por um sangue novo nos institutos ou comunidades de consagrados e o documento em referencia destaca o elemento 'fidelidade', pois que as velhas gerações devem saber transmitir esse elemento fundamental às novas gerações.

Assim sendo; se é verdade que não há renovação autêntica sem fidelidade, é igualmente verdade que não há fidelidade sem renovação. Quando uma vida não é mais renovada, ela é fatalmente orientada para a extinção. A fidelidade é por sua natureza dinâmica, aberta ao impulso do Espírito que passa pelos eventos eclesiais e aos sinais dos tempos, é, portanto, também e essencialmente, renovação. Ou se quisermos perceber melhor, renovação è, portanto, fidelidade que também é renovação contínua. A lealdade, em outras palavras, deve referir tanto o passado quanto o presente. Não é por nada que o documento de promoção religiosa e humana (1978) quando fala da fidelidade que o religioso deve cultivar, juntamente com a fidelidade a Cristo e ao Evangelho, à Igreja e a sua missão, à vida

---

[176] PC, n. 2.
[177] Cfr. VC, n. 55.

consagrada e ao próprio "carisma"[178] começa com a lembrança antes de tudo à fidelidade do homem ao nosso tempo[179].

Num passo subsequente, o Papa Paulo VI, na sua exortação *Evangelica Testificatio*, escreve:

> «Só assim podereis despertar de novo os corações para a Verdade e para o Amor divino, segundo o carisma dos vossos Fundadores, suscitados por Deus na sua Igreja. Desta forma, insiste o Concílio e justamente, na obrigação dos Religiosos e das Religiosas, de serem fiéis ao espírito dos seus Fundadores, às suas intenções evangélicas e ao exemplo da sua santidade, vendo nisso precisamente um dos princípios da renovação em curso e um dos critérios mais seguros daquilo que cada instituto deveria empreender. O carisma da vida religiosa, na realidade, longe de ser um impulso nascido "da carne e do sangue" ou ditado por uma mentalidade que "se conforma com o mundo presente", é antes o fruto do Espírito Santo que age continuamente na Igreja»[180].

Um dos maiores tesouros que a Igreja tem, é a força do Espírito que teve a sua grande manifestação no Cenáculo com o Pentecostes, ou seja, a descida do Espírito Santo com os seus dons, infundindo à Igreja a sua força carismática. E é esta força da Igreja que também dinamisa a cada homem ou mulher consagrados com os carismas que estes receberam dos seus fundadores a fim de levar avante a missão de Deus na própria Igreja e no mundo em geral.

Numa leitura e interpretação das linhas do documento *Faciem tuam*, podemos perceber que a comunidade de consagrados, animada pelo Espirito Santo[181], deve encontrar nos seus membros a capacidade de um diálogo precioso para descobrir a vontade de Deus Pai, num discernimento contínuo[182] do seu carisma, que se manifesta na escuta e proclamação de

---

[178] VC, n. 36.
[179] Cfr. OE, n. 14.
[180] PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelica Testificatio, sobre a renovação de vida religiosa segundo os ensinamentos do concílio*, In AA.VV., *Compêndio da Vida Consagrada. Documentos pós-conciliares do Magistério sobre a Vida Consagrada*, Ed. Paulus, Lisboa 2014, n. 11.
[181] Cfr. CIVCSVA, *O serviço da autoridade e a obediência. Faciem tuam, Domine, requiram*, Op. Cit, n. 20e.
[182] Ibidem.

Palavra de Deus. É assim que, o discernimento pessoal e comunitário venha a ser uma busca contínua de resposta e confiada na mesma Palavra.

Sendo assim, tendo a consciência de que, a lógica evangélica para acolher e reconhecer cada irmão, a capacidade de perceber a verdade que cada um traz consigo. Além disso, para a acolher o seu parecer como mediação para descobrir juntos a vontade de Deus que a todos chama e congrega[183], e também para saber e reconhecer as ideias dos outros é preciso ter a atenção aos sinais dos tempos que se revelam na vida de cada um de nós, para neles descobrir os caminhos de Deus.

Tendo em conta a liberdade fraterna de todos os membros da comunidade, ou seja, para tomar a coragem de motivar as ideias pessoais, e, também abrir-se as novas perspetivas e de modificar a vida da comunidade, porque a comunidade é o lugar preparado para reconhecer todos os feitos de Deus na nossa realidade humana.

3 - O consagrado adulto em contínuo discernimento

O adulto de verdade é um exemplo no campo de discernimento e de conduta moral digna, precisa meditar e reflectir com calma para fazer escolhas sensatas baseadas em princípios que não são ambíguos. Nada está pronto para quem entende que apesar de existir uma tradição moral na prática ele precisa levar em conta cada particularidade da questão em jogo na sua vida.

O adulto tem um direccionamento pessoal, um senso de propósito pessoal que o torna uma pessoa singular e não um indivíduo numa manada sem identidade própria.

O adulto de verdade tem um horizonte, que pode ser revisto de tempos e tempos, mas segue aquela filosofia pessoal como um lema e deseja deixar algum legado significativo. Não vive como uma bolinha pipocando sem rumo. Mesmo se permitindo momentos de incerteza ele tem uma sensação de plenitude interna.

Os adultos são aqueles que nunca se permitem paralisar no tempo e não acham que o passar do tempo garante maturidade espontânea, sem um percurso no discernimento, afinal existem muitos idosos imaturos.

---

[183] Cfr. CIVCSVA, *O serviço da autoridade e a obediência. Faciem tuam, Domine, requiram,* Op. Cit, n. 20e.

Fisicamente, emocionalmente, socialmente, intelectualmente estão sempre aperfeiçoando suas técnicas e estratégias[184].

Quando não há uma pura intenção de assumir as reais etapas, um dia; num piscar de olhos estaremos lá; ou seja, veremos as coisas a passarem. O tempo passará de repente, nem notaremos. Acumularemos conhecimentos, sabedoria, visão do mundo. Seremos tomados como referências acerca de diversos problemas. Daremos conselhos, desapontaremos os ímpetos irracionais da juventude que dirão que somos tradicionalistas, conservadores e antiquados.

Há ainda quem diga que estamos na 'melhor idade' e nos pedirão para contar nossas aventuras, nossas vivências, nossas histórias. Olharemos para trás e pensaremos como tudo foi tão rápido: tristeza e alegria, sofrimento e prazer, esperança e desilusão. De algumas coisas nos arrependeremos por tê-las vivido; de outras, iremos desejar que se repitam infinitas vezes, pois nos farão bem[185].

Lembraremos com saudades daqueles que partiram antes de nós. Aqueles que se foram e nos deixaram chorando por não poder mais vê-los, tocá-los, abraçá-los. Sentiremos saudades dos irmãos que já cresceram quando cada um seguir seu rumo, sua vida, sua própria trajectória. Desejaremos que o tempo volte para podermos realizar tudo aquilo que outrora não conseguimos, mas que nem por isso saiu de nossas cabeças.

A experiência da vida adulta madura nos leva a afirmar que um tempo nosso corpo ficará fatigado, nossa vista cansada e nossos ossos frágeis. Nossos cabelos ficarão brancos, nossa pele flácida e nossa saúde abalada. Mesmo assim, seguiremos com a sensação de dever cumprido. Teremos orgulho do nosso percurso; seremos ponto de partida para os jovens e ponto de chegada para os que vieram depois de nós. Alguns nos chamarão 'idosos', outros nos chamarão de 'velhinhos'. Não há problema, como se afirma no provérbio popular, 'velhinhos são crianças nascidas há muito tempo', o que não deixa de ser verdade. Mas tudo isso será frutuoso se formos uma geração responsável e que se relacione bem com as outras gerações.

---

[184] Cfr. J.N. GARCIA de ARAÙJO; T.C. CARRETEIRO, *Conflitto*, In AA.VV. *Dizionario di psicosociologia*, Op. Cit, p. 91.
[185] Ibidem.

E se ao invés formos pisando as etapas significativas, será assim que cumpriremos nossa jornada como eternas crianças em corpos de adultos. Dirão que o tempo não foi generoso conosco, mas não é bem assim, seguiremos o ciclo natural das coisas. Seremos breves, mas eternos; nosso corpo será limitado, mas nossa imaginação não terá barreiras; teremos perdas, mas o tempo trará ganhos. Nosso legado ficará na história. Seremos assim, ídolos de nossos vindouros e admiradores[186].

Acreditamos que um dos maiores desafios da vida adulta seja a responsabilidade imposta pela sociedade, pois se não formos adultos responsáveis e perfeitos acabamos por ficar à margem desta sociedade que nos cobra perfeição e assim nos tornamos, na maioria das vezes, adultos metódicos, rotineiros e saudosos da nossa infância, onde éramos felizes e não sabíamos.

No âmbito da nossa abordagem se pode afirmar que a maneira pela qual lidamos com um conflito depende da natureza, razões subjacentes, grau de extensão, intensidade ou importância quanto às consequências, contexto comunitário e pessoal na motivação dos membros. Depende também de experiências que cada indivíduo envolvido no conflito teve em relação a outros conflitos e resultados anteriores num processo de discernimento.

Isto leva a compreender o tema sobre o discernimento; "discernir significa separar, seleccionar, ajuizar, criticar, escolher depois de um exame atento, perceber as coisas com clareza, compreender em profundidade para decidir"[187]. Aplicando estes verbos à nossa vida de cristão, podemos descrever o discernimento como a capacidade de tornar claro onde existe confusão, de levar o equilíbrio e a harmonia, de escolher a verdadeira vontade de Deus. É também esta é a linha de pensamento dos autores Angel A. Rodrigues e Joan C. Casas:

> «O discernimento define-se como aquela arte através da qual o homem e a mulher compreendem a palavra que lhe é dirigida e nesta palavra descobre o caminho que deve percorrer para responder à Palavra. O discernimento ajuda a pessoa a santificar o tempo que Deus lhe deu à disposição para cumprir a sua vocação, que é o amor. Quando se adquire uma certeza da

---

[186] Cfr. P. VITTORIA, *Narrando Paulo Freire. Per una pedagogia del dialogo. Pensieri, dialoghi, esperienze*, Op. Cit, p. 120.

[187] A.A. RODRIGUES; J.C. CASAS, *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, Op. Cit, p. 337.

> vontade de Deus, ou os pensamentos que provêm d'Ele e a Ele levam, chegamos a centro do verdadeiro discernimento»[188].

Portanto, o discernimento faz parte da relação vivida entre Deus e o homem, ou melhor, é exactamente o espaço no qual o homem experimenta a relação com Deus como experiência de liberdade exercitada na comunidade e, até mesmo, com possibilidade de se recriar. No discernimento, o homem experimenta a sua identidade como criador da sua própria pessoa. Nesse sentido, é a arte na qual o homem se manifesta a si mesmo na criatividade da história e cria a história criando a si mesmo. É por assim dizer 'co-autor' com Deus da sua história.

Ainda assim, o discernimento nos sensibiliza para escutar a voz de Deus nos irmãos, na sociedade, nos acontecimentos e nos exercita na busca da vontade de Deus, que é fruto e Dom da graça e da decisão. Por isso, para o discernimento pessoal, o mais importante é ter recta intenção de fazer o que Deus quer como resposta ao seu amor, o discernimento nos coloca na disposição; é também neste linha que Rupnik Marko expressa o seu pensamento ao afirmar que discernimento é a forma como a pessoa sente, pensa e age em certas realidades. Neste sentido o discernimento é a relação concreta e real, portanto uma verdadeira comunicação entre a pessoa e Deus. Todavia, Deus não se comunica verbalmente com a pessoa, mas também não é um 'intrometido' que invade de maneira estranha a vida da pessoa. Ele só entra em diálogo com a pessoa por meio daquelas realidades que são próprias, ou seja, os pensamentos e os sentimentos[189].

O projecto de vida é um convite a tomar a vida nas próprias mãos e a descobrir a grandeza de decidir sobre a própria existência de um modo autónomo e comprometido, e por isso mesmo, pessoal e comunitariamente plenificante. A ausência de projecto leva a uma vida alienada, onde os outros decidem por mim. Falando do 'eu' e do 'outro', segundo Rulla, o apelo divino e a graça da transformação não caem em terreno neutro. Mas encontram no ser humano, duas realidades antropológicas que fazem parte da natureza: a capacidade de se auto-transcender teologicamente e as limitações na pessoa humana. Portanto há que fazer um caminho.

---

[188] A.A. RODRIGUES; J.C. CASAS, *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, Op. Cit, p. 338.
[189] Cfr. M. IVAN RUPNIK, *O discernimento*, Ed. Paulinas, São Paulo 2004,p. 27.

Daí a necessidade de viver integrado e unificadamente, deixar de viver somente satisfazendo as próprias necessidades e pulsões e auto-transcender-se; isto é, sair de si, descentralizar-se de si mesmo, 'perder-se'. A pessoa humana é um ser aberto à transcendência, a ir além de si mesmo, a realizar um desejo de felicidade e plenitude. Um dos momentos mais luminosos da vida é aquele em que se descobrem valores que se apresentam como incondicionais, com um certo caráter de absolutos, que exigem disponibilidade e resposta incondicionais[190].

"O discernimento é, portanto, uma realidade relacional, como o é a própria fé. De fato, a fé cristã é uma realidade relacional, porque Deus que se revela comunica-se como amor, e o amor pressupõe o reconhecimento de um tu"[191]. Dizendo que Deus é amor, é porque existe uma comunicação absoluta, quer do amor recíproco das três Pessoas Divinas, quer da criação.

A comunidade de consagrados com todos os seus revestimentos segundo nós, está na altura de superar os módulos basicamente humanos.

Um aspecto que pode despertar nossa atenção e ao mesmo tempo admiração quando nos referimos à comunidade de consagrados, é o facto de homens ou mulheres unidos sem primeiro se terem conhecido, para viverem juntos sempre, com ideias diferentes naturalmente, procedencias e caracteres diversos: e aqui um há outro elemento que até certo ponto vem reforçar a diferença entre os membros de uma comunidade, é a 'idade'. Durante a nossa pouca experiência religiosa, das comunidades visitadas, vividas, ou ouvindo dizer, pelo menos no âmbito da nossa Ordem, nenhuma delas concentra somente membros de uma faixa etária, ou seja, onde todos sejam adultos, ou onde todos sejam anciãos ou se quisermos, onde todos sejam jovens a cem por cento.

O modo de perceber a sã vivência entre os membros de uma mesma comunidade refere-se ao discernimento no que diz respeito às razões que poderiam mover-nos a abraçar ou deixar de lado o objecto de opção[192].

O ponto de partida de toda essa percepção no discernimento é ajudar à pessoa a situar-se no plano da fé: "considerar o fim para o qual

---

[190] Cfr. L.M. RULLA, *Psicologia do profundo e vocação*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986, p. 72.
[191] A.A. RODRIGUES; J.C. CASAS, *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, Op. Cit, p. 340.
[192] Cfr. B. GOYA, *Psicologia e vita consacrata*, Ed. San Paolo, Milano 1996, p. 51.

fomos criados, que é louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e salvar nossa alma" [193] e a verificar se está em atitude de indiferença ou de desapego frente aos afectos desordenados. Se aparecem 'apegos', há que fazer inclinar a balança para o lado contrário e convencer-se de que, quanto mais a pessoa se libera de seu amor-próprio e de sua vontade de interesse, muito mais progride nas coisas espirituais.

Para isso, se pode traçar um quadro de quatro colunas. Na primeira coluna são colocadas as razões favoráveis e as razões contrárias para abraçar a coisa em questão ('os prós') e na segunda coluna, colocam-se as razões favoráveis e as razões contrárias para não abraçar a coisa em questão (os 'contras')[194]. Provavelmente, muitas razões se repetirão em ambas colunas.

Contudo, o exercício de escrevê-las ajuda a desmascarar as resistências inconsistentes já que pode acontecer que uma pessoa creia que está no terceiro tempo, isto é, tranquilo e de fato está influenciado, subtilmente, pelo mau comportamento, ou seja, está longe das suas naturais capacidades de discernir.

Depois da reflexão, deve-se verificar para onde se inclina e onde pesam mais as razões apresentadas e deliberar sobre a coisa proposta segundo a maior inspiração racional e não segundo qualquer inspiração sensual. A decisão deve seguir a objectividade das razões e ali aparece a inspiração divina. Pois o homem racional, à luz da fé, é movido por Deus, ainda que Ele não se faça sentir à maneira de uma consolação ou de uma desolação, a presença da comunidade ajuda ao consagrado a dar passos significantes no seu crescimento cristão[195].

O que é certo, a comunidade só encontra uma possível 'compreensão' pela fé, pois a crença num só Deus Trino e Uno, leva-nos a criar uma comunidade coesa e radicada num espírito cujo Deus assiste, ilumina e orienta.

Como é sabido e aqui reiteramos, que a capacidade de decisão e de discernimento é fundamental para a vivência de uma vocação á vida consagrada. Hoje, parece que esta capacidade vai se esvaziando aos poucos, fazendo uma opção de vida. E, quando se decide, em pouco tempo o que se

---

[193] P. RUDOLF, *Discernimento*, In *Enciclopédia Teológica*, Ed. Queriniana, Brescia 1989, p.127.
[194] Cfr. L.M. RULLA, *Psicologia do profundo e vocação*, Op. Cit, p. 74.
[195] Cfr. VFC, n. 39.

decidiu já se desfaz por falta de consistência. Muitas das vezes falta a capacidade de avaliar as decisões tomadas. Daí que o discernimento deve ser cada vez mais amplo, como escreve Benito Goya:

> «O discernimento tem como tarefa primordial a de incitar a verificar o facto certo do chamamento especial. Como aparece evidentemente na escolha dos apóstolos: "Não fostes vós que me escolhestes, mas Eu vos escolhi" (Jo 15, 16). A iniciativa divina é o fundamento sobre o qual se apoia o primeiro dado a escolher…»[196].

Nesta ordem de ideias, da parte de Deus que chama, poderíamos dizer que a vocação é uma inspiração interior e moção do Espírito Santo, impelindo aquele que é chamado a uma nova aventura no seguimento daquele que o chamou e que ao mesmo tempo o torna hábil com graças particulares para que alcance o seu fim. A vocação é por assim dizer como moção de Espírito é de facto um facto intrinsecamente sobrenatural e por isso a sua verdade pode ser assegurada somente através dos princípios de discernimento espiritual[197].

Por sua vez, ligado à vocação, o discernimento será assim entendido como tanto se afirma, esta procura e descoberta da presença, da acção de Deus e da sua vontade sobre a vida é a missão do consagrado que vive de maneira digna a sua vocação.

Em suma, a comunidade é constituída pelos seus membros, não é algo abstracto, mas sim concreto. São pessoas com nomes próprios, aspirações, alegrias e dores, virtudes, etc. Unidos ajudam-se e fazem-se presentes em todas as situações que exigirem o aconchego. Por sua vez, a aceitação uns dos outros não é procurar moldar os outros segundo seus interesses e desejos próprios, segundo suas próprias influências e seus projectos, mas respeitar as diferenças, construir a comunidade a partir das diversidades e diferenças boas e desafiadoras. Superação do egoísmo*;* na vida comunitária precisa-se de superar tendências egoístas, deve haver uma interacção entre vida pessoal e comunitária. Atenção ao individualismo é importante neste caso também prestar atenção ao egoísmo. Perdoar e pedir perdão ou desculpassão obrigatórios, no trato diário com os outros; reconhecer que existem falhas e limitações também nos outros.

---

[196] B. GOYA, *Psicologia e vita consacrata*, Op. Cit, p. 48.
[197] Ibidem, p. 48.

3.1 - Leitura contínua e meditada da fórmula de profissão

A consagração religiosa, como bem sabemos, tem o carácter de totalidade. Ou seja, compreende a pessoa toda e abrange toda a sua vida; pelos votos, a pessoa realiza uma verdadeira transferência de propriedade, isto é, entregando-se a Deus; não só oferece os frutos da árvore de sua vida, mas a árvore mesma com as suas raízes e toda a sua capacidade de frutificar, e não por etapas, mas de uma vez para sempre.

Quando falamos no ponto anterior do consagrado em constante discernimento, partimos do princípio chave da sua vida, ou seja, a entrega a Deus, à comunidade e à Igreja; estas três realidades levam-nos a reflectir sobre a fórmula da profissão que cada Instituto ou Ordem tem e que os consagrados recitam no dia da profissão.

Na sua generalidade, a fórmula da profissão acarreta consigo certos aspectos importantes, ou seja, tem um carácter teológico, eclesial, carismático e sócio-antropológico; estes certamente são a chave de toda uma entrega formal como já foi referido lá mais acima, a Deus a Igreja e à comunidade. Sem receio de errar, diríamos que o texto formal de cada Instituto, é uma das riquezas que recebemos no dia da nossa profissão, sem descurar a regra e as constituições naturalmente.

Ao considerar todos estes elementos, vem-nos a questão; quantos consagrados depois de largos anos de profissão, fora dos momentos de renovação que acontece em períodos estabelecidos, relêem e reflectem seriamente em cada palavra escrita na fórmula da profissão? Temos a certeza de que fora daquela leitura 'precipitada' no dia da profissão e se calhar uma breve explicação na véspera da profissão da parte de quem na altura era encarregado/a para a formação, e daí tudo caiu num tremendo silêncio.

É hora de irmos aos poucos restaurando o desejo de aprofundar a reflexão daquele rico discurso de entrega manifesto na fórmula da profissão trazendo à consciência os elementos essenciais da nossa humanidade em Deus e da divindade de Deus em nós.

Há no ser humano a capacidade de amar com todo o coração, com toda a mente e com todas as forças (cfr. Lc 10, 27), porque acredita firmemente em Quem ama e pode viver nesse amor com todo o seu ser. Dessa dinâmica derivam consequências importantes para se entender a

origem do verdadeiro amor do homem ou mulher consagrados que se doam a Deus. Na própria vida da pessoa se vivifica a presença de Deus a quem ele se doa, se é vivida de maneira mais plena. Aqui não existe dispersão de energias, nada é estático e repetitivo porque o objectivo é claro. Assim, todo o seu ser está em harmonia interior; que torna a pessoa forte e consistente.

Uma vida assim vivida é rica, porque a pessoa possui energias tão grandes que dão a sua vida um horizonte teológico. Quantas capacidades ficam em nós sepultadas e neutralizadas e por outro lado, como se torna viva a vida de quem ama, cheia de capacidades e de vontades. Assim a vida em volta da pessoa também se enriquece por que vive em plenitude o dom que recebeu; nesta plenitude se insere uma vida sobrenatural.

Num discurso paralelo a este, no dizer de Cencini, quanto a psicologia do encontro com Deus, a consistência, segundo ele, leva a pessoa a uma ascese com Deus; como vem escrito:

> «O dom do encontro com Deus é, sem dúvida, algo de absolutamente novo e gratuito na vida do indivíduo. Todavia, antes disso, foi preciso uma caminhada ascética para a consistência. De fato, um psiquismo consistente está naturalmente disponível a acção da graça; é terreno mais propício para acolher e fazer frutificar a palavra. Então a mente, a vontade e o coração abre-se para os dinamismos típicos de uma vida teologal: os dinamismos da fé, da esperança e da caridade, os dinamismos dos dons do espírito, dos frutos desse mesmo espírito, da sabedoria que vem do alto…é uma vida nova sempre mais intima e projectada para Deus. A pessoa continua a viver, a amar, a querer e a acreditar»[198].

Quando se vivem naquelas virtudes teologais, no entender de Brandner Zulehner, viver em comunidade será uma exigência fundamental da vida consagrada. Considerada essencial, a par dos votos, a vida comunitária torna-se pedra básica para quantos têm seguido Jesus Cristo nessa maneira de estar no mundo, assumindo, ao longo dos séculos, características muito próprias[199].

O dinamismo próprio da dimensão humana para o consagrado tem como objectivo levá-lo à uma nova percepção de sí e do próprio ideal de

---

[198] A. CENCINI, *Amarás o Senhor teu Deus. Psicologia do encontro com Deus,* Ed. Paulinas, São Paulo, 2004[5], pp. 166-167.
[199] Cfr. B. ZULEHNER, *Comunidade,* In *Enciclopédia Teológica*, Op. Cit, p. 130.

fazer entender o que significa ser consagrado que realiza plenamente sua humanidade com suas potencialidades e limites. Nesta busca o homem ou a mulher consagrados a perceberem que quando mais se sentirem verdadeiramente consagrados conseguirão viver de modo pleno sua humanidade e podem oferecer a motivação decisiva que leva a opção vocacional e a escolha feita por uma decisão radical de pertencer para sempre a Deus e apresenta-se como imagem do santo mistério de Deus. É muito importante que o consagrado consiga descobrir cedo as suas necessidades socio-antropológicas, aprender a fazer uma correcta identificação da escolha e suas raízes para encaminhar de maneira adequada sua formação para assim poder percorrer um caminho da verdade.

Quanto ao discurso dos votos como uma outra realidade contida na fórmula para a profissão, são compreendidos como um grande desafio para a vida consagrada, diante da cultura hodierna.

Como é por todos nós conhecido, no caminho pós-conciliar da vida consagrada, a via de reflexão, de novas experiências e aberturas, mas também de ansiedades, medos e incertezas até agora não concluídos, um dos assuntos mais discutidos foi o dos votos, de facto para nós que nos consagramos a Deus na pobreza, castidade e obediência. Neste sentido, são várias as interrogações que se levantam a respeito destes três clássicos votos, se, verdadeiramente estamos em capacidade de assumir como totalidade da vida, aquilo que é o mais particular do ser humano, a ponto de saber exprimir também a singularidade essencial de uma existência completamente orientada a Deus e comprometida com suas promessas.

Terá algum sentido em sermos pobres, castos e obedientes pelo reino dos céus, numa sociedade em que a pobreza é considerada ‘maldição’ e consequência do egoísmo de alguns, a castidade é vista como coisa de outros tempos, ‘insensata’ e incompreensível, a obediência ‘absurda’. Estas questões não devem ser respondidas a nível do sentir, mas do viver. A nossa maneira de nos posicionarmos em relação aos votos poderá ditar a resposta de todas estas inquietações.

Mesmo da nossa parte, quantas vezes no nosso dia-a-dia não questionamos os votos, julgando serem um peso; há pessoas que começam a fazer uma triagem, escolhendo os votos que devem ser vividos e os que não devem vividos por eles. Por assim dizer, não existe o voto mais fácil de ser vivido como muitas vezes pensamos, dizendo que para mim vale tal e tal

voto, portanto, os outros votos não sei onde colocá-los. Os votos são para serem vividos com liberdade e na liberdade, conforme a própria escolha da vocação à vida consagrada. Tendo em conta a pertinência do assunto, e para o seu aprofundamento, deixamo-lo para uma próxima abordagem.

3.2 - Um 'sim' sempre renovado e renovador

Julgamos que na situação actual da vida consagrada, e para sua renovação é importante ter em conta, desde a formação inicial, o sistema motivacional dos candidatos, e ao longo da sua vida cuidá-la de tal modo que a auto realização não seja encarada como um valor em si a ser perseguido, nem tão pouco se fixem na satisfação das suas necessidades fisiológicas ou venha a ser uma forma de promoção social. Porque pode acontecer que em alguns círculos religiosos, a vida consagrada apareça, como um espaço de realização onde a pessoa procura manter-se e exaltar-se.

O candidato que se mantém nesta perspectiva, entra em crise quando a vida religiosa não vai de acordo com as suas expectativas de bem-estar social. Geralmente, o objectivo da vida destas pessoas consiste em realizar as próprias potencialidades, ou seja, tornar-se naquilo que se é por dentro. Que a pessoa deve enaltecer-se e aumentar-se: o seu crescimento é espontâneo, sempre para o melhor. Os obstáculos do crescimento não se encontram na pessoa mas antes nas estruturas sociais. Dentro deste modelo de auto realização, na actualidade da vida consagrada, é tomado no sentido de exigências de oportunidades de estudo, de especialização, de profissionalização. Existe uma busca da própria identidade não naquilo que se é, mas naquilo que se faz.

Para promover uma vida consagrada voltada para os valores, os candidatos a vida consagrada devem ser ajudados, a trilhar um caminho que os conduza a uma auto transcendência na consistência. Isto é, mais do que pensar moralmente, é ajudar os candidatos à vida consagrada a agir moralmente, interiorizando os valores propostos pela opção da sua vida.

Nenhuma formação pode sustentar-se como tal, se o formador não for mais além da proposta material feita para procurar entender as razões profundas das quais tal proposta se origina e que os valores fundamentais traz em si. É que o ser humano por natureza, foi feito para se transcender; a auto-realização não é um fim em si mesmo.

Precisamos nesta vertente criar uma paixão que dá sentido a nossa vida, nos impulsiona, nos move a reflectir na questão: qual é o motivo inspirador do nosso 'sim' à vida consagrada?

Se a vocação à vida consagrada, no contributo de Rulla, é uma graça interior (e portanto gratuita) com que Deus chama, convida uma pessoa a consagrar-se; e ainda a vocação à vida consagrada coloca uma exigência sobre a existência total de quem é chamado[200]. Diríamos quesendo exigente, ela inclui um compromisso que se especifica no modo novo e particular de viver, como resultado da implicação na consagração. Este compromisso deve ser vivido na liberdade e com liberdade, sobretudo interior que nos desprende para a missão comunitária na Igreja e na sociedade actual. Ainda segundo Rulla se a vocação à vida consagrada tem uma natureza própria, o primeiro elemento, dessa natureza é a gratuidade, que tem implicação de dois componentes que são: a iniciativa divina, que procede do amor, e a resposta humana, que deve também ser uma resposta de amor. A Gratuidade da graça e a liberdade humana são os dois componentes fundamentais da solicitação de Deus para a consagração[201].

Consideramos existência humana como aquela iniciativa propriamente de Deus que a pessoa é chamada a reconhecer na sua relação com Ele mesmo, e que dia após dia é chamado a valorizar esse dom no seu relacionamento consigo com outras pessoas e com próprio Deus, é de perceber que o comportamento concreto das pessoas não é só manifestação da natureza humana só por assim dizer, mas também desejos e anseios que povoam o seu circuito mental e que necessita da graça divina e da sua aceitação. A pessoa consagrada tem as capacidades; a de conhecer Deus e a de receber a graça divina como dom gratuito de Deus e possui um carácter transcendente que lhe dá a possibilidade de se encontrar com Ele.

Por sua vez, a dimensão humana representa a potencialidade profunda dos recursos de energia que o consagrado tem, que podem ser conhecidos ou não por ele, e que devem ser descobertas ou recuperadas e aos poucos aprofundadas, como elementos necessários á maturidade humana.

---

[200] Cfr. L.M. RULLA, *Psicologia do Profundo e Vocação*, Op. Cit, p. 26.
[201] Ibidem.

Na mesma ordem de ideias, quando fala de uma renovação constante do 'sim' da consagração, Licie Licheri diz que enquanto se vive é possível acreditar que ainda se pode ser de outra maneira e que podemos arriscar a sorte de nos renovarmos; continua ele a dizer que a escolha humana é certamente abandonar qualquer coisa para encontrar outra que seja melhor para si num preciso momento[202].

É mediante esta escolha que uma vez dissemos sim ao Senhor e ao seu apelo e esta resposta exige de cada um de nós em todos os momentos uma vontade renovada em encarar com seriedade os desafios e as disposições desta missão. Nos desafiam um bloco de elementos sejam *ad intra* como *ad extra* da nossa realidade de consagrados.

Uma realidade muito sensível que vem constragindo o 'sim' do consagrado hoje, é em função da sua preocupação para o seu futuro, nesta sociedade globalizada que postula os valores do ter, do poder, do prazer, do dinheiro, da honra, dos títulos académicos, das classes de alto nível, e de baixo nível, da corrida ao emprego fácil, do aparecer, tudo isso aliado a crise de identidade, seja na família como na sociedade em geral, os numerosos conventos de consagrados que se vão esvaziando e muitos deles até fechando, com o inevitável envelhecimento dos que ainda permanecem na vida cosagrada; tudo isso obriga-nos a questionar e pensar donde viemos, qual é a nossa razão de ser e para onde vamos e se é que temos onde ir, como renovar esta vontade de caminhar.

Olhando para a realidade actual do consagrado/a no que respeita a sua auto-afirmação, embora com casos não generalizados, vamos nos dando conta que em algumas situações o compromisso com Deus na vocação não é tomado a sério. A consagração torna-se uma experiência temporária, e como já se tem referido, uma provisoriedade desmedida. É bem verdade que toda escolha exige e implica liberdade. Para a vocação religiosa, a opção deveria ser fundamental para cada um que se compromete seriamente, como soa na expressão de Marilene Brandão:

> «A opção fundamental, geralmente, manifesta-se por uma escolha particular determinada por aquela que pode ser a primeira de uma série de escolhas que duram toda vida. A escolha particular de entrar numa congregação religiosa e outras

[202] Cfr. L. LICHERI, *Por causa de um sim*, Ed. Filhas de São Paulo, Lisboa 1995, p. 76.

> decisões que se seguirão na vida religiosa…são fruto de uma opção fundamental subjacente na vocação»[203].

E para viver seriamente a vocação consagrada na actual realidade social, torna-se necessária uma tomada de consciência que nos leve a entender que a opção uma vez feita, deve iluminar todos os momentos da vida e ser um verdadeiro critério de acção. A consagração deve ser total e radical, tendo sempre como referência o próprio Cristo, o consagrado por excelência.

Entretanto, está fora de questão a partida, do lugar que a vida consagrada ocupou durante os séculos e como tem sido determinante na vida da Igreja em geral. De tal modo que, sem exageros nenhum, se pode dizer que, se a Igreja tem de enfrentar problemas sérios, em boa medida é porque a vida consagrada está mergulhada numa crise e é urgente que os seus membros tomem consciência da responsabilidade da resposta que um dia deram e a paciência de viver na renovação constante desta disponibilidade.

3.2 - Abertos à uma formação permanente e contínua

A vida comunitária exige um caminho, onde o consagrado desde o início com liberdade de espírito e abertura de coração numa entrega 'gradual', mediante o percurso formativo e as etapas que o discernimento oferece à pessoa; esta entrega no decorrer do tempo vai-se tornando definitiva ou permanente graças ao nível de maturidade da própria comunidade e a disposição de cada membro que na amabilidade, generosidade, abertura e zelo, fundamenta a formação das virtudes humanas[204]. Por isso temos dito que a formação é uma longa marcha, com etapas e objectivos a serem alcançados; só por questão de precisão, essa marcha traduz-se no acompanhamento vocacional, aspirantado, postulantado, noviciado, juniorado; etapas da formação inicial e a posterior formação permanente, precisam ser encaradas com seriedade, superando as pretensões de considerá-las divisões meramente formais, exigidas pelos Institutos ou Ordens.

---

[203] M. BRANDÃO, *Psicologia e Formação Religiosa*, Ed. Paulinas, São Paulo 1984, p. 25.
[204] Cfr. L. ALFONSO OROZCO, *La formazione umana della persona consacrata*, Ed. ART, Roma 2012, p. 14.

Se por um lado é comum encontrar candidatos que passam de etapa em etapa sem, contudo, serem tocados por elas. O resultado é que depois de perfazerem todas as etapas, agem como se jamais tivessem sido influenciados pelo processo de formação. Basta ver como se comportam, quais os valores expressam, os seus projectos e seu testemunho de vida.

Por outro diríamos que a formação permanente é o esforço continuado de quem não cruza os braços e se dá por satisfeito com os passos consolidados. Antes, quer caminhar mais e mais até o momento do encontro definitivo com o Senhor. Existem sempre passos a serem dados na linha da advertência de Jesus no encontro com o Jovem Rico: "Falta-te apenas uma coisa" (Mt 10, 21). Enquanto o religioso não é alcançado pela morte, existe sempre algo mais a ser feito.

É essencialmente nestes moldes que segundo o documento VC, que estamos habituados a citar nos nossos textos, diz que constitui uma exigência intrínseca à consagração religiosa pois, continua o documento, a formação inicial se consolida dia após dia[205].

As fases da vida humana num sentido geral da família, da sociedade e não só, exigem um acompanhamento, pois, as vicissitudes do tempo podem não ajudar a afirmação de tantos valores adquiridos nos diversos percursos da vida, é nisto que o documento ora citado insiste sobretudo para o consagrado na fase da idade madura ou simplesmente adulto[206]. E com uma devida atenção o consagrado adulto seja orientado nas principais dimensões da vida, ou seja, a vida no Espírito, a dimensão humana e fraterna, o apostolado, a dimensão cultural e profissional e a dimensão carismática[207].

Certas finalidade da formação permanente não são senão, a formação de comunidades maduras, evangélicas, fraternas e capazes de dar vida no quotidiano da Igreja, pois a comunidade é o ambiente natural do processo de crescimento de todos, lugar de co-responsabilidade do crescimento do outro e com isso se desafia com maior rigor a sociedade[208]. Para além da resposta que o consagrado é chamado a dar à sociedade do seu tempo numa formação e informação permanentes, este é ainda chamado a

---

[205] Cfr. VC, n. 69.
[206] Cfr. VC, n. 70.
[207] Ibidem, n.71.
[208] Cfr. VFC, n. 43.

continuar esta formação na busca de uma integração criativa da fidelidade que a vocação cristã e religiosa reclama para o crescimento dinânico nas circunstâncias concretas e existenciais[209].

De tudo quanto os documentos orientam sobre a formação permanente e contínua na vida consagrada, traduz-se numa vivência concreta da vocação à vida fraterna na comunidade que cuja sustentabilidade é concretizada numa harmonia de vida do consagrado na comunidade.

É nesta ordem de ideias que Giuseppe Mariano Roggia, especialista em pedagogia vocacional e da formação, digno professor de Metodologia da acção formativa no ITVC-Roma, quando afirma que actualmente a formação à vida fraterna é um tema quente; tendo em conta as carências sobre a questão, se pode dizer que a geração jovem de consagrados, tem mais abertura de condivisão das experiências da própria história de vida em ambientes informais e de amizades e não em âmbitos comunitários organizados. Tudo porque segundo o professor, sente-se a falta de um conhecimento profundo, seja do ponto de vista de fé num relacionamento fraterno e de uma certa dinâmica nas próprias relações fraternas[210].

De acordo com a reflexão que o professor Roggia faz do tema «sem saber que a vida consagrada exige uma formação contínua», colocando uma série de questões no que se refere a formação permanente e continua hoje; seja uma etapa de aprofundar os aspectos da fé, cultura, chamamento, revisão e agiornamento continuo dos conhecimentos e competências; dar maior atenção á própria vida, cuidar e formar o comportamento e gosto pela formação, uma espécie de cursos continuos de prevenção para saber enfrentar os problemas pessoais, do Instituto ou Ordem, fazendo interagir a espiritualidade e outras ciências sociais e humanas[211].

Uma outra forma se pode implementar neste tempo de formação permanenete, é a proximidade e diálogo com todos os irmãos e irmãs, em particular aqueles que se encontram em situações difíceis da sua vocação.

Uma situação que se deve evitar, na compreensão do autor ora citado, é o facto de que a formação se centre pura e simplesmente no jogo de

---

[209] Cfr. PI, n. 67, 68.
[210] Cfr. G.M. ROGGIA, *Senza sapere che… Linee di formazione per le persone consacrate e i presbiteri oggi*, Ed. Rogate, Roma 2017, p. 107.
[211] Ibidem, p. 175.

carteiras de escola, pensando que basta aquilo que uma vez se aprendeu nos anos recuados da primeira formação, como acontece com muitos depois de se especializarem numa deteminada área, tudo parece que o mundo da aprendizagem chegou ao fim[212].

Precisamos tirar dos nossos discursos, sobretudo em certas profissões solenes, conclusões precipitadas quando muitas vezes caluniadamente invocamos São Paulo na sua solene recomendação de despedida quando se dirige a Timóteo: «Combati o bom combate, terminei a corrida, permaneci fiel. A partir de agora, já me aguarda a merecida coroa, que me entregará, naquele dia, o Senhor, justo juiz, e não somente a mim, mas a todos os que anseiam pela sua vinda» (2Tim 4, 7-8). Estas palavras por mais dóceis que sejam, não servem para quem faz uma transição de etapas, ou seja, para quem tem ainda muito a fazer na vida que escolheu.

Nesta continuidade formativa, o documento *Per vino nuovo otri nuovi*, várias vezes citado, apresenta uma visão panorâmica da formação contínua em algumas linhas importantes para a nossa análise:

- a formação contínua vai orientada segundo a identidade ecclesial da vida consagrada, não se trata de um simples *aggiornamento*;

- que se continue a ter convicção de que a formação deve durar toda vida; não se pode admitir que não existe ainda uma cultura de formação contínua;

- em modo particular dificulta ter a ideia que a formação é na verdade contínua só quando é ordinária, e se realiza na realidade de cada dia;

- uma formação que não se contenta na *docilitas*, ou seja, aos puros hábitos e tradições de um grupo, mas deve exprimir no consagrado a *docibilis*, que significa, formar um coração livre em aprender da história de cada dia por toda vida no estilo de Cristo, colocando-se ao serviço de todos[213].

Por sua vez, Amedeo Cencini ao falar do gosto em formar-se usa com regularidade o termo *docibilitas*, que parece expressar melhor a idéia de um processo formativo no qual o sujeito tem uma função activa que o coloca em condição de 'aprender a aprender' na integração da própria

---

[212] Cfr. G.M. ROGGIA, *Senza sapere che… Linee di formazione per le persone consacrate e i presbiteri oggi*, Op. Cit, p. 175.
[213] Cfr. CIVCSVA, *Per vino nuovo otri nuovi*, n. 35.

história[214], isto é, viver em perene estado de formação; é concretamente nisto que podemos compreender o sentido de uma formação contínua. Ainda na reflexão de Cencini, a formação permanente só é possível quando tem a ver com a capacidade de entrega, uma entrega de si, aos momentos que passam e sobretudo aos acontecimentos do quotidiano[215].

A nosso ver, a formação permanente hoje deve ir de encontro com os grandes problemas que o mundo apresenta como desafios à vida do homem, à missão da Igreja e da presença do consagrado na sociedade pós-moderna; não são poucos estes problemas. O consagrado deve estar na ocorrência das situações para que esteja também na altura de dar uma resposta adequada a cada solicitação.

4 - O papel de Deus nas comunidades de consagrados em conflito geracionais

Alguém nos perguntou certamente se Deus é o construtor e é sempre a favor da paz, bem-estar, concórdia, amizade, proximidade, e todo um mar de virtudes; justifica-se a sua presença quando uma Ordem ou Instituto em geral ou comunidade de consagrados em particular vive segundo estas ou mais virtudes; o problema surge quando é o inverso; ou seja, quando são mais salientes os contra valores que lá mais acima elencamos e em resposta disso nestas comunidades, com maior frequência vivem-se momentos de tensão entre grupos ou até mesmo gerações que passam tempos e tempos em intrigas qual seria o papel de Deus ou da sua Palavra? Para uma grande resposta, a proposta mais uma vez, é da CIVCSVA, com o documento VFC que diz:

> «Carregai os fardos uns dos outros; assim cumprireis a lei de Cristo (Gl 6, 2). Em toda a dinâmica comunitária, Cristo, em seu mistério pascal, permanece o modelo de como se constrói a unidade. O mandamento do amor mútuo tem, de fato, nele a fonte, o modelo e a medida: devemos amar-nos como Ele nos amou. E Ele nos amou até dar a vida. Nossa vida é participação

[214] Cfr. A. CENCINI, *A Árvore da vida. Proposta de modelo de formação inicial e permanente*, Ed. Paulinas, Cinisello Balsamo (MI) 2005, p. 163.
[215] Ibidem, p. 121.

> na caridade de Cristo, em seu amor ao Pai e aos irmãos, um amor esquecido de si mesmo»[216].

Uma comunidade de homens ou mulheres logicamente tem como suporte o grupo humano. Isto porque é antes de mais uma realidade humana, fingir o contrario, seria um engano tremendo; é de aceitar também que numa comunidade podem aparecer todas a virtudes e defeitos dos grupos humanos. No entanto não se deve esquecer de que o grande motivo que vem unir esses homens ou mulheres, supera as leis meramente humanas. Isto é, um motivo profundamente teológico.

Por isso afirmamos nos primeiros números do nosso tema que o sentido teológico da palavra 'consagrar' é o mesmo de sacrificar (não no sentido negativo ou de sofrimento), mais o de entregar ou ofertar algo a Deus, ao seu exclusivo serviço e ao próximo. É converter este sujeito ou algo em presença, pertença e propriedade de Deus.

Por fim, a fidelidade no discipulado passa e é comprovada pela experiência da fraternidade, lugar teológico, no qual somos chamados a apoiar-nos no sim jubiloso ao Evangelho; portanto é a Palavra de Deus que fomenta a fé, que alimenta e que faz ressurgir. É também a Palavra de Deus que sensibiliza os corações desavindos, rancorosos, conflituosos, que os converte a Deus e à sua lógica, que é tão diferente da nossa; é a mesma Palavra de Deus que faz renascer cada vez mais as comunidade de consagrados[217].

Deus revela-se na pessoa do irmão, fala e age, em quem manifesta a sua vontade. E isso porque Deus ama especialmente a pessoa com amor de predilecção, como se tivesse necessidade da única pessoa e quisesse o arrastar para fazer experiencia do seu amor, um amor que aniquila e neste aniquilamento faz-se experiência do infinito. O chamamento Divino sobrepondo-se a tudo o mais, torna-se o ponto fundamental de toda a vida, ainda que o homem queira impor-se com o seu vão comportamento, tratando o outro com desprezo, semeando toda espécie de conflito, fragmentando a comunidade e no fim de tudo querendo viver sozinho. O problema vital não será mais viver cristãmente num mundo solitário, entre valores humanos, um dos quais é o viver em comunidade e na unidade, que é preciso

---

[216] VFC, n. 21.
[217] Cfr. CIVCSVA, *Alegrai-vos*, n. 6.

impregnar, de sentido cristão, consagrando-se com os irmãos só para Deus, e vivendo só em direcção ao projecto supremo de quem nos guia.

Este chamamento é feito das mais diversas maneiras, mas o foco do encontro coincide para todos, ou seja, a comunidade que acredita em Deus. Se para alguns surge de improviso, a maioria das vezes só a pouco e pouco se revela. Neste último caso que é o ordinário, a vontade de Deus manifesta-se paulatinamente em tudo. Alguns sentem-se pessoalmente marcados pelo toque de Deus como se Ele necessitasse deles como único instrumento para a edificação do seu Reino. É esta linha de pensamento que nos leva a afirmar que quando a sede espiritual aumenta, a propensão ao que é simplesmente humano sacia cada vez menos.

No âmbito do diálogo, seja com Deus como para com a comunidade, vive-se um clima de compreensão e harmonia. Com efeito, a harmonia está baseada em um dado de facto que sugere uma nova respectiva à comunhão eclesial e comunitária.

Por outro, não é definitivamente possível sair da crise em que se encontram a vida consagrada, a Igreja e mesmo a sociedade, sem decididamente 'voltar para Deus' partindo de Cristo[218]. Era o clamor insistente dos profetas. Portanto, importa hoje mais que tudo restituir o primado à espiritualidade. Essa é a condição *sinequa non* de tudo na Igreja, nos Institutos e nas comunidades, inclusive para revitalizar seus trabalhos comunitários, apostólicos e até mesmo sociais. Certo, não basta isso, mas sem isso tudo é vão. "Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalharão os construtores" (Sl 126/127, 1). O fato é que o imperativo de "procurar em primeiro lugar o Reino e sua justiça" (Mt 6, 33), isto é, a santidade, é aceite intelectualmente por todos[219].

Este é o desafio, a tarefa primária da vida consagrada; quanto mais se deixa conformar com Cristo, tanto mais O torna presente no mundo e operante para a salvação dos homens.

Além disso, a vida consagrada participa na missão de Cristo por outro elemento peculiar que lhe é próprio: a vida fraterna em comunidade para a missão. Por isso, a vida religiosa será tanto mais apostólica quanto mais íntima for a sua dedicação ao Senhor Jesus, quanto mais fraterna for a

---

[218] Cfr.CIVCSVA, PdC,n. 24.
[219] Cfr.CIVCSVA, PdC, n. 49.

sua forma comunitária de existência, quanto mais ardoroso for o seu empenhamento na missão específica do Instituto[220].

Finalmente como bem sabemos, a vida consagrada tem a função profética de recordar e servir o desígnio de Deus sobre os homens, tal como esse desígnio é anunciado pela Escritura e resulta também da leitura atenta dos sinais da acção providente de Deus na história. É projecto de uma humanidade salva e reconciliada (cfr. Cl 2, 20-22)[221]. Para cumprirem convenientemente tal serviço, os consagrados devem ter uma profunda experiência de Deus e tomar consciência dos desafios do seu tempo, dos seus Institutos ou das suas comunidades, identificando o sentido teológico profundo deles por meio do discernimento realizado com a ajuda do Espírito. É que, nos acontecimentos históricos, encerra-se frequentemente o apelo de Deus para trabalharmos segundo os seus planos com uma inserção activa e fecunda nos acontecimentos do nosso tempo.

4.1 - Consagrados em conflito - identidade sem brilho

Como já temos definido, e agora com a sugestão de Giuseppe Crea, sendo a comunidade como lugar privilegiado onde os religiosos/as estão juntos para crescer no ideal de comunhão com Deus e com os irmãos, e ao mesmo tempo para esperimentar no concreto as relações interpessoais do dia-dia, o amor fraterno segundo o estilo evangélico[222]. Por conseguinte, estas relações interpessoais, quando não são bem integradas, certamente criam na pessoa consagrada um determinado número de sentimentos que em confronto consigo mesmo, podem gerar, como muito foi dito nas primeiras páginas deste trabalho, um clima de conflito e este não geridos de forma positiva, leva a crises e consequentemente a um mal estar, deitando abaixo toda uma alegria fraterna, a solidariedade entre irmãos, a confiança recíproca.

Ora bem, perdendo os elementos apena citados numa comunidade, perde-se o sentido de ajudar e deixar-se ajudar; chegados a este ponto, tira-se toda uma qualidade de comunidade que tería o sentido forte de

---

[220] Cfr. VC, n. 84.
[221] Ibidem.
[222] Cfr. G. CREA, *Diagnosi dei conflitti interpersonali nelle comunità e nei gruppi*, Ed. Dehoniane, Bologna 2006, p. 43.

fraternidade e como temos vindo a debater, começa assim um desequilíbrio na pessoa consagrada e na sua comunidade.

Na vida consagrada, a identidade perde o seu brilho quando se manifestada pela fraca adesão aos valores, que também enfraquece cada vez mais a força animadora na '*sequela Christi*' de muitos, vivendo uma realidade cheia de significado para a sociedade e para Deus. É notável, hoje em dia, que dentro da própria Igreja e nas comunidades de consagrados, a super-valorização apenas do presente e esquecendo aquilo que se 'é' e se deve 'ser', fruto da modernização. Sabe-se de que quem valoriza somente o presente, constrói sobre uma ilha. Cencini, refere-se as atitudes, entre as quais a insegurança, é uma manifestação da crise de identidade em todos nós e na sociedade que nos acolhe. Ela pode ser manifestada de duas formas: a mesma insegurança negada e a insegurança suportada[223].

Quanto à insegurança negada, segundo o autor a pessoa torna-se internamente fraca e inconscientemente medrosa e sem coragem de admitir tranquilamente a própria limitação. O seu princípio comportamental inconsciente poderá ser: "quanto mais eu dominar, mais serei gente". Esta é geralmente a dinâmica do fanfarrão, que na realidade no seio dos outros, procura dominar o ambiente completamente, aproveitando esconder de qualquer forma a própria insegurança.

E na comunidade ou na família em que vive, existe sempre algum "bode expiatório" sobre quem descarrega toda a culpa, alguém culpado por possuir alguma característica ou qualidade que lhe faz lembrar as próprias limitações e que, por conseguinte, deverá ser atacado e rejeitado[224].

Já a dinâmica da pessoa que vive na insegurança suportada, a exemplo dos tímidos, é diferente, visto que ela descobre apenas os aspectos negativos da própria personalidade. Estas pessoas apresentam dificuldades em captar, suficientemente, seus aspéctos positivos. Por isso, na valorização do próprio 'eu', os aspéctos negativos são mais fortes. Perante esta situação, procuram fechar-se por terem medo de não serem capazes e não só, também estão prisioneiros de um perene sentimento de culpa ou de inferioridade[225].

---

[223] Cfr. A. CENCINI, *Amarás o Senhor teu Deus.Psicologia do encontro com Deus*, Op. Cit, p.12.
[224] Cfr. A. CENCINI, *Amarás o Senhor teu Deus.Psicologia do encontro com Deus*, Op. Cit, p.14.
[225] Ibidem, p. 15.

Em todo caso, não nos parece tão fácil falar sobre a identidade pessoal na comunidade de vida consagrada, porém é um tema que consideramos importante para o devido posicionamento do homem ou mulher consagrados em situações críticas de relação aos quais a sociedade tem como espelho. Falar de identidade pessoal, é referimo-nos igualmente à pessoa e sua 'matrícula', ou valor de referência, tendo em conta o seu desenvolvimento humano e os outros valores que o orientam. Pessoa, considerada na sua individualidade física, social e espiritual, é um ser complexo, sobretudo no seu modo de ser e proceder na sociedade. E dentro desta complexidade, Wojtila, afirma que "pessoa, sujeito e objecto de acção, é um indivíduo de natureza racional, enquanto sujeito, distingue-se dos animais, mesmo dos mais completos, pela sua interioridade, em que se concentra uma vida que lhe é própria, na sua vida interior".[226]

Por outro, o processo da formação de identidade pessoal é complexo; e a sua complexidade consiste no processo por onde passa o desenvolvimento do ser humano, pois, é desde a concepção ao estado de homem adulto, que se define a pessoa. À medida que cresce, aprende do seu meio familiar e social experiências que farão dele um ser com ou sem equilíbrio. Devidos as várias circunstâncias que a sociedade actual tem atravessado, como por exemplo, a instabilidade de famílias que os conflitos têm gerado e a má percepção da globalização, os modelos de vida desvirtuaram-se e a vivência de valores passou para o segundo plano. Os valores são mais proclamados que vividos. E desta forma, tem-se registado uma grande crise de valores, que de qualquer forma, influencia negativamente a vida consagrada.

No âmbito de uma identidade de vida, o consagrado/a é chamado a fazer da sua comunidade, da sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, elementos de anúncio explícito do evangelho.

Num mundo caracterizado pela secularização, o consagrado é ainda chamado a ser testemunha da absoluta primazia de Deus e do seu Reino, frente ao desafio do ter, mostrar que o ser é fundamental; frente à erotização e banalização das relações, destacar-se na paixão por Jesus que é o caminho rumo ao Pai misericordioso.

---

[226] K. WOJTILA, *Amor e responsabilidade*, Ed. Loyola, São Paulo 1982, p. 12.

Falando ainda da identidade, Cencini e Manenti, são de comum acordo que a crise de identidade é uma perda de correspondência entre a própria definição de vida até então adquirida e as exigências da realidade, pela qual o indivíduo se sente estimulado a se redefinir.[227] Essa perda de correspondência da própria definição adquirida, contribui negativamente para factores de perseverança ou perda do verdeiro brilho do consagrado/a, seja na comunidade, na Igreja como na sociedade em geral. Porque sendo verdade que a vida consagrada exige da pessoa uma renovação constante e entrega total ao serviço do Reino de Deus. Porém, uma vez vivida por homens ou mulheres complexos na integridade, pensamos que está sujeita a perder a sua essência e identidade.

É urgente a construção de comunidades de consagrados onde o impacto do conflito deixe de criar situações nefastas, colocado em risco a realização de cada membro e da comunidade; é também necessário que certas encruzilhadas que cada membro encontra na vida, sejam respondidas positivamente com o grande auxílio do discernimento contínuo para evitar as fraquezas no poder decisivo e não colocar em perigo a própria identidade. Os homens e mulheres consagrados que estão a caminho de uma identidade pessoal podem ser capazes de construir um projecto de vida realista e comprometido. Neste caso, o seu projecto, deve coincidir com o projecto do Instituto ou Ordem; por outras palavras, a medida em que se aprofunda e se vive a própria identidade, descobre-se e vive-se o verdadeiro sentido de pertença à comunidade.

Assim sendo, o consagrado do nosso tempo continuará a preservar a sua identidade, cultivando acima de tudo a dignidade da missão a ele confiada. É nesta vertente que mostrará o verdadeiro brilho da sua identidade onde quer que esteja e em tudo quanto vier a fazer, mas tudo isto exigirá dele mesmo o maior sentido de responsabilidade.

4.2 - Quando o comportamento agressivo invade o espaço sagrado do consagrado

Como bem sabemos e com toda clareza, 'agressividade' vem da palavra agressão que é um acto em que um indivíduo prejudica ou lesa outro

---

[227] Cfr. A. CENCINI; A. MANENTI, *Psicologia e Formação. Estruturas e dinamismos*, Ed. Paulinas, São Paulo 1988[2], p. 150.

de sua própria espécie intencionalmente. O comportamento agressivo em humanos pode ser definido em termos gerais como um comportamento social ou comunitário hostil com a intenção ou sem ela, de infligir dano ou causar prejuízo a uma pessoa ou grupo. Este ainda é um tema controverso se esse comportamento de causar danos em alguém é devido à existência de um instinto ou se é resultante de múltiplas determinações motivacionais e circunstanciais[228].

Tendo em conta o falso fermento da sociedade hoje, ou seja, o grande antro de contra valores tais como a falta de coesão, ausência de uma relação harmoniosa, preconceitos, egoísmo, desrespeito, inveja, falsidade, agressividade, ódio, discórdia, frieza, indiferença, isolamento, inconsciência, ignorância, indignidade, grosseria, desilusão, corrupção, tristeza, desigualdade, injustiça, aversão, hostilidade, etc; só para citar alguns estes males que enfermam e até mesmo chegam a matar a vida comunitária[229].

No convívio comunitário, podem existir alguns excessos, considerados até casos extremos, onde os membros de uma mesma comunidade ou grupos convergem e podem também divergir, um para com o outro em múltiplas atitudes e muitas vezes totalmente contraditórias. Normalmente isto começe, quando se cria a tendência de que os outros devam agir da forma que estes propõem. Nem sempre nos damos conta destas tentativas de mudar ou de formar as atitudes dos outros. Por aqui pode originar um foco de choques entre irmãos da mesma comunidade ou um grupo contra o outro. Precisamos de máxima atenção quando já se trata de atritos do género.

Algo por nós achado interessante é que quando há uma relação não são os dois ou três que estão em questão, mas há um terceiro elemento, que é a relação em si mesma. É necessário de vez enquanto, ver e analisar como vai a relação.

O que faz estragar a relação é quando o querer bem do outro é beliscado por outras situações. Na relação as coisas vão-se repetindo, cada um já tem uma noção de quem é o outro e já tem uma imagem daquilo que

---

[228] Cfr. G. CREA, *Rapporti e conflitualità nelle comunità multiculturali*, In S.G.M. SILVA (cur.), *Vita consacrata e multiculturalità*, Op. Cit, p. 112.

[229] Cfr. J.N. GARCIA de ARAÙJO; T.C. CARRETEIRO, *Conflitto*, In AA.VV. *Dizionario di psicosociologia*, Op. Cit, p. 95.

pode prejudicar a sua boa prestação em relação o outro. Não é o externo que provoca inicialmente a raiva em nós, pode ser sim algo que já existe originalmente dentro de nós. O que pode mudar é a reacção em relação ao outro; é a maneira de reagir com o outro que põe em causa uma relação. O verdadeiro trabalho deve partir por aqui, a reacção nas situações; tenhamos em conta esta questão: porque temos de ficar revoltados quando o outro estiver indiferente connosco? Saibamos que tudo aquilo que faz mudar o humor da pessoa, é porque ainda não é aceite ou ainda é irreconhecível. De igual modo, aquilo que a pessoa não exprime é porque ainda não foi aceite.

Por outro, quando falamos dos elementos que infelizmente deterioram a vida comunitária, esses seriam os males a eliminar para se evitar comportamentos agressivos; e para que se construa um clima fraterno, falamos de valores como a paciência, fé, respeito, cooperação, amor, confiança, educação, solidariedade, gentileza, bom senso, bondade, juízo, honestidade, sinceridade, altruísmo, amizade, empatia, bem comum, civismo, comunidade, consciência, cultura, dignidade, esperança, ética, felicidade, humanização, igualdade, justiça, liberdade, diálogo, etc. Esses devem ser os blocos se quisermos para construir o grande edifício que se chama 'vida comunitária' sem distinção deste ou daquele [230] ; compreendamo-nos este discurso com outros exemplos: o respeito na nossa maneira de perceber é um dos valores mais importantes do ser humano e tem grande importância na interacção social ou comunitária. Este impede que uma pessoa tenha atitudes reprováveis em relação a outra. O respeito mútuo representa uma das formas mais básicas e essenciais para uma convivência saudável.

Uma das importantes questões sobre o respeito; é que para que o mereçamos é preciso saber respeitar, o que em muitos casos não acontece. Respeitar não significa concordar em todas as áreas com outra pessoa ou grupos numa determinada comunidade, mas significa não discriminar ou ofender essa pessoa por causa da sua forma de viver ou suas escolhas (desde que essas escolhas não causem danos e desrespeitem os outros).

Para sermos específicos saibamos que a comunidade não é totalmente um lugar de justos, como já foi acenado nos capítulos anteriores,

---

[230] Cfr. J.N. GARCIA de ARAÙJO; T.C. CARRETEIRO, *Conflitto*, In AA.VV. *Dizionario di psicosociologia*, Op. Cit, p. 97.

mas também não é campo de agressividades mal contidas, onde os seus membros podem exercitar o seu rigor físico, de temperamento totalmente agressivo, ou ainda de livre manifestação de conflitos descontrolados, mas digamos que a comunidade é para todos um espaço em que se aprende também a paciência, tenacidade e viver igualmente lidando com os outros como convém em comunhão com Deus e com os irmãos.

4.3 - 'Pelos seus frutos os conhecereis' (Mt 7, 20)

A passagem do versículo por nós citado no texto de Mateus, é antecedido pelo título 'os falsos profetas' a seu turno Lucas intitula 'a árvore e seus frutos'; e se quizessemos apresentá-lo por inteiro desde o décimo quinto versículo como agora vem, veremos que começa a falar do comportamento dos profetas:

> «Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes. Pelos seus frutos, os conhecereis. Porventura podem colher-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Toda a árvore boa dá bons frutos e toda a árvore má dá maus frutos. A árvore boa não pode dar maus frutos nem a árvore má, dar bons frutos. Toda a árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Pelos frutos, pois, os conhecereis» (Mt 7, 15-20; Lc 6, 43-44).

Queremos nessa lógica centralizar o nosso pensamento na pessoa do consagrado como profeta do seu tempo, pois que também isso faz parte da sua missão no mundo. Esta profecia assumida desde o baptismo, traz ao de cima uma missão muito intensa para quem na verdade se predispõe na realização do seu dever autêntico, ou seja, em todos os momentos confirmar a exclamação de Paulo "Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!"(1Cor 9, 16).

Com esta preocupação, surge também a necessidade de uma autenticidade de vida que corresponda com o que se crê, o que se vive e o que se prega; certamente se falamos do comportamento do consagrado/discípulo, queremos destacar o seu exemplo na Igreja e na sociedade. Sabemos com maior evidência que hoje a sociedade crê mais no que 'vê' do que no que 'ouve', infelizmente converteu a lógica da fé

verdadeira por definição segundo a sagrada Escritura bem apresentada pelo Catecismo da Igreja Católica "A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem (Heb 11, 1)"[231].

A mesma Carta aos Hebreus acima citada, apresenta uma enorme lista feita ladainha sobre a fé que vai desembocar com o último versículo naquilo que é o testemunho de quem acredita; eis a conclusão do trecho: "E todos estes, apesar de terem recebido um bom testemunho, graças à sua fé, não alcançaram a realização da promessa" (Heb 11,2-39).

O consagrado, verdadeiro discípulo na *sequela* daquele em quem ele acredita, é ainda desafiado a enfrentar as peripécias do mundo e do tempo e com a devida atenção, levar a mensagem do Reino com a sua identidade discipular. Mais uma vez Paulo VI com a sua esplêndida mensagem exorta aos consagrados e consagradas:

> «Queridos Religiosos e Religiosas: de acordo com as modalidades que o chamado de Deus requer das vossas famílias espirituais, vós deveis acompanhar, com os olhos bem abertos, as necessidades dos homens, os seus problemas, as suas atitudes de procura, testemunhando no meio deles, com a oração e com a acção, a eficácia da Boa Nova de amor, de justiça e de paz. A aspiração da humanidade por uma vida mais fraterna, ao nível das pessoas e das nações, exige, antes de mais nada, uma transformação dos costumes, das mentalidades e das consciências. Essa missão, que é comum a todo o Povo de Deus, é vossa por um título particular. Como desempenhar-se dela, se faltar este gosto do absoluto, que é fruto de uma certa experiência de Deus?»[232].

A missão a serviço ao Reino na Igreja e no mundo, permite ao consagrado uma maior abertura à todas aquelas pessoas que têm sede da presença de Deus, do testemunho autêntico e profético bem como da vivência do amor recíproco e fraterno, um amor que desperte na vida das pessoas o verdadeiro sentido de irmandade.

Em tempos modernos, a Igreja e as sociedades precisam de pessoas consagradas que sejam plenamente humanas e que se sentem filhos e filhas amados por Deus, chamadas, enviadas, a serem a manifestação do amor de

---

[231] CCC, n. 146.
[232] PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelica Testificatio, n. 52.*

Deus para com a humanidade. Em especial, aos menos favorecidos e injustiçados e àqueles que pensam ter tudo sem Deus.

O testemunho do Reino de Deus, é acima de tudo a afirmação de que é possível hoje, viver a fraternidade, apesar das nossas diferenças culturais e limites humanos.

Portanto, os consagrados são impelidos a ser sinal e presença viva de Cristo ressuscitado, como também, sinal de unidade e de comunhão com Cristo e com os irmãos em comunidade fraterna. Assim, os consagrados passam a viver em suas comunidades como em verdadeiras famílias de irmãos, reunidos a escutar Cristo através da sua Palavra e da vivência em comum sendo um autêntico exemplo de unidade na escola da Eucaristia.

A missão profética deve exigir dos consagrados uma verdadeira vida cristã e fraterna de muita fé e de esperança no amor de Deus e de Jesus Cristo[233], mergulhada nos valores evangélicos e no testemunho autêntico da escuta atenta da Palavra, bem como, da leitura dos sinais divinos na Igreja e no mundo actual. Portanto, na afirmação do documento VC, esta missão estrutura no âmbito vivencial dos homens e mulheres chamados e escolhidos "para cumprirem convenientemente tal serviço; as pessoas consagradas devem ter uma profunda experiência de Deus e tomar consciência dos desafios do seu tempo, identificando o sentido teológico profundo deles por meio do discernimento realizado com a ajuda do Espírito"[234].

Se alguém perguntasse o como podemos produzir bons frutos se a sociedade que nos acolhe tem incentivado na produção de frutos com pouca qualidade para a nossa missão? Um elemento importante pode ajudar-nos a produzir bons frutos na vida do discipulado como verdadeiros consagrados, ou seja, apoiando-nos na árvore da Trindade e saboreando os frutos do Espírito como por outras circunstâncias nos capítulos antecedentes foi referido e aqui reiteramos o gritante apelo de São Paulo aos Gálatas:

> «Mas eu digo-vos: caminhai no Espírito, e não realizareis os apetites carnais. Porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne; são, de facto, realidades que estão em conflito uma com a outra, de tal modo que aquilo que quereis, não o fazeis.

---

[233] Cfr. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, In *Documentos do ConcílioVaticano II, Constituições-Declerações-Decretos,* Ed. Paulus, Lisboa 2014, n. 40.
[234] VC, n. 73.

> Ora, se sois conduzidos pelo Espírito, não estais sob o domínio da Lei. Mas as obras da carne estão à vista. São estas: fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas. Sobre elas vos previno, como já preveni: os que praticarem tais coisas não herdarão o Reino de Deus.
>
> Por seu lado, são estes os frutos do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio. Contra tais coisas não há lei. Mas, os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e desejos. Se vivemos no Espírito, sigamos também o Espírito. Não nos tornemos vaidosos, a provocar-nos uns aos outros, a ser invejosos uns dos outros» (Gl 5, 16-26).

Portanto aqui se encontra, segundo a nossa forma de perceber, a chave de compreensão da vida cristã e consagrada como sinal perene e participativo na missão da Igreja na sociedade e no mundo. Uma tradução do texto de (Mt 7, 20), onde o Mestre exige dos seus, uma vida exemplar à imitação da Sua que faz parte de uma árvore que se chama 'Trindade'. Pois é vivendo do espírito que mais aprofundaremos na nossa rica missão de semear a unidade, o amor, a paz e a confiança recíproca, criando um clima de estabilidade dentro e fora da comunidade para que logo ao primeiro toque, sejamos reconhecidos como homens e mulheres com firmes propósitos de abrasar a sociedade e o mundo num clima renovado que produza frutos abundantes e de qualidade.

A imitação de Cristo passa também da sua obediência ao Pai por isso ao enviar os seus, pede a eles que continuem a missão iniciada por Ele, ensinando tudo aquilo que está prescrito [235]. Consciente de todas as dificuldades que os discípulos iriam encontrar (Mt 10, 16), Jesus prometeu-lhes que permaneceria com eles para todo o sempre: "Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (Mt 28, 20).

Como bem sabemos, foi o Espírito Santo quem iluminou a Palavra de Deus, com nova luz, para os fundadores/as. Desta luz brotou cada um dos carismas que hoje dão vida a cada um por eles criado, é dessa luz que cada Regra quer ser expressão viva do carisma. Em continuidade com os fundadores/as, também hoje, os discípulos do Senhor em vestes

[235] Cfr. PdC, n. 9a.

consagradas, mais do que nunca são impelidos a acolher, viver e transmitir a Palavra de Deus, de modo que Ela continue sendo lâmpada para os seus passos e luz para o seu caminho (cfr. Sl 118, 105). E desta forma, o Espírito Santo poderá conduzí - los à verdade plena (cfr. Jo 16, 13).

CAPÍTULO III

RESPOSTA PSICO-FORMATIVA AO CONFLITO NA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS

Depois de termos aprofundado as visões a nível da sociologia, antropologia e daquilo que é o impacto do conflito na identidade do consagrado nos nossos dias, é o momento de darmos uma resposta no que se refere ao conflito num âmbito também prático e fundamental da vida consagrada; a parte *psico-formativa*, *na comunidade de consagrados*.

É possível e necessário sugerirmos aqui linhas que até certo modo possam servir de princípios de solução para os desafios vocacionais, contando com uma renovação autêntica na linha de uma fidelidade firme e renovada, onde a comunidade como escola de discípulos que se amam, viva na verdadeira contemplação da belaza de Deus que se revela na realidade de cada ser humano criado a sua imagem e semelhança, até chegar a perceber o como se vive uma formação livre e responsável na medida em se estabeleçe uma 'aliança' no campo formativo, com o intuito de um dia chegar à compreenção do que se espera de cada um de nós, ou seja, a autêntica amizade na irmandade com Cristo nosso Senhor e Mestre.

A comunidade formativa, será ainda desafiada a estabelecer um projecto formativo do Instituto ou Ordem, considerando a realidade dos candidatos e suas exigências, mas também o projecto missionário institucional e a realidade do seu apostolado. O projecto deve determinar os indicadores da maturidade como alvo a ser atingido nas várias dimensões da formação; seja ela comunitária, carismática, pastoral, académica, espiritual ou psico-afectiva[236].

O formando e o formador livres e responsáveis, movidos pela fidelidade criativa da sua vocação, dispensam o controlo de uma formação determinada por elementos alienados pelas vicissitudes dos tempos e da própria história.

---

[236] Cfr. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*, Roma 1992, In *Documentos do ConcílioVaticano II, Constituições-Declerações-Decretos*, Op. Cit, nn. 43-59; Cfr. CONGREGAZIONE PER IL CLERO, *Il dono della vocazione presbiterale. Ratio Fundamentalis Institutionalis*, Ed. Paoline, Roma 2016, n. 132b.

O caminho formativo deve ser feito em liberdade e responsabilidade para que aconteça a integração pessoal dos valores formativos e não só; desejos, limites, necessidades, a fim de que naqueles que nos procuram aconteça progressivamente a configuração com Cristo na vida quotidiana, de tal forma que possam sempre sentir com Cristo, pensar com Ele e agir como Ele.

1 - Possíveis linhas de solução e orientações vocacionais

Fazendo uma analogia medicinal, quando se diagnostica uma anormalidade num certo organismo, e se faz um acompanhamento médico e com a devida medicação, depois da cura, segue sempre um momento de orientações para as devidas precauções ao paciente ou ainda a outras pessoas que cedo ou tarde podem incorrer os mesmos riscos, esta é chamada 'educação para saúde'; já no nosso caso, não daremos aqui uma educação para saúde, sim possíveis orientações para as comunidades presentes e até mesmo futuras de vida consagrada, ou seja, linhas que podem servir de suporte para as actuais e as futuras gerações, como nos vem prescrito no texto do documento sobre a vida fraterna em comunidade:

> «Uma vida comum, fraterna e partilhada, tem um natural fascínio sobre os jovens, mas depois o perseverar nas reais condições de vida pode se tornar um pesado fardo. A formação inicial deve, pois, levar a uma tomada de consciência dos sacrifícios exigidos pelo viver em comunidade a uma sua aceitação em vista de um relacionamento alegre e verdadeiramente fraterno e a todas as outras atitudes típicas de um homem interiormente livre. Porque é bem verdade que quando alguém se perde pelos irmãos, se encontra a si mesmo»[237].

Existem vários pontos a serem observados na administração das relações entre grupos numa comunidade. A primeira questão é a colocação de regras e procedimentos, onde se avalia como os membros do grupo interagem. Um outro elemento, a se verificar seria o confronto dos grupos conflituantes com a hierarquia local e não só; o momento no qual se apresenta ao superior, quando necessário, o conflito para o seu afrontamento.

[237] VFC, n. 24.

Convém ter-se sempre em conta o facto de que não se pode administrar relações entre grupos em conflitos, sem que haja um prévio conhecimento do assunto, onde metas específicas são definidas bem como a área de responsabilidade de cada membro na comunidade. Para isto, a nível das comunidades, é de grande importância conhecer as características comportamentais de cada geração; e convém que este trabalho comece a ser feito desde a formação de base ou inicial.

Uma geração tem muito a aprender com a outra certamente; é necessário encontrar essas oportunidades de aprendizagem e crescimento pessoal, um no outro, entre os membros de uma comunidade. Procurem juntos os modelos de sucesso (vocacional) ou referências, tanto de uma geração quanto da outra, pois isso os ajudará a encontrar o melhor caminho para a criação de identidade a partir da própria comunidade.

Quanto mais antiga a sua geração, maior a sabedoria; portanto, não discuta nem insista, apenas contribua com o seu ponto de vista; é bom saber que sabedoria é diferente de inteligência; por isso compreender e aceitar as diferenças de cada geração com sabedoria na comunidade, não significa abrir mão de suas convicções, princípios e valores; e ainda, ouvir um ponto de vista diferente não significa que se deve concordar com ele; ou ter um membro de cada geração na equipe formativa ou de direcção da comunidade, Instituto ou Ordem, não significa agir com imaturidade quanto a liderança, ao contrário significa maturidade para lidar com ideias e comportamentos diferentes. Como o assegura o documento partir de Cristo:

> «Para assim dizer, a diferença etária e os diversos projectos caracterizam sempre mais os Institutos de vida consagrada. A formação deverá educar para o diálogo comunitário na cordialidade e na caridade de Cristo, ensinando a acolher a diversidade como riqueza e a integrar os diversos modos de ver e pensar. Assim, a busca constante de unidade na caridade far-se-á escola de comunhão para as comunidades cristãs e proposta de fraterna convivência entre os povos»[238].

Por isso, sede mulheres e homens consagrados/a em comunhão, marcai presença com coragem onde há disparidades e tensões, e sede sinal credível da presença do Espírito que infunde nos corações a paixão por

---

[238] CIVCSVA, *Partir de Cristo*, Vaticano 2002, In AA.VV., *Compêndio da Vida Consagrada. Documentospós-conciliares do Magistério sobre a Vida Consagrada*, Op. Cit, n. 18.

todos serem um só (cfr. Jo 17, 21). Vivei a *mística do encontro*: a capacidade de ouvir atentamente as outras pessoas; 'a capacidade de procurar juntos o caminho, o método', deixando-vos iluminar pelo relacionamento de amor que se verifica entre as três Pessoas divinas (cfr. 1Jo 4, 8) e tomando-o como modelo de toda a relação interpessoal[239].

Por último, visto que a formação deve ser também comunitária, o seu lugar privilegiado no caso dos Institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica é a comunidade. Nesta, tem lugar a iniciação à dificuldade e à viabilidade na alegria de viverem juntos. Aí cada um aprende a viver em fraternidade com aquele que Deus pôs ao seu lado, aceitando as suas características positivas juntamente com as suas diferenças e limitações. De modo particular, aprende a partilhar os dons recebidos para a edificação de todos, visto que "a manifestação do Espírito é dada a cada um para proveito comum" (1Cor 12, 7)[240]. Ao mesmo tempo, a vida comunitária deve mostrar, desde a formação inicial, a dimensão missionária intrínseca do Instituto.

Por isso, nos Institutos de vida consagrada, durante o período da formação inicial, será útil realizarem-se experiências concretas, prudentemente acompanhadas pelos formadores ou formadoras, para exercitar, no diálogo com a cultura circundante, as atitudes apostólicas, a capacidade de adaptação, o espírito de iniciativa. Se, por um lado, é importante que a pessoa consagrada vá adquirindo progressivamente uma consciência evangelicamente crítica face aos valores e contravalores tanto da cultura própria como daquela que encontrará no futuro campo de trabalho, por outro, ela deve exercitar- se na difícil arte da unidade de vida, da mútua compenetração da caridade para com Deus e para com os irmãos e irmãs, experimentando que a oração é a alma do apostolado, mas que também o apostolado vivifica e estimula a oração.

1.1 - Partindo da Palavra para orientar as palavras no período formativo

A vida cristã fundamenta-se na escuta atenta, meditação e vivência da Palavra; é naturalmente a Palavra que dá força às palavras. A própria

---

[239] Cfr. B. SECONDIN, *"Sorse un malcontento". I conflitti comunitari nella Sacra Scrittura, Ed. Vaticana,* Roma 2007, p. 45.
[240] Ibidem.

formação humana, se desenvolve no contexto de uma antropologia que respeita a totalidade da verdade sobre o homem, abre-se e completa-se na formação espiritual, ligada à Palavra. Cada homem, criado por Deus e redimido pelo sangue de Cristo, é chamado a ser regenerado pela água e pelo Espírito (cfr. Jo 3, 5) e a tornar-se 'filho no Filho'. Está neste desígnio eficaz de Deus, o fundamento da dimensão constitutivamente religiosa do ser humano, aliás intuída e reconhecida pela simples razão: o homem está aberto ao transcendente e ao absoluto; é desta fundamental e indispensável exigência religiosa que parte e se desenrola o processo formativo da vida espiritual, entendida como relação e comunicação com Deus pela escuta atenta e meditada da sua Palavra.

A revelação e a experiência cristã, na formação espiritual, possuem uma inconfundível originalidade que provém da 'novidade' evangélica. Afectivamente "essa formação é obra do Espírito e compromete a pessoa na sua totalidade; introduz na comunhão profunda com Jesus Cristo, Bom Pastor; conduz a uma submissão de toda a vida ao Espírito numa atitude filial para com o Pai, e numa ligação fiél à Igreja. Contanto que a Palavra de Deus seja abordada e acolhida na sua verdadeira natureza, ela leva a encontrar o próprio Deus, que fala ao homem; leva a encontrar Cristo, Verbo de Deus, a Verdade que ao mesmo tempo é Caminho e Vida (cfr. Jo 14, 6)[241]. Trata-se de ler as 'Escrituras' escutando das palavras, a 'Palavra', como nos recorda o concílio através da DV: "As Sagradas Escrituras contêm a Palavra de Deus, e, porque inspiradas, são verdadeiramente Palavra de Deus"[242]. E ainda noutro passo confirma "com esta revelação, de facto, Deus invisível (cfr. Cl 1, 15; 1 Tm 1, 17), no seu imenso amor fala aos homens como a amigos (cfr. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15) e convive com eles (cfr. Br 3, 38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele"[243].

Uma formação baseada só de palavras, por mais que durante um tempo cresça quanto ao número de candidatos, cedo ou tarde arruinar-se-há; é importante percebermos que a Palavra é a base de tudo; e esta penetrando em nós, daremos uma resposta firme porque ela pervade a alma «Na verdade, a palavra de Deus é viva, eficaz e mais afiada que uma espada de

---

[241] Cfr. PDV, nn. 45-46.
[242] CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, *Dei Verbum*, Roma 1965, In *Documentos do Concílio Vaticano II, Constituições-Declerações-Decretos,* Op. Cit, n. 24.
[243] DV, n. 2.

dois gumes; penetra até à divisão da alma e do corpo, das articulações e das medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração» (Heb 4, 12).

A Palavra de Deus é a luz da nossa vida, porque a vida comunitária é centrada na pessoa de Cristo; Ele está presente e faz comunidade com os seus seguidores. Por isso, "foi para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5, 1). "Pelo contrário fazei-vos servos uns dos outros pela caridade" (Gl 5, 12). Alem disso, ter um olhar de caridade para com todos os membros da comunidade, como o olhar de Jesus. Sendo assim, aceitar e acolher o irmão ou a irmã que vive no mesmo tecto com caridade e verdade.

Viver a procura da vontade de Deus é viver a espiritualidade, isto significa antes de mais, partir da pessoa de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, presente na sua Palavra, «a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã», como recorda João Paulo II, Papa, aos consagrados quando dizia que a santidade não é concebível senão a partir de uma renovada escuta da Palavra de Deus[244]. É necessário que a escuta da Palavra se torne um encontro vital que permite ler o texto bíblico como Palavra viva que interpela, orienta e plasma a existência. É de lá com efeito, que o Mestre se revela, educa o coração e a mente. É lá que se amadurece a visão da fé, aprendendo-se a olhar a realidade e os acontecimentos com o mesmo olhar de Deus, até se chegar a ter o «pensamento de Cristo» (1 Cor 2, 16).

Assim sendo, «a Palavra de Deus é alimento para a nossa vida»[245], como forte sinal disto, a fidelidade à oração pessoal e comunitária se realiza com ajuda do Espírito Santo, dos seus dons e dos seus frutos. Porque uma comunidade que não é fiél à sua missão de rezar sempre, será difícil a sua vida fraterna; porque rezar é amar e amar é rezar. A caridade por sua vez, é a oração traduzida em obras. Por isso, a oração perene é o amor perene; portanto, uma comunidade que reza, preserva a sua própria fraternidade e proximidade.

Por sua vez, o Código de Direito Canónico diz que é preciso quanto a '*sequela Christi*', "os religiosos tenham como suprema regra de vida a sequela de Cristo proposta pelo Evangelho e expressa nas constituições do próprio Instituto"[246]. Seguir Cristo mais de perto através da Palavra.

---

[244] Cfr. VC, 94.
[245] PdC, n. 24.
[246] CDC, cân. 662.

Segundo a constituição *Dei Verbum* "a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras a par com o próprio corpo de Cristo"; as considerou e continua a considerar, juntamente com a sagrada tradição como regra suprema da sua fé; e também chama-lhes fonte pura e perene da vida espiritual[247].

É assim que desde o inicio da formação, a Palavra deve fazer parte da vida do candidato e depender dela, viver dela e crescer nela; e com fé seja vivida e anunciada a todos; por isso é que deste modo, diz o texto dos Actos: "confio-vos a Deus e à Palavra da sua graça, que tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados" (Act 20, 32).

A pessoa consagrada que se vê reflectida na Palavra começa a conhecer como é, descobre sua deformidade de imagem de Deus Pai, na imagem do Filho. Este reflexo revela o quanto se está repleto de apegos e cheios de coisas supérfluas e o consagrado se dá conta de quanto é impaciente e as vezes ingrato para com Deus e aos irmãos. É preciso compreender como já temos referido na citação da carta aos Hebreus que "A palavra de Deus penetra até à divisão da alma e do corpo, das articulações e das medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração" (Heb 4, 12-13).

Desde a sua essência a Palavra forma o coração, os sentidos, orienta as intenções, Ela forma todo o ser de que se deixa formar por Ela. «Por isso, damos continuamente graças a Deus, porque, tendo recebido a palavra de Deus, que nós vos anunciámos, vós a acolhestes não como palavra de homens, mas como ela é verdadeiramente, palavra de Deus, a qual também actua em vós que acreditais» (1Ts 2, 13). Por isso é urgente criar nas comunidades de formação espaços de reflexão em torno da Palavra, fora do ambiente tipicamente teológico-académico, espaços como pequenos grupos de estudo e reflexão, a *lectio divina*, secções de dinamização bíblica, sem descurar o carácter pessoal de leitura e meditação da Palavra.

[247] Cfr. DV, n. 21.

1.2 - Exigência à maturidade afectiva e efetiva

Quem pretende fazer experiência de Deus, amando-o como a si mesmo, mas esquecendo-se dos que com ele convivem, cai na maior das ilusões. Amedeu Cencini afirma que este faria uma experiência de um Deus sem rosto e sem coração[248]. Jesus nos diz no Evangelho que o maior mandamento não é só o de amar a Deus com todo o coração, mas também o próximo (cfr. Lc 10, 27; Mt 22, 34-40). A autêntica experiência de Deus passa pela experiência do ser humano. Jesus propõe-nos um amor sem limites a Deus, porém apresenta-nos a pessoa como passagem obrigatória e normal desse amor apaixonado. Não podemos amar a Deus de forma vertical, como algo estritamente pessoal e privado, desligando-nos dos afectos do dia-a-dia com o próximo, isto constituíria um furto ao amor de Deus[249].

Falando do amor de Deus em nós, na encarnação, Deus entra na nossa história pessoal, assim como ela é, sem hesitações; no caminho para o nosso 'verdadeiro ser', nós somos chamados cada dia a descobrir o que vive na nossa interioridade, e a reconhecer quem desde sempre já habita em nós sem ficar escandalizado pela nossa pobreza interior, sobretudo nas boas relações. Quando perdemos o contacto com o nosso mundo interior, de facto, perdemos o contacto também com Deus, e a nossa própria identidade pessoal. É essa a primeira passagem, a primeira etapa da formação afectiva: tomar contacto com a nossa condição de criaturas amadas assim como somos, com o mundo dos nossos limites e potencialidades, porque tudo isso é a matéria-prima a utilizar para os próprios ideais vocacionais se tornarem concretos[250].

A maturidade afectiva vai sendo adquirida num processo longo e paulatino, através das diferentes etapas da vida, é um caminho. Trata-se do autoconhecimento e controle dos próprios afectos, de uma maneira livre e constante. É a capacidade de amar intensamente e de se deixar amar por Deus e pelos outros. Alguns elementos importantes neste processo para a

---

[248] Cfr. A. CENCINI, *Amarás o Senhor teu Deus. Psicologia do encontro com Deus*, Ed. Paulinas, São Paulo 2004[5], pp. 163-164.
[249] Ibidem.
[250] Cfr. L.M. RULLA, *Antropologia da Vocação Cristã*, Ed. Paulinas, São Paulo 1977, pp. 186 -187.

maturidade pessoal a nosso ver, manifestam-se no atingir um sentido sadio de identidade pessoal, sentido de intimidade e sentido de transcendência pessoal.

Em cada uma das etapas da vida, a pessoa vive a maturidade afectiva de uma maneira específica e, conforme vai avançando neste processo vital, também esta chamada a se identificar com os sentimentos de Cristo, através de um sentido de identidade e de intimidade com Deus e com o próximo.

Se a pessoa tiver conseguido consolidar na fase juvenil a capacidade de estabelecer relacionamentos íntimos, poderá enfrentar os momentos de crescimento e criticidade na idade adulta, neste entretanto, por um lado, é o momento do envolvimento afectivo nos relacionamentos e nos projectos realizados, por outro, é também a fase em que podem surgir grandes decepções, principalmente quando a pessoa percebe que os resultados alcançados não estão à altura das expectativas dos outros. Mesmo na vida sacerdotal ou consagrada, podem existir essas contradições: por um lado, tanto fervor relacional e pastoral, por outro, tanta rotina de elementos que podem endurecer os corações no tempo, com o risco de 'frustração'.

Dentro da maturidade afectiva, se encere a educação sexual que tem como finalidade a realização dos seres humanos enquanto pessoas, com igual dignidade. Mas também sabendo-se que são diferentes, ela deve ser integrada no contexto mais vasto da formação geral da personalidade e no conjunto da formação sem complexos nem atitudes de superioridade ou inferioridade[251].

> «Um dos desafios da formação hoje é formarmos os jovens na maturidade humana e sexual, pois eles devem descobrir a sua identidade, conhecer e aceitar os seus próprios limites, as próprias qualidades e a justa estima de si, ter uma capacidade de tomar decisões para a vida, ter coragem de viver coerentemente as consequências das próprias escolhas, ter capacidade de iniciativa; alem disso, a maturidade afetiva como capacidade de solidão e de ralações sociais e como

[251] Cfr. A. VEIGA, *A educação hoje, ou a realização integral da pessoa humana*, Ed. Perpetuo Socorro, Vila Nova de Gaia (Portugal) 2008[8], p. 276.

> disponibilidade para viver essas relações na linha do amor teocêntrico»[252].

E como sabemos por difinição e assim o evidência João Paulo II, Papa, no documemto *Redemptionis Donum* que "a vocação é a expressão da iniciativa de amor, da parte de Deus, acto divino misterioso e gratuito que "chama" pelo nome uma criatura, amando-a e apelando à sua liberdade"[253].

A estrutura da vocação é dialógica, esta é a condição fundamental, de um ponto de vista humano, para se iniciar a experiência de uma vida consagrada, em primeiro lugar é sentir-se chamado, amado, perceber sobre si o olhar de Jesus, e ter a liberdade para deixar-se amar. Esse é o ponto de partida fundamental e experiência psicológica de base, onde nasce o dinamismo do seguimento.

> «A vida fraterna em comum exige da parte de todos um bom equilíbrio psicológico, dentro do qual possa amadurecer a vida afectiva de cada um. Componente fundamental desse amadurecimento é, como já lembramos anteriormente, a liberdade afectiva, graças à qual o consagrado ama sua vocação e ama de acordo com sua vocação. É justamente essa liberdade e maturidade que permitem viver bem a afectividade, tanto dentro como fora da comunidade»[254].

E esse ponto deve ser levado no seu processo de amadurecimento humano-afectivo, quando se entra na casa de formação e em etapas decisivas do percurso formativo. É preciso o candidato a abandonar a escravidão da dependência afectiva, escravidão que nasce do medo de não ser amado ou de não ter sido amado o suficiente, e que consequentemente gera a pretensão de saciar a própria fome de afecto (também de modo mais ou menos inconsciente) segundo a psicologia qualquer forma de escravidão interior tem a ver com a imaturidade afectiva, faltando-lhe assim a liberdade interior. O formando tem de viver o amor como a própria vocação pois as duas dimensões têm a mesma estrutura dialógica. Ele é feito de dar e receber

---

[252] A. CENCINI, *Vida consagrada itinerário formativo no caminho de Emaús*, Ed. Paulus, 1994, p. 146-163.
[253] JOÃO PAULO II, *Redemptionis Donum*. *Exortação Apostólica aos religiosos e às religiosas*, Roma 1984, n. 3.
[254] VFC, n.37§1.

e implica ao mesmo tempo a liberdade de amar e de ser amado[255]. Para que haja amadurecimento é preciso criar a capacidade de prescindir do eu pessoal para ir ao encontro do outro, descoberto como ponto de relação insubstituível e que melhor corresponde às aspirações íntimas e profundas da pessoa. Esta é a primeira conquista séria no esforço de se alcançar a fase adulta: o amor, a entrega e a aceitação dos demais, liberta-nos de nós mesmos. O nível de abertura e de preocupação com o outro nos dá a medida da integração nas relações verdadeiramente humanas.

Por outro, a transparência total da própria intimidade sexual e afectiva é um factor necessário num candidato que faz o seu processo vocacional e quer viver na verdade. Isto por várias razões; uma delas, que é necessária para a maturidade humana afectiva e a castidade, ou seja, predispor-se na compreensão de razão profunda deste conselho evangélico; uma outra razão seria a necessidade de uma higiene psicológica, como expressão de honestidade consigo mesmo, como sinal de abertura ao Senhor pois a transparência é um sinal da entrega total de todo o ser da pessoa consagrada.

Com isto percebe-se que a pessoa concorre à maturidade porque "uma pessoa afectivamente madura tem a capacidade de controlar os próprios instintos e os impulsos da própria natureza humana. Trata-se antes de mais nada, dos instintos sexuais e dos impulsos agressivos"[256]. Na perspectiva de Franco Imoda, qualquer pessoa age nos três níveis da vida psíquica que são: nível psicofisiológico, psico-social e racional-espiritual[257]. Segundo o autor, uma pessoa imatura não consegue integrar os três níveis da vida psíquica e isso, fica sujeita ao um certo automatismo do reconhecimento das suas necessidades, dos seus instintos e impulsos; ao contrário uma pessoa afectivamente madura, reage de acordo com a sua decisão livre. Essa pessoa consegue muito bem conjugar as necessidades da sua natureza com os valores livremente escolhidos. A pessoa madura, controlando os seus instintos, consegue usar as suas exigências como instrumentos para a busca dos fins e objectivos que dizem respeito ao bem

---

[255] Cfr. A. CENCINI, *Vida consagrada itinerário formativo no caminho de Emaús*, Op. Cit, p. 149.
[256] F. IMODA, *Olhou para ele com amor*. *Psicologia da vocação na fase da juventude*, Ed. Paulinas, São Paulo 2002, p. 131.
[257] Ibidem.

total da pessoa, tornando-a mais livre e mais criativa[258]. O documento VFC, quando trata da afectividade, expressa o seguinte:

> «Todavia as dificuldades nessa área são, muitas vezes, a caixa de ressonância de problemas nascidos em outros lugares: uma afectividade-sexualidade vivida com atitude narcisístico-adolescencial ou rigidamente reprimida, pode ser consequência de experiências negativas anteriores à entrada na comunidade, mas também consequências de frustrações comunitárias ou apostólicas. Importante é, portanto, a presença de uma rica e calorosa vida fraterna, que «leva o peso» do irmão ferido e necessitado de ajuda»[259].

A pessoa afectivamente madura não tem medo da própria agressividade; aceita-a e usa a sua força para atingir os seus ideais. A pessoa madura tem a coragem de exprimir a sua agressividade e o faz controladamente, isto é, não deixa dominar por ela, mas manifestando-a com moderação, consolida a sua maturidade e a sua autêntica autonomia. Jesus, como um tipico exemplo de maturidade, manifestava a sua agressividade quando julgava isso oportuno e proveitoso para aqueles que não entendiam outra linguagem. Nas comuinidades, concretamente os superiores e formadores, chamados a ajudar os membros a reconhecer a sua agressividade; julgá-la como inaceitável ou reprimí-la em seu subconsciente é ainda mais difícil e perigoso, sobre tudo quando se trata de enfrentar as suas consequências negativas. Na realidade, a agressividade assim reprimida, transforma-se facilmente em tristeza, depressão, insegurança, passividade etc[260]. Ainda com base ao documento VFC:

> «Se é, de facto, necessária certa maturidade para viver em comunidade, também o é uma cordial vida fraterna para o amadurecimento do religioso. Diante da eventual constatação de uma diminuída autonomia afectiva no Irmão ou na Irmã, deveria vir a resposta da comunidade em termos de um amor rico e humano, como o do Senhor Jesus e de tantos santos religiosos»[261].

---

[258] F. IMODA, *Olhou para ele com amor*. *Psicologia da vocação na fase da juventude*, Op, Cit, p. 132.
[259] VFC, n. 37g.
[260] Cfr. F. IMODA, *Olhou para ele com amor*. *Psicologia da vocação na fase da juventude*, Op. Cit, p. 138.
[261] VFC, n. 37h.

Por isso é que no ambito da formação para a vida consagrada propriamente na etapa prévia à entrada no noviciado, o documento *Potissimum Institutioni* é da linha de que o equilíbrio da afetividade, particularmente o equilíbrio sexual, supõe a aceitação do outro, homem ou mulher, consagrados, respeitando sua diferença, numa comunidade. Sugere ainda em recorrer a um exame psicológico, respeitando o direito de cada um e de preservar sua própria intimidade[262].

Como é por nós sabido, na juventude a pessoa é levada a viver uma afectividade caracterizada muitas das vezes por relacionamentos íntimos. A força emotiva as vezes é muito intensa, que pode até levar ao envolvimento em relacionamentos profundos. Em tal fase, o jovem será capaz de se envolver em relacionamentos autênticos de dedicação e intercâmbio, criando vínculos duradouros e contínuos no contexto emocional em que se encontra, caso tenha alguma orientação. Uma vez que a identidade é delineada na juventude, o sujeito está pronto para estabelecer relações estáveis de intimidade com base em motivações compartilhadas com os outros[263]. Na mesma ordem de ideias, G. Crea explica que:

> «Na vida religiosa ou no ministério sacerdotal, essa intimidade é alcançada através da comunhão e condivisão com as pessoas da própria comunidade religiosa ou paroquial, onde as pessoas são chamadas a tornar visível o ideal de caridade e generosidade com dedicação e amor, que é o mais próximo possível correspondente ao estilo de Jesus»[264].

Para ligar a ideia anterior, o autor ora citado continua, mas desta vez citando o documento VFC quando diz:

> «Para promover a comunhão dos espíritos e corações daqueles que são chamados a viver juntos em uma comunidade, parece útil recordar a necessidade de cultivar as qualidades exigidas em todos os relacionamentos humanos: educação, bondade, sinceridade, autocontrole, delicadeza, senso de humor e espírito de compartilha»[265].

---

[262] Cfr. PI, n. 43b.
[263] Cfr. G. CREA, *Psicologia, spiritualità e benessere vocazionale. Percorsi educativi per una formazione permanente,* Ed. Messagger, Padova 2014, pp. 125-126.
[264] Ibidem, p. 126.
[265] VFC, 27, In Cfr. G. CREA, *Psicologia, spiritualità e benessere vocazionale. Percorsi educativi per una formazione permanente,* Op.Cit, p. 126.

Dentro de todo este discurso e concordado com Franco Imoda, diríamos que a pessoa madura e consistente é aquela cujo 'Eu ideal' consegue dominar a força das próprias necessidades desejos, que são opostos aos seus valores. Um homem maduro tem a consciência do conflito nele existente, e que o divide entre dois mundos que ele carrega em si: que é o mundo infinito dos seus desejos e o mundo finito das suas limitações. A pessoa madura afectivamente não exclui a tensão na psicodinâmica pessoal, mas aceita-a como uma oportunidade para crescer[266].

Quando falamos de maturidade afectiva, portanto, devemos pensar numa condição de maturidade geral da pessoa, numa liberdade afectiva, meta de todo o caminho formativo, que podemos conhecer pondo em relação os dados da antropologia cristã acerca da pessoa humana e as contribuições oferecidas por uma psicologia que esteja em harmonia com tal antropologia. É esta relação harmoniosa que muitas vezes falta na nossa formação, ter uma certeza de um amor recebido e outra de poder ceder o amor[267].

No caminho formativo a nossa vida consagrada arrisca-se, frequentemente, de continuar a propor os valores que constituem o ideal vocacional dando por descontado que toda a pessoa os pode perceber. Supor esta igualdade de condições de crescimento dos jovens em formação, quer dizer que é necessário ter uma visão estratégica e abrangente da realidade e do caminho de crescimento das pessoas em formação e, portanto, não cuidar verdadeiramente delas; o que deve ser fundamental nesta vertente, é efectivar meios e espaços para uma fraca auto-afirmação vocacional. E é o que lamentavelmente nos nossos dias tem acontecido em certas realidades comunitárias de formação, onde alguns candidatos alegam não terem guias, nem profetas, nem holocausto, nem sacrifício, nem oblação, nem incenso, nem lugar para apresentar as primícias a fim de alcançar misericórdia (cfr. Dn 3, 38); ou seja, têm um fraco acompanhamento e como se não bastasse, e como é sobejamente sabido por todos nós, no fim devem apresentar as 'contas', ou dar frutos quando nunca lhes foi dada semente nenhuma.

---

[266] Cfr. F. IMODA, *Olhou para ele com amor, Psicologia da vocação na fase da juventude*, Op. Cit, p. 134.
[267] Cfr. A. CENCINI, *Con amore. Libertà e maturità affectiva nel celibato consacrato*, Ed. Dehoniane, Bologna 1994, p. 57.

1.3 - Vida comum, fraterna e partilhada à luz do documento VFC n. 24

Partindo da compreensão dos termos, e como já tem sido abordado nos primeiros capítulos do nosso tema, precisamos ter claro os conceitos de 'vida comum', 'vida fraterna' ou comunhão fraterna (cfr. Primeiro capítulo).

Num sentido tipicamente teológico, e na linha de pensamento de Miguel Angel A. Garcia, a vida comum é uma realidade visivelmente carismática, por que ela vive de um carisma, não é uma simples manifestação da eficiência que tanto gratifica na vida humana, não pode ser uma expressão de um narcisismo espiritual, que procura um meio de santificação e de perfeição[268].

A vida fraterna cresce no amor de Cristo ressuscitado e na maturidade do homem ou mulher adultos na vida consagrada em comunhão, é uma expressão de união, feita a partir do amor de Deus, que constitui um testemunho essencial para a evangelização. É um chamamento para viver, animado pelo amor de Deus e do carisma da fundação; faz parte da comunhão orgânica de toda a Igreja pelo Espírito sempre enriquecido com a variedade de ministérios e carismas.

Por outro, a comunidade de consagrados como lugar fraterno, segundo o documento VFC; do dom da comunhão nasce a tarefa da construção da fraternidade, isto é, tornar-se irmãos e irmãs numa determinada comunidade onde se é chamado a viver juntos[269]. Da aceitação admirada e agradecida, da realidade da comunhão divina, que é comunicada às pobres criaturas, provém a convicção do esforço necessário para fazê-la sempre mais visível através da construção de comunidades «plenas de alegria e de Espírito Santo» (Act 13, 52), onde a cruz de Cristo seja o reflexo do amor de Deus entre os irmãos[270].

> «A pessoa consagrada, nas várias formas de vida suscitadas pelo Espírito ao longo da história, experimenta a verdade de Deus-Amor de modo tanto mais imediato e profundo quanto mais se aproxima da Cruz de Cristo. Na verdade, Aquele que, na sua morte, aparece aos olhos humanos

---

[268] Cfr. M.A. ASIAIN GARCIA, *Comunità. Riflessione teologica*, In A.A. RODRÍGUEZ; J.M.C. CASAS, *Dicionario teológico della vita consacrata*, Ed. Àncora, Milano 1994, p. 353a.
[269] Cfr. VFC, n.11.
[270] Ibidem.

> desfigurado e sem beleza, a ponto de obrigar os espectadores a desviar o rosto (cfr. Is53, 2-3), manifesta plenamente a beleza e a força do amor de Deus, precisamente na Cruz»[271].

As raízes da fraternidade, seu desenvolvimento e compreensão na história da Igreja e da vida consagrada, os desafios que enfrenta hoje e as condições para o testemunho da fraternidade dos consagrados na actualidade, são aspectos que devem estar presentes para a compreensão do sentido e do alcance da fraternidade cristã, vistos particularmente da perspectiva da vida consagrada; como argumenta o documento já citado VFC:

> «A vida consagrada reflecte este esplendor do amor, porque confessa, com a sua fidelidade ao mistério da Cruz, que crê e vive do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deste modo, ela contribui para manter viva na Igreja a consciência de que a Cruz é a superabundância do amor de Deus que transborda sobre este mundo, ela é o grande sinal da presença salvífica de Cristo. E isto, especialmente nas dificuldades e nas provações»[272].

Por isso, a vida fraterna consagrada apresenta-se como sinal de fraternidade e de comunhão na Igreja e no mundo, justamente porque participa desta comunhão Trinitária, ou seja, faz parte deste mistério da grande *Koinonia* do Pai, com o Filho no Espírito Santo; "A vida fraterna procura reflectir a profundidade e a riqueza desse mistério, apresentando-se como um espaço humano habitado pela Trindade, que difunde assim na história os dons da comunhão próprios das três pessoas divinas"[273]. Por isso quem vive seriamente o sentido de fraternidade, imita a fidelidade fraterna no amor que se vive mesmo no sacrifício à imitação de Cristo; como o afirma o texto a seguir:

> «É o que testemunha, continuamente e com uma coragem digna de profunda admiração, um grande número de pessoas consagradas que vivem em situações difíceis, por vezes mesmo de perseguição e martírio. A sua fidelidade ao único Amor revela-se e aperfeiçoa-se na humildade de uma vida escondida, na aceitação dos sofrimentos para «completar na própria carne o

[271] VFC, n. 24a.
[272] Ibidem, n. 24b.
[273] VC, n. 41.

> que falta aos sofrimentos de Cristo» (cfr. Cl1, 24), no sacrifício silencioso, no abandono à vontade santa de Deus, na serena fidelidade mesmo face ao declínio das próprias forças e importância»[274].

Volvidos concretamente no âmbito da Igreja e da vida consagrada na sociedade e no mundo hoje, segundo o carisma de muitos Institutos, a nossa missão profética não deve dissociar-se da missão de Jesus, pois como Igreja, somos continuadores da sua missão, no hoje da história que se desenrola.

Com as mudanças sucessivas na nossa sociedade, verificamos que a condição dos pobres também se vai modificando e as suas carências necessitam respostas diferentes. A situação da pobreza nos seus diversos âmbitos que se apresenta cada vez mais gritante, reclama do consagrado/a uma intervenção urgente e necessária.

Fruto disto, o Concilio Vaticano II, entre outros textos significativos, diz: "A Igreja reconhece a imagem do seu fundador, pobre e sofredor, nos pobres e nos que sofrem, esforça-se por aliviar-lhe a indigência e neles deseja servir a Cristo"[275].

Diante de tudo isto, e olhando para o empenho e envolvimento dos religiosos e religiosas em questões sociais, podemos dizer que é um dado consolador, animador e acalentador. Todavia, é legítimo nos colocarmos a seguinte questão: qual é o fim e o objectivo das nossas instituições sociais, que até certo ponto nos tiram a sossego, tempo e forças? Ganhamos nós por estas instituições ou ganham os pobres? Mais uma vez connosco reflecte o documento VFC, quando diz:

> «Da fidelidade a Deus, brota também a dedicação ao próximo, que as pessoas consagradas vivem, não sem sacrifício, na constante intercessão pelas necessidades dos irmãos, no generoso serviço aos pobres e aos enfermos, na partilha das dificuldades alheias, na solícita participação das preocupações e provas da Igreja»[276].

---

[274] VFC, n. 24c.
[275] Constituição Dogmática, *Lumen Gentium*, Cidade do Vaticano1998, In *Documentos do ConcílioVaticano II, Constituições-Declerações-Decretos,* Ed. Paulus, Lisboa 2014, n. 8.
[276] VFC, n. 24c.

Retomando o argumento da comunidade Trinitária, esta não tem fronteira nenhuma, não se limita nas idades, não olha para o grupo nem etnia, não olha para a posição social deste ou daquele, antes se predispõe para acolher a todos como irmãos sobretudo nos que mais sofrem. Todos nós, de um modo especialíssimo, fazemos parte da vida de Deus Uno e Trino. A Trindade divina é uma comunidade sumamente inclusiva: tudo tem lugar em Deus. Deus não exclui ninguém da sua comunidade.

Deste modo não é de admirar que a comunidade fraterna seja a característica da identidade dos primeiros cristãos que, no dizer do autor sagrado, tinham um só coração e uma só alma (cfr. Act 2, 42-44; 4, 32-34). Paulo ao apresentar aos romanos estas dimensões vai apontar as qualidades que a comunidade deve cultivar na sua globalidade e em cada um dos seus membros (cfr. Rm 12, 5). O Apóstolo lembra, usando a imagem do corpo que muitos membros e apesar disso continua a ser um só (cfr. Ef 4, 4-16), e certamente os dons que um recebe são ordenados em benefício de todos.

Por outro, Paulo não narra como o autor dos Actos a vida da comunidade, mas lembra a cada um que acolha o seu irmão, considerando-o sempre digno de estima que a si próprio. O lema da comunidade deve ser o amor fraterno, a humildade e o serviço recíproco. Se a comunidade não estiver unida como pode ser mensageira de um Reino onde todos os seus membros estejam reconciliados? Nesta dinâmica, cada um dos membros homem ou mulher não deve estar á espera que seja o outro a começar, antes deve adiantar-se sempre no acolhimento e no serviço dos irmãos (Rm 12, 3-13). Cada dom recebido é um sinal da eleição de Deus, uma eleição que não é uniforme porque a cada um Deus concede diferentes dons, segundo a sua vontade e liberdade, em ordem ao bem comum (cfr. Act 12, 3-13; 1Cor 12, 4-11)[277].

Portanto, a vida comunitária não é a mesma coisa, como fizemos referência nos primeiros capítulos deste tema, que vida comum. As vezes, temos vida comum, mas não comunitária, naturalmente; a vida fraterna que se deve criar nas comunidades, deve ser por conseguinte uma profecia em acto, numa sociedade que, às vezes sem se dar conta, anela profundamente por uma fraternidade sem fronteiras, que nos parece a via ideal para uma

[277] Cfr. A. DUARTE FAUSTINA, *Vida Consagrada: Comunhão para a Missão*, Ed. Paulinas, Lisboa 2003, p.104.

comunidade de irmãos. Pensamos nós de modo particular que a vida fraterna pode ser o sinal, para a Igreja e para a sociedade, por um laço que provém do chamamento de Deus igual para todos e da vontade comum de Lhe obedecer, para além de qualquer diversidade de raça, de língua, de cultura, de grupo ou geração etc.

A qualidade da vida fraterna tem também forte influência sobre a perseverança de cada consagrado/a. E porque a péssima qualidade da vida fraterna foi frequentemente apontada como motivação de não poucos abandonos dos membros das comunidades; assim, a fraternidade bem vivida constitui um válido sustentáculo para a perseverança de muitos. E até porque é um grande sinal de testemunho que pode provocar admiração e imitação no seguimento de um Deus-Amor que teve o seu ponto alto no presépio e na cruz, como grande força nas dificuldades e provações da vida, predispondo-se para a árdua missão da Igreja no mundo hoje.

2 - Rumo à uma renovação autêntica partindo de uma fidelidade renovada

Quando no capítulo anterior abordamos o tema da renovação da vida consagrada, partindo do texto de PC, apresentado na íntegra, passamos em consideração que uma renovação nos tempos actuais não aconteceria se não por vias de um sangue novo na realidade institucional, reiteramos também a contínua abertura a novas perspectivas dentro de uma realidade social em contínua mutação, não deixamos de assegurar que dentro de uma renovação autêntica deve haver uma autêntica fidelidade e assim uma fidelidade verdadeira acompanharia uma renovação de vida. É concretamente desta vertente que se parte, quando se fala de renovação; talvez alguém estaria a pensar renovar uma realidade dentro da vida consagrada, fugindo dos prismas iniciais; eis que estaria a cometer um grave erro ou até mesmo como já tanto afirmamos, a incorrer a uma sólida reforma.

Um outro elemento que nos pode ajudar na compreensão deste tema, é na verdade aquilo que nós aqui vamos chamar a ‘dupla fidelidade’, ou seja, a ‘fidelidade baptismal’ e a ‘fidelidade carismática’; estes dois principais elementos para o consagrado são preponderantes e devem ser bem considerados dentro de um processo de renovação. Porque muitas vezes por muito ouvirmos falar de um certo carisma de fundação, perdemos o sentido

de aprofundamento, ou nos esquecemos mesmo na totalidade que um dia fomos baptizados e é sobretudo nosso dever como cristãos a renovação dos nossos 'compromissos baptismais'[278].

É nesta vertente que José Rovira Arumi, quando comenta o texto da 'LG'[279], conclui que existe para todos os cristãos, não só um mesmo ponto de partida, a consagração baptismal, mas também uma mesma meta, que é a perfeição da caridade do qual o Pai é o modelo (cfr. Mt 5, 48), o autor citado continua dizendo que todo o resto, são vias, formas de vida, meios, serviços, estados ministérios, carismas, mediante os quais, se chega a plenitude do *gérmen* baptismal recebido. Apesar das inúmeras dificuldades, o empenho do consagrado chama a uma irreversibilidade ou perpetuidade, segundo ainda o autor, a fidelidade até à morte é uma exigência teológica, já o caso da temporalidade jurídica durante os primeiros anos, tem um significado pastoral, fruto da experiência da fraqueza humana. Por sua vez a intenção e o significado profundo devem ser uma doação total, e por isso definitiva desde o primeiro momento da profissão à vida consagrada[280].

Com isto se entende que na vocação á vida consagrada, o que se deve destacar em primeiro lugar é de facto o entender que ela é uma iniciativa de Deus, como é sobejamente sabido por nós e nunca de nós próprios; que seja correspondida por nós isto é imperioso. Por outro, o chamamento é gratuito e livre, mas que exige uma resposta, compromisso e fidelidade, logo que se responde ao apelo; no dizer de Marilene Brandão, «a vocação é um dom que exclui toda ideia de mérito e supõe gratuidade absoluta. Deus, porém exige uma resposta livre e consciente, uma cooperação responsável»[281]. Neste sentido, a cooperação responsável, pode traduzir-se na seriedade da nossa resposta onde se é exigida a fidelidade. Não é tão fácil assim responder ao apelo de Deus, como muitas vezes imaginamos. Precisamos de criar predisposições para que a nossa resposta venha a ser dada e de forma garantida e segura. No mundo de tanta confusão, de tanto ruído, a exigência da escuta atenta é requerida, se na verdade quisermos que Deus nos fale. O nosso compromisso com Deus e

---

[278] Cfr. CIC, n. 1185 §2.
[279] Cfr. LG, nn. 11, 42.
[280] Cfr. J. ROVIRA ARUMI, *Fedeltà*, In A.A. RODRÍGUEZ; J.M.C. CASAS, *Dicionario teologico della Vita Consacrata*, Op. Cit, pp. 748b, 751a.
[281] M. BRANDÃO, *Psicologia e formação religiosa*, Edição Paulinas, São Paulo, 1985, p. 22.

com a nossa vocação exigem de nós a certeza do amor de Deus que nos amou e nos escolheu. Ele espera somente da nossa resposta. Deus continuará sempre fiél, não obstante as dificuldades do tempo que cada um dos seus chamados passa. A nossa resposta não deve ser condicionada, como muitas vezes observamos. Ela exige de nós uma abertura total e uma liberdade interior muito grande, acompanhadas de um verdadeiro sentido de discernimento para uma fidelidade madura.

Portanto, se é verdade que a renovação da vida consagrada dependa principalmente da formação, é igualmente certo que esta, por sua vez, está ligada à capacidade de propor um método rico de sabedoria espiritual e formativa, que progressivamente leve a assumir os sentimentos de Cristo Senhor, a quem aspira consagrar- se. A formação é sempre um processo vital, através do qual a pessoa se vai convertendo ao Verbo de Deus até às profundezas do seu ser e, ao mesmo tempo, aprende a arte de procurar os sinais de Deus nas realidades do mundo. Numa época de crescente marginalização dos valores religiosos da cultura, o caminho da formação é duplamente importante: graças a ele, a pessoa consagrada não só pode continuar a 'ver' Deus com os olhos da fé, num mundo que ignora a sua presença, mas consegue também de algum modo tornar 'sensível' a presença d'Ele, por meio do testemunho do próprio carisma.

2.1 - O significado integral da fidelidade na consagração

A vida consagrada como realidade assumida conciente e responsavelmente, exige de quem nela se envolve uma atitude determinante e um certo espírito de sacrifício para a realização vocacional. Agustinho Tavares na sua obra '*A alegria do sim inicial na vida consagrada*', escreve que permanecer fiéis ao 'sim' dado ao Senhor, no dia da nossa profissão, não nos resulta algo fácil, num contexto social tão permissivo e descomprometido como o nosso, vincadamente narcisista [282]. O autor continua afirmando que Deus é sempre fiél no seu amor para com a humanidade, por mais infiél e ingrato que lhe seja o coração do homem ou da mulher; ao citar Oseias, o conhecido profeta da fidelidade de Deus, que

[282] Cfr. A. TAVARES, *Renovar a alegria do sim inicial na vida consagrada*, Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2012, p. 27.

narra o ‘amor de Deus e a ingratidão do povo’(Os 11), um Deus que maravilhosamente ama com fidelidade o seu povo.

E quanto a nós, no dizer do autor, sempre podemos, na nossa vulnerabilidade humana, ser fiéis ao Senhor nosso Deus; é sempre importante recordar que a garantia da nossa fidelidade, está na fidelidade de Deus que é sem limites[283]. Para o consagrado, permanecer no amor será portanto imprescindivelmente viver permanentemente enraizado em Cristo[284].

No encontro com os seminaristas, noviço e noviças, Papa Francisco, na sala PauloVI no Vaticano pouco tempo depois da sua eleição, disse que sejam jovens como adultos a caminho da consagração e os que já se encontram da vida consagrada e sacerdotal, precisam ter muita atenção, porque todos estam sob pressão do mundo actual, onde se vive uma cultura do provisório, o perigo, disse ainda o Papa, é que, há quem pensa não dar a vida uma vez por todas, mas como também acontece com os esposos, muitos destes se esposam temporalmente até que durar o amor, já na vida consagrada, outros professam ou se ordenam sacerdotes ‘só por um tempo’, é assim que uma escolha definitiva não é fácil actualmente, concluiu o Papa[285].

Por conseguinte, é preciso ganhar a consciência de que a maturidade afectiva tem uma função importante no processo de crescimento humano e espiritual, sobretudo porque ajuda a fortalecer sua identidade como pessoa consagrada e ministro do serviço pastoral, permitindo redescobri-la como um todo. A vida é uma sequência de oportunidades para responder ao projecto vocacional de Deus. As próprias experiências emocionais podem evoluir e serem reguladas de acordo com os impulsos motivacionais que levam o indivíduo a experimentar emoções de acordo com o projecto de vida, particularmente nas relações com os outros[286].

Por vezes, aqueles que escolhem a vocação religiosa trazem para os conventos uma imagem idealizada da vida religiosa, ou uma imagem pouco

---

[283] Cfr. A. TAVARES, *Renovar a alegria do sim inicial na vida consagrada*, Op. Cit, pp. 28, 29.
[284] Ibidem, p. 29.
[285] Cfr. FRANCESCO, *Incontro con i seminaristi, i novizi e le novizie*, Aula Paolo VI, 6 luglio 2013, In *È tempo di camminare. La vita consacrata nel Magistero Pontificio*, Ed. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2018, pp. 33-34.
[286] Cfr. G. CREA, *Psicologia, spiritualità e benessere vocazionale*, Op. Cit, p. 139.

realista. É comum e frequente alguém dizer que não é isto que esperava; pensava que encontraria anjos, afinal encontrou pessoas como ele/a. Muitos de nós, se calhar a imagem que tínhamos da vida consagrada não é a mesma que temos agora, depois de alguns anos de vida consagrada. O importante é saber superar, fazer um salto qualitativo, dar um novo tom, um novo ar ao pensamento inicial.

Mas na verdade, qual é o ideal que predomina na entrada da vida consagrada? Pensamos que nem sempre a decisão por uma vocação à vida consagrada é feita, baseando-se naquilo que se crê ser, mas antes naquilo que se quereria ser. São as tais ilusões que por vezes se criam e que acabam por ser desilusões. E é sempre nesta linha de uma 'fidelidade desgastada', que nos vêm ainda outras questões: Por que escolher a vocação religiosa, e depois de algum tempo sair? Que palavras é que podem justificar um tal abandono da vida consagrada? Certamente são vários os motivos que poderiam ser apontados. Não temos a pretensão de fazer um julgamento nem o desejo de apresentar uma lista de motivos que levam às desistências, embora toda uma saída da vida consagrada é sempre justificada por um mar de motivos, sejam eles individuais, comunitários, familiares, sentimentais ou afectivos e outros factores psicológicos e socioculturais etc.

É preciso abrir um horizonte de futuro que dê sentido à coerência do momento que vivemos, ou seja, somos chamados a ser homens ou mulheres certos, em escolhas certas e no tempo certo. Porque a nossa convicção como consagrados não deve ser somente um sentimento baseado nas emoções, que nos levam a uma superficialidade de vida e insegurança na fidelidade, para depois crescer em nós um maior sentimento de arrependimento na vida, pela escolha feita.

Para uma questão de compreensão temática e porque muitas vezes se confunde um termo do outro estabeleçamos aqui a diferença entre fidelidade e perseverança. O primeiro termo é o cumprimento de certos compromissos, é uma qualidade do que é fiel[287]; já a perseverança, é a constância ou firmeza num acto, tal como é perseverante quem não desiste facilmente[288].

---

[287] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio,* Op. Cit, p.727b.
[288] Ibidem, p. 1227a.

Assim sendo, ser-nos-á fácil compreender o tema a nível da vocação à vida consagrada. Viver na integridade dos compromissos da consagração, manter inalterável o dom de entrega rigorosamente reflectido nos conselhos evangélicos e na vida fraterna em comunidade, tudo isto revela um sentido íntegro da fidelidade.

Por outro, a continuidade ou assiduidade na vida consagrada quanto ao tempo e as circunstâncias, revela a perseverança[289]. Na consagração, estes dois elementos devem ser conjugados para que o consagrado se integre verdadeiramente.

Como já o temos referido noutras circunstâncias e aqui o reiteramos, o grande desafio da fidelidade e perseverança nos nossos dias, consiste em sair de nós mesmos para concentrarmo-nos em Deus e no seu plano de salvação em favor da humanidade, porém, parece que hoje temos muitas dificuldades para compromissos duradouros. Vivemos num mundo, no qual a paciência, a estabilidade, a perseverança, a fidelidade, a tensão e o esforço são necessários para garantir a qualidade da vida espiritual e a missão na qual fomos chamados. Influenciados pelo ambiente, facilmente podemos fazer nossos os valores que hoje a sociedade promove; o provisório, o sensível, mutável, etc.

Não devemos esconder o facto de que a vida consagrada representa um movimento contrário que desafia certos elementos de uma sociedade, cujos valores são mais facilmente assimilados pelos jovens, tanto os positivos como aqueles em contraste com o Evangelho. Nossa atitude deve ser semelhante à dos pescadores da parábola de Jesus em Mateus, que lançam ao mar a rede e recolhe todo tipo de peixe; uma vez cheia, os pescadores levam-na para a praia, sentam-se, selecionam os bons para a cestas e lançam fora os maus (Mt 13, 47-48).

A luta pelos valores do Reino comporta um esforço pessoal e comunitário, que dá sentido à existência. Hoje devemos dar mais importância à situação em que vive o jovem diante do mundo fragmentado e da dispersão, com o perigo do fascínio do imediato e do provisório, que leva a uma ética individualista e relativista, que limita a procura dos valores e orienta para uma busca insatisfeita de 'estar juntos', sem uma direção clara nem um projecto definido.

---

[289] Cfr. LG, n. 47.

2.2 - Acompanhamento psico-afectivo para uma resposta fiél

O ser humano é uma realidade bastante complexa, como é esta a sua realidade, não esgota a capacidade de suas mudanças e muitas delas, na vertente do crescimento nos seus diversos âmbitos, assim sendo, tal como os outros, o âmbito psico-afectivo merece uma certa atenção da pessoa mesma ou de outrem que deseja o seu crescimento fiél e responsável. Para que isto resulte, é necessário ter consciência da complexidade da personalidade e da sua maneira de funcionar, da importância de ter uma visão realística de si mesmo, assim como das situações e relações em que nos encontramos, da necessidade de ter uma sadia auto-estima fundada no discernimento entre as várias emoções que a pessoa experimenta em relação aos ideais vocacionais que põe como fundamento da própria vida[290].

As emoções e atitudes, valores ou contra valores, que fazem referência ao nosso mundo emotivo-afectivo, são parte daquela realidade que nós chamamos afectividade ou, de uma forma ainda mais geral, constituem o conteúdo do nosso mundo interior que, de qualquer forma, sempre vai colorir toda a situação em que nos encontramos e vivemos. Portanto, todos compreendemos que falar de afectividade é falar de todo o âmbito da nossa vida, a nível de pensamento, de emoções, de sexualidade, de relações sociais e de amizade, de vocação, de compromissos, de trabalho, de vida interior, de espiritualidade, etc.

Por norma nós falamos deste mundo afectivo simplesmente utilizando uma palavra 'amor', que nos parece incluir tudo. Mas diz-se também como é importante esclarecer, de um ponto de vista antropológico, o que quer dizer ser pessoa e qual é o sentido daquele 'acto amar' que se manifesta como a máxima expressão da própria liberdade humana e, portanto da mesma formação. Sem clareza a nível de valores e de antropologia cristã, estaríamos nas condições dos que pretendem guiar outras pessoas numa viagem sem ter um mapa, ou como dizia uma sábia monja acerca duma certa forma de fazer formação, "ensinar a castidade sem

[290] Cfr. A. CENCINI, *Com amor. Liberdade e Maturidade Afectiva*, Ed. Paulinas, São Paulo 1997, pp. 236-238.

ensinar o amor, é como ensinar os exercícios espirituais sem ensinar Deus"[291], coisa impossível.

A experiência depende muito da maior força com que uma necessidade é sentida em ralação a outra. Nem todos sentimos todas as necessidades do mesmo modo e também porque no interior de cada pessoa, nem todas as necessidades têm a mesma força, intensidade e duração[292]. Como por exemplo, se um/a formando/a, por carências educacionais ou hábitos incontroláveis, jamais conseguiu dominar suficientemente a necessidade de agressividade e desenvolve aos poucos uma forte agressividade, e assim usa muito de suas energias psíquicas neste sentido, subtraindo-a das demais necessidades. Se, pelo contrário, uma pessoa gratificou excessivamente a necessidade de dependência afectiva sente de modo exagerado a exigência de continuar a satisfazer-se nesta área, dando em consequência, mais importância a receber que a ceder afecto[293].

Ainda segundo Franco Imoda, muitos jovens pedem ser admitidos nas casas de formação depois que tiveram largas experiências de vida íntima. Nestes caso como fazer para orientar estes jovens com esta experiência evoluida? É um grande desafio que requer muito cuidado e muita avaliação. Nestes casos é preciso avaliar toda a personalidade, examinar o grau de interiorização que a pessoa cultiva em relação aos valores autotranscendentes, verificar se há uma verdadeira intenção de deixar tudo para seguir Cristo. Uma motivação humanitária de serviço, sozinha não é valor suficiente para a pessoa enfrentar os momentos de maior dificuldade no caminho vocacional. Deve ser visto o conjunto das relações interpessoais do/a candidato/a. As relações que misturam afecto com agressividade, ciúme e forte rivalidade não são sinais favoráveis. A promiscuidade, tanto heterossexual como homossexual ou até bissexual (ainda pior), é um sinal muito negativo, pelo fato de as relações interpessoais ficarem prejudicadas[294].

---

[291] M. THOMAS, *Scegliere di Amare il Mondo*, Ed. Lindau, Baviera 2008, p. 18.
[292] Cfr. L. PINKUS, *Psicopatologia della vita religiosa*, Ed. Rogate, Roma 2010, p. 63.
[293] Cfr. A. CENCINI; A. MANENTI, *Psicologia e Formação. Estruturas e dinamismos*, Ed. Paulinas, São Paulo 1988, pp. 81-83.
[294] Cfr. F. IMODA; B. KIELY, *Buscando Jesus. Caminho e acompanhamento vocacional na adolescência*, Ed. Paulinas, São Paulo 2002, p. 147.

O acompanhamento, portanto, faz com que a pessoa se liberte do isolamento e do fechamento, fazendo com que a mesma cresça em transparência. Leva a pessoa a se tornar alguém cheio de luz e claridade, sinais delicados do amor de Deus, de sua graça salvadora e de um desabrochar para a vida na liberdade dos filhos de Deus.

É um direito que todo cristão tem; o claro é que ninguém se salva sozinho. Dependemos uns dos outros numa relação constante com a alteridade. Não basta a inteligência para crescer, mesmo evangelicamente. As trevas precisam ser iluminadas a partir de fora. Todos temos pontos cegos em nossas vidas. E se não buscarmos ajuda, corremos o risco de não amadurecermos em Cristo.

O acompanhamento sempre deve valorizar o encontro interpessoal como uma forma privilegiada de descoberta da realidade misteriosa na pessoa. Mas tendo em consideração os âmbitos de um certo acompanhamento, é necessário distinguir as vertentes e como afirma o documento *Pastor Dabo Vobis*, dando prioridade ao acompanhamento espiritual.

> «É preciso redescobrir a grande tradição do acompanhamento espiritual pessoal, que sempre deu tantos e tão preciosos frutos, na vida da Igreja: esse acompanhamento pode, em determinados casos e em condições bem precisas, ser ajudado, mas não substituído, por formas de análise ou de ajuda psicológica»[295].

Trata-se de uma pessoa que carrega consigo uma história pessoal, com um passado, um presente e um futuro 'promissor' que não se conhece plenamente e faz as suas buscas, procurando alguém que tenha tempo de lhe dar atenção, interessar-se por sua história e compreender sem repontar ou criticar (acompanhamento); um ser que esconde um mistério que o ultrapassa, digno de respeito e consideração mesmo que sua situação actual seja caótica (necessidade).

Caminhando passo a passo, "a pessoa acolhe seus dados históricos, ambientais, culturais (explicação), purifica as suas motivações subjectivas (compreensão) e confere vez e voz ao mistério do encontro com Deus, que chama para um diálogo de comunhão e envia em missão (interpretação),

[295] PDV, n. 40.

chegando, dessa forma, à unificação, integração e harmonia de todas as suas dimensões e forças"[296].

No acompanhamento devemos ter em conta que estamos diante de um ser humano e não um simples objecto de manipulação ou um ser que carrega em si, um somatório de problemas mal resolvidos.

Todo o percurso que o ser humano faz na sua vida, contribui para a construção da estrutura do 'eu' ou seja, da própria personalidade que se reverte nos diferentes 'eu' em conformidade da posição que a pessoa toma; vejamos o que se segue[297]; se substancialmente nos questionássemos, de onde vem a qualidade do acompanhamento pessoal, sobretudo no âmbito da vida consagrada? Uma luz da resposta é dada seguramente por Amedeo Cencini, quando apresenta os quatro elementos ou componentes do nível preliminar num acompanhamento formativo:

a) Clareza quanto a teoria ou quadro conceitual e as consequentes estratégias de intervenção.

b) Competência qualificada para prestar esse serviço.

c) Partilha real de vida entre formador/a e jovens formandos.

d) Disponibilidade efectiva de tempo e condições, ambientais que permitam o exercício desse ministério.

A esses elementos poderiam acrescentar-se a colaboração e disponibilidade, por parte dos jovens, mas evidentemente esse é um dado que não pode ser pressuposto por nenhum dos formadores, representando antes um objectivo explícito a ser alcançado.

Há os que dizem, considerando esses elementos, que hoje estaríamos diante de um acompanhamento pessoal fraco, pois em geral é muito difícil que esses quatro elementos sejam sempre encontrados juntos: às vezes, por exemplo não há suficiente clareza no método ou nos conteúdos; outras vezes, quem é encarregado da formação não recebeu uma adequada e especifica preparação[298].

---

[296] T.F. LORENZO MARCHESINI, O *ouro testado no fogo: acompanhamento psico-espiritual entre mistério e seguimento*, Ed. Paulinas, São Paulo 2007, p. 225.

[297] Cfr. A. CENCINI; A. MANENTI, *Psicologia e Formação. Estruturas e dinamismos*. In S, DA SILVA (cur.), *O Re-conhecimento da Historia pessoal como caminho para a cura interior*, Ed. BOU, Vitória 2003, pp. 21-22.

[298] Cfr. A. CENCINI, *Vida Consagrada. Itinerário Formativo no Caminho de Emaús*, Op. Cit, pp. 52-53.

Precisamos deixar aqui claro que não é espantoso encontrarmos pessoas nas comunidades sobretudo as de formação emocionalmente bloqueados, sem espontaneidade, que precisam expressar seus sentimentos, mas se sentem incapazes de fazê-lo. Outras são perfeccionistas, que não podem suportar uma fraqueza em si mesmos e nos outros, que se apegam à letra da lei para se sentirem seguros. Finalmente, há vingativas, que nunca esquecem uma ofensa, que se sentem perseguidas, desvalorizadas e desprezadas pelas outras.

Falando destas possíveis formas de imaturidade, numa análise feita por Bruno Giordani na sua obra *'Risposta dell'uomo alla chiamata di Dio',* é de opinião de que não são uma contra-indicação para a vida consagrada; essas formas de imaturidade não representam, por si só, um obstáculo ao compromisso na consagração. No entanto, podem se tornar assim, quando estão presentes em pessoas que não tiveram uma formação aberta em problemas afectivo-sexuais, na afirmação de uma autonomia saudável, na liberdade de encontros com várias pessoas e que não tiveram a oportunidade de enfrentar e amadurecer seus problemas com uma pessoa adequada e disponível[299].

Por outro, precisa-se ter bem claro o 'factor idade' numa autêntica formação para que haja um bom acompanhamento, pois que todas as idades são particularmente importantes para o crescimento afectivo, porque em todas as épocas o indivíduo é chamado a equilibrar experiências emocionais, a viver sua afectividade e sentimentos consistentes com o estilo de vida escolhido. É na dimensão afectiva que se reflectem os níveis de integração dos aspectos constitutivos da pessoa, pois é nela que se revelam as modificações de caráter e humor. Isso revela que o mundo afectivo é uma parte muito dinâmica da personalidade e, portanto, é muito sensível às transformações evolutivas da pessoa.

Do que reflectimos até agora, leva-nos a concluir que o aspecto afectivo, no candidato e no consagrado em geral, tem um carácter primordial no dinamismo destes como pessoas, portanto, o ponto de partida está em lidar ou encarar os sentimentos. Diante de certas emoções, não fugir mas acolher o que se sente, entender que nem todas as vontades podem ser

---

[299] Cfr. B. GIORDANI, *Risposta dell'uomo alla chiamata di Dio*. *Studio psicologico sulla vocazione*, Ed. Rogate, Roma 1979, pp. 94-96.

satisfeitas, pois os desejos não atendidos podem gerar frustrações e grandes desconfortos, que se podem transformar numa grande fonte de descarga em muitas situações negativamente e até expressas em momentos não adequados. Anselm Grün e Dufner, ao reflectirem sobre a relação interpessoal, usam a expressão "espiritualidade de baixo", ou seja, o diálogo com os sentimentos e as ideias; assim escrevem: "A espiritualidade de baixo significa escutar a voz de Deus nas coisas que pensamos e sentimos, nas paixões e necessidades. Deus nos fala em nossos sentimentos e paixões. Só quando lhes prestamos ouvidos é que descobrimos a imagem que Deus se faz em nós"[300].

Em suma toda uma afectividade madura, revela um sentido seguro de fidelidade, pois faz da pessoa acompanhar-se e deixar-se acompanhar, agindo nas suas relações com liberdade e responsabilidade rumo a um crescimento em todas as vertentes.

2.3 - Um etinerário de crescimento integral

Um crescimento sadio na pessoa como tal, requer sempre um percurso feito no tempo, num determinado espaço e segundo a disponibilidade do sujeito em crescimento, uma vez aceite, o crescimento abrange toda uma realidade da pessoa. Dentro da disponibilidade da pessoa, segundo Lorenzo Marchesini, um dos elementos essenciais do caminho de integração pessoal é a aceitação de si mesmo, isto é, a integração dos opostos[301].

O conhecimento verdadeiro favorece a auto-aceitação e auto-estima. Maturidade é aceitar a si mesmo em todos os aspectos, sem medos, mágoas e fugas. Somos pessoas complexas, limitadas, imperfeitas, com exigências naturais, com limites, defeitos e erros.

É preciso crescer na confiança, aceitando os nossos limites. "A nossa confiança reforça-se quando acabamos com o nosso perfeccionismo e aceitamos nossos limites. Sinal convincente desta confiança é a capacidade de reagir depois do fracasso ou da queda, sem vitimismos nem fatalismo"[302].

---

[300] A. GRÜN; M. DUFNER, *Espiritualidade a partir de si mesmo*, Ed. Vozes, Petrópolis 2004[2], p. 67.
[301] Cfr. T.F. LORENZO MARCHESINI, O *ouro testado no fogo: acompanhamento psico-espiritual entre mistério e seguimento*, Op, Cit, p. 403.
[302] Ibidem, p. 404.

A confiança em si transforma a vítima em agente activo e responsável, isto é, ao tomar a vida nas próprias mãos e perceber a contribuição singular para os eventos que ocorrem à sua volta. É, acima de tudo, abandonar o papel de vítima que passivamente se submete a condições de vida insatisfatória e transformar-se num agente da própria mudança.

A sociedade incita a busca de valores de pouca importância e à uma felicidade de baixo custo, exatamente o contrário do que deveríamos oferecer na vida consagrada. Sem esquecermos que os jovens venhem para as casas religiosas com uma carga emocional muito forte, onde o formador/a deve estar preparado/a para ajudá-los a integrar-se com a própria história. De acordo com Cencini:

> «Se, por exemplo, recebi confiança e proteção da figura materna, levarei dentro de mim essa experiência primordial como um dado indelével ou aquela marca emotiva permanecerá gravada na mente e no coração, ao ponto de esperar de mim a mesma atitude ou o mesmo amor de figuras que de algum modo me recordam a figura materna. Se vivi situações de medo, de fracasso, de cansaço ao expressar o meu eu, etc, levarei como uma carga o correspondente resíduo emotivo, pronto para ressurgir em situações de alguma maneira análogas, quer dizer, quando se trata de afirmar a própria pessoa»[303].

Por sua vez, a comunidade deve ajudar a desenvolver estes pressupostos através do acolhimento, envolvimento, respeito e valorização de cada membro.

Imaginemos o que é para um jovem consagrado, ser marginalizado pela comunidade, como por exemplo, sendo ignorado nas suas intervenções. Ou ainda, só ser considerado importante e necessário, quando agrada ao superior, quando concorda com ele. E na medida que as motivações vocacionais vão sendo clarificadas, purificadas e amadurecidas, nessa altura o jovem pode crescer não sentindo-se acolhido por 'um' e por outro, envolvendo-se num clima conflituoso.

Nos momentos de conflito o importante não é o justificar acusando alguém, nem tão pouco atribuir o seu comportamento ao comportamento do outro, 'fiz assim porque me falaste deste modo'. Estes são momentos

---

[303] A. CENCINI, *A história pessoal, morada do mistério*, Ed. Paulinas, São Paulo 2009, pp. 30-31.

privilegiados que o guia pode e deve aproveitar para o crescimento individual e comunitário, para uma maior tomada de consciência do que somos e das nossas reacções.

Em comunidades compostas de membros (resmungões, retalhistas, etc) insatisfeitos, partindo de pressupostos que não calaram a voz de muitas insatisfações, de feridas interiores que levam consigo há anos, nos seus corações, convém que se assuma estas insatisfações, que nos levam a questionar e até podem nos levar à uma certa crise; é bom que tais membros sejam acompanhados e se deixam acompanhar, descobrindo oportunidades de crescimento, de reescolher comunitariamente os objectivos da sua vocação e a da comunidade a que pertencem. A tomada de consciência do mal-estar comunitário pode ser oportunidade de crescimento como comunidades pelo Reino, não continuando a enterrar a cabeça na areia como a avestruz, escondendo a insatisfação nas normas, nem na realização pessoal narcisista.

Portanto, é imprescindível estabelecer vias necessárias que ajudem gradualmente no crescimento e amadurecimento dos candidatos, pautando sobretudo no sentido de abertura e clarividência da vida pessoal e comunitária.

3 - A comunidade de consagrados como «Schola Amoris» segundo (VFC n. 25c)

A graça de viver em comunidade favorece no crescimento e na busca de identidade colectiva que se vai estruturando na vida de cada membro, mas este crescimento requer fé para que se tenha uma imagem da realidade no mais profundo possível, porque estamos diante de duas principais realidades já conhecidas numa comunidade de consagrados; a 'humana' e a 'espiritual'. A humana tem maiores probabilidades de falência ao passo que a espiritual pode garantir maior consistência. E para vivermos segundo o Espírito teremos de viver em abertura ao dom da fé! Como vem afirmado por Francisco, «na fé, Cristo não é apenas Aquele em quem acreditamos, a maior manifestação do amor de Deus, mas é também Aquele a quem nos unimos para poder acreditar»[304].

[304] FRANCESCO, *Lumen Fidei*, Ed. Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2013, n. 18.

Numa outra vertente do crescimento em comunidade, o desenvolvimento e o amadurecimento da vida afectiva são realidades que fazem referência ao mistério da pessoa humana e ao projecto de Deus, lançado na comunidade de consagrados. Quando, por meio do Profeta Ezequiel, Deus fala de coração de carne (Ez 36, 26), quer dizer que a meta do desenvolvimento da plena identidade de filhos de Deus é algo que diz respeito ao mesmo coração de Deus e que, afinal consiste em chegar a desejar e amar como deseja e ama Deus! É este o fim da formação afectiva, o ponto ideal de referência que todo o formador deveria ter presente no exercício da sua tarefa. Esta meta diz também como nós deveríamos ser testemunhas dessa orientação e desse estilo de vida, e como as nossas comunidades deveriam ser 'escola de amor' evangélico[305].

Um elemento a entender nas novas gerações que vêem integrando as comunidades de consagrados é que a liberdade de pensamento passou a ser uma exigência dos jovens, que começaram a se tornar senhores de sua vida, quebrando normas tradicionalmente aceites. Experimentaram, na juventude, muitos caminhos, e amadureceram de modo diferente por intermédio da sociedade com certos aspectos positivos, na própria Igreja através de grupos e movimentos hoje bem dinamizados, e porque não suas famílias, sobretudo aquelas que são verdadeiramente escolas onde os seus filhos ao saírem de lá, já levam um bom aparato de princípios positivos que os ajudam a lidar com o mundo em geral, com o destaque ao amor mútuo e o princípio de solidariedade, como um dos valores que vem fazendo falta na sociedade hodierna.

E numa chamada à harmonia, maior entrosamento de ideias e convívio fraterno em comunidade que o já citado documento Vida Fraterna em Comunidade nos diz que a comunidade se torna uma '*Schola Amoris*' (escola de amor) para jovens e adultos, uma escola onde se aprende a amar a Deus, e a amar os irmãos e as irmãs com quem se vive, com quem se partilha os vários momentos, a amar a humanidade necessitada da misericórdia de Deus e da solidariedade fraterna[306].

Ao reflectirmos mais uma vez sobre as relações humanas da comunidade, logo nos deparamos com um aspecto importante ao constatar

---

[305] Cfr. A. CENCINI, *A história pessoal, morada do mistério*, Op. Cit, p. 20.
[306] Cfr. VFC, n. 25c.

que nunca a palavra *comunidade* foi usada de forma mais indiscriminada e vazia do que nas décadas em que as comunidades, no sentido sociológico, foram difíceis de serem encontradas na vida real. A necessidade da experiência comunitária continua sendo sempre actual. O que pode mudar é a compreensão dela e sua forma de expressão[307].

Viver em comunidade exige maturidade, capacidade de entrega, trazendo ganhos e perdas. Porém, as comunidades tornaram-se mais complexas em tempos da globalização, muitas vezes estabelecidas com base em novas lógicas de tempo e de espaço, dentro da rapidez dos processos de transmissão informacional, formando comunidades extraterritoriais ou virtuais, trazendo transformações na sociabilidade da vida consagrada.

As relações humanas da vida comunitária já na nossa realidade de consagrados, parecem também ser apegadas ao efémero, ou seja, de curta duração, algo propriamente transitório[308], infelizmente fragilizadas por mágoas acumuladas, competição, como já foi algo referido no nosso capítulo anterior, ironia e rigidez, por vezes maliciosamente contra os outros sejam de uma ou de outra geração, e estes em resposta muitas vezes, refugiam-se noutras comunidades e até em certos casos, noutros Institutos, procurando uma certa estabilidade espiritual e mesmo vocacional.

A vida consagrada é essencialmente um chamamento do Amor para amar, ou seja, sendo Deus a essência do amor, não pode se não chamar-nos para amar; e como afirma Von Balthasar, Ele imprime em cada homem ou mulher o destino do amor e dá pela graça o fim e as forças para alcança-lo[309]. E como consequência, o projecto de Deus sobre cada um de nós, é um dom como desígnio de amor. O Pai chama porque nos amou e a nossa resposta consistirá na correspondência desse amor. Viver intensamente a vida comunitária a partir desta lógica, é partilhar o Amor na sua essência. Esta é das experiências mais profundas e belas que o cristianismo oferece à humanidade; os cristãos são chamados a entrar no mistério do amor de Deus em Jesus no Espírito nas comunidades. Fazendo a experiência da vida em

---

[307] Cfr. F. LOPES, *Verso una 'cultura'della comunicazione: idee per un dibattito*, In J.M. ALDAY (cur.), *Nuovi media e vita consacrata*, Op. Cit, p. 14.
[308] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 568a.
[309] Cfr. H.U. VON BALTHASAR, *Gli stati di vita del Cristiano*, Ed. Jaca Book, Milano 1996², p. 69.

comum, amando-se uns aos outros, recuperam a dimensão relacional da pessoa humana que é essencialmente social, sociável e comunitário.

Enfim, é nesta sociabilidade que cada um é chamado a confrontar o mundo conflitual na mesma comunidade de Amor e que se ama e para isso, um caminho de resposta ao conflito, vem do sermão da montanha onde Jesus nos adverte na moderação a certos excessos numa relação e até mesmo onde um simples conflito pode dar lugar a agressão se não tivermos calma (Mt 5, 39ss; Lc 6, 27ss); o apelo é de não apresentar uma certa resistência, não tanto a quem não nos é simpático, mas, sobretudo a certas ideias de pessoas próximas ao nosso convívio.

Portanto, a comunidade é o lugar onde nos tornamos irmãos, com nossos próprios talentos e esforços, para respondermos em conjunto ao chamamento do Pai, na graça do Espírito Santo que unifica e solidifica por meio da fé. Visto que "a luz da fé é capaz de aumentar a riqueza dos relacionamentos humanos, sua capacidade de se manter, de ser confiáveis, de enriquecer a vida comum"[310].

3.1 - Um amor orientado a Deus e ao próximo

Sendo a vida uma relação, o consagrado é chamado a viver intensamente esta relação e é tarefa do mesmo levar Deus a todos através da vivência do Evangelho, do serviço ao Reino e da própria consagração como entrega-doação à humanidade para que realmente transforme a vida das pessoas em uma vida nova a exemplo de Jesus que morreu por todos, para que todos tenham vida nova n'Ele e não vivam somente para si, mas para os outros (cfr. 2Cor 5, 15), porque o amor a Deus torna-se amor e serviço ao próximo[311], ou seja, aos irmãos (cfr. Heb 6, 10).

A comunidade é em si mesma, anúncio da validade do Evangelho para transformar o mundo a partir da reconciliação e do mandamento novo do amor. A fraternidade no interior da comunidade transforma-se em capacidade de acolhimento em relação aos que se sentem atraídos pela curiosidade ou pela procura de um mundo melhor. Além de ser anúncio, a comunidade torna-se, então, caminho onde se aprende a conhecer Cristo e a deixar-se transformar por Ele. Por isso, a vitalidade missionária de uma

---

[310] FRANCESCO, *Lumen Fidei*, Op. Cit, n. 51.
[311] Cfr. H.U. VON BALTHASAR, *Gli stati di vita del cristiano*, Op. Cit, p. 69.

comunidade estará sempre ligada à qualidade da vida fraterna que ela vive. E é por tudo isto que todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros, assim conclui o Mestre (cfr. Jo 13, 35).

Para a vida consagrada, o desafio da comunhão fraterna é fundamental para compreender a sua missão na Igreja e no mundo. Não fomos chamados como simples força de trabalho, para a evangelização ou para as obras de caridade[312]. Formar a comunidade é a nossa primeira tarefa, que dará sentido e estilo a tudo o que fazemos, assim como a vida dos discípulos com Jesus precede e determina a sua missão[313].

A encíclica de Bento XVI, Papa emérito, "*Deus caritas est*", baseada na primeira carta de São João, exprime que "Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele" (1Jo 4, 16)[314]. Estas palavras inspiram ainda as nossas comunidades de consagrados; o motivo de estar juntos na comunidade, é sempre permanecer no amor de Deus e com os irmãos.

Por outro, Bento XVI dizia que o amor ao próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, e isto é a todos os seus níveis: desde a comunidade local passando pela Igreja particular até a Igreja universal na sua globalidade. A Igreja enquanto comunidade deve praticar o amor[315]. Nós também, pertencemos a essa Igreja; devemos dar o nosso testemunho no amor através da vida comunitária.

É na verdade este amor capaz de gerar uma simbiose entre pessoas diferentes, mas reunidos e amadurecidos na fé em Deus e no amor ao próximo. Pessoas essas, nascidas "não da vontade da carne ou do sangue", não da simpatia pessoal ou dos motivos humanos, mas de Deus (cfr. Jo 1, 13), as comunidades religiosas são um sinal vivo da primazia do amor de Deus que trabalha com suas maravilhas, onde cada membro é chamado a dar

---

[312] Cfr. FRANCISCO, *A força da vocação. A vida consagrada hoje. Uma conversa com Fernando Prado*, Ed, Paulinas, Prior Velho 2019, p. 48.
[313] Cfr. B. SECONDIN**,** *"Sorse un malcontento". I conflitti comunitari nella Sacra Scrittura*, Op, Cit, p. 47.
[314] Cfr. BENTO XVI, *Carta Encíclica, Deus Caritatis est*, Ed. Vaticana, Cidade do Vaticano 2005, n. 1.
[315] Cfr. G.M. ROGGIA, *Senza sapere che… Linee di formazione per le persone consacrate e i presbiteri oggi*, Op. Cit, n. 20.

o seu amor a Deus e a seus irmãos, como foi manifestado e praticado por Cristo[316].

Sempre na especificidade da comunidade como foco do amor de Deus para com os seus filhos ou vice-versa e estes entre eles; Crea acrescenta que a comunidade é o espaço onde o limite de uma pessoa pode se tornar um princípio educacional, uma pérola preciosa que reflecte a vida infinita de Deus. Na mesma linha, o limite representado pela diversidade do outro pode parecer estranho ou indesejável; como um grão de areia que entra na concha de uma ostra. Assim sendo, como na ostra há uma substância que começa a trabalhar e cobre o grão de areia para que se torne uma pérola, dentro de cada pessoa há algo especial, uma força, um motivo, um apelo, que permite a elaboração de experiências interpessoais na direcção do bem comum[317].

Retomando o documento VFC, que salienta a caridade como maior de todos os carismas (cfr. 1Cor 13, 13), a comunidade religiosa enriquece a Igreja de que é parte viva, antes de tudo com seu amor[318]. A comunidade consagrada deve amar a Igreja universal como recomenda o documento já citado quando diz que o amor da comunidade consagrada à Igreja universal e particular na qual está inserida, é dentro da Igreja e como Igreja que ela se sente colocada em contacto com a comunhão da Trindade bem-aventurada e beatificante, fonte de todos os bens, tornando-se assim, manifestação privilegiada da íntima natureza da mesma Igreja[319].

É esta Igreja que ama e ensina o amor a cada um dos seus membros, porque nela, quem deseja realmente fazer experiência de Deus, busca-O com todo o coração, deixa-se buscar por Ele, e acaba por encontrá-Lo em todos o lugar: nas coisas e nos acontecimentos, nas pessoas e na história, portanto o amor a Deus e o amor às pessoas são e se tornam cada vez a mesma coisa[320].

Puxando o argumento no âmbito formativo, por sua vez, Vitório Jaldemir é de opinião que, o processo formativo, deve ter em vista a comunhão com Deus, nos moldes do carisma da vida consagrada. Essa

---

[316] Cfr. VFC, n. 1c.
[317] Cfr. G. CREA, *Psicologia, spiritualità e benessere vocazionale*, Op. Cit, p. 173.
[318] Cfr. VFC, n. 60c.
[319] Cfr. VFC, n. 60c.
[320] Cfr. A. CENCINI, *Amarás o Senhor teu Deus.Psicologia do encontro com Deus*, Op. Cit,p. 165.

comunhão tem repercussões históricas no seu desenrolar. A sua maior ou menor profundidade pode ser percebida nas relações interpessoais. A comunhão com Deus explicite-se no trato com o semelhante. Assim, se pode detectar se a meta está sendo atingida pela análise do modo de proceder dos religiosos[321].

Por outro, no processo de amadurecimento comunitário, o que importa é a necessidade de fazer cada vez mais consciente nossa motivação primaria, no sentido de amar a Deus de todo coração. É um processo duplo de amar a Deus e ser profundamente amados por Ele. E saber que Ele vem ao nosso encontro sempre, e em resposta dirigimos o nosso amor a Ele. A pessoa que opta pela vida consagrada cria uma busca constante de colocar Deus no centro de toda a sua capacidade de amar, e todas as demais pessoas, compromissos e coisas integradas nesse amor.

A comunidade de consagrados parece comum ambiente e natural em que cada membro, cresce e amadurece na sua vocação, é o 'ventre materno' da consagração, isto é, o lugar onde a comunhão se manifesta. A fraternidade é um critério de discernimento vocacional, porque a autêntica vocação cristã é uma chamada para a irmandade[322].

Assim a pessoa consagrada em comunidade se vai libertando progressivamente da necessidade de se colocar no centro de todos e aprende a centrar todo afecto em Deus, tendo a certeza de ser amado como ser único e em resposta a este amor de Deus nele, poder amar os seus irmãos. De tal modo que a certeza do amor recebido torna-se amor doado.

3.2 - Chamados da 'Filocalia' ao divino a partir do'ventre' formativo323

Em cada momento da existência do homem ou mulher consagrados, na sua intimidade com Deus pela oração, quanto mais profunda e expressiva esta for, introduz o ser de quem reza num estado diferente que só sente quem nela se envolve. Por detrás da questão (oração),

---

[321] Cfr. J. VITÓRIO, *A pedagogia na formação. Reflexão para formadores na vida religiosa*, Ed. Paulinas, São Paulo 2008, pp. 47-48.

[322] Cfr. A. CENCINI, *Fraternità in cammino, verso l'alterità*, Ed. Dehoniano, Bologna 1999, pp. 32, 33.

[323] A analogia (de ventre) que aqui fazemos, pode ajudar na nossa compreensão o quanto desde sedo o formando é chamado a relacionar-se de forma amorosa com tudo quanto é ligado a sua consagração.

sobre o que fazer para se manter firme nela, deve-se ter sempre presente a pergunta sobre o que se deve fazer para conquistar uma amizade, um amor autêntico pela oração com Deus e por meio d'Ele para com as criaturas. A nossa realização e a nossa felicidade implicam em vivermos aquilo que de facto nós somos como consagrados/as. A vocação em sentido mais profundo envolve a pessoa em sua totalidade, ou seja, tudo o que escolhemos e fazemos expressar a vocação que temos e sentimos pela beleza de Deus e em Deus (*filocalia*). É nisto que podemos perceber que a finalidade última do apelo de Jesus a cada um de nós, é para compartilhar sua vida e sua missão salvadora[324].

Afinal dentro da espiritualidade vocacional e na consagração, o que é a '*filocalia*'?[325] Quando apresenta a etimologia do termo na sua obra '*Chi s´avvicina a me s´avvicina al fuoco*', ou seja, quem se aproxima a mim se aproxima ao fogo, André Borrely diz que é o amor pelas coisas belas; de resto a língua grega não separa o belo do bom, ainda segundo a análise do autor citado, no livro de Génesis, a versão grega usa a palavra "belo"para traduzir de que Deus viu que tudo era bom (Gn 1,10; 12; 18; 21; 31); e mesmo no Novo Testamento, João evangelista, usa o adjectivo "belo"quando se refere ao Bom Pastor (Jo 10, 11) e Paulo que pede a Timóteo que seja um bom soldado de Cristo (2Tm 2, 3)[326].

Um outro aspecto curioso é que na sua compreensão genérica, a '*filocalia*' significa antologia[327], desde século IV na história da Igreja de Eusébio de Cesarea, onde a propósito de Berillo, bispo dos árabes de Bostra, está escrito que para além das cartas, deixou para eles várias '*philokalías*' de escritos. Por sua vez, Lisa Cremaschi, na sua obra '*La filocalia, amore del Bello*', e de opinião que o termo filocalia, foi dado como nome por Basílio e Gregório de Nazianzo, a uma antologia de textos de Orígenes referentes a

---

[324] Cfr. M. BRANDÃO, *Psicologia e Formação Religiosa*, Op. Cit, p. 22.

[325] Do grego *Φῖλοκᾶλία*-ας,ἡ, que significa amor ao belo ou ao bem, porque corresponde a *Φῖλοκᾶλέω* - amar o belo, ser entusiasta, apreciar, estimar, Cfr. In F. MONTARI, *Vocabolario della lingua greca*, Ed. LOESCHER, Torino 1995, p. 2157.

[326] Cfr. A. BORRELY, *Chi s´avvicina a me s´avvicina al fuoco*, Ed. Àncora, Milano 1981, p. 25.

[327] É uma colecção escolhida de trechos em prosa ou verso de mesmo ou de diferentes autores, é uma selecta, In AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 127a.

exegese das Sagradas Escrituras e da doutrina da liberdade por eles composta por voltado do ano 360[328].

Tendo em consideração a sua evolução na espiritualidade ascética, a *filocalia* teve como bases a Tradição como algo vivido e transmitido de geração em geração e das Sagradas Escrituras, porque a maior parte dos textos recolhidos, não eram se não comentários de passagens bíblicas, entre as quais as mais salientes eram a primeira carta aos Tessalonicenses (5,17) "orai incessantemente"; e a passagem de Lucas (17,21) "o Reino de Deus está dentro de vós" (nas traduções modernas da Bíblia vem privilegiada a interpretação dita 'orizontalística' quando vem expresso que o Reino de Deus está entre vós)[329].

A mensagem filocálica é clara que a salvação cristã é uma antropologia ontológica de união 'deificante' com a beleza divina, a alma se empenha no seguimento da beleza de Cristo, assim afirma Teolepto de Filadelfia, citado por André Borrely[330]. Na verdade, a *filocalia* cristã concentra-se no consentimento do amor de Deus operante em nós. Quando cita os santos (Massimo, o confessor e Gregório Palmas), Borrely é de acordo que não somos nós os agentes da nossa 'deificação'; no nosso estado de natureza decaída por causa da alteração da imagem de Deus em nós como seus semelhantes, surgiu o baptismo que nos renova na água e torna resplendente a natureza humana criada a imagem de Deus; assim sendo, amar a beleza é consentir a ser amado por Deus que é Amor por natureza (1Jo 4, 8-16)[331].

Na perspectiva cristã, a vocação corresponde à resposta que damos a Deus através do seguimento de Cristo. Em Jesus, encontramos o sentido último da nossa existência. Pela vivência da vocação cristã, continuamos a missão redentora de Cristo na história. A intervenção de Deus na nossa existência é uma experiência de um prazer gratificante no seguimento. E o caminho para que Deus se faça presente na nossa vida, tornando a nossa vida uma resposta vocacional, é o caminho da oração numa autêntica amizade com Deus.

---

[328] Cfr. L. CREMASCHI, *La filocalia, Amore del bello*, Ed. QIQAJON, Borse-Magnano (BI) 2006, p.14.
[329] Ibidem, p. 24.
[330] Cfr. A. BORRELY, *Chi s´avvicina a me s´avvicina al fuoco*, Op. Cit, p. 27.
[331] Ibidem, pp. 28-29.

Voltando ao tema da nossa abordagem, na vida do candidato a vida consagrada, desde o 'seio formativo', pode notar-se que a evolução fez-se de tal maneira que toda a sua capacidade afectiva se desenvolveu no sentido de ter a Deus como único objecto do seu amor. Nele a capacidade de amar tende a centrar-se em Deus, descobrindo a sua beleza; na reflexão de Francisco, a vida consagrada é uma alegria, se permanece firme no amor do Senhor, vê a beleza de Deus[332]. É nesta linha que o documento VFC traz ao de cima o grande objectivo do amor de Cristo para com a humanidade:

> «Cristo dá à pessoa duas fundamentais certezas: a de ser infinitamente amada e de poder amar sem limites. Nada como a cruz de Cristo pode dar, de modo pleno e definitivo, essas certezas e a liberdade que delas deriva. Graças a elas, a pessoa consagrada se liberta progressivamente da necessidade de colocar-se no centro de tudo e de possuir o outro e do medo de doar-se aos irmãos; aprende, ao contrário, a amar como Cristo a amou, com aquele amor que agora é derramado em seu coração e a faz capaz de esquecer-se e de doar-se como fez seu Senhor»[333].

Vivendo no amor livremente se descobre o sentido da beleza de Deus no doar-se aos irmãos; e é na '*filocalia*' que o candidato à consagração pode ir entendendo o que é viver intimamente a castidade consagrada, como a descreve o documento VC que ela é como manifestação da dedicação a Deus com coração indiviso; como 'porta' de toda a vida consagrada; como tensão do coração insatisfeito de todo amor infinito; como testemunho do poder do amor de Deus na fragilidade da condição humana; como demonstração do equilíbrio, do dominio de si, da desenvoltura, da maturidade psicológica e afectiva; como experiência de alegria e de liberdade; como estímulo para a educação à castidade a outros estados de vida; como confissão que Jesus é o Modelo no qual todas as virtudes alcançam a perfeição; como modo 'divino' mais radical de viver o

---

[332] Cfr. FRANCISCO, *Saber ver a graça é o ponto de partida. Homilia aos consagrados referente a XXIV jornada Mundial de Vida Consagrada*, Roma 01.02.2020, In https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-francisco-consagrados-saber-ver-graca-ponto-partida.html, (02.02.2020).
[333] VFC, nn. 21-22.

Evangelho; como reflexo do amor infinito que une as três Pessoas divinas na profundidade misteriosa da vida trinitária[334].

Na perspectiva de Licie Licheri, autor já citado por nós, o voto de castidade consiste em querer aprender a amar o outro até ao dom de si mesmo. Emitir este voto exige de nós aprender a articular o prazer e a ascese, na vertente 'filocálica'. "Emitir o voto de castidade é perder a vida para que todos a tenham em abundância"[335]; este voto, continua o autor, nos compromente a recomeçar sempre a amar o outro na sua diferença, tendo-o como único, e por essa mesma razão, a consentir incensantemente na nossa própria separação, na solidão constituitiva da nossa identidade profunda[336].

É portanto importante que o clima das comunidade de consagrados principalmente aquelas de formação, seja de autênticos'*alfobres*' onde continuamente germine e cresça o sentido do belo naquilo que é fundamental para a vida cristã e para consagração de cada um, onde se vive essencialmente a 'ascese', este encontro íntimo e pessoal com Deus na pesssoa de cada irmão/ã; comunidades que mesmo estando em sociedades agitadas, vivam intensamente a '*hesychia'*, ou seja, um ar puro e tranquilo, uma paz interior, uma quietude de alma[337], onde a oração, a escuta e interiorização de Palavra, a meditação pessoal, a celebração eucarística, a vivência intensa dos sacramentos, a caridade fraterna, traduzidos na pura contemplação da beleza de Deus em cada uma das obras, manifestas através dos sinais do tempo e da natureza, por mais ínfimas que sejam, concorram para um contínuo discernimento, levando a cada um/a a uma maturidade integral.

3.3 – Enraizados na 'solidariedade fraterna'

A comunidade tem de ser realizadora das pessoas que dela são membros, mantendo-as em mútua abertura e disponibilidade, isto é, numa comunhão que as liberta do isolamento, as enriqueça humana e sobrenaturalmente e as ajude a corresponder ao apelo do Senhor. Mas a

---

[334] Cfr. VC, nn. 32; 36; 88; 18; 21.
[335] L. LICHERI, *Por causa de um sim*, Ed. Filhas de São Paulo, Lisboa 1995, pp. 101-102.
[336] Ibidem, p. 102.
[337] Cfr. B. DI POIANA - MARULUI, *Filocalia dei padri neptici. Filoteo Sinaita. Quaranta capitoli sulla sobrietà*, Fratelli contemplativi di Gesù, Monastero-villa briacco, Capriata d'Orba (Alessandria) 1980, p. 19.

comunidade, além de estruturas e clima adequado, supõe um feixe de relações entre as pessoas que, aceitando as respectivas diferenças, se abrem mutuamente, ajudem e enriquecem, criando assim a comunhão fraterna. Portanto, cada membro da comunidade tem de ser considerado: como pessoa humana, madura, consciente, livre, responsável, formada para o respeito, a abertura, o diálogo; e como filho/a de Deus, por consequência irmão/ã dos outros.

A solidariedade diríamos que é um acto de bondade com o próximo ou até um sentimento, é também uma união de simpatias, interesses ou propósitos entre os membros de um grupo em particular ou numa comunidade em geral. Por palavras simples, é uma cooperação mútua entre duas ou mais pessoas, interdependência entre seres e identidade de sentimentos, ou de ideias[338].

Por outro, investigando a sociologia, notamos que existe o conceito de solidariedade social, que subentende a ideia de que os seus praticantes se sintam integrantes de uma mesma comunidade e, portanto, sintam-se interdependentes. Ou seja, que cada um responda pelo outro[339].

Como é sobejamente sabido, a comunidade de consagrados é um lugar de graça, de verdadeira solidariedade fraterna. É um lugar de graça como intercâmbio de vida, como o amor de Deus passa através do carinho e da compreensão, através da experiência e da nova leitura que o consagrado faz de sua vida; é um lugar de condivisão do carisma fundacional.

Infelizmente em situações diversas como não há quem se disponha do seu tempo para ouvir a outra pessoa, acabamos por criar comunidades de consagrados com uma enorme carga emocional que posteriormente pode desembocar numa variedade de sinais e sintomas insuportáveis que se têm manifestado nas chamadas comunidades fragmentadas. As vezes mesmo no ambiente de comunidades com um reduzido número de membros não há oportunidade para sentar e conversar com alguém sobre nós mesmos e sobre os nossos problemas pessoais ou comunitários, pois cada um está empenhado em suas tarefas e não sobra tempo para ouvir o outro e muitas das vezes nem para sí próprio, por isso vemos vidas comunitárias e vocações pessoais na comunidade a arruinar-se a cada dia que passa.

---

[338] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 1485a.
[339] Cfr. L. GALLINO, *Dizionario di sociologia*, Ed. Torinese, Torino 1993, p. 56.

Além disso, o exercício da fraternidade seria na verdade, a preocupação dominante de cada consagrado, esta consistiria pois, em estabelecer com os seus irmãos verdadeiras relações interpessoais, na base do conhecimento e do amor, da fé e da caridade. Esse feixe de relações cruzadas constitui a vida comunitária. É preciso refazer constantemente a vida fraterna, limpá-la da poeira do caminho e aprofundá-la cada dia.

Como o confirma o Papa Francisco quando fala da doação do consagrado na sua comunidade e aos seus irmãos, compara esta doação a de Cristo sobre a cruz, que sem um outro gesto, este supera todos os gestos que se podem realizar; dando toda a sua existência; com este exemplo, contando com quanto ele é, o consagrado/a é chamado/a a inserir-se com maior vigor no ambiente comunitário/fraterno, numa condivisão de vida com todos, por que isso, segundo o Papa nos enche de alegria e nos confere uma identidade[340].

De um modo geral a convivência humana é, antes de tudo, certeza de uma entrega solidária. Quem não for capaz de dar-se, de sacrificar-se, de entregar-se, não será jamais capaz de conviver em plenitude com os outros. É importante mostrar à nossa comunidade que cada um de nós é um ser solidário, que sua vocação tem um carácter essencialmente social, que não pode alcançar a perfeição fechando-se em si mesmo, mas na comunhão com os demais irmãos da comunidade e não só. A comunhão de homens e mulheres na sociedade em geral, na Igreja e na comunidade deve ser uma resposta à grande tendência do mundo moderno que muitas vezes tem influenciado na perda do sentido da vida comunitária e o sentido humano nas relações sociais. O ser humano de hoje algumas vezes se dilui e se perde na convivência, fechando-se em si mesmo, sem um olhar amplo para a sua comunidade social ou mesmo para a família ou comunidade de consagrados. Outrossim, os consagrados precisam aprender a viver em comunidades solidárias, olhar para as suas vidas e ver nelas, sinais vivos do amor para com os outros.

Que fique claro que uma comunidade sem solidariedade fraterna, corre o risco de reduzir-se a um *clube* de amigos, associações de protecção mútua e se fosse para uma casa de formação, seria um simples 'lar de

---

[340] Cfr. FRANCESCO, *Evagelii Gaudium. Sull'annuncio del Vangelo nel mondo attuale, Ed.* Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 2018[8], n. 269.

estudantes'. Comunidades formadas por consagrados fraternos e solidários uns para com os outros são um sinal inequívoco, ou seja, evidente, de que a consagração tem atingido a sua meta, como comunidades de irmãos que na verdade se amam.

4 – Já não vos chamo servos, mas irmãos e amigos (cfr Jo 15, 15)

A intimidade de Jesus com o Pai leva a cada um de nós numa compreensão do sentido de comunhão que se traduz no mistério Trinitário; é este ligame particular que Ele estabeleceu com cada um dos seus seguidores. Esta relação teve um percurso, obedecendo certas fases desde o simples ouvir dizer quem era Jesus, o seu olhar profundo em cada um deles e fruto desse olhar, surgiu um movimento interior, ou uma preocupação de proximidade de interesses que veio a manifestar-se com o chamamento de cada um daqueles que Ele quis.

O desafio não terminou aí com o chamamento, mas seguiu-se um primeiro momento de discernimento da parte dos chamados que foi dando os passos, esta fase também teve as suas sub-fases importantes na vida do 'discipulado', ou seja, o longo caminho de seguimento ao Mestre e consequentemente a instrução, que desemboca então com a definição de um grupo restrito a quem aos poucos vai confiando certas responsabilidades 'apostólicas', consoante o tipo de missão o grupos ainda se restringe, para melhor definir os papéis, porque a missão parte de um pendor colectivo para depois se saber no concreto em que, ou onde é que cada um se deve ocupar, na reprodução dos talentos que cada um recebeu (Mt 25, 14-30) e de acordo com os dons ou 'carismas'[341] (1Cor 12, 4-11).

A predilecção de cada um dos que passaram nas fases ora mencionadas, provoca em Jesus um coração distribuído em cada peito, desejando que bata com uma uniformidade, querendo fazer parte em cada um deles, por isso suplica ao Pai: «Que todos sejam um; como tu, ó Pai estás em mim e eu em Ti, que também eles estejam em nós. Que eles sejam um, como nós somos um» (Jo 17, 21-22).

Unidos ao Pai, no Filho e pelo Espírito Santo formamos uma família, tornando visível e perceptível o dom da fraternidade.

---

[341] Cfr. CIC, nn. 799, 800.

A origem e fonte de comunhão da vida fraterna, como temos dito desde o início, em todos os sentidos, é a Trindade. Por outro o documento VC, fala com clareza da vida fraterna como uma verdadeira participação na vida da Trindade. A fonte da vida fraterna encontra-se directamente na comunhão com as pessoas da Trindade, unidas no Pai, no Filho e no Espírito Santo. "A participação na comunhão Trinitária pode mudar as relações humanas"[342]. A vida fraterna do consagrado/a conduz ao coração do mistério cristão, é o lugar onde se manifesta o amor de Deus e o testemunho da vida de Cristo.

No final de todas as contas, e porque cada um aprendeu do Mestre a quem segue, o 'ser' e o 'fazer' na sua missão apostólica, e porque se identifica com ele mesmo, com o nome de cristão eis que Ele acrescenta: «Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai» (Jo 15, 15).

Se na relação, na interacção com o outro, crescemos, nos conhecemos e nos 'definimos' como irmãos e amigos, quando esse outro é Deus, é necessário, mais ainda para um consagrado, colocar-se na atitude de Moisés, que diante do mistério se descalçou (Ex 3, 1-6), na atitude de Samuel que se colocou em posição de escuta profunda (1Sam 3, 1-10), na atitude de Maria que se colocou totalmente disponível ao projecto de Deus (Lc 1, 26-38), na atitude de Paulo que de perseguidor se deixou transformar em anunciador. Na atitude de Nicodemos que não apagou em si este desejo de renovar-se interiormente (Jo 3, 1-15), na atitude dos discípulos que tudo deixaram e seguiram-No, na atitude dos homens e mulheres corajosos fundadores dos Institutos ou Ordens, enfim, na atitude de cada consagrado hoje, fruto de seu tempo, seguidor e servidor fiél de Cristo que chama; é esta a preocupação ontológica que em Deus encontra a sua justificação.

Se depois de tanto ter feito em obediência ao Pai e pelo amor pelos seus, Jesus chama-nos irmãos e amigos, quanta razão não teremos como consagrados nele e para Ele nós que numa comunidade fraterna somos chamados a partilhar o pão e as lágrimas, o sorriso e a tristeza, sendo irmãos e amigos.

---

[342] VC, n. 41.

Merece-nos por assim dizer, o título de irmãos e amigos, porque ouvimos o apelo do Amor e apostamos viver no amor e por amor, e este amor traduz-se na graça que recebemos de Deus através da nossa consagração uma vez feita livremente.

4.1 - Uma formação mais livre e responsável

Na sua vasta compreensão, a liberdade é o domínio de si mesmo, na condição de ser e agir livre. E por assim dizer, é o estado de quem não está subjugado ou totalmente dependente de alguém. É o poder de agir de acordo com a natureza de cada um e com a sua vontade[343].

Deus criou o homem capaz de raciocinar, conferindo-lhe a dignidade duma pessoa dotada de iniciativas e de domínio dos seus próprios actos; quis deixá-lo entregue à sua própria decisão (cfr. Sir 15, 14), para que busque por si mesmo o seu Criador, segundo o documento GS, e livremente aderindo a Ele, chegue à sua total e beatífica perfeição[344]. Com isto diríamos que a liberdade é no homem uma força que o faz crescer na maturidade na busca da verdade, e esta é mais perfeita quando orientada por Deus e para Ele.

Nas linhas do CIC, é bem explícito o âmbito da liberdade no exercício das relações humanas; ou seja, toda a pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável; todos devem a todos o 'dever' do respeito. O direito ao exercício da liberdade é uma exigência inseparável da dignidade da pessoa humana, principalmente em matéria moral e religiosa. Este direito deve ser civilmente reconhecido e protegido, nos termos do bem comum e da ordem pública[345].

Quando fala de ter liberdade e ser livre, Américo Veigas, na sua famosíssima obra 'a Educação hoje', é de opinião que todo o homem é radicalmente livre como já todos sabemos, por isto porta consigo a possibilidade de viver a sua existência em liberdade, mas, continua o autor, a maior parte não a exerce porque não se liberta nem se quer conquista a

---

[343] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 975a.
[344] Cfr. CONCILIO VATICANO II, Constituição Pastoral, *Gaudium Et Spes*, In *Documentos do Concílio Vaticano II, Constituições-Declerações-Decretos*, Ed. Paulus, Lisboa 2014, n. 17.
[345] Cfr. CIC, pp. 386-387.

liberdade e como se não bastasse, todos nós temos a possibilidade de ser livres, mas podemos não sê-lo, temos a possibilidade de agir livremente, mas podemos não fazê-lo, enfim temos a possibilidade de pensar e até mesmo expressar livremente, mas infelizmente podemos não consegui-lo[346].

Numa dinâmica formativa, Deus busca estabelecer um diálogo com o ser humano chamado por Ele mesmo. Isso significa que a vocação se dá no relacionamento com Deus e o ser humano, com a mediação ou acompanhamento do 'formando/a'. Tal relacionamento só se realiza na liberdade. Deus se apresenta como sujeito na vocação, porque ao criar o ser humano por amor, antecipa-se a ele, propondo-lhe continuamente caminhos de realização e salvação. Então, a vocação explicita o mistério da vida do ser humano, como mistério de predilecção e absoluta gratuidade de Deus.

O chamamento de Deus não é uma imposição para o ser humano. Deus propõe, não impõe. «A gratuidade da graça e a liberdade humana são os dois elementos fundamentais de qualquer convite de Deus»[347]. Neste sentido, a vocação é um convite, uma proposta à liberdade e responsabilidade do ser humano. É um chamamento que vem de encontro ao ser humano, que a ele cabe responder com sinceridade e liberdade. O ser humano é sujeito da própria vocação na medida em que acolhendo a proposta de Deus dá uma resposta que o realiza plenamente em sua humanidade.

Enquanto não houver sentimentos de liberdade atraídos pela beleza de Cristo e de ser como ele, não se pode falar ainda em formação na prática. Porque a finalidade do dinamismo pedagógico do *formār*e, efectivamente e evidentemente propôr um modelo preciso, uma forma, uma semelhança[348], incentivando um novo modo de ser e de agir do homem ou mulher consagrado[349] que constitua a nova identidade do consagrado e que como tal seja sentida por ele na liberdade interior. E se essa forma fazer parte dos sentimentos de Cristo, trata-se, então de formar para a liberdade da pessoa, deixar-se atrair pela misteriosa beleza do filho, para ser ela mesma.

---

[346] Cfr. A. VEIGA, *A educação hoje. A realização integral e feliz da pessoa humana*, Ed. Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia (Portugal) 2012[8], p. 35.
[347] M. BRANDÃO, *Psicologia e Formação Religiosa*, Ed. Paulinas, Op. Cit, p. 21.
[348] Cfr. AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Op. Cit, p. 750a.
[349] Cfr. A. CENCINI, *Fraternità in cammino. Verso l´alterità, Ed. Dehoniane, Bologna 1999, p. 54.*

No seu percurso formativo, o candidato precisa desenvolver-se através da busca de um equilíbrio estratégico. Assim, o amadurecimento de todo ser realiza-se entre dependência e individuação dos seus actos numa acção livre.

O que se pode fazer, como formadores que querem ajudar no crescimento afectivo, é procurar fazer com que os jovens cheguem a viver numa atitude internalizante, isto é, que cheguem a pôr como motivação fundamental do próprio estilo de vida o amor, assim como foi vivido por Jesus, e não viver empurrado consciente ou inconscientemente por motivações interesseiras[350], isto teria um nome diferente da pura vocação.

Se de um lado, esse equilíbrio implica a coragem das próprias fronteiras para abrir-se, ampliar-se ao outro e acolhê-lo em si; do outro, exige também a coragem de procurar e encontrar o próprio caminho e fazer a própria escolha, decidindo a quem se confiar para cumprir o desejo de realizar a própria entrega[351].

A liberdade por assim dizer, dá a possibilidade de escolha, leva à possibilidade de colocar-se em diálogo com Deus e é neste diálogo que podemos encontrar as respostas das questões mais profundas. O encontro com Deus leva-nos a encontrarmo-nos connosco próprios, a apreendermos de modo mais profundo e vital quem somos e o que somos chamados a ser. Se este encontro é anseio profundo de todo o coração humano, mesmo que não o saiba, é sem dúvida imprescindível para o consagrado, pois só no encontro profundo com Deus pode descobrir como viver o projecto de Deus para ele, renovando as motivações, entrando em crise, amadurecendo, fazendo de modo sempre mais consciente e verdadeira a opção por Deus que desemboca no amor pelo próximo, principalmente por aqueles que Deus colocou na mesma comunidade.

Numa comunidade de consagrados, cada um é chamado a aprender, a assumir as suas responsabilidades sobre à sua vocação na liberdade. Por outro, assumir a responsabilidade, é também, reconhecer os próprios erros,

---

[350] Cfr. A. CENCINI; A. MANENTI, *Psicologia e Formação. Estruturas e dinamismos*, Op. Cit, p. 348-353.
[351] Cfr. A. CENCINI, *Com Amor, Liberdade e Maturidade Afectiva*, Op. Cit, p. 187.

defeitos e limites para se saber posicionar[352]. Sendo um princípio geral, a pessoa humana é difícil ser sincera consigo mesma, o mesmo diríamos do homem ou mulher consagrados no que se refere a si próprio com a comunidade e com Deus.

Portanto, o homem ou mulher em formação, por meio de um acompanhamento pessoal e integrativo, na vida comunitária, como já temos referido nos capítulos anteriores é chamado a aderir à uma educação a liberdade não simplesmente exterior, mas fundamentalmente interior, que lhe permita assegurar uma boa estrutura interior, ou das razões fundamentais da sua vocação á vida consagrada; e nisto chegar a colocar-se num caminho de ruptura com tudo quanto pode servir de opressão no comprimento fiél da sua missão, para aprender a acolher livremente a vontade de quem o chama.

4.2 - Uma comunidade de irmãos/as com identidade formativa

No nosso capítulo anterior, tratamos de forma bem detalhada sobre aquilo que deve ser a identidade do consagrado consigo próprio, na comunidade, na Igreja e na sociedade que o acolhe. Já no âmbito formativo, é essencial a identidade da comunidade que é chamada a responder este grande desafio. É assim que a descoberta da própria identidade ajudará a cada membro da comunidade na formação, e a responder de maneira pessoal e também colectiva muitas situações da vida, até mesmo do chamamento que Deus faz a cada um dos candidatos, sem correr riscos de não ser convidado/a, nem encobrir a voz quando realmente é chamado/a, ou deixar de responder quando na verdade é chamado/a para qualquer projecto de Deus sobre ele/a. Aqui encontramos o quão é importante o candidato ter bem claro a sua identidade a partir da comunidade que o acolhe para que saiba que ele/a é na realidade humano e espiritual, com suas necessidades, atitudes e valores em que acredita e vive.

Isso só será possível, na medida em que a comunidade estiver em grado de ajudar o candidato a dar-se conta que é um ser limitado, falível, mas que tem a possibilidade de encontrar na perfeição a que toda comunidade é chamada a viver, o ideal e o caminho para a unidade de todos

---

[352] Cfr. FRANCESCO, *Incontro con i seminaristi, i novizi e le novizie*, Aula Paolo VI, 6 luglio 2013, In *È tempo di camminare. La vita consacrata nel Magistero Pontificio*, Ed. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2018, p. 39.

numa relação de interdependência baseada unicamente no amor de Deus e ao próximo.

É fundamental começarmos a perceber a partir disto, como uma comunidade deve ser considerada como lugar e sujeito de formação para a vida consagrada. Trata-se de um dado que pertence a mais autêntica tradição; é a comunidade que assume o processo de amadurecimento do jovem candidato, e o irmão mais velho, responsável por esse processo, expressa os cuidados e a atenção da família religiosa em relação a quem pede para pertencer a ela. O âmbito natural para o caminho de crescimento não, é se não a vida fraterna. Esta porém, é também o sujeito e agente de formação. E não apenas no período inicial, mas durante toda a vida do consagrado.

O coração de carne, posto por Deus dentro do homem ou mulher consagrado (cfr. Ez 36, 26-27) de forma particular, indica uma condição básica da nossa realidade como chamados; temos tudo que é necessário para alcançar a meta de amar como Deus, mas é também necessário cumprir um caminho para dar à nossa matéria-prima o seu sentido verdadeiro e melhor, como comunidade. Para fazer este caminho, temos como ponto de referência a Palavra de Deus, que tem uma clara visão do homem em relação a Deus e à criação. Uma relação que dia após dia se aprofunda e se enraíza no consagrado que por sua vez, revela a partir das pequenas coisas ou de gestos de pouca importância, mas cheios de preciosas intenções de um bem aos olhos de Deus, gestos estes que no seu conjunto, a comunidade formadora deveria ter presente na vida de cada membro.

Outrossim, a comunidade deve ter recursos pedagógicos internos e um fácil acesso a recursos formativos externos de forma a poder efectivamente colocá-los à disposição de todos e de cada um, para que seja possível uma experiência pessoal e global de amadurecimento e de crescimento em níveis diferentes, de acordo com o modelo carismático institucional nas fases do desenvolvimento em que o/a jovem se encontra. Por exemplo um certo clima espiritual favorável, formação intelectual ou ambientes particulares do Instituto onde o jovem possa fazer a experiência do apostolado típico de sua Congregação.

A comunidade educativa deve saber conciliar o aspecto da estabilidade com o da criatividade, isto é, conjugar a fidelidade ao dado carismático e ao modelo institucional com a capacidade de colher e

provocar, se necessário, a natural inclinação do jovem, sua vontade de sonhar e de desejar o máximo. É um equilíbrio nem sempre fácil entre a estabilidade estrutural e regularidade de observância, de um lado, com uma dinâmica e flexibilidade subjectivas, do outro. É, no entanto, um equilíbrio importante para que a casa de formação, não viva com meras desculpas de teoricamente eliminar conflitos e tensões e fazer reinar a ordem e a disciplina, sem envolver-se na vida de cada membro sobre tudo dos formandos.

A comunidade assim formada é chamada a progredir em direcção ao sentido muito forte de identidade como um corpo onde cada membro deve exercer seu dom e deve ser reconhecido com a força de cada dom. A comunidade deve crescer e são os seus diferentes membros que a devem fazer crescer.

Para que isto se realize, é necessário que cada membro encontre seu lugar na comunidade: uns são chamados a serem guias na comunidade e outros a serem edificadores da comunidade; cada um tem uma função a cumprir, sobretudo no processo formativo da nova geração.

É importante percebermos que a vida consagrada deve oferecer aos jovens a possibilidade de se realizarem da melhor maneira possível através da comunidade, favorecendo possibilidades para uma correcta estruturação da personalidade que se identifique como consagrado e esta é na linguagem do Papa Francisco uma grande responsabilidade antes de tudo dos adultos e dos formadores, dar sempre um exemplo de coerência aos jovens, se queremos jovens coerentes, reforçou o Papa no encontro com os seminaristas e noviços; nós os adultos devemos ser coerentes[353]. Nesta realização humana, cada um tem o seu caminho, seu ritmo, suas dificuldades e suas ocasiões favoráveis. O formador, ou a comunidade formativa no caso, não devem nunca se esquecer disto. Não deve fazer comparações entre os jovens, pois cada um é 'um caso', por isso é que hoje se fala muito durante a formação, de um acompanhamento personalizado, onde nenhuma situação é igual à outra[354].

---

[353] Cfr. FRANCESCO, *Incontro con i seminaristi, i novizi e le novizie*, Aula Paolo VI, 6 luglio 2013, In *È tempo di camminare. La vita consacrata nel Magistero Pontificio*, Op. Cit, pp. 38, 39.

[354] Cfr. CONGREGAZIONE PER IL CLERO, *Il dono della vocazione presbiterale. Ratio Fundamentalis Institutionalis*, Ed. Paoline, Roma 2016, nn. 46,47.

A partir desta perspectiva, vimos quão é grande e importante o papel que as comunidades de formação têm, elas são chamadas a organizar e proporcionar uma formação que leve o candidato ao conhecimento de si e dos seus próprios limites, das próprias qualidades e a justa estima de si, a capacidade de tomar decisões para a vida, a coragem de viver coerentemente as consequências das próprias escolhas, à capacidade de iniciativa, assim como também, a maturidade afectiva e efectiva, como capacidade de solidão e de relações, como disponibilidade para viver essas relações na linha do amor a Deus e ao próximo.

4.3 - Uma aliança psico-educativa da comunidade para a formação

Para todos os efeitos, existe por assim dizer um trabalho formativo feito por pessoas especialmente designadas para isso; consagrados/as tidos maduros responsáveis e preparados devem constituir as equipas de formação nos Institutos ou Ordens; estes encarregam-se das casas de formação, nas diversas etapas formativas; acompanham todo um processo de contactos quanto à formação. Porém todo consagrado sem excepção é chamado a colaborar com a sua identidade, de muitas formas, no processo formativo da nova geração que entra no Instituto.

É importante aqui ressaltar que numa comunidade de consagrados, o testemunho de cada membro pode ser inspirador para os jovens, que necessitam sempre de referências. Pois, olhando para os que já têm uma carreira feita, os jovens sentir-se-ão motivados a levar adiante a caminhada na vida consagrada, com a certeza de que ela vale a pena.

Por isso, é missão de quem já tem um percurso feito numa comunidade, incentivar os jovens, mostrar-lhes novas possibilidades da acção à vida que têm escolhido, e também de introduzi-los com paciência, no trabalho apostólico do Instituto ou Ordem, certos de estes serem seus sucessores.

O contrário acontece com muita frequência, ou seja, é comum constatar-se em certas comunidades, membros já experimentados em vida comunitária criticando os jovens por causa de determinados comportamentos, que não é mal. Todavia, em vez de fazê-lo directamente á pessoa em causa, fazem-no às costas ou, então, dirigem-se aos ‘encarregados pela formação’, como se a tarefa da correcção na comunidade

fosse exclusivamente destes. O consagrado adulto ou ancião na comunidade de formação, consciente do seu papel no sentido de favorecer o crescimento integral dos novos candidatos é suficientemente preparado para confrontar os mesmos em suas incoerências e ajudá-los a harmonizar o seu agir com a identidade da vida consagrada e do carisma institucional.

Segundo Vitório Jaldemir, um dos autores já por nós citado, quando fala da formação, é de opinião de que, quem tem o título de formador(a) na vida consagrada tem a tarefa de acompanhar os jovens na caminhada para Deus, à luz do carisma próprio da vida consagrada. Ou seja, ser formador, é ser companheiro de quem dá os primeiros passos na vida consagrada, é colocar-se ao serviço da obra de Deus no coração dos jovens, no processo de serem plasmados para a oblatividade e a misericórdia; ser instrumento apto nas mãos de Deus, para o serviço da graça na vida dos formandos[355].

"Não existe ninguém disposto ou com capacidade de ser formador! Porém, o amor pelo carisma congregacional deverá falar mais alto"[356]. Se alguém, de facto, ama a Congregação e quer vê-la vigorosa ao serviço do povo de Deus, será capaz de abrir a mão deixando os projectos pessoais bem sucedidos e acolher a missão de formador/a das novas vocações.

Quanto a identidade e integridade do consagrado, membro de uma comunidade de formação, diríamos ainda que quando este atinge uma idade avançada, conservando a alegria e o bom humor, estando bem com a vida vocacional, espiritual e comunitária, mantendo acesa a chama do ideal da sua consagração, torna-se um formador/a de excelente qualidade. É um grande exemplo de sucesso da caminhada formativa na vida consagrada e de formação bem sucedida. E é bem certo que nas casas de formação deveria haver um membro com estas condições, pois fazem um bem inestimável a quem dá os primeiros passos na vida consagrada e ajuda a plasmar a personalidade dos jovens com os quais está em contacto.

Para as comunidade de formação e em particular a quem responde directamente para isso, há que se ter em conta na orientação dos jovens o equilíbrio na formação, porque uma formação com critérios demasiado rígidos e autoritários corre-se o perigo de provocar no formando uma

---

[355] Cfr. J. VITÓRIO, *A pedagogia na formação. Reflexão para formadores na vida religiosa*, Op. Cit, p. 59.
[356] Ibidem, p. 63.

angústia constante e sérias patologias na sua personalidade, futuramente como consagrado e não só, como já foi por nós abordado num dos capítulos anteriores, criando no caso tímidos ou revoltosos. No extremo oposto, a atitude dos formadores que deixam o formando fazer tudo o que lhe apetece, para não contrair complexos, cria-se igualmente nele um estado de ansiedade permanente perante o compromisso à liberdade e à vida que lhe propõem. Agir por excesso ou por insuficiência de autoridade equivale a não saber amar, e isto será contribuir para criar homens ou mulheres incapazes de amar e condicionando o seu amor para com os outros.

Enfim, quando falamos da aliança psico-educativa da comunidade dita de formação, jogamos com a presença de membros que se comprometem levar em frente o trabalho que lhes é confiado, não só o comunitário/pastoral, mas e sobretudo o educativo/formativo, onde as suas capacidades psico-educativas serão frequentemente avaliados seja da parte dos superiores, da parte dos próprios formandos e como não da parte dos demais membros do Instituto ou Ordem, porque todos estes terão os olhos lançados nas casas e nos projectos formativos.

E nesta ordem de ideias, é de nossa opinião que todos os membros da casa de formação a nível dos Institutos, fossem rigorosamente avaliados, antes de lá serem postos e com maior rigorosidade os formadores; e que se fizesse uma avaliação imparcial no fim de cada período formativo, com a participação activa dos próprios formandos. Assim se evitariam formadores levados ao colo dos superiores, mesmo estes sendo carrascos na formação, ou se não mesmo o caso de formandos 'encomendados'. Em tudo isto, forçando o texto do documento VFC, quando cita o Papa João Paulo II, ao dizer que toda a fecundidade da formação na vida consagrada, depende da qualidade da vida fraterna comunitária. Mais ainda, a renovação actual na Igreja e na vida consagrada em particular é caracterizada por uma procura de comunhão e de comunidade[357].

Por todos os meios que se podem proporcionar, numa aliança psico-educativa da comunidade, é inevitável a maturidade humana e como sabemos, ela é capacidade de implementar o potencial da pessoa. A pessoa humanamente madura, está em sua capacidade de abrir-se aos outros, dar-se

[357] Cfr. JOÃO PAULO II, *Reunião plenária da CIVCSVA* (20. XI. 1992), n. 3, In VFC, n. 71.

bem com ela mesma e exercer uma autonomia razoável, para oferecer metas realistas, agindo com discernimento e prudência, a fim de distinguir do que na vida é importante e do que não é; é ainda a flexibilidade, adaptabilidade e estabilidade emocional.

Esta maturidade nos membros de uma comunidade de consagrados ajudaria no processo integrativo pessoal e comunitário, assim sendo, isto evitaria climas difíceis na formação e sobretudo em comunidades desavindas, ou ainda naquelas com membros mergulhados numa 'pobreza' de identidade como consagrados, para não falar daquelas comunidades, retomando o nosso tema principal, com fortes incompreensões geracionais ou ainda conflitos latentes a nível cultural.

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE

Depois de termos reflectido sobre as feridas que a sociedade pós-moderna proporciona sejam elas pessoais ou comunitárias nos dias actuais, e já atentos a estes elementos negativos, o consagrado estará a altura de criar um clima de harmonia comunitária, onde as culturas se entrosem, salvaguardando o interesse comum Institucional e eclesial, partindo da cultura de raiz para o baptizado que é o ser cristão.

Este ser cristão que é constantemente desafiado hoje pelo vento da pós-modernidade com o impacto forte dos seus elementos tais como a auto-suficiência que envenena as comunidades de consagrados, a competição social que fracassa o consagrado hoje, o intenso mundo mediático que apesar das suas vantagens, também é um autêntico isolador da corrente fraterna na comunidade e que tem sido um autêntico condutor da electricidade conflitual na comunidade de consagrados.

Julgamos ser importante que os consagrados se fossem acostumando a pensar sobre o que é urgente neste momento; ou melhor, ir pensando outra forma de se posicionar e de encarar a realidade na sociedade e na Igreja hoje.

Desta forma, uma autêntica vida interior é necessária e exigida na vida do consagrado na Igreja dos nossos dias, portanto para a sociedade uma vida consagrada que dê testemunho verdadeiro dos valores do Reino e seja capaz de criar disponibilidades para o irmão, e que este se sinta devidamente acolhido na comunidade como membro activo.

Observamos neste entretanto, que uma realidade comunitária num mundo que respira à pós-modernidade é inevitável proposta de crescimento, o facto de o homem e a mulher consagrados estarem até certo ponto influenciados com o referido ar, com os riscos de serem consumidos pelo mundo actual. Concretamente no que se refere a tecnologia mediática, as comunidades em particular ou os Institutos em geral deveriam se auto-questionar e tomar consciência do seu lugar no mundo, das potencialidades que tudo isto tem e traz como benefício por um lado; e por outro, das fragilidades e desastres que vêm proporcionando hoje nas comunidades. Com isso, é preciso tomar uma decisão séria e urgente, que nos parece ter duas saídas. A primeira pode consistir em continuar a criar limitações no sentido de purificar sempre o que se pode consumir no interior das

comunidades, como já regem os documentos da Igreja, alguns deles citados no corpo da nossa abordagem e das orientações particulares de cada Instituto a este propósito; a segunda saída seria o evitar a cultura de proibição, a cultura do medo, a cultura do 'fruto proibido no Éden' (cfr. Gn 2, 16-17), ou seja, segundo a nossa constatação o que mais se proíbe, é o que mais se usa, mesmo na sua ilegalidade e as vezes com um certo exagero; enfrentar o palco dos conflitos internos no que toca a estes meios, exigirá um apelo delicado e constante à consciência do consagrado hoje, desde as camadas formativas até que se chegue á um bom grau de maturidade na liberdade.

Porque da forma como se apresenta a velocidade das coisas e da própria vida, parece lógico admitir que chegará o dia em que colocar-se-á a hipótese de modificar a essência da consagração, com o risco de se elaborar outra Teologia da Vida Consagrada. É necessária uma renovação de espírito que alimente a pessoa do consagrado hoje. Fique também claro que o mais urgente, é a identificação dos factores que causam os problemas mais graves de momento no ambiente comunitário, atrofiando a missão do consagrado.

A urgência da nossa missão profética se revela cada vez mais exigente e imperativa nos dias actuais. É possível viver a vocação religiosa de maneira radical, em todo tempo e lugar, pouco importa o contexto. É simplesmente uma questão de maturidade humana, cristã e vocacional. A vida consagrada como bem sabemos, tem um estilo e uma maneira próprios de ser. Hoje, parecendo que não, colocamos em risco a nossa consagração, querendo acertar o passo com o mundo, com a terrível ideia de que estamos totalmente atrasados; do que nos parece, pelo contrário, é a sociedade que se deve sentir preocupada porque tem corrido atrás do tempo e com esta corrida deturpa os valores, perdendo a identidade. A vida consagrada deve continuar a ocupar o seu respectivo lugar na Igreja e no mundo, como sinal profético e presença real de Cristo puro e humilde de coração, obediente ao Pai, fazendo-se pobre para estar com os pobres no mundo.

E quanto a identidade, a vida consagrada não é uma condição de vida imposta pelo destino, nem por escolhas erradas do passado, ou então na falta de oportunidades do presente; se fosse o caso, ou seríamos pessoas certas em lugares errados ou então lugares errados para pessoas certas.

Os consagrados/as no mundo actual, precisam procurar e recuperar a sua dimensão essencial, presente no ser e não simplesmente no agir ou no ter. Este último deve ser a consequência do ser.

Portanto, não seria assim normal que os Institutos ou Ordens não tivessem a urgente preocupação com o futuro das suas comunidades e do carisma em geral. Deve ser também uma preocupação fundamental o como se está a viver o carisma e que identidade se está apresentar na Igreja como membros e na sociedade como campo aberto de missão.

Como não há futuro sem que se assegure o presente, assim, não teremos homens e mulheres consagrados amanhã se não forem formados hoje. Percebemos que para trabalharmos na formação precisamos ter um profundo conhecimento de nós mesmos e depois abrirmos o horizonte para os nossos irmãos/as em formação. Digamos que o primeiro trabalho consiste num processo pessoal e contínuo de conhecimento formativo, para se alicerçar na identidade. Acreditamos que crescemos muito quando nos predispomos, como formadores/as para ajudar os candidatos/as que desejam responder ao chamamento à vida consagrada, criando um clima e uma estrutura formativos, na comunidade.

É na verdade esta a intenção desta parte do nosso tema, ou seja, despertar interesse as comunidades formativas, proporcionando condições necessárias e importantes para um adequado acompanhamento e conhecimento de cada membro da comunidade seja ele formando ou não, onde cada um perceba e entre num processo de integração da sua vida nos diversos âmbitos, dando conta das suas atitudes, sentimentos e despertar as motivações que permitem uma liberdade interior de modo a poder fazer um discernimento e escolha sem constrangimentos da sua opção vocacional cristã na vida consagrada hoje e sempre.

Os formadores por sua vez, não devem ser simplesmente comunicadores de doutrina, como já muitos o são por perícia, mas antes, irmãos mais velhos e bons exemplos na unidade geracional, que vivam verdadeiramente juntos e que sejam mediadores na riqueza da proposta carismática e cultural na vida diária e no contacto com o ser, homem ou mulher de cada um. É sem dúvida alguma, interessante notar como também os jovens em formação muitas vezes sentem a necessidade de novas estratégias educativas e de novos percursos pedagógicos na comunidade de

formação e é nosso desejo que estes possam encontrar os elementos que solicitamente procuram.

É por isso que se espera do formador e de toda comunidade a capacidade de assumir a tarefa formativa como uma árdua missão, na certeza de estar a preparar servidores do Reino, a partir do próprio Instituto ou Ordem, presentes na Igreja, pessoas consagradas ao serviço dos irmãos na comunidade e não só. Que gostem de viver com os formandos e de ajudá-los a atingir a maturidade vocacional, humana e psico-espiritual, e que este desafio resulte em bons homens e mulheres consagrados.

Consagrados que dão prioridade à vontade de Deus, numa fidelidade perseverante, na escuta atenta, meditação e vivência da sua Palavra em espírito de oração e conversão, com um olhar sempre atento e solidário à vida fraterna. Homens e mulheres consagrados; é daí que a vida consagrada será o rosto belo de Cristo divino Mestre e Pastor sorridente na humanidade hoje, e que a sociedade actual, sinta o precioso odor do perfume de Deus que passa na pessoa de cada consagrado/a.

Pensamos que o tema desta segunda parte da nossa temática geral, constitui um grande desafio para a vida consagrada nos nossos dias, e pode servir como um subsídio no âmbito de reflexão, seja para a formação permanente como aquela inicial. Para um aprofundamento no conhecimento da vida de cada um como baptizado e da vida consagrada em comunidade que temos abraçado.

CONCLUSÃO GERAL

Depois desta longa 'viagem' analítica na vida das comunidades de consagrados quanto à relação dos seus membros naturalmente notabilizados em grupos, gerações, culturas, etnias, regiões geográficas, etc; temos compreendido e estamos de veras de acordo de que somos chamados a voltar às origens, o que vai significar dom e graça para as nossas comunidades de hoje e as de amanhã. Precisamos perceber algo muito importante, que vida comunitária não é a mesma coisa que vida comum; as vezes, temos vida comum, mas não comunitária. A renovação da vida religiosa no mundo hoje, deve atingir sobretudo a vida comunitária e a oração[358]. A própria vida fraterna que se deve criar nas comunidades, é já profecia em acto, numa sociedade que, as vezes sem se dar conta, anela profundamente por uma fraternidade sem fronteiras. De modo particular, a vida em comunidade é o sinal, para a Igreja e para a sociedade, daquele laço que provém de um chamamento igual e de vontade comum de obediência à voz de 'Quem' chama, para além de qualquer diversidade de raça, língua, geração ou cultura.

A qualidade da vida fraterna tem também forte influência sobre a perseverança de cada consagrado. Como a medíocre qualidade da vida fraterna foi frequentemente apontada como motivação de não poucas defeções, assim a fraternidade bem vivida constituí um válido sustentáculo para a perseverança de muitos. Numa comunidade fraterna, cada um se sente co-responsável da fidelidade do outro; cada um dá o seu contributo para um clima sereno de partilha de vida, de compreensão, de ajuda mútua; cada um está atento aos momentos de cansaço, de isolamento, de desmotivação do irmão; cada um oferece o seu apoio a quem está aflito com as dificuldades e com as provações. Assim, como o afirma Giuseppe Crea, "a comunidade religiosa, que sustenta a perseverança dos seus componentes que interagem, e assim adquire também a força do sinal da perene fidelidade de Deus"[359]. São destas comunidades que a vida consagrada precisa, comunidades de vida e que fazem crescer; comunidades que são lugares para se viver e perceber o apelo de Deus.

---

[358] Cfr. VFC, n. 12.
[359] G. CREA, *Diagnosi dei conflitti interpersonali nelle comunità e nei gruppi*, Op. Cit, pp. 59-60.

A experiência da vida comunitária é, portanto, uma comunhão que já é missão realizada em acto.

Assim sendo, a comunidade tem o seu valor quando se vive o dom da unidade. Muitas das nossas comunidades vão-se tornando lugares sem a verdadeira vida fraterna, sem afecto, sem diálogo no projecto de vida e de actividade. O que temos em comum é o hábito, por vezes a regra e as constituições, um certo aparato da casa e a própria estrutura em si[360].

Os conflitos decorrentes da diferença de gerações dentro da vida consagrada, segundo uma das nossas constatações, são um exemplo de convivência, uma vez que é impossível dissolver a diferença de idade no seio de uma mesma comunidade. Sendo assim, é necessário desenvolver estratégias criativas para gerir tais divergências. Por exemplo, criar vários momentos ou espaços dentro de uma mesma comunidade em particular ou no Instituto em geral, de troca de experiências, para que os membros dos diversos grupos geracionais se conheçam na realidade uns aos outros, ou seja, que o *jovem consagrado* beba da experiência do adulto e do ancião, que o *adulto consagrado* por sua vez acolha de bom grado a novidade do jovem, considerando e respeitando o *ancião*; e na mesma ordem de ideias, a força e o empenho das duas gerações sirvam de encorajamento e maior convicção de dever realizado da parte do *ancião consagrado*.

Já ao cair do pano da nossa reflexão queremos aqui dialogar com as gerações envolvidas na nossa abordagem.

Falando da nova geração, ou seja, os jovens, estes muitas vezes não são mais atraídos pela realidade de equilíbrio porque nem sempre encontram as vias daquela realidade que dá consistência ao viver feliz.

A vida consagrada, para ser um atrativo chamamento de Deus aos jovens de hoje, precisa ser essencialmente testemunhada! Sem um claro testemunho de consagração que se traduz em vida espiritual, vida comunitária e vida missionária, o jovem continuará em dificuldades na comunidade.

Ser jovem num sentido geral é estar imerso em uma sociedade com processos transitórios, a partir de uma nova conjuntura familiar, política e social estabelecidas. É, portanto, estar em meio a conceitos, formas amplas e diversas de leitura do mundo. Neste fluir das idades e do tempo, novas

---

[360] Cfr. VFC, n. 10d.

pesquisas, novas descobertas e novos olhares vão tomando conta do homem e mulher singularmente ou grupos etários em comunidades de consagrados nas suas mais simples às mais complexas formas de comportamento nas relações. O que é verdade aceitar, é que o mundo tem mudado; a sociedade aceita o que antes não aceitava, abriu o que antes estava fechado, apagou o que antes escreveu e hoje, a mesma sociedade tenta definir o seu perfil a favor de todos e especialmente do jovem.

Em função de tais mudanças diante do que antes era dado como referência, atualmente a maioria dos jovens acredita que a escola e outros grupos sociais não atendem as suas reais necessidades e expectativas. As vontades e interesses não se encontram no plano curricular vigente, e a mesma juventude anda em busca da identidade; disto não se escapa o jovem consagrado[361]. E se nos questionássemos: onde se poderá encontrar essa mesma identidade, seja ela, humana, cristã, vocacional, religiosa e até mesmo social ou ideológica?

Hoje, os jovens convivem com o real de maneira virtual, pensam viver num mundo virtual de maneira real ou vice-versa; nisto reconhece-se que, na formação humana, há falhas graves, por inúmeros motivos, a começar pela diversidade de informação que gera inúmeros conceitos sobre tudo e tudo isso não apenas está à disposição de todos, mas é também despejado ao acesso desta juventude, muitas vezes sem orientações ou encaminhamentos adequados.

Já na vida consagrada o passado muitas das vezes tem sido um obstáculo para o surgimento de novas formas de expressão, convívio social e comunitário típicos da cultura juvenil pós-moderna. Os jovens consagrados vêm fazendo suas escolhas entre os confrontos do 'antigo' e do 'novo'. Estas escolhas se dão normalmente a partir do contacto com as diferentes ideologias geracionais, que muitas das vezes são influenciadas pelas 'media' e os seus 'apelos de consumo' mesmo em comunidades de consagrados.

O mundo hoje precisa de um exército de jovens com uma identidade clara, que não se contentem mais com o mínimo; pois, "quem pensa pouco realiza pouco"[362]. Os jovens de hoje com a grande ajuda dos

---

[361] Cfr. P. Del CORE, *Rapporto intergenerazionale nella vita consacrata*, In J.M. ALDAY (cur.), *Passare il testimone. Il rapporto tra generazioni nella vita consacrata*, Op. Cit, p. 57.
[362] Obs: Esta é uma expressão que faz parte do adágio popular.

adultos, são chamados a um projecto muito grande; só que eles as vezes com todo um vento da pós-modernidade, estes são abandonados e se sentem lá embaixo e incapazes, mesmo no interior das comunidades de consagrados.

Como fomos passando no corpo da nossa reflexão e agora em poucas palavras, a idade adulta na sua generalidade, sendo um fenómeno do desenvolvimento humano, apresenta-se com novas responsabilidades, novas referências na sua existência, com novas conquistas, em busca de um maior entendimento desta importante e mais abrangente etapa da vida humana em relação com as outras. Por ser a fase mais longa da existência do ser humano, merece especial atenção, mesmo porque há pouco tempo vem sendo entendida e percebida com tais referências.

Assim, compreender as interações por onde passa o fenómeno da vida adulta, em cada ser humano, é entender o processo de desenvolvimento, com suas generalidades e singularidades. É distinguir-se na sociedade em geral, com responsabilidades, com direitos e deveres, com necessidades de partilhar desejos e novas conquistas.

Contudo, para o consagrado em comunidade, são referênciadas as responsabilidades sociais que advêm ao seu ser adulto. Tanto pelas conquistas, pelas lutas de classes, pelos preconceitos de gerações e grupos, quanto pelas divisões de tarefas dentro do contexto comunitário. A estrutura comunitária actual provoca muitas mudanças que, ao longo do desenvolvimento social-eclesial, foram sendo estabelecidas em normas e conceitos. Não obstante a isto, está a dupla actividade (comunitário-pastoral), como responsabilidade com sua descendência, tanto em relação à próxima geração, como também com as realizações produzidas ao longo do tempo. Essa responsabilidade pessoal ou comunitária, revelada ao consagrado na fase adulta da sua vida, pode constituir-se parâmetro para novas realidades e renovadas conquistas, apontando motivações externas para cada membro da comunidade em sua época e momento próprios[363].

Como é a chamada idade do meio, o consagrado nesta etapa, deve ser o ponto do equilíbrio da balança, isto é, tendo um duplo e purificado olhar na geração do jovem ou futura e na geração do ancião ou passada.

---

[363] Cfr.B. GOYA, *Formazione integrale alla vita consacrata. Alla luce della esortazione post-sinodale*, Op. Cit, p. 238.

Sendo o ancião já membro de uma classe representada por pessoas com mais de (sessenta e cinco anos) de idade, e que coincide com o envelhecimento, como bem sabemos, na Roma antiga, eles foram chamados de '*senes*' e eram integrantes (alguns deles) do Senado, com grande poder e relevância social e considerados sábios. Disso deriva a palavra senilidade ou senil relacionado a esta idade[364].

Há uma realidade que nos nossos tempos tem dificultado a real compreensão da riqueza desta etapa da vida, diga-se em abono da verdade; hoje em dia o importante não é tornar-se um ancião, mas manter-se jovem o maior tempo possível. Não envelhecer, não se tornar um ancião, não ganhar sabedoria através dos anos, experiência, consciência, mas, ao invés, permanecer um distraído pelo maior tempo possível. E esta até infelizmente tem sido uma orientação das normas da nossa sociedade. Ela essencialmente tende a marginalizar a velhice. Com isso, para a mesma sociedade a velhice toma uma ideia negativa. Enquanto a juventude, mesmo em sua fase adolescente, toma uma noção positiva. Com esta concepção, ser idoso, ser adulto, ser um homem velho ou especialmente uma mulher de idade, começa a ser despresível.

Nós, porém continuamos a afirmar que ser ancião é ter a máxima responsabilidade das etapas porque como uma agulha de costura manual que guia a linha, o ancião orienta as gerações sucessivas; como bem pesquisou Emílio Conde ao concluir que tal termo (ancião) ocorre cento-setenta e quatro vezes nas Escrituras hebraicas, significando 'velho, idoso'. Segundo o mesmo pesquisador, este vocábulo é usado para escravo mais velho em casa (Gn 24, 2), uma classe social específica (Ex 19, 7), a totalidade dos homens maduros, com competência legal numa comunidade (1Sm 16, 4)[365].

Tratando da Sagrada Escritura de modo particular no antigo Testamento, por exemplo, ancião não significava apenas uma pessoa idosa, de cabelos brancos, no caso da vida. Além do significado comum, era atribuída a característica de pessoa respeitável, chefe natural da comunidade ou tribo; conselheiro ou juiz do povo[366]. Este cunho de consideração ainda segundo nós, não deve ser descurado na comunidade de consagrados.

---

[364] Cfr.B. GOYA, *Formazione integrale alla vita consacrata. Alla luce della esortazione post-sinodale*, Op. Cit, p. 247.
[365] Cfr. P. STEFANI; L. ZAPELLA, *Ler a Bíblia em 100 episódios*, Op. Cit, p. 62.
[366] Ibidem.

Portanto, a firmeza do carácter do ancião consagrado pode ter sido adquirida no trabalho comunitário e pastoral de tantos anos, mas a beleza do carácter foi conquistada no interior das comunidades onde este foi vivendo.

Em suma no momento em que diferentes visões entram em choque, os problemas se estabelecem. Os mais velhos são acusados de falta de flexibilidade e resistência à mudança, enquanto os mais jovens carecem de foco e parecem dar pouco valor ao legado construído por aqueles que vieram antes.

As gerações mais novas são chamadas aprender a controlar a ansiedade e investir em sua capacidade de comunicação, aprendendo a se colocar no lugar do outro, possibilitando o bom introsamento com os demais na comunidade.

De todo modo, o conflito de gerações não é algo essencialmente prejudicial. Numa organização em que todos pensam do mesmo modo, pode haver tantos problemas quanto em lugares onde ninguém se entende. Portanto, uma dose de diversidade é saudável e a sua existência deve até mesmo ser estimulada[367].

Pensamos que a origem da questão de certos conflitos e incompreenções numa comunidade, esteja ligada aos valores, hábitos, caractere e costumes de cada membro da comunidade, ou seja, em tudo que constitui a cultura e o modo de ser de cada membro em particular ou grupo e geral. Cada consagrado seja ele, jovem, adulto ou ancião na comunidade, carrega uma série de características que dão forma e substância à sua identidade e a do seu Instituto. Isso é resultado da maneira como foram criadas, ou seja, que modelo formativo cada um em particular ou cada grupo em geral e de como eles enxergam a realidade, o mais importante é pensar como se deve atuar nele.

Como resultado de toda essa análise, propomos que para se chegar à compreensão num conflito de geração, faz-se necessário o estudo das peculiaridades de cada uma dessas três gerações e suas faixas etárias, da forma como se relacionam e se comportam comunitariamente.

Já quando falamos da reestruturação da vida consagrada no mundo hodierno e pós-moderno, exige a criação de uma nova mentalidade. Porque

---

[367] Cfr. P. Del CORE, *Rapporto intergenerazionale nella vita consacrata*, In J.M. ALDAY (cur.), *Passare il testimone. Il rapporto tra generazioni nella vita consacrata*, Op. Cit, p. 64.

se não houver mudança e conversão espiritual, seremos só funcionários, profissionais, educadores sociais e simples gestores das nossas instituições, que ao ir perdendo a nossa identidade original, podemos ir nos transformando em instituições com fins tipicamente 'lucrativas'. Isto deve levar-nos a uma mudança, não só de forma como hoje encaramos a vida consagrada, até mesmo à própria renovação da mente. Com um olhar atento e purificado quanto aos mais diversos meios sociais, todos nós consagrados, somos chamados a adoptar uma mentalidade comum, que nos situa na sociedade com uma identidade propriamente nossa que se fundamenta no relacionamento comunitário-fraterno. A mudança de mentalidade não é fácil, mas nunca poderemos considerar que esta esteja fora do nosso alcance. Por causa disto, deveremos renunciar a muita coisa, a fim de nos identificarmos na verdade como consagrados/as hoje. Sem receio de errar, actualmente o campo formativo é tido como uma autêntica batalha, onde duas forças se notabilizam e cada uma delas procura artilhar-se na medida do possível para enfrentar o 'adversário' na grande batalha querendo de todas as formas ser o grande vencedor. Estas forças são os formandos e os formadores.

Os formandos pensando consigo mesmos maquinam certos planos; sendo eles muitas das vezes a maioria, procuram unir-se, fazem de tudo e criando forças a pretesto de infrentar os formadores, porque segundo eles, 'se não estes se aproveitam deles'. Por sua vez, os formadores usando das suas prerogativas, pensam consigo: 'Não os vamos dar treguas, eles (formandos) devem sentir quem somos nós (formadores). E se brincarem, sentirão a nossa mão pesada. Quem são eles para nos atormentarem?'.

Lamentavelmente quando numa casa de formação sobressai uma linguagem como esta, quem é de direito (superior/a) deve parar com tudo e todos, chamando à consciência tanto a um grupo como ao outro, porque eles correm o risco de chegar ao extremo; comportamento que hoje se condena na formação a 'agressão', seja ela física ou moral; situação esta que está deixando graves feridas psicológicas e maiores dificuldades a nosso ver, no confronto das gerações dentro de uma comunidade onde por exemplo um ex-formando/a (jovem) e um ex-formador/a (adulto ou ancião) são chamados a viver.

Segundo a nossa constatação, é que de uma forma ou doutra, algum 'elemento' recalcado no passado, virá ao de cima no presente; pois como é

sabido, entre os homens é possível perdoar, mas não assim tão fácil esquecer um argumento escrito numa página do passado.

O mesmo até pode acontecer quando um de uma geração supostamente 'ferida', é chamado a prestar o seu serviço no âmbito formativo, se não conseguiu superar certas barreiras, pensar consigo: 'por tudo quanto a minha geração passou, alguém desta geração poderá pagar o que ontem foi engolido'.

É bem certo que quem fala hoje de formação, fala de comunidades a constituir amanhã e a verdade é que com o jovem que connosco hoje lida na formação, será amanhã nosso confrade ou confreira.

Com efeito, é urgente começar já desde os viveiros de formação, a criação da mentalidade à uma comunidade onde se produzam frutos de uma boa relação formativa e fraterna, sem barreiras nem preconceitos que venham biliscar o entrosamento de diferentes gerações num mesmo ideal institucional e carismático.

Enfim, se nos recordamos do envio dos discípulos 'dois a dois' (Mc 6, 7), este gesto anuncia a referência comunitária de toda a missão, mesmo se alguém se encontrar ocasionalmente sozinho num determinado trabalho. A comunidade, não só é ponto de partida e de chegada da missão, mas é envolvida no seu crescimento, através da participação na identificação e definição do projecto, na sua sustentação e metodologia, de tal modo que se torne claro que ninguém vai em nome próprio, mas que a missão seja sempre compromisso de uma comunidade animada pelo Espírito[368].

O carácter comunitário e o estilo da missão determinam também o seu objectivo. Partindo da experiência da comunidade e trabalhando juntos, os consagrados missionários darão sempre um carácter comunitário àquilo que fizerem, valorizando as pessoas e ajudando-as a desenvolver a própria responsabilidade, a encontrar linhas de solução e reconciliação para os seus conflitos.

Assim pode-se afirmar que a pessoa consagrada está 'em missão' por força da sua própria consagração, testemunhada segundo o projecto do respectivo Instituto ou Ordem. Quando o carisma de fundação prevê actividades pastorais, é óbvio que o testemunho de vida e as obras de apostolado e promoção humana são igualmente necessários: ambos

[368] Cfr. VFC, n. 59a.

representam Cristo, que é simultaneamente o consagrado à glória do Pai e o enviado ao mundo para a salvação dos irmãos e irmãs.

Como bons elementos a ligar na vida consagrada é a 'vida fraterna comunitária', que deve ser alimentada pela oração comum, a leitura da Palavra, a participação activa nos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, o diálogo fraterno, a comunicação sincera entre os seus membros, a correcção fraterna, a misericórdia para com o irmão ou a irmã que peca, a partilha das responsabilidades[369]; a vida consagrada vivida em comunidade deve concretizar-se num viver 'compreensivamente' juntos, que seja uma partilha concreta dos momentos altos e baixos da vida espiritual e não só. Nesta partilha de vida, as relações precisam ser de amor verdadeiro traduzido na sinceridade dos afectos, da confiança, do perdão e da vontade de caminhar juntos e em harmonia.

Um contínuo apelo não só à vida consagrada como um todo, mas ao consagrado como homem ou mulher do seu tempo, que este na verdade se renove na liberdade, fraternidade, justiça, amor, solidariedade; que cultive um espírito de libertação integral do homem que engloba as dimensões da vida humana, sejam elas pessoais ou comunitárias, espirituais ou materiais. Trata-se de anunciar os valores a homens e mulheres concretos, marcados pelo tempo em que vivem, pela cultura que os identifica e os distingue no espaço e no tempo. Homens e mulheres que estão integrados numa rede de solidariedade concreta, tais como, a terra, a língua, a família, a etnia, a cultura e a geração.

No final de tudo nasce-nos a seguinte questão: a que mundo de consagrados pertencemos? Isto nos vem a propósito dos que procuram criar o retrocesso de um progresso comunitário ou dos que procuram criar o inverso de um começo do caminho de conversão, seja ela pessoal ou comunitária. E imprescindível que cada consagrado na comunidade dê passos significativos e cada passo dado, seja o começo de um progresso determinativo para o seu crescimento integral.

A nosso ver, para o consagrado dos nossos dias, são necessários bons princípios para a sua vida como ser humano numa sociedade cujos valores não têm 'eira nem beira', precisa de bons princípios como baptizado, a fim de justificar a sua missão profética, sacerdotal e real no

---

[369] Cfr. VFC, n. 10.

mundo actual. Como consagrado dignifique a missão em nome d´Aquele que o chama, honrando os seus compromissos cristãos na vida consagrada.

Das linhas problemáticas levantadas no decorrer do nosso trabalho e com a devida análise, apresentamos as seguintes linhas de solução:

-Uma geração tem muito a aprender com a outra, e uma cultura se realiza num clima de complementaridade com as outras. Para o efeito, que se encontrem oportunidades de aprendizado e crescimento salutar umas das outras;

-Compreender e aceitar as diferenças de cada geração ouvindo diferentes pontos de vista, ou seja, implementar um clima de diálogo constante;

-Criar maturidade para lidar com ideias e comportamentos diferentes, partindo do âmbito geracional ao âmbito cultural;

-A formação deverá educar para o diálogo comunitário na cordialidade e na caridade de Cristo, ensinando a acolher a diversidade como riqueza e a integrar os diversos modos de ver e pensar;

-Viver numa busca constante de unidade na caridade fazendo *escola de comunhão*[370]para as comunidades de consagrados e propor um sentido de fraterna convivência entre irmãos[371];

-Viver a *mística do encontro*[372]; ou seja, ter capacidade de ouvir atentamente as outras pessoas;

-Vislumbrar a capacidade de procurar juntos o caminho, o método de um crescimento comunitário, deixando-se iluminar pelo relacionamento de amor que se verifica entre as três Pessoas divinas (cfr. *1Jo* 4, 8) e tomando a Santíssima Trindade como modelo de toda a relação interpessoal e o seu modo de actual, como espelho de uma relação intercultural.

A comunidade de consagrados vai além e supera as realidades humanas. Ela vive de Deus e de nenhuma outra realidade. É Cristo, nosso

---

[370] Cfr. FRANCISCO, *Testigos de la alegria, Carta apostólica a los consagrados*, Op. Cit.
[371] Cfr. PdC, n.18.
[372] Cfr. EG, n. 87; cfr. FRANCISCO, *Testigos de la alegria, Carta apostólica a los consagrados*, Op. Cit.; cfr. FRANCISCO, "*Cultura do encontro". Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa santa Marta*, In *L'Osservatore Romano*, Ed. Em Português, n. 37 de 15 de Setembro de 2016; cfr. J. RODRÍGUEZ CARBALLO, *Radiografia de la vida consagrada hoy*, In S.Mª GONZÁLEZ SILVA (cur.), *La alegria del Evangelio en la vida consagrada. Un nuevo impulso de la renovación*, Ed. Publicaciones Claretianas, Madrid 2015, p. 144.

único motivo, Ele é quem congrega a comunidade de consagrados, como afirma São Pedro na sua primeira carta: "já que purificastes as vossas almas pela obediência à verdade que leva a um sincero amor fraterno, amai-vos intensamente uns aos outros do fundo do coração"(1Pe 1, 22). Na comunidade religiosa não há limites nem fronteiras.

Nesta comunidade precisamos experimentar os laços que nos unem, e vão além de meras realidades humanas, que apesar da diversidade de culturas continua firme e estável no amor, com amor, e por amor a Deus que congrega esta comunidade.

Somos chamados a criar comunhão na diversidade. Precisamos valorizar os costumes dos outros, conhecer a particularidade dos outros, acolher e trabalhar os preconceitos dos outros, fazer um trabalho pessoal, sobretudo o valorizar cada membro.

A diversidade lembra-nos que é nela que deve haver complementaridade. Primeiramente é bom tomar consciência que é o Senhor quem nos chama, e somos guiados pelo seu Espírito Santo.

Ninguém escolheu com quem fazer comunidade; para que haja comunidade, é necessário articular os diferentes aspectos que possam ajudar e fazer acontecer a vivência comunitária, onde as relações fraternas e interpessoais são possíveis.

Para se chegar à compreensão num conflito de geração, faz-se necessário o estudo das peculiaridades de cada uma dessas três gerações e suas faixas etárias, da forma como se relacionam e se comportam comunitariamente, pensando na motivação das comunidades preparadas e engajadas numa aliança formativa.

Sendo assim, a nossa compreensão sobre os conflitos geracionais em comunidades multiculturais de consagrados na idade adulta, numa leitura odierna da situação e como algo original da nossa reflexão, é necessário um contínuo apelo não só à vida consagrada como um todo, mas ao consagrado como homem ou mulher do seu tempo; que este na verdade se renove na liberdade, fraternidade, justiça, amor, solidariedade; que se cultive um **espírito de libertação integral** do homem e mulher consagrados que engloba as dimensões da vida humana sejam elas individuais ou comunitárias, espirituais ou materiais. Trata-se de transmitir os valores vividos às novas gerações de homens e mulheres concretos, marcados pelo tempo em que vivem, pela cultura que os identifica e os distingue no espaço

e no tempo. Homens e mulheres consagrados integrados numa **rede de solidariedade fraterna concreta**, tais como, a terra, a língua, a família, a etnia, a cultura e a geração.

O restabelecimento de uma **aliança formativa**, entra no processo de abertura de horizontes para uma formação livre e responsável onde cada membro deste processo tenha um porcentual de responsabilidade na missão que lhe é confiada.

É necessário empenharmo-nos para a harmonização da vida comunitária, onde os conselhos evangélicos e o património institucional, carisma, regra, constituições, etc; sejam um denominador comum para todos os grupos, culturas e idades nas comunidades em particular e nos Institutos e Ordens em geral.

Portanto, descobrindo que o problema tem sido 'reprimido' e que existe um certo receio em tratar abertamente sobre o tema, muitos consagrados/as sofrem em silêncio as consequências do problema:

- Queremos despertar as consciências dos consagrados/as nas comunidades, que na sua vida comunitária (formação permanente), tenham em consideração este 'vírus' (mal) que vai corroendo o verdadeiro sentido da vida do consagrado/a em fraternidade na comunidade;

- Que os candidatos/as à vida consagrada desde o ingresso (formação inicial) sejam orientados à vida comunitária multi-geracional e multi-cultural, sem barreiras étnicas ou linguística, para se evitar certos complexos como o de inferioridade ou superioridade na comunidade, só pelo factor de se pertencerem uma ou outra geração, grupo, cultura, etnia ou língua;

- As gerações devem ser respeitadas e bem consideradas com certos paradigmas, não 'idolatradas', ou 'menosprezadas'.

Conscientes dos diversos limites que fomos enfrentando no desenrolar desta reflexão, citamos alguns deles como o tempo por nos ter sido adversário, porque o desenvolvimento de cada ideia nesta reflexão era o dobro de um tempo na sua contagem, uma das grandes dificuldades que tivemos foi a de destacar o conflito de gerações dentro do conjunto de conflitos que envolvem a vida do adulto consagrado na comunidade, um outro limite afrontado é o próprio limite, isto é, falar das faixas etárias na comunidade de consagrados, desafia-nos a entrar no mais profundo da mesma, porque as três gerações fundamentais estão intrinsecamente ligadas;

e assim, falar de uma exige uma referência à outra e na verdade o risco seria de falar de todas na distracção de não aprofundar aquela a que nos propusemos.

Quanto aos limites, não é tudo, um outro ainda, é o que se refere ao aprofundamento dos pontos aqui apresentados sobretudo a respeito das grandes propostas para a formação seja ela inicial ou mesmo permanente e vários elementos práticos que podem reforçar uma boa vivência e convivência comunitário-fraterno; é a partir deste último limite que deixamos a expectativa de outras abordagens a aprofundar, ou ainda uma porta aberta para um trabalho de desenvolvimento do mesmo tema (sobre os conflitos de geração na comunidade de consagrados) mas envolvendo as outras faixas etárias, ou seja, a geração jovem e aquela do ancião ou ainda outros elementos ligados à vida consagrada comunitária.

Outros elementos não menos importantes que podem merecer o nosso olhar atento, é o facto de que muitos conflitos, discussões e problemas são provocados pela falta de diálogo e entendimento entre as pessoas envolvidas. Quando se está em uma situação adversa, o diálogo é a ferramenta mais importante para se chegar a uma resolução comum.

Aqui fica o apelo a todos no sentido de atenção, para que as novas gerações aprendam a conviver em sociedade de forma harmoniosa para garantir o nosso próprio futuro. Os jovens estão o tempo todo observando e absorvendo os valores e atitudes propagadas pelos adultos; é importante dar bons exemplos e educar de maneira salutar.

Para o consagrado jovem, adulto ou ancião, a fidelidade ao chamamento de Deus, não começa de fora da comunidade, mas a partir do nosso testemunho na comunidade. É de capital importância saber que o primeiro testemunho da nossa vocação e missão, parte da nossa qualidade de vida consagrada; portanto, da nossa fidelidade pessoal e comunitária. É nisto que emerge a motivação de partilha e da vivência em comunidade que é o mais essencial, na busca da verdade, o aprofundamento da vida interior, na qual o Senhor garante a sua presença, sobretudo pela oração (cfr. Mt 18, 20), o diálogo de amizade na comunidade e a caridade fraterna é que fazem sentir o como é agradável os irmão/ãs viverem unidos (cfr. Sl 133).

Para todos os efeitos, parafraseando o prólogo do Apóstolo João na sua primeira carta e já ao cair do pano deste trabalho, podemos com ele afirmar e confirmar: o que existia desde o princípio, o que existe ainda nos

dias actuais e o que pode vir a existir nas comunidades de vida consagrada, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e os nossos corações sentiram, relativamente a relação entre gerações, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco sobre estes factos. E nós estamos e queremos sempre estar em comunhão com Deus, com a Igreja e com os irmãos/ãs (cfr. 1Jo 1, 3).

BIBLIOGRAFIA

I - Fonte Bíblica

La Bibbia di Gerusalemme, Ed. Dehoniane, Bologna 2009[13].

Nova Bíblia dos Capuchinhos. Para o terceiro milénio da encarnação, Ed. Difisora Bíblica, Portugal 2015.

II - Documentos da Igreja

Codice di Diritto Canonico. Testo Ufficiale e versione Italiana, Ed. Libreria Vaticana, Città del Vaticano 1997.

Catechismo della Chiesa Cattolica, Ed. Libreria Vaticana, Città del Vaticano 1992.

Documentos do Concílio Vaticano II, Constituições-Declerações-Decretos, Ed. Paulus, Lisboa 2014.

III - Documentos Pontificais

PAULO VI, *Decreto Inter Mirifica sobre os Meios de Comunicação Social*, Ed. Vaticana, Città del Vaticano 1966.

ID., *Lettera Apostolica Novo Millennio Ineunte, All'episcopato, al clero e ai fedeli al termini del grande giubileo dell´anno duemila,* Ed. Libreria Vaticana, Città del Vaticano 2001.

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis*, Ed. Paulistas, Lisboa 1992.

ID., Exortação Apostólica *pós-sinodal «Vita Consecrata»*, Ed. Paulinas, Lisboa 1996[2].

BENTO XVI, *Carta Encíclica, Deus Caritas est,* Ed. Paulinas, São Paulo 2005.

ID., *Carta Encíclica, Spe Salvi,* Ed. Paulinas, São Paulo 2007.

ID., *Mensagem de Sua Santidade para a celebração do XLVI do dia mundial da paz, 1 de Janeiro de 2013,*Vaticano 8 de Dezembro de 2012.

ID., *Ide e fazei discípulos entre as nações, Jornada Mundial da Juventude*, Julho 2013, Rio de Janeiro, n. 2

FRANCISCO, *Alegrai-vos. Carta Circular aos Consagrados e às Consagradas. Ano da Vida Consagrada*, Ed. Paulinas, São Paulo 2014.

ID., *Carta apostólica às pessoas consagradas para proclamação do ano da Vida Consagrada*. Vaticano, 21 de Novembro de 2014.

ID.,*Gaudete et exsultate. Esortazione apostolica sulla chiamata alla santità nel mondo contemporaneo*, Ed. Shalom, Ancona 2018.

ID., *Evagelii Gaudium, Esortazione apostolica sull'annuncio del Vangelo nel mondo attuale, Ed.* Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 2018[8].

ID., *Discorso ai partecipanti all'Assemblea plenaria della U.I.S.G, 08. 05*. 2013, In FRANCESCO *È tempo di camminare. La vita consacrata nel Magistero Pontificio*, Ed. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2018.

IV - Documentos Dicasteriais

AA.VV., *Compêndio da Vida Consagrada. Documentos pós-conciliares do Magistério sobre a Vida Consagrada*, Ed. Paulus, Lisboa 2014.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Renovationis Causam. Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos*, Ed. Paulinas, São Paulo 1989.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A Vida Fraterna em Comunidade. "Congregavit nos in unum Christi amor",* Ed. Paulinas, São Paulo 1994.

CONGREGAÇÃO OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADE DE VIDA APOSTÓLICA, *Jubileu da vida*

consagrada, A vida Consagrada na Igreja, testemunho de Cristo, hoje e sempre, Ed. Paulinas, São Paulo 1999.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Perscrutai. Aos consagrados e consagradas no caminho dos sinais de Deus. Ano da vida consagrada*, Ed. Paulus, Lisboa 2014.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Alegrai-vos. Carta Circular aos consagrados e consagradas do Magistério do Papa Francisco*, Roma 2 de Fevereiro de 2014.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Contemplai. «Para ti, que o meu coração ama» (Ct 1, 7). Aos consagrados e consagradas sobre os sinais de beleza*, Ed. Paulus, Lisboa 2016.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Anunciai. Aos consagrados e consagradas, testemunhas do Evangelho entre os povos*, Ed. Paulus, Lisboa 2016.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Per vino nuovo otri nuovi. Dal Concilio Vaticano II, la vita consacrata e le sfide ancora aperte. Orientamenti*, Ed. Libreria Vaticana, Città del Vaticano 2017.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *O serviço da autoridade e a obediência. Faciem tuam, Domine, requiram*, Ed. Paulinas, Cidade do Vaticano 2008[2].

SINODO DEI VESCOVI. XV Assemblea Generale Ordinaria. *I Giovani, la fede e il discernimento vocazionale. Documento finale*, Ed. Elledici, Torino 2018.

V - Autores em geral

AA.VV., *Paixão por Cristo e paixão pelo mundo. XX Semana de estudos sobre a vida consagrada*, Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2004.

AA.VV., *Psicologia Geral*, Ed. Vozes, Petrópolis (Brasil) 2003[23].

AA.VV., *Formação: desafios morais*, Ed. Paulus, São Paulo 2018.

AA.VV., *Intervenção psicológica em perturbações de personalidade*, Ed. Ciências Sociais, Forenses e da Educação, Lisboa 2017.

AGUILAR Miguel, *A descoberta da fé. Engajamento cristão através do Credo*, Ed. Vozes, Petrópolis 1982.

ALDAY Mirena Josu (cur.), *Passare il testimone. Il rapporto tra generazioni nella vita consacrata*, Ed. Àncora, Milano 2007.

ID., *Nuovi media e vita consacrata, Ed.* Àncora, Milano 2011.

ARANGO Elkin, *O caminho comunitário. Crescimento em comunhão*, Ed. Santuário, São Paulo 1991.

ARDUINI Juvenal, *Antropologia. Ousar para reinventar a humanidade, Ed. Paulus*, São Paulo 2002.

ARUMÍ José Rovira, *La vita consacrata oggi. Rinnovamento sfide vitalità*, Ed. Dehoniane, Bologna 2013.

AUGUSTIN George, *Por uma Igreja em saída. Impulsos da Exortação Apostólica Evangelii gaudium*, Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2016.

AZEVEDO DE CARVALHO Marcello, *Os religiosos, Vocação e Missão. Um enfoque exigente e actual*, Conferência dos Religiosos do Brasil Rio de Janeiro 1982[4].

BAUMAN Zygmunt, *A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas*, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro 2008.

BERLYNE Daniel E., *Conflitto, attivazione e creatività, Ed.* F. Angeli, Milano 1971.

BORGES Anselmo, *Francisco. Desafios à Igreja e ao mundo*, Ed. Gradiva, Lisboa 2017[2].

BORRELY André, *Chi s'avvicina a me s'avvicina al fuoco*, Ed. Àncora, Milano 1981.

ID., *Per una vita fraterna*, Ed. Queriniana, Brescia 1998.

BRANDÃO Marilene, *Psicologia e Formação Religiosa*, Ed. Paulinas, São Paulo 1984.

CANGIÀ Caterina, *I consacrati e la rete. Abitare Internet con sapienza*, Ed. Multidea, Roma 2013.

CARBALLO José Roríguez, *São Francisco e a Vida Religiosa*, Ed. Franciscana, Braga 2010.

CASTILLO M. José, *O futuro da vida religiosa. Das origens à crise actual*, Ed. Paulus, Lisboa 2004.

CERCLÉ Alain; SOMAT Alain, *Manual de Psicologia social*, Instituto Piaget, Lisboa 1999.

CENCINI Amedeo; MANENTI Alessandro, *Psicologia e Formação. Estruturas e dinamismos*, Ed. Paulinas, São Paulo 1988[2].

CENCINI Amedeo, *Vivere Riconciliati- aspetti psicologici*, Ed. Pauline, San Paolo 1988.

ID., *Vocazioni. Dalla nostalgia alla profezia. L´animazione vocazionale alla prova del rinnovamento*, Ed. Dehoniane, Roma 1989.

ID., *Com amor. Liberdade e Maturidade Afectiva no celibato consagrado*, Ed. Paulinas, São Paulo 1997.

ID., *Os sentimentos do Filho: Caminho formativo na vida consagrada*, Ed. Dehoniana, Bologna 1998.

ID., *"…come rugiada dell'Ermon…" La vita fraternacomunione di santi epeccatori*, Ed. Paoline, Milano 1998.

ID., *"…Come olio profumato…" Strumenti di integrazione comunitaria del bene e del male*, Ed. Paoline, Milano 1999.

ID., Fraternità in cammino. Verso l´alterità, Ed. Dehoniane, Bologna 1999.

ID., Dalla relazione alla condivisione. Verso il futuro..., Ed. Dehoniane, Bologna 2001.

ID., *Amarás o Senhor teu Deus. Psicologia do encontro com Deus*, Ed. Paulinas, São Paulo, 2002[5].

ID., *Amarás o Senhor teu Deus. Psicologia do encontro com Deus*, Ed. Paulinas, São Paulo, 2004[5].

*ID., L'albero della vita. Verso un modello di formazione iniziale e permanente, Ed.*San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2005.

ID., A Árvore da vida. Proposta de modelo de formação inicial e permanente, Ed. Paulinas, Cinisello Balsamo (MI) 2005.

ID., Abbiamo perso i sensi? Alla ricerca della sensibilità credente, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2012.

ID., *Il coraggio di discernere. «Non si nasce cristiani, si diventa»*, Ed. Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 2019.

CREA Giuseppe, *I conflitti interpersonali nelle comunità religiose*, Ed.Università Pontificia Salesiana, Roma 2000.

ID., *I Conflitti interpersonali nelle comunità e nei gruppi*, Ed. Dehoniane, Bologna 2001.

ID., *Diagnosi dei conflitti interpersonali nelle comunità e nei gruppi*, Ed. Dehoniane, Bologna 2006.

ID., *Patologia e speranza nella vita consacrata. Formazione affettiva nelle comunità religiose*, Ed. Dehoniane, Bologna 2012.

ID., *Psicologia, spiritualità e benessere vocazionale. Percorsi educativi per una formazione permanente,* Ed. Messagger, Padova 2014.

COTTIER Georges, *Perfectae Caritatis.50 anni dopo*, Ed. Cantagalli, Siena 2016.

CRISTINA G. Maria; EDUARDO M. José, *Chaves para a Psicologia do desenvolvimento, Tomo 2*, Ed. Paulinas, São Paulo 2010[6].

DA SILVA Álvaro Cruz, *Desafios do Papa Francisco aos consagrados e consagradas*, Ed. Franciscana, Coimbra 2015.

DA SILVA Silvio, (cur.), *O Re-conhecimento da Historia pessoal como caminho para a cura interior*, Ed. BOU, Vitória 2003.

DALBESIO Anselmo, *E lasciato tutto lo seguirono. I fondamenti biblici della vita consacrata*, Ed. Dehoniane, Bologna 1993.

DAS NEVES José Pereira, *Creio na fraternidade porque creio em Deus*, Ed. Franciscana, Braga 1997.

DIANA Massimo, *Ciclo di vita e esperienza religiosa. Aspetti psicologici e psicodinamici*, EDB, Bologna 2004.

DI POIANA Basilio - MARULUI, *Filocalia dei padri neptici. Filoteo Sinaita. Quaranta capitoli sulla sobrietà*, Fratelli contemplativi di Gesù, Monastero-villa briacco, Capriata d´Orba (Alessandria) 1980.

DOS SANTOS Bondo Pitra António, *A identidade perdida da sociedade moderna e a luta pelo resgate dos valores. Uma reflexão sociopolítica, económica e cultural*, Ed. CHIADO, Lisboa 2019.

ELIAS Norbert, *Umana condito*, Ed. Il Mulino, Bologna 1987.

ERIKSON H. Erik, *Identidade, Juventude e Crise*, Ed. Zahar, Belo Horizonte 1987.

GAHUNGU M., *Inculturare la vita consacrata in Africa. Problemi e prospettive*, Ed. LAS, Roma 2007.

ID., *L'interculturalità. Una necessità nella formazione vocazionale oggi,* Ed. LAS- Libreria Ateneo Salesiano, Roma 2017.

GARCÍA PAREDES J. Cristo Rey, *É possivel outra comunidade. Sob a liderança do Espírito*, Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2018.

GOETTMANN Alphonse, *La gioia. Volto di Dio nell'uomo*, Ed. San Paolo, Torino 2003.

GOYA Benito, *Psicologia e vita consacrata*, Ed. San Paolo, Milano 1996.

ID., *Formazione integrale alla vita consacrata. Alla luce della esortazione post-sinodale*, Ed. Dehoniane, Bologna 1997.

GONZÁLEZ Silva Mª Santiago (cur.), *Vita consacrata e multiculturalità*, Ed. Àncora, Milano 2005.

ID., *La alegria del Evangelio en la vida consagrada. Un nuevo impulso de la renovación*(cur.), Ed. Publicaciones Claretianas, Madrid 2015.

GRÜN Anselm, *O desafio espiritual da meia-idade*, Ed. Paulinas, Brasil 2011.

ID., *Affrontare e trasformareil male. Vie verso unarelazione riconciliata,* Ed. Paoline, Milano 2014.

ID., *Superare i conflitti. Come risolvere situazioni difficili,* Ed. Queriniana, Brescia 2015[2].

GUERRA Paulo, *Comunidade nova vida religiosa hoje,* Ed. A.O., Braga 1979.

HEBARMAS Jurgen, *Teoria de la acción comunicativa I, racionalidad de acción e racionalizacción social*, Ed. Taurus, Madrid 1992.

FARINA Gabriella (a cura di), *Sartre, L'uomo è il suo progetto di vita*, Ed. Grandangolo, Milano 2019.

FORTE Bruno, *À escuta do Outro, filosofia e revelação*, Ed. Paulinas, São Paulo 2003.

FRANCESCO, *Vocabolario della vita consacrata*, Ed. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2018.

JOSÉ SOLDEIRA Pio, *Dinâmicas da Realização Pessoal*, Ed. A. O., Braga 1991.

LICHERI Lucie, *Por causa de um sim,* Ed. Filhas de São Paulo, Lisboa 1995.

LONGHITANO Tiziana, *Il dono che redime. Il legame tral'Antropologia filosofica e la Teologia mistica,* Ed. ARACNE, Roma 2006.

ID., *Il fascino della differenza. Percorsi fra identità e culture per un'antropologia dell´incontro*, Ed. ART, Roma 2008.

KIAZIKU Vicente C., *L'inculturazione come sfidaalla vita consacratanell'Africa Bantu*, Ed. Missionaria italiana, Bologna 1999.

MANENTI Alessandro, *Vivere insieme. Aspetti psicologici*, Ed. Dehoniane, Bologna 1991.

ID.,*Viver os ideais, entre o medo e o desejo*, Ed. Paulinas, São Paulo 1993.

MONBOURQUETTE Jean; D´ASPREMONT Isabelle, *Pedir perdão sem se humilhar*, Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2007.

MONBOURQUETTE Jean, *Conviver com a sombra. Reconhecer e reintegrar o nosso lado mal amado*, Ed. Paulinas, Prior Velho (Portugal) 2019.

MONTECALVO Lorenzo, *Comunità o Comodità*, Ed. Vocazioniste, Napoli 2018.

MONTEIRO M. Manuela; FERREIRA T. Pedro, *Ser Humano*, Ed. Porto Editora, Porto 2013.

ORDINE DEI FRATI MINORI CAPPUCCINI, *Costituzioni e ordinazioni dei capitoli gernerali. Regola e testamento di san Francesco*, Curia Generale de Cappuccini, Roma 2013.

OROZCO luis Alfonso, *La formazione umana della persona consacrata*, Ed. ART, Roma 2012.

PINA R. Abílio, *Vida Consagrada. Sinal e serviço*, Ed. Paulistas, Lisboa 1980.

PINKUS Lucio, *Psicopatologia della vita religiosa*, Ed. Rogate, Roma 2010.

POLISENO António, *Os defeitos dos outros*, Ed. São Paulo, Lisboa 1995.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA-RIO, *Pecados*, Ed. Loyola, São Paulo 2001.

RODRIGUES LUÍS; SAMEIRO Júlio, *Introdução à Filosofia*, Manual do Ensino Secundário, Lisboa 200.

ROGGIA Giuseppe M., *Senza sapereche… Linee di formazione per le persone consacrate e i presbiterioggi*, Ed. Rogate, Roma 2017.

RULLA L.M., *Psicologia do profundo e vocação*, Ed. Paulinas, São Paulo 1986.

RUPNIK Marko Ivan, *O discernimento*, Ed. Paulinas, São Paulo 2004.

SESSA Salvator M., *Profeti per le nazioni. Antico Testamento e Vita Consacrata*, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2015.

SOVERNINGO Giuseppe, *Come relazionarsi nei conflitti. Laboratorio di crescita personale e comunitaria*, Ed. Dehoniane, Bologna 2005.

STEFANI Pietro; ZAPELLA, Luciano, *Ler a Bíblia em 100 episódios*, Ed. Paulus, Lisboa 2016.

SCHELLEBERG A. Jemes, *Conflict resolution.Theory, research, andpractice*. Ed. Albany, New York 1996.

TASSY Francisco, *Sobre Fraternidade Experiência de Deus Amor*, In *Contemplar Jesus o Servo*, Ed. Paulistas, Lisboa 2008.

ID., *Mestre, onde moras? Discernimento da vocação, Ed.* Paulinas, São Paulo 2002[3].

ID., *Conduziu-o até Jesus*, Ed. Paulinas, São Paulo 2005[2].

UNIONE CONFERENZE MINISTRI PROVINCIALI FAMIGLIA FRANCESCANA D´ITALIA. *"Il frate minore nell´era digitale: rischio o opportunità?"*. Atti XLI Assemblea Unione, Assisi 13/17 marzo 2017.

VANIER J., La *comunità, luogo del perdono e della festa*, Ed. Jaca Book, Milano 1980.

VEIGA Américo, *A educação hoje, ou a realização integral da pessoa humana*, Ed. Perpetuo Socorro, Vila Nova de Gaia (Portugal) 2012[8].

VOILLAUME RENÉ, *Deixem as redes e venham*, Ed. Paulinas, São Paulo 1977.

VON BALTASAR Han Urs, *Gli stati di vita del Cristiano*, Ed. Jaca Book, Milano 1996[2].

YUNES Eliana; LUCCHETTI Bingemer M. Clara, *Pecados*, Ed. Loyola, São Paulo 2001.

WOJTILA Karol, *Amor e responsabilidade*, Ed. Loyola, São Paulo 1982.

VI - Dicionário e Enciclopédias

AA.VV. *Enciclopédia Teológica*, Ed. Queriniana, Brescia 1989.

AA.VV. *Dizionario di psicosociologia*, Ed, Raffaello Cortina, Milano 2003.

AA.VV. *Dizionario di psicologia*, Ed. Raffaello Cortina, Milano 2003.

AA.VV. *Dicionário Língua Portuguesa Prestígio*, Porto Editora, Porto 2010.

ABBAGNANO Nicola, *Dizionario di filosofia*, Ed. UTET, Torino 2005.

APARICIO RODRÍGUEZ Angel; CANALS CASAS Joan María, *Dizionario teologico della vita consacrata*, Ed. Àncora, Milano 1994.

CARRIER HERVÈ, *Dizionario della cultura. Per l'analisi culturale e l'inculturazione*, Ed. Libreria Vaticana, Città del Vaticano 1997.

DOWNEY Michael, *Nuovo Dizionario di Spiritualità*, Ed. Libreria Vaticana, Città delVaticano 2003.

GALLINO Luciano, *Dizionario di sociologia*, Ed. Torinese, Torino 1993.

LAMB R. Rom Harré, *Dizionario enciclopédico di psicologia*, Ed. Italiana, Brasil 1986.

VEIGA Américo, *O sinal do primado do Deus vivo. Qual é o lugar de Deus no nosso mundo?* In AA. VV., *Esta geração pede um sinal. O sinal da vida consagrada. XVII Semana de estudos sobre a vida consagrada*, Ed. Paulinas, Liboa 2001.

VII - Artigos e Revistas

AA.VV., *Diálogo Comunitário. Fichas de reflexão comunitária sob o ponto de vista psicológico. ERP- Equipe de Reflexão Psicológica*. Tema (3), Subtema (2) 2014.

AA.VV., *L'Osservatore Romano,* Ed. Quotidiana, Anno CLIII, n. 216, 21.09.2013.

AA.VV., *L'Osservatore Romano*, Ed. Em Português, n. 37, 15.09.2016.

BRENA Enzo, *Dar uma fisionomia ao Sint unum numa comunidade formativa*, In Dehonian, 26 (1997/1).

COMODO Vincenzo, *Solitudini digitali e vita consacrata*, In *La sapienza della croce*. Rivista quadrimestrale di cultura e spiritualità 34(2019/2), pp. 189-201.

CORTESI Alessandro; NERI Francesco, *Perfectae Caritatis-Commento*, In AAVV., *Commentario ai documenti del Vaticano II. Perfectae Caritatis, Apostolicam actuositatem, Gravissimum Educationis*, Ed. Dehoniane, Bologna 2019, p. 167.

PASQUALE Gianluigi, *Cristocentrismo della vita consacrata: La singolarità di Gesù Cristo per il/laconsacrato/a,* dispense (spiegazione del corso) Claretianum, Roma 2018/2019.

RUGGERI Giacomo, *Lo smarthone nella tonaca: Internet e i social network mutano l'identità della persona consacrata e la comunità*, In *Vita consacrata* 55 (2019/1) pp. 53, 54.

VIII - Sitografia

A história de Caim e Abel. In https://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/deus-continua-a-perguntar-a-humanidade-onde-esta-o-teu-irmao/(22. 04. 2019).

Ambição, In https://saiadolugar.com.br/ser-ambicioso-e-bom-ou-mau/ (01.03.2019).

Ambição-Ganância, In https://blog.egestor.com.br/o-que-e-ambicao-qual-diferenca-entre-ambicao-e-ganancia/(25.02.2019).

Biografia, In http://www.biblio.com.br/conteudo/biograf/antoniohouaiss.htm(02.04.2020).

C.V. DA CRUZ, In https://www.perpetuosocorro.org.br/o-valor-da-vida-comunitaria-16082017/(16.12.2018).

Comunidade, In https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/comunid-sociedade.htm (22.01.2019).

Complexos, In http://www.posugf.com.br/noticias/todas/1737-a-teoria-dos-complexos-de-c-g-jung(18.04.2019).

Complexos, In https://amenteemaravilhosa.com.br/complexo-de-cassandra/ (19.04.2019).

Cultura, In https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa (03.02.2019).

Culturalismo, In https://educalingo.com/pt/dic-pt/culturalismo(17.10.2019).

Discursodo Papa Francisco aos consagrados, In http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568470-as-sete-tentacoes-do-consagrado-segundo-o-papa-francisco (26.02.2019).

Dialogo do Papa Francisco sobre a vida consagrada, In http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/526970-qdespertem-o-mundoq-integra-do-dialogo-do-papa-francisco-sobre-a-vida-religiosa(20.03.2019).

Dicionário Língua Portuguesa Prestígio, Porto Editora, Porto 2010, In https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/comunidade-sociedade.htm (22.01.2019).

FRANCISCO, *Saber ver a graça é o ponto de partida. Homilia aos consagrados referente a XXIV jornada Mundial de Vida Consagrada*, Roma 01.02.2020, In https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-02/papa-francisco-consagrados-saber-ver-graca-ponto-partida.html(02.02.2020).

ID., In http://m.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/20170213historia-caim-abel.html (22. 04. 2019).

Identidade, In https://medium.com/@leonardo_vaz/o-conceito-de-identidade-e-diferen%C3%A7a-na-filosofia-de-hegel-cd12e741e64a (30.10.2019).

Identidade, In WWW. Slideshare.net.30.abri.2009, personalidade 1368433 (04. 02. 2019).

KOHUT Heinz, *Biografias*, In https://www.febrapsi.org/publicacoes/biografias/heinz-kohut/(20.04.2019).

LEONARDO, Nandi, *Uma reflexão sobre as razões do primeiro fratricídio em Gn 4* In http://ordinedegliagostinianiscalzi.com/wp-content/uploads/2017/12/O-primeiro-fratricidio-em-Gn-4(19.02.2019).

MANENTI Alessandro, *Come leggere i conflitti*, In 3D 6(2009), http://www.isfo.it/files/File/2009/Manenti091.(08.04.2019).

Media, In http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/20000530_ethics-communications_po.html(29.10.2019).

O conflito, dicionário digital de psicanálise, In http://www.dicio.com.br/conflito/. (06.11. 2017).

OLIVEIRA Valqueiria; SILVEIRA H. Rocha, *Uma Espiritualidade comunitária*, In http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/view/22106/12146(20.01.2019).

Os complexos, In https://www.kennaz.com.br/blog/carl-gustav-jung/o-que-significam-os-complexos (18.04.2019).

Personalidade, In http://www. Slideshare.net.30.abri.2009, personalidade 1368433 (04.02. 2019).

Relativismo, In http://unisinos.br/blogs/ndh/2013/05/02/o-realitivismo-e-o-dialogo-entre-culturas-na-atualidade/(01. 02. 2019).

S.A. ARAÚJO, *Puritarismo*, In https://www.infoescola.com/cristianismo/puritanismo/ (17.05.2019).

Tipos de personalidade, In https://amenteemaravilhosa.com.br/tipos-de-personalidade-segundo-carl-jung/ (02.02.2019).

Teoria psicossocial de desenvolvimento em Erik Erikson, In http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/teoriapsicossocial-do-desenvolvimento-em-erik-son, (18. 12. 2017).

VALQUERIA, Oliveira e HELOISA, Helena R. Silveira, *Revista Logos e Existência*, In http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/view/22106/12146 (20.01.2019).

Vida comunitária, In https://www.perpetuosocorro.org.br/o-valor-da-vida-comunitaria-16082017/(16.12.2018).

VIKTOR E. Frankl, *Biografia*, In https://alleanzacattolica.org/viktor-e-frankl (02.04.2020).

ÍNDICE GERAL

SIGLAS E ABREVIAÇÕES **3**

INTRODUÇÃO GERAL **7**

PRIMEIRA PARTE

DA SITUAÇÃO CONFLITUAL À RAZÃO DA CONVIVÊNCIA GERACIONAL NUMA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS **9**

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARTE **17**

CAPÍTULO I

APELO TEOLÓGICO À COMUNIDADE DE CONSAGRADOS EM CONFLITO **22**

1 - Conflitos de geracões em comunidades multiculturais: Aspectos terminológicos **22**

1.1 - O conflito, sua difinição e tipologia 22
1.1.1- A polaridade conflitual 24
1.1.2 - O conflito no âmbito positivo 25
1.1.3 - O Conflito no âmbito negativo 26

1.2 - O que se entende por uma geração? 27
1.2.1 - Geração adulta ou meia idade 29
1.2.2 - Desafios nessa etapa da vida 30
1.2.3 - Evolução do ciclo vital na fase adulta 32

1.3 - A multiculturalidade, sua definição e aspectos de compreensão 33
1.3.1 - Da multi à interculturalidade, seus pressupostos 36

1.4 - A consagração e o consagrado, seu ponto de referência 39

2 - Conflito de gerações como um contra valor na comunidade de consagrados 41

2.1 - O sentido da vida comunitária 43

2.1.1 - Os valores e contra valores da vida em comunidade 45

2.2 - A consagração como valor unitário da comunidade em conflito 47

3 - Porquê vivemos juntos e em comunidade? 48

3.1 - O que é uma comunidade? 50

3.1.1 - Nem sempre se faz comunidade vivendo juntos 51

3.2 - Comunidade como fraternidade de consagrados 53

4 - Comunidade espiritualizada, ou espiritualidade comunitária? 55

4.1 - Natureza de cada membro da comunidade 57

4.1.1 - A comunidade como lugar de 'pecado' e de 'graça' 62

4.2 - A comunidade espaço de perdão e conversão 64

5 - A comunidade de consagrados como um mistério 68

5.1 - A comunidade de consagrados à luz da 'Koinonia' trinitária 70

5.1.1 - A comunidade em torno do 'Ressuscitado', nos passos de Actos 2, 42-47 73

5.2 - A comunidade como doação total ou simulação 75

CAPÍTULO II

APELO MORAL E CARISMÁTICO DA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS EM CONFLITO 79

1 - Possíveis causas de um conflito entre gerações numa comunida de consagrados 80

1.1 - Os ciumes pelo sucesso de 'Abel' (Gn 4, 3-5) 83

1.2 - A luta pela primogenitura de 'Esaú' (Gn 25, 21-23; 27, 36-41) 86

1.3 - A má gerência das diferenças na comunidade..... 91

2 - A disposição entre o 'suportar' e o 'desabafar' do adulto na comunidade de consagrados em conflito: uma reflexão do Salmo 49, 21 94

2.1 - A gestão do conflito; 'fizeste isso e eu calei-me...'(Sl 49, 21a) 96

2.2 - O comportamento entre os conflituantes; 'pensaste que eu era como tu?...' (Sl 49, 21b) 98

2.3 - Uma reação de estímulo e resposta; 'vou acusar-te e lançar-te tudo em rosto' (Sl 49, 21c) 100

3 - É preciso romper as algemas dos complexos..... 101

3.1 - A pretensão dos 'filhos de Zebedeu' (Mt 20, 20-28)..... 104

3.2 - A pretensão de receber mais que aqueles que chegaram na vinha às seis da tarde (Mt 20, 1-16)..... 108

3.3 - A pretensão de proibir a 'quem expulsa os demônios em nome de Jesus' (Mc 9, 38) 109

4 - Os preconceitos e os prejuízos no conflito 110

4.1 - Quando numa comunidade uns têm tudo e outros nada têm 113

4.2 - Quando a penumbra da 'fera' nos ameaça 114

4.3 - Quando se julga sem o conhecimento de causa..... 116

5 - Dos prejuízos aos prejudicados na comunidade de consagrados em conflito 118

5.1 - Os sempre vítimas da comunidade..... 119

5.2 - Quando a comunidade se torna 'inferno' 120

5.3 - Somos consagrados e não abalados 122

6 - Algumas consequências do conflito na comunidade de consagrados na 'idade adulta'..... 126

6.1 – A fuga total ou parcial do âmbiente comunitário 127

6.2 - O divórcio do diálogo e da confiança com a comunidade..... 128

6.3 - O comportamento de 'Caim depois do pecado mortal' (Gn 4, 9-10, 16)..... 129

CAPÍTULO III

APELO EXISTENCIAL E CRISE ACTUAL DE UMA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS EM CONFLITO..... 133

1 - Adultos consagrados em comunidades curadas, mas ainda não salvos. 136

1.1 - É preciso aceitar para enfrentar a situação 140

1.1.1 - É preciso enfrentar a situação para aprofundar o sentido da vida 141

1.2 - Momento de conflito na vida da comunidade ou vida da comunidade em conflito 143

1.3- A posição dos superiores na comunidade em conflito..... 147

1.3.1 – A confiança na relação com os superiores na comunitária..... 148

2 - A pretensão de ter uma 'vida angélica', a mais perfeita que a dos outros..... 151

2.1 - O escândalo dos pecados dos outros 153

2.2 - Os mergulhados na cega hipocrisia..... 156

2.3 - 'Se olhares para as nossas culpas Senhor, quem poderá salvar-se?'(Sl 29, 3)..... 159

3 - O 'puritarismo'como um mal a evitar na comunidade..... 162

3.1 - Comunidades compostas de 'farizeus e publicanos' (Lc 18, 9-14)..... 165

3.2-Comunidades íntegras e não 'sepulcros caiados' (Mt 23, 24-30)... 169

3.3-'Felizes os puros de coração porque verão a Deus' (Mt 5,8) 171

4 - Imagem de Deus numa comunidade de consagrados fora daquela do Evangelho 175

4.1-O Evangelho como grande proposta de salvação para todos 176

4.2 - O acompanhamento espiritual e a maturidade na fé 181

4.3 - O impacto do 'Pai nosso' rezado em comunidade..... 185

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE 189

SEGUNDA PARTE

DAS FERIDAS SOCIAIS AO ENCONTRO CULTURAL NUM CAMINHO FORMATIVO PARA AS GERAÇÕES CONFLITUANTES NA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS 195

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE 198

CAPÍTULO I 201

VISÃO SÓCIO-ANTROPOLÓGICA E CULTURAL DA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS EM CONFLITO 201

1- É hora de passarmos da comunidade à comunhão de vida/ fraternidade 202

1.1 - Um 'eu' que resulta um 'nós' como comunidade 205

1.2 - A fraternidade como riqueza cultural..... 207

1.3 - A maturidade relacional em comunhão fraterna..... 209

2 - Chamados a sair do 'refúgio pessoal' à uma vida consagrada autêntica 212

2.1 - O consagrado como um 'exemplo tipo' da sua sociedade 215

2.2 - Um testemunho de vida fraterna chamado a converter o mundo .. 217

2.3 - 'Nisto saberão que sois meus discipulos' (Jo 13, 35)..... 219

3 - Das exigências do mundo hoje à seriedade da consagração 222

3.1 - Dos conhecimentos sistemáticos à paixão por Cristo 224

3.2 - Da evolução tecnológica à missão do consagrado na Igreja e no mundo 226

3.2.1 - Os meios de comunicação e o seu particular contributo para o progresso social..... 229

3.3 - Um confronto entre os 'imigrantes digitais' e os 'nativos digitais' na comunidade 232

4 - Quando a carga cultural sobrepõe a 'fraternidade' numa comunidade de consagrados..... 236

4.1 - As preferências regionais ou culturalismo na comunidade..... 239

4.2 - 'Culturas caducas' ou mentes renovadas na comunidade de consagrados?..... 241

4.3 - A cultura do carisma como regresso às origens..... 243

CAPÍTULO II

O IMPACTO ACTUAL DO CONFLITO / NA IDENTIDADE DO CONSAGRADO..... 247

1 - Da identidade aos desafios da vida pós-moderna 249

1.1 - A autossuficiência como fermento da pós-modernidade e veneno da comunidade 252

1.2 - O mundo da competição como fracasso do consagrado hoje 255

1.3 – Os media como 'intercessores' do conflito de gerações na comunidade actual 258

2 - O vento do 'conflito' na comunidade de ontem à de hoje 262

2.1- A comunidade do fundador e o conflito..... 264

2.2 - Velhos problemas em tempos novos..... 266

2.3 - Uma leitura atenta da vida comunitária hoje à luz da Perfectae caritatis n. 2..... 268

3 - O consagrado adulto em contínuo discernimento..... 271

3.1 - Leitura contínua e meditada da fórmula de profissão..... 277

3.2 - Um 'sim' sempre renovado e renovador..... 280

3.2 - Abertos à uma formação permanente e contínua 283

4 - O papel de Deus nas comunidades de consagrados em conflito geracionais 286

4.1 - Consagrados em conflito - identidade sem brilho 289

4.2 - Quando o comportamento agressivo invade o espaço sagrado do consagrado..... 292

4.3 - 'Pelos seus frutos os conhecereis' (Mt 7, 20) 294

CAPÍTULO III

RESPOSTA PSICO-FORMATIVA AO CONFLITO NA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS..... 299

1 - Possíveis linhas de solução e orientações vocacionais..... 300

1.1 - Partindo da Palavra para orientar as palavras no período formativo 302

1.2 - Exigência à maturidade afectiva e efetiva 305

1.3 - Vida comum, fraterna e partilhada à luz do documento VFC n. 24 311

2 - Rumo à uma renovação autêntica partindo de uma fidelidade renovada..... 314

2.1 - O significado integral da fidelidade na consagração..... 316

2.2 - Acompanhamento psico-afectivo para uma resposta fiél 319

2.3 - Um etinerário de crescimento integral 324

3 - A comunidade de consagrados como «*Schola Amoris*» segundo (VFC n. 25c) 326

3.1 - Um amor orientado a Deus e ao próximo..... 328

3.2 - Chamados da 'Filocalia' ao divino a partir do 'ventre' formativo 331

3.3 – Enraizados na 'solidariedade fraterna' 335

4 – Já não vos chamo servos, mas irmãos e amigos (cfr Jo 15, 15) 337

4.1 - Uma formação mais livre e responsável..... 339

4.2 - Uma comunidade de irmãos/as com identidade formativa..... 341

4.3 - Uma aliança psico-educativa da comunidade para a formação ... 344

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE 347

CONCLUSÃO GERAL 353

BIBLIOGRAFIA GERAL 365

ÍNDICE DO EXTRATO

SIGLAS E ABREVIAÇÕES **3**

INTRODUÇÃO GERAL **7**

SEGUNDA PARTE

DAS FERIDAS SOCIAIS AO ENCONTRO CULTURAL NUM CAMINHO FORMATIVO PARA AS GERAÇÕES CONFLITUANTES NA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS **17**

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE **19**

CAPÍTULO I

VISÃO SÓCIO-ANTROPOLÓGICA E CULTURAL DA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS EM CONFLITO **23**

1 - É hora de passarmos da comunidade à comunhão de vida/ fraternidade **24**

1.1 - Um 'eu' que resulta um 'nós' como comunidade 27

1.2 - A fraternidade como riqueza cultural 30

1.3 - A maturidade relacional em comunhão fraterna 32

2 - Chamados a sair do 'refúgio pessoal' à uma vida consagrada autêntica **36**

2.1 - O consagrado como um 'exemplo tipo' da sua sociedade 38

2.2 - Um testemunho de vida fraterna chamado a converter o mundo 40

2.3 - 'Nisto saberão que sois meus discipulos' (Jo 13, 35) 43

3 - Das exigências do mundo hoje à seriedade da consagração **46**

3.1 - Dos conhecimentos sistemáticos à paixão por Cristo 49

3.2 - Da evolução tecnológica à missão do consagrado na Igreja e no mundo 51

3.2.1 - Os meios de comunicação e o seu particular contributo para o progresso social 55

3.3 - Um confronto entre os 'imigrantes digitais' e os 'nativos digitais' na comunidade 59

4 - Quando a carga cultural sobrepõe a 'fraternidade' numa comunidade de consagrados..... 63

4.1 - As preferências regionais ou culturalismo na comunidade 66

4.2 - 'Culturas caducas' ou mentes renovadas na comunidade de consagrados? 69

4.3 - A cultura do carisma como regresso às origens 72

CAPÍTULO II

O IMPACTO ACTUAL DO CONFLITO / NA IDENTIDADE DO CONSAGRADO..... 75

1 - Da identidade aos desafios da vida pós-moderna 77

1.1 - A autossuficiência como fermento da pós-modernidade e veneno da comunidade 81

1.2 - O mundo da competição como fracasso do consagrado hoje 84

1.3 – Os media como 'intercessores' do conflito de gerações na comunidade actual 87

2 - O vento do 'conflito' na comunidade de ontem à de hoje 92

2.1- A comunidade do fundador e o conflito 94

2.2 - Velhos problemas em tempos novos..... 96

2.3 - Uma leitura atenta da vida comunitária hoje à luz da Perfectae caritatis n. 2..... 99

3 - O consagrado adulto em contínuo discernimento..... 102

3.1 - Leitura contínua e meditada da fórmula de profissão 109

3.2 - Um 'sim' sempre renovado e renovador..... 112

3.2 - Abertos à uma formação permanente e contínua 115

4 - O papel de Deus nas comunidades de consagrados em conflito geracionais 119

4.1 - Consagrados em conflito - identidade sem brilho 122

4.2 - Quando o comportamento agressivo invade o espaço sagrado do consagrado 125

4.3 - 'Pelos seus frutos os conhecereis' (Mt 7, 20) 128

CAPÍTULO III

RESPOSTA PSICO-FORMATIVA AO CONFLITO NA COMUNIDADE DE CONSAGRADOS..... 133

1 - Possíveis linhas de solução e orientações vocacionais..... 134

1.1 - Partindo da Palavra para orientar as palavras no período formativo 136

1.2 - Exigência à maturidade afectiva e efetiva 140

1.3 - Vida comum, fraterna e partilhada à luz do documento VFC n. 24 147

2 - Rumo à uma renovação autêntica partindo de uma fidelidade renovada..... 151

2.1 - O significado integral da fidelidade na consagração..... 153

2.2 - Acompanhamento psico-afectivo para uma resposta fiél 157

2.3 - Um etinerário de crescimento integral 162

3 - A comunidade de consagrados como «Schola Amoris» segundo (VFC n. 25c) 164

3.1 - Um amor orientado a Deus e ao próximo..... 167

3.2 - Chamados da 'Filocalia' ao divino a partir do 'ventre' formativo 170

3.3 – Enraizados na 'solidariedade fraterna' 174

4 – Já não vos chamo servos, mas irmãos e amigos (cfr Jo 15, 15)..... 177

4.1 - Uma formação mais livre e responsável..... 179

4.2 - Uma comunidade de irmãos/as com identidade formativa..... 182

4.3 - Uma aliança psico-educativa da comunidade para a formação ... 185

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE 189

CONCLUSÃO GERAL 193

BIBLIOGRAFIA 207

ÍNDICE GERAL 223

ÍNDICE DO EXTRATO 231